UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ENSINO E APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO

Mônica Moreira de Magalhães

Belo Horizonte
2016

Mônica Moreira de Magalhães

ENSINO E APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de DOUTOR em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa
Orientadora: Professora Doutora Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

Magalhães, Mônica Moreira de.

M188e

Ensino e aprendizagem da produção textual no ensino médio [manuscrito] : um estudo de caso / Mônica Moreira de Magalhães. – 2016.

293 f., enc.

Orientadora: Eliana Amarante de Mendonça Mendes.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Escrita – Teses. 3. Produção de textos – Teses. 4. Ensino médio –

CDD : 469.07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ENSINO E APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO DE CASO

MÔNICA MOREIRA DE MAGALHÃES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Eliana Amarante de Mendonca Mendes - Orientador
UFMG

Prof(a). Maria Beatriz Nascimento Decat
UFMG

Prof(a). Janice Helena Silva de Rezende Chaves Marinho
UFMG

Prof(a). Suzana dos Santos Gomes
UFMG

Prof(a). Arabie Bezri Hermont
PUC/MG

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2016.

À minha filha de 7 anos, Luísa Moreira Humberg, razão maior do meu viver, que me surpreende e encanta com os textos que produz.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelo dom do aprendizado e por me permitir superar meus próprios limites.

À minha orientadora, Professora Doutora Eliana Amarante de Mendonça Mendes, pela acolhida afetuosa, pelas valiosas contribuições para a minha formação e, principalmente, por sua humanidade, sensibilidade e solidariedade nos meus momentos de desafios.

À minha família, por ter sido a base de tudo na minha vida, em especial, ao meu saudoso pai, José Francisco de Magalhães, que me ensinou os princípios da humildade e da gratidão.

À Escola Estadual São Luís, de Brás Pires - MG, que, durante três anos do Ensino Médio (Magistério), me possibilitou uma formação de qualidade e, principalmente, por ter me acolhido de volta, como pesquisadora no Doutorado. Em nome da atual Diretora, Maria do Rosário Rivelli Cardoso, agradeço a toda a comunidade escolar: professores, funcionários, alunos e pais de alunos, que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta pesquisa.

À Maria de Lourdes Vieira (Malu), ex-Secretária do POSLIN, pelo atendimento prestativo às minhas demandas, principalmente no tocante à bolsa de estudos.

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por ter financiado meus estudos com uma bolsa, que foi, sem dúvidas, primordial para a concretização desta etapa da minha formação acadêmica.

Fazer uma redação não significa criar por inspiração divina. É um trabalho. E para realizar a contento um trabalho é preciso conhecer as regras do jogo.

(Maria Teresa Serafini)

RESUMO

A presente pesquisa se configura como um estudo de caso de base etnográfica. Busca-se a compreensão de uma realidade singular, historicamente situada, quanto ao ensino-aprendizagem da escrita, mas que se projeta em contextos mais amplos que envolvem o tema em questão. A natureza do estudo é, essencialmente, qualitativa, centrada na descrição e análise de dados. Os elementos sob investigação são o ensino da produção textual por duas professoras de Língua Portuguesa e a aprendizagem de 45 alunos, pertencentes a duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública estadual, localizada no interior de Minas Gerais. O objetivo principal da pesquisa é conhecer a realidade do ensino e da aprendizagem da produção textual nesse contexto para, a partir daí, analisar e debater os dados obtidos com vistas a discutir possibilidades de melhoria do ensino. Como ações de intervenção, os alunos participantes escreveram redações que foram lidas, corrigidas e avaliadas pela pesquisadora, com base na Matriz de Referência para a Redação do ENEM 2014. Os resultados obtidos apontam que há a demanda de um planejamento sistematizado para o ensino da produção de texto. É necessário que sejam traçados objetivos concretos para o ensino da produção textual. Os professores precisam ter mais apoio pedagógico e mecanismos que possam lhes garantir mais autoestima, segurança e confiança no trabalho que desenvolvem em sala de aula. Os alunos, por sua vez, enquanto responsáveis pelo que escrevem, carecem também de autoestima. Eles precisam acreditar mais no potencial que têm para a escrita, pois só assim poderão assumir devidamente a autoria dos textos que produzem. Espera-se que as discussões deste trabalho possam impactar positivamente para a formação continuada de professores e, consequentemente, para a formação de alunos com maior proficiência na escrita.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Produção textual. Argumentação. Ensino Médio.

ABSTRACT

This research is an ethnographic based case study. It aims to investigate a singular and historically situated reality, concerning the teaching-learning writing process, even though it projects to wider contexts which involve the issue. The nature of this study is, essentially, qualitative, centered on description and analysis of data. The elements under investigation are the writing teaching process developed by two Portuguese teachers and the learning process undergone by 45 students from two classes, enrolled in the third year in High School in a state public school, in the interior of Minas Gerais. The main purpose of the research is to investigate the reality of the writing teaching and learning processes in this context in order to analyze the data and discuss possibilities to improve teaching. As intervention activities, students wrote texts which were read, corrected and evaluated by the researcher, based on the Matrix of Reference to Writing for ENEM 2014. The results obtained indicate that there is the necessity of a systematized planning to teach writing. It is necessary to plan concrete objectives for the writing teaching. Teachers need to have more pedagogical support and mechanisms which can ensure them a higher self-esteem, security and confidence in their work in classroom. Students, on their hand, as responsible for what they write, also need self-esteem. They need to believe more in their potential to writing, because only by this way they will be able to properly take on the authorship in their texts. It is expected that discussions of this work can positively impact teacher continuing education and, consequently, students formation concerning higher proficiency in writing.

Keywords: Teaching-learning. Writing. Argumentation. High School.

LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E FIGURAS

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados do ENEM 2014 14

QUADROS

Quadro 1 - Níveis e notas para avaliação de redações 57
Quadro 2 - Códigos usados para leitura e correção 58
Quadro 3 - Esquema de conceitos 69
Quadro 4 - Proposta de intervenção detalhada 82
Quadro 5 - Justificativas para a resposta "Sim" - Pergunta 1 (10 alunos) 87
Quadro 6 - Justificativas para a resposta "Não" - Pergunta 1 (4 alunos) 88
Quadro 7 - Justificativas para a resposta "Mais ou menos" - Pergunta 5 (2 alunos) 94
Quadro 8 - Justificativas para a resposta "Não" - Pergunta 5 (3 alunos) 94
Quadro 9 - Justificativas para a resposta "Sim" - Pergunta 5 (38 alunos) 95
Quadro 10 - Respostas dos alunos para as 3ª e 4ª perguntas da entrevista 96
Quadro 11 - Respostas dos alunos para a 1ª pergunta da entrevista 97
Quadro 12 - Respostas dos alunos para a 2ª pergunta da entrevista 98
Quadro 13 - Respostas dos alunos para a 5ª pergunta da entrevista 99
Quadro 14 - Aspectos tipológicos 117

FIGURAS

Figura 1 - Texto de uma criança em processo de alfabetização (7 anos) 31
Figura 2 - Esquema da Estrutura Básica da Sequência Didática 56
Figura 3 - Exemplo de esquema de texto 125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Redações solicitadas pelas professoras regentes 55
Tabela 2 - Competência II no Simulado 1 67
Tabela 3 - Competência II no Simulado 2 67
Tabela 4 - Competência III no Simulado 1 75
Tabela 5 - Competência III no Simulado 2 75
Tabela 6 - Estratégias argumentativas usadas no Simulado 2 80
Tabela 7 - Competência V no Simulado 1 81
Tabela 8 - Competência V no Simulado 2 82
Tabela 9 - Sobre o tamanho das redações 85
Tabela 10 - Respostas para a 1ª pergunta do questionário 87
Tabela 11 - Justificativas para a resposta "Mais ou menos" - Pergunta 1 (29 alunos) 88
Tabela 12 - Respostas para a 2ª pergunta do questionário 90
Tabela 13 - Notas de A1 no ENEM 2014 90
Tabela 14 - Respostas para a 4ª pergunta do questionário 92
Tabela 15 - Justificativas para a resposta "Boas" - Pergunta 4 (41 alunos) 92
Tabela 16 - Respostas para a 5ª pergunta do questionário 94

LISTA DE SIGLAS

EF - Ensino Fundamental

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EM - Ensino Médio

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FACETEG - Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia de Garanhuns

FFCLRP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

FIJ - Faculdades Integradas de Jacarepaguá

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LD - Livro didático

PCNEM e PCN+EM - Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PROUNI - Programa Universidade para Todos

SD - Sequência Didática

SISU - Sistema de Seleção Unificada

SRE - Superintendência Regional de Ensino

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UNOPAR - Universidade Norte do Paraná

UPE - Universidade de Pernambuco

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
1.1 Justificativa 15
1.2 Objetivos 20
2 REFERENCIAL TEÓRICO 24
2.1 Sobre a Pedagogia Retórica 32
2.2 Sobre a *stasis* e os tópicos 37
2.2.1 Exemplificação 43
2.2.2 Classificação 44
2.2.3 Comparação e contraste 44
2.2.4 Analogia 46
2.2.5 Análise de processo 47
2.2.6 Causa e efeito 48
2.2.7 Definição 49
2.2.8 Descrição 49
2.2.9 Narração 50
2.2.10 Indução e dedução 51
3 METODOLOGIA 52
3.1 Coleta dos dados 52
3.2 Códigos para a correção de redações 61
4 ANÁLISE DOS DADOS 65
4.1 Resultados e discussões 66
4.1.1 Análise de redações de dois simulados da prova de redação do ENEM 66
4.1.1.1 Competência II 67
4.1.1.2 Competência III 75
4.1.1.3 Competência V 81
4.1.1.4 Tamanho dos textos 85
4.1.2 Análise de um questionário respondido pelos alunos 87
4.1.3 Análise de uma entrevista semiestruturada feita com 4 alunos que obtiveram as maiores notas nos simulados 96
4.1.4 Análise de uma entrevista semiestruturada feita com as professoras 99
4.1.5 Análise do livro didático usado pela professora P1 103
4.1.6 Análise de um projeto desenvolvido pela professora de Geografia 105

4.2 *Feedback* do professor 109
4.3 Formação do professor de Língua Portuguesa 112
4.4 O professor de Língua Portuguesa e a sua produção escrita 114
5 SUGESTÕES PARA O ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS 117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 130
REFERÊNCIAS 135
ANEXOS 140
ANEXO I - Matriz de Referência para a Redação do ENEM 2014 141
ANEXO II - Espelho de uma redação avaliada no ENEM 2014 142
ANEXO III - Termo de Anuência da Diretora 143
ANEXO IV - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE das professoras 145
ANEXO V -Termo de Assentimento dos alunos 147
ANEXO VI - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE pais ou responsáveis . 149
ANEXO VII – 45 redações do Simulado 1 sobre o tema: "Racismo: como virar de vez essa triste página da história?" 151
ANEXO VIII – 42 redações do Simulado 2 sobre o tema: "Direitos humanos e homofobia" 197
ANEXO IX - Redação avaliada com a nota 1000 no ENEM 2012 239
ANEXO X - Proposta de redação do Simulado 1 240
ANEXO XI – Exercícios sobre aspectos linguísticos, textuais e discursivos 241
ANEXO XII – Teorias da *stasis* e dos tópicos para ajudar na argumentação 242
ANEXO XIII – Proposta de redação do Simulado 2 245
ANEXO XIV – Questionário respondido por 43 alunos participantes 246
ANEXO XV – Entrevista semiestruturada com os alunos que obtiveram melhores notas nos simulados 290
ANEXO XVI – Entrevista semiestruturada com as professoras 291
ANEXO XVII – Proposta de redação apresentada pela professora de Geografia 292

1 INTRODUÇÃO

Esta tese é resultado de uma pesquisa desenvolvida entre 2012 e 2015 e objetiva, sobretudo, abordar questões de interesse daqueles que estão, direta ou indiretamente, envolvidos com o ensino e a aprendizagem da produção textual escrita.

Tem-se o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM como ponto de partida para se discutir a melhoria do ensino da escrita no contexto escolar.

Mesmo ciente de que os problemas relacionados a leitura e escrita são contínuos e perpassam todos os níveis de ensino, trato aqui do Ensino Médio (EM) por um opção metodológica, considerando as exigências do ENEM, que se tornou a principal porta de entrada para as universidades brasileiras, e tendo em vista a dimensão que a redação no ENEM tem ganhado nos últimos anos. Atualmente, o participante que tira nota zero na redação exigida nesse exame fica impedido de participar de importantes programas do governo federal para facilitar o acesso a universidades, tais como: o Sistema de Seleção Unificada (SISU), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI).

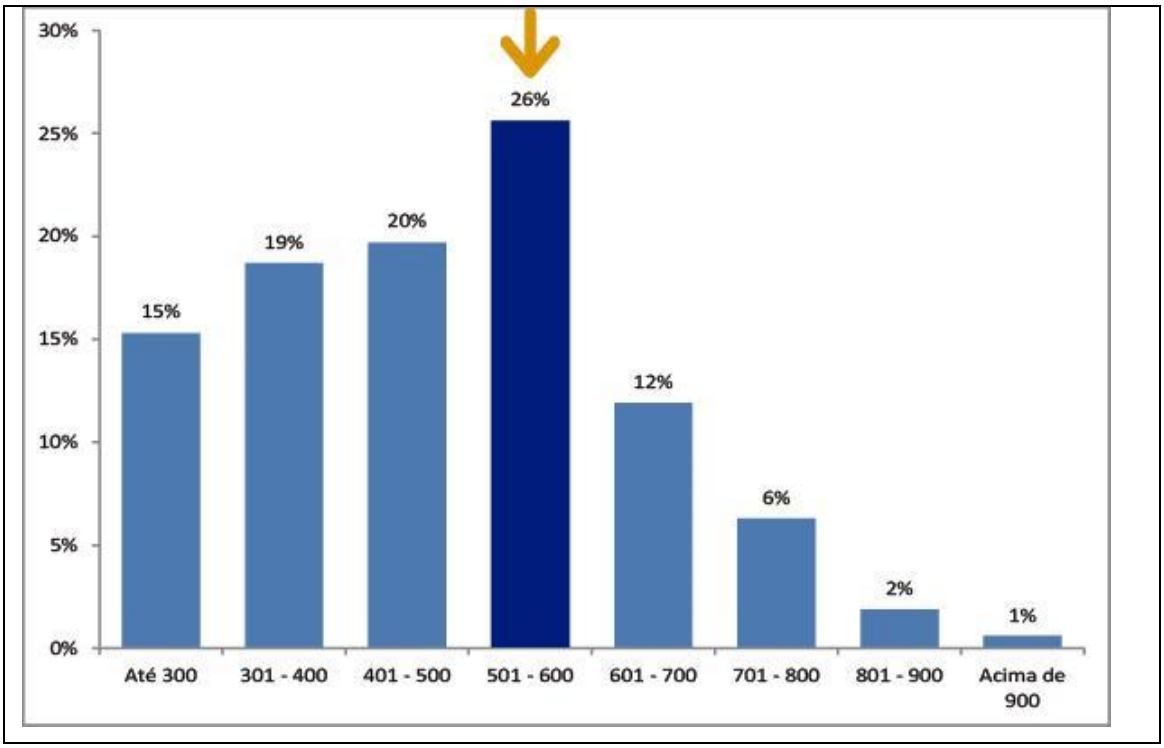
Infelizmente, as estatísticas do ENEM 2014 são preocupantes, haja vista o grande número de candidatos que zeraram a redação. Mais de meio milhão (529.374 - 8,5% do total) de participantes obtiveram nota zero na redação e, entre eles, 284.903 entregaram a prova em branco (BRASIL ESCOLA, 2015, *online*). Incluindo a nota zero, os dados mostram que mais da metade dos participantes obtiveram notas abaixo da média.

Evidentemente, essa quantidade de zeros desencadeia muitos questionamentos também sobre o grave problema da falta de leitura (tanto de material concreto quanto de mundo), do analfabetismo funcional etc. Mas, por ora, não tratarei dessas temáticas, por fugirem ao escopo principal do presente trabalho.

Sabemos também que os sujeitos do ENEM não têm identidade única. Esse exame, hoje, envolve uma clientela diversificada: não só alunos que recém concluíram o Ensino Médio regular, mas também egressos da Educação de Jovens e Adultos - EJA; participantes formados em supletivos; alunos que já estão em uma graduação, mas querem mudar de curso; candidatos que já participaram de mais de uma edição; pessoas que desejam voltar a estudar etc. Entretanto, por mais utópico que possa parecer, em todos esses casos, espera-se que o participante seja capaz de produzir um texto compatível com o nível de escolaridade que ele já alcançou.

O gráfico a seguir traz outras informações sobre o desempenho dos candidatos de todo o país no ENEM 2014:

Gráfico 1 - Resultados do ENEM 2014



Fonte: http://public.inep.gov.br/Files/Images/sistemas/enem/2014/graficos/Nota_Final_04.jpg

Considerando-se a coluna de notas 501-600 como mediana, vemos que apenas 21% daqueles que fizeram o ENEM na edição 2014 receberam notas acima desse nível. 54% ficaram abaixo da nota 500 - 15% desses com nota até 300, coluna mais crítica no gráfico, na qual se encontram os candidatos que tiraram nota zero.

Os resultados das edições anteriores (2012 e 2013) mostram que uma porcentagem significativa dos participantes obteve nota da média para baixo (igual ou inferior a 500 pontos). O índice foi de 48,4% em 2012 e de 48,3% em 2013. Desses, uma porcentagem preocupante foi classificada no nível mais baixo de notas: até 300 pontos, faixa de nota atribuída a textos que se apresentam muito aquém do que se poderia esperar do grau de escolaridade já alcançado pelos candidatos. Em 2012, 7,4% dos que fizeram a redação obtiveram notas até 300 pontos e, em 2013, o índice ficou em 6,9%.

Discutindo a relação entre educação e cidadania, através de uma análise de políticas públicas de educação, Guiomar Mello nos diz que:

> Nos países industrializados mais adiantados já se tornou evidente que o conhecimento, a capacidade de processar e selecionar informações, a criatividade e a iniciativa constituem matérias-primas vitais para as economias modernas. Deslocam-se, assim, as prioridades de investimento em infra-estrutura e equipamentos para a formação de competências cognitivas e sociais da população. Esse deslocamento leva a que a educação adquira centralidade nas pautas governamentais e na agenda dos debates que buscam caminhos para uma reestruturação competitiva da economia, com eqüidade social. (MELLO, 1991, *online*).

Daí depreende-se que não basta as políticas se focarem apenas na questão da inclusão social, é preciso ir além e garantir que aqueles que vão à escola recebam uma formação de qualidade, que possam adquirir competências significativas para o seu progresso pessoal e para o desenvolvimento da nação.

1.1 Justificativa

Venho de uma família de doze filhos, cujos pais, apesar de terem cursado apenas até a antiga 3ª série do primário, sempre valorizaram os estudos e viram a escola, na pessoa do professor, como uma extensão de sua casa. Coitados de nós, filhos, se nosso pai fosse chamado para ir à escola por alguma reclamação de professor!

Em casa, fui testemunha da paciência de nossa mãe para responder as nossas perguntas curiosas e nos ensinar muitas coisas do mundo letrado. Por exemplo, quando ainda crianças pequenas, ela já nos pedia para ver as horas em um relógio de parede e nos ensinava a informar a posição dos ponteiros. Com isso, pouco a pouco, íamos desvendando os mistérios e aprendendo a dizer as horas corretamente.

Ainda pequena, já convivia com minhas tias professoras. Próxima à minha casa, na zona rural de Brás Pires – MG, havia uma escola que oferecia da 1ª à 3ª séries do primário. Com 6 anos de idade, eu ainda não frequentava a escola, pois, nessa época, os estudos formais iniciavam-se na 1ª série, a partir dos 7 anos. Via com tristeza tantas crianças irem para a escola e eu ainda sem poder fazer o mesmo. Certa vez, por causa dessa impaciência, fugi para a escola. Lá, recebi papel e lápis de uma professora e por lá fiquei até que minha mãe fosse me buscar com desespero.

Quando cursei a antiga 4ª série, tive o privilégio de ter meu irmão mais velho como meu professor. Além dele, uma irmã também já lecionava para as séries iniciais.

O gosto por aprender e ensinar Língua Portuguesa e, conjuntamente, o interesse pela produção de textos iniciou-se quando eu cursava a 7ª série e tive um professor de Língua

Portuguesa que marcou minha vida para sempre. O seu jeito de ensinar me encantava sobremaneira e, de certo modo, deixou este desejo: “Quando eu crescer, quero ser igual a ele...” Era um mestre que passava atividades de redação e nos desafiava e incentivava na prática da escrita.

Esse professor era formado no Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa – MG, e me deu um apoio indispensável para que eu pudesse me graduar em Letras lá também.

Minha experiência profissional com a produção de textos começou durante a graduação. Tive uma bolsa de Iniciação Científica na área de literatura que me possibilitou escrever comunicações e apresentá-las em congressos nacionais.

Comecei a trabalhar com redação, mais especificamente, quando estava concluindo meu curso de Letras e participei, pela primeira vez, da banca avaliadora das redações do vestibular da UFV, em 1999.

A inquietação com esse tema, que me motivou a estudá-lo no Doutorado, veio, principalmente, da minha experiência de cinco anos (de 2005 a 2010) como professora do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), onde atuei na graduação, na pós-graduação e em capacitações para professores de Língua Portuguesa.

Durante essa trajetória, pude conhecer muitas dificuldades de meus alunos com as atividades escritas e, de modo semelhante, dificuldades e limitações dos professores de Língua Portuguesa em serviço para oferecem um ensino de qualidade a seus alunos.

Certa vez, pedi uma atividade escrita individual a alunos de curso de pós-graduação, que eram também professores de Língua Portuguesa atuantes, e o protesto foi generalizado. Queriam, a todo custo, trabalhar em grupos ou duplas. Mesmo contrariados, fizeram, individualmente, a tarefa e só assim pude constatar como tinham dificuldade para se expressarem por escrito. Um estudo realizado por Barros (2012) também mostra que há grande resistência de muitos professores para fazerem atividades escritas.

Desde 2005, tenho trabalhado também com revisão de textos acadêmicos e tenho tido oportunidades constantes de reflexão sobre o ensino da língua materna no Brasil.

Baseando-me nessa experiência como professora e revisora de textos e em pesquisas de diversos autores, estou convicta de que muito ainda há por fazer para melhorar a capacidade de produção textual dos nossos alunos no Brasil, principalmente se focarmos no Ensino Médio, considerando as exigências do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que se tornou a principal porta de entrada para as universidades brasileiras.

A preocupação com um ensino de qualidade não pode ser negligenciada, pois,

> ainda que por si só a educação não assegure a justiça social, nem se possa esperar só dela a erradicação da violência, o respeito ao meio ambiente, o fim das discriminações sociais, e outros objetivos humanistas que se colocam hoje para as sociedades, ela é, sem dúvida, parte indispensável do esforço para tornar essas sociedades mais igualitárias, solidárias e integradas. (MELLO, 1991, *online*).

É em função dessa problemática que me debruço para conhecer, estudar, analisar e vislumbrar melhorias para o ensino da produção de texto. Pelo que se pode depreender através estatísticas do ENEM, muitos concluintes do EM têm adquirido uma formação deficitária, que os deixa sem a possibilidade de irem para um curso superior, uma vez que não têm a capacidade competitiva exigida nos exames de seleção.

O projeto desta pesquisa foi delineado a partir das seguintes hipóteses para investigação:

1) pouco se ensina sobre a produção textual e há uma baixa qualidade do ensino;
2) não há um planejamento sistematizado sobre o que ensinar, ou seja, o conteúdo;
3) há insegurança sobre como ensinar, que metodologia utilizar no ensino da produção textual;
4) prioriza-se a forma em detrimento do conteúdo. No caso do texto argumentativo, mais valem os elementos linguísticos "corretamente" empregados e grafados do que o domínio dos argumentos utilizados;
5) não há um trabalho guiado por princípios da Pedagogia Retórica que já se mostraram eficazes, como atividades de retextualização e análise de textos-modelo;
6) não há uma política educacional que favoreça o trabalho de qualidade do professor.

Vale ressaltar que essas foram apenas hipóteses sobre o objeto de estudo, pois a pesquisa teve um caráter empírico, o qual pressupõe uma análise cuidadosa da realidade para se chegar às conclusões do estudo.

O tema em foco é o ensino da produção textual por duas professoras de Língua Portuguesa e a aprendizagem dos alunos de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública estadual, localizada em Brás Pires, um município pequeno do interior de Minas Gerais, com aproximadamente 4.634 habitantes em 2014 (segundo estimativa do IBGE - Cidades, *online*). Trata-se da minha cidade natal. Nela, há uma única escola de Ensino Médio, que atende, em sua maioria, alunos de classes média e baixa.

A cidade não dispõe de cursos pré-vestibulares e, portanto, a maioria dos alunos que pretende ingressar em um curso superior conta apenas com o ensino regular recebido na

escola estadual. Apenas uma minoria dos alunos pesquisados frequentou um cursinho pré-ENEM em Ubá-MG, uma cidade polo, que fica distante 60 km da cidade onde estavam concluindo o Ensino Médio.

Escolhi realizar uma pesquisa nessa escola porque foi nela que cursei o Ensino Médio, de 1993 a 1995. Em 1996, ingressei no Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa, a despeito das minhas próprias crenças de que "universidade era para quem pudesse pagar" e de que "só entraria quem tivesse feito cursinho".

Essa é, portanto, a principal motivação para o desejo de contribuir para a melhoria do ensino da produção textual na minha escola de origem. Além disso, acredito que os resultados e discussões aqui apresentados podem interessar também a todos aqueles cujo propósito seja ensinar a escrever.

Conforme defende Serafini, prefaciando seu livro: "'Saber escrever' não significa necessariamente escrever 'como um artista', mas também conseguir dizer por escrito o que se deve ou quer dizer, mesmo que se trate de resumir uma notícia, redigir um boletim de informação ou uma correspondência comercial." (2004, p. 11).

A escolha de uma escola pública que atende alunos de classes média e baixa se deve também à crença de que ela recebe alunos cuja principal fonte de conhecimento é a escola que frequentam e é, sobretudo, através dela que poderão vir a adquirir a formação básica necessária para a vida profissional e cidadã.

Assim sendo, as razões para a escolha do tema de pesquisa são de ordem prática, ou seja, a partir da análise dos dados obtidos, procuro discutir possibilidades de melhoria do ensino e da aprendizagem da produção textual em geral e da produção de textos argumentativos no EM, em particular.

Abordo a capacidade de produção textual dos alunos sujeitos da pesquisa através da análise de textos produzidos por eles; do papel das professoras nesse contexto e, no Capítulo 5, apresento alternativas de trabalho com a produção escrita em sala de aula.

Quanto ao que se espera do ensino de Língua Portuguesa, destaco o que enfatiza Bortoni-Ricardo:

> Os alunos que chegam à escola falando ‘nós chegemu’, ‘abrido’ e ‘ele drome’, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas *têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem as portas, já estreitas, da ascensão social*. (2005, p. 15, grifos nossos).

Antônio Carlos Xavier, professor, pesquisador e membro de bancas avaliativas de redação, em seu livro **Como se faz um texto**: a construção da dissertação argumentativa (XAVIER, 2001), traz algo também preocupante. Em uma seção denominada: Lapidando "pérolas" de dissertações, ele apresenta fragmentos problemáticos de textos argumentativos. O autor propõe, então, atividades de reescritas desses fragmentos para se eliminarem os equívocos linguísticos, discursivos e conceituais, como nos exemplos a seguir:

> O joven da atualidade de hoje é insolidário, incosiente e inrresponsável, só pensa emsi mesmo e em conseguir seu êxodo proficional. Ele esta poco si lichando pra os problemas que acontece ao seu redó. (p. 19).

Destacam-se, nesse texto, os erros de grafia em relação à modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e um equívoco conceitual na troca de êxito profissional por "êxodo proficional".

> Somente o desenvolvimento sustentável que é a moda do momento assim como as calças 'boca de sino' foram na década de setenta, poderá erguer nosso ensino superior. Quem sabe o nosso país, valorizando as universidades públicas não passe a ser um país mais subdesenvolvido no futuro bem próximo. (p. 34).

Nesse fragmento, observa-se um maior comprometimento da argumentação, afinal, o leitor infere que há uma preocupação com a educação, mas não é possível estabelecer relações lógicas entre educação, desenvolvimento sustentável e calças "boca de sino". Além do mais, há uma incoerência externa quanto ao desejo de que o país passe a ser "mais subdesenvolvido".

Constatamos, nesse caso, uma grande dificuldade que o candidato enfrenta ao tentar expressar por escrito as suas ideias. Esse parágrafo denuncia uma falta de autonomia do aluno na construção do seu próprio conhecimento, pois os conceitos aprendidos na formação escolar se manifestam de forma desordenada.

É por essas e outras razões que concordo com Dell'Isola quando fala em "promover condições favoráveis a um ensino cujo alvo seja a apropriação eficiente dos atuais subsídios que a Lingüística Textual e a Teoria de Gêneros vêm oferecendo para a formação de leitores críticos do mundo e de produtores de texto comunicativamente bem sucedidos." (DELL'ISOLA, 2007, p. 10).

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é discutir possibilidades de melhoria das condições de ensino e aprendizagem da produção textual em geral e da produção de textos argumentativos no Ensino Médio em particular.

De modo mais específico, procurei conhecer a capacidade de produção textual dos alunos sujeitos da pesquisa através da análise de textos produzidos por eles, durante o ano letivo de 2014. Foi investigada a metodologia de ensino utilizada pelas professoras participantes e, com os resultados aqui discutidos, busco apresentar alternativas que possam repercutir na melhoria do ensino da produção escrita em geral e na escola campo de pesquisa, de modo especial.

A presente pesquisa se configurou como um estudo de caso de cunho etnográfico. Conforme Lüdke e André (2014, p. 14), em um estudo de caso:

> A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.

Ainda segundo essas autoras: "A preocupação central ao desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é retratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada." (Ibid., p. 24).

A natureza do estudo é, essencialmente, qualitativa, isso porque ele "se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada" (Ibid., p. 20).

Dentro do vasto campo de ensino da produção textual, que envolve, dentre outros aspectos, o trabalho com os mais variados gêneros textuais que circulam na sociedade, interesso-me, mais especificamente, por analisar a produção de gêneros textuais do agrupamento ARGUMENTAR, conforme proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 81), uma vez que o tipo textual avaliado no ENEM, já há vários anos, é dissertativo-argumentativo.

Dentro do escopo deste trabalho, um texto argumentativo é entendido como aquele no qual se defende uma tese, isto é, uma opinião, um posto de vista a respeito de um tema proposto. Para sustentar tal tese, o autor precisa apresentar argumentos estruturados e

consistentes, com vistas a convencer seu leitor. Considero a argumentação também como uma ampla e relevante área de estudos sobre a qual têm se dedicado vários teóricos desde Aristóteles.

De acordo com o meu projeto de pesquisa, o estudo deveria envolver todas as turmas dos três anos de EM na escola em questão, entretanto, como a professora de Língua Portuguesa das turmas de 1º e 2º anos me informou, no início do ano letivo, que não trabalharia com argumentação nessas turmas em 2014, a pesquisa ficou restrita às duas turmas de 3º ano.

A análise das redações coletadas para o corpus de pesquisa se baseia, primordialmente, na Matriz de Referência para a Redação do ENEM 2014 (Anexo I, p. 141)[1]. Busco investigar como tem sido a prática de produção textual dos alunos, considerando, ainda, as orientações dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio – PCNEM e PCN+EM, o que propõem os estudos linguísticos sobre tipologia e gêneros textuais, o Interacionismo Sociodiscursivo - ISD, bem como alguns princípios da Pedagogia Retórica.

Segundo os PCNEM, "o aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano." (BRASIL, 2000, p. 18). Trata-se do protagonismo discente, destacado nas Orientações Educacionais Complementares aos PCNEM:

> Não se pode tomar o aluno como um receptor passivo dos conhecimentos ministrados pelo professor. Na interação que estabelece com o assunto, o professor e os colegas, o aluno deve tornar-se sujeito da própria aprendizagem, revelando autonomia para lidar com a construção do conhecimento. (BRASIL, PCN+EM, [s. d.], p. 61).

Segundo o Edital nº 12, de 08 de maio de 2014, do ENEM 2014, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP:

> Baseada nas cinco competências da Matriz de Referência para Redação, a proposta da Redação do Enem é elaborada de forma a possibilitar que os participantes, a partir de uma situação-problema e de subsídios oferecidos, realizem uma reflexão escrita sobre um tema de ordem política, social ou cultural, produzindo um texto dissertativo-argumentativo em prosa. (BRASIL, 2014, Anexo IV do Edital, p. 01).

[1]A principal vantagem de se trabalhar com essa matriz é que ela explicita os critérios de avaliação e pode ser estudada pelos candidatos, uma vez que é publicada anexa ao edital do exame de seleção.

Esse texto a ser produzido será avaliado a partir das cinco competências expressas na Matriz de Referência para a Redação:

> I - Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
> II - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
> III - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
> IV - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
> V - Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. (Ibid., p. 1-3).

Entretanto, considerando-se o escopo da presente pesquisa, foram priorizadas as competências II, III e V, por serem aquelas que contemplam a argumentação utilizada pelo candidato.

O conceito de competência considerado nessa matriz é este formulado por Perrenoud e incorporado aos PCNEM:

> Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações. [...] A selva das cidades exige competências diferentes da floresta virgem, os pobres têm problemas diferentes dos ricos para resolver. Algumas competências se desenvolvem em grande parte na escola. Outras, não. (apud BRASIL, [s. d.], p. 30).[2]

Quanto à relação entre os conceitos de competências e de habilidades, encontramos este posicionamento nos parâmetros curriculares:

> Não há receita, nem definição única ou universal para as competências – qualificações humanas amplas, múltiplas que não se excluem entre si – ou para a relação e a distinção entre competências e habilidades. [...] Pode-se, de forma geral, conceber cada competência como um feixe ou uma articulação coerente de habilidades. Tomando-as nessa perspectiva, observe-se que a relação entre umas e outras não é de hierarquia. Também não se trata de gradação, o que implicaria considerar habilidade como uma competência menor. Trata-se mais exatamente de abrangência, o que significa ver habilidade como uma competência específica. Como metáfora, poder-se-ia comparar competências e habilidades com as mãos e os dedos: as primeiras só fazem sentido quando associadas às últimas. (BRASIL, [s. d.], p. 15-16).

[2]Também disponível em: <http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2000/2000_31.html>. Acesso em: 23 dez. 2015.

A respeito das competências a serem desenvolvidas pelo aluno no EM, no tocante especificamente à argumentação, tem-se a seguinte orientação: "Na produção de um texto opinativo que aborde uma situação-problema, é desejável que o aluno elabore propostas articuladas e pertinentes à sua visão da questão, bem como argumentos que sustentem seu ponto de vista (competência V do ENEM)." (Ibid., p. 61).

No entanto, ao se considerar o desempenho nacional no ENEM 2014 e os dados desta pesquisa (vide 4.1, p.), constata-se que elaborar uma proposta de intervenção embasada em argumentos bem construídos ainda é um grande desafio para a maioria dos participantes.

Essa temática é relevante também porque as dificuldades com a argumentação tendem a se tornar ainda mais evidentes no Ensino Superior, quando há uma demanda maior de produção de gêneros textuais com essa tipologia.

Vale salientar que os estudos da argumentação ganharam mais espaço na atualidade, considerando-se a concepção moderna de Retórica, a chamada Retórica revitalizada, ou Nova Retórica. Porém, conforme afirma Perelman (1997), a argumentação "é um campo de investigações muito extenso e, ao mesmo tempo, muito pouco explorado" (p. 324).

Ao longo da minha experiência docente e em consonância com o que apontam analistas do texto e do discurso como Xavier (2001), Dell'Isola (2007), Marcuschi (2008), Mendes (2010), dentre outros, estou convicta de que muito ainda há por fazer no que tange à melhoria da capacidade de produção textual dos nossos alunos no Brasil.

Após esta introdução, a tese segue esta sequência: Capítulo 2 - que traz o referencial teórico no qual se baseia esta pesquisa; Capítulo 3 - dedicado à coleta de dados e com uma abordagem sobre códigos de correção de redações; Capítulo 4 - que contempla a análise dos dados, com resultados e discussões, incluindo, dentre eles, questões referentes ao *feedback* do professor sobre a escrita dos alunos bem como a formação do docente de Língua Portuguesa e a relação do mesmo com a escrita.

Como um desdobramento das discussões feitas nos capítulos anteriores, no Capítulo 5, são apresentadas sugestões teórico-práticas para o ensino da produção de texto e, no Capítulo 6, tem-se as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para Bakhtin, "o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana." (2003, p. 261). Nesse sentido, o estudo do texto através da teoria dos Gêneros Textuais – ou Gêneros do Discurso na terminologia bakhtiniana – nos permite uma visão mais ampla do ensino de língua, pois, conforme continua o autor:

> A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (Ibid., p. 262).

Carolyn Miller entende os gêneros "como ações retóricas tipificadas fundadas em situações recorrentes". (MILLER, 2009, p. 34). Gênero é, portanto, ação social e a autora argumenta que, quando aprendemos um gênero,

> aprendemos quais fins podemos alcançar: aprendemos que podemos elogiar, apresentar desculpas, recomendar uma pessoa para outra, assumir um papel oficial, explicar o progresso na realização de metas. Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. [...] para o aluno, gêneros servem como chaves para a compreensão de como participar nas ações de uma comunidade (Ibid., p. 44).

No contexto de avaliação do ENEM, em uma comunidade composta por participantes e bancas avaliadoras, o aluno precisa compreender quais são as "regras do jogo", ou seja, o que não se deve fazer e o que se tem que fazer para receber uma pontuação alta.

A língua, na concepção que embasa esta tese, é entendida "como atividade sociointerativa situada", nos dizeres de Marcuschi (2008, p. 59). Essa concepção, segundo o linguista, "na realidade, contempla a língua em seu aspecto sistemático, mas observa-a em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, predominando a ideia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo" (Ibid., p. 60).

Desse modo, na perspectiva didática e seguindo essas diretrizes, analisar o gênero "redação do ENEM" significa refletir sobre o uso da língua em uma situação concreta, em

funcionamento na interação entre os integrantes desse cenário de seleção: o participante e a banca avaliadora do seu texto.

Nem no Edital do ENEM nem na proposta de redação, aparece o termo "gênero". Usa-se, frequentemente, a palavra "redação", que será escrita em um suporte específico - uma folha padronizada, com linhas numeradas de 1 a 30 - ocupando entre 8 e 30 linhas (vide Anexo II, p. 142), e circulará em contextos específicos/restritos. Além disso, esse texto será escrito com o propósito avaliativo e será avaliado em cinco competências conforme a Matriz de Referência para a Redação. Se considerarmos apenas as competências de I a IV dessa matriz, poderemos dizer que esse texto se assemelha a um artigo de opinião, no entanto, para mim, a obrigatoriedade da proposta de intervenção na competência V, somada às considerações anteriores, fazem com que esse seja um gênero textual à parte, que aqui denomino **redação do ENEM**. Outras nomeações variantes desse gênero podem ser: **redação no ENEM** e **redação para o ENEM**.

Marcuschi (2008) nos mostra que o estudo dos gêneros textuais não é novo e que "é com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso" (p. 147).

Segundo Mendes (2010, p. 61), no que tange aos gêneros, Aristóteles estabeleceu os três *genera causarum*: o judicial, o deliberativo (legislativo) e o epidítico (cerimonial), dependendo da audiência a que se dirigiam, prescrevendo o estilo adequado a cada um deles. Posteriormente, quando surgiram outras audiências, por exemplo, as múltiplas audiências no teatro, as audiências secundárias que a versão impressa de uma fala alcança através do tempo e do espaço em uma obra escrita etc., outros retóricos incorporaram outros gêneros. Na atualidade, em que a complexidade das culturas e sociedades é cada vez maior, o número de gêneros, em decorrência disso, é sempre crescente.

Para Mendes (2010, p. 19), no que se refere à natureza do discurso, é inquestionável a contribuição de Aristóteles por meio de seu arcabouço retórico, que engloba todos os aspectos presentes no discurso, com ênfase em sua teoria da argumentação/persuasão. Deve-se a Aristóteles o estabelecimento da teoria que foi a base na qual se apoiaram seus sucessores na abordagem da argumentação.

Constatamos, ainda, que as contribuições de Aristóteles para os estudos do texto vão além, pois, segundo Citelli,

> convém lembrar que, no fundo, a maneira como aprendemos a escrever, o modo como muitos livros didáticos de redação ensinam à criança os

> procedimentos a serem utilizados para a elaboração de textos, ainda seguem de perto a estrutura sugerida por Aristóteles na *Arte retórica* (2005, p. 12).

A estrutura sugerida por Aristóteles inclui o *exórdio*, que é o começo do discurso, a primeira parte, conhecida atualmente como introdução; a *narração* e as *provas*, que constituem o que denominamos desenvolvimento; e o *epílogo* ou *peroração*, que é a conclusão na visão moderna. (Cf. ARISTÓTELES, 2005b, p. 205-221).

Como o foco principal deste trabalho é a produção de textos argumentativos, é interessante considerar o que o próprio Aristóteles diz sobre a Retórica: "Pode-se definir a Retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão. [...] vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir." (ARISTÓTELES, 2011, p. 44-45). Para ele, "a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta" (p. 46).

Noemi Lemes, em sua dissertação de Mestrado, tendo investigado se a teoria retórica chega até a escola, fala da contribuição que ela pode oferecer até mesmo para uma formação mais cidadã:

> Se levarmos em conta os preceitos aristotélicos, estaremos afirmando que ensinar argumentação não consiste apenas em fornecer ao aluno uma série de técnicas, treinando-o para o convencimento do outro, mas, para além disso, o ensino da argumentação constitui solo fértil para a formação de um cidadão crítico, ético e hábil para exercer bons julgamentos diante das questões que lhe são colocadas, dentro e fora da escola. (LEMES, 2013, p. 48).

Na presente pesquisa, são também relevantes as contribuições da Nova Retórica, pois, segundo a linguista Ingedore Koch, "os trabalhos de Perelman deram novo impulso aos estudos sobre a argumentação. Tentando aliar os principais elementos da Retórica de Aristóteles a uma visão atualizada do assunto, empenhou-se na elaboração de uma 'Nova Retórica'." (2004, p. 19).

Alguns postulados de Perelman são interessantes para a análise de textos argumentativos, considerando-se o próprio conceito de argumentação e as categorias *orador*, *auditório* e *finalidade*, conforme explicitadas a seguir:

> A argumentação tem como objeto o estudo das técnicas discursivas cujo intuito é ganhar ou reforçar a adesão das mentes às teses que se lhes apresentam ao assentimento. Toda argumentação pressupõe um orador,

> aquele que apresenta um discurso (o qual pode, aliás, ser comunicado tanto por escrito como verbalmente), um auditório, aqueles a que visa a argumentação (o qual pode identificar-se com o orador, na deliberação íntima) e uma finalidade, a adesão a uma tese ou o crescimento da intensidade da adesão, que deve criar uma disposição à ação e, se for o caso, desencadear uma ação imediata. (PERELMAN, 1997, p. 324).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) definem auditório como "*o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*" (p. 22, grifos dos autores). Eles falam de três espécies de auditório: 1º) auditório universal: constituído por toda a humanidade, 2º) auditório particular: constituído unicamente pelo interlocutor a quem o orador se dirige e 3º) o próprio sujeito que fala.

Segundo Ruth Amossy (2008, p. 125):

> No momento em que toma a palavra, o orador faz uma idéia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo.

Assim, nas condições de produção da redação escolar, o orador é o próprio aluno, aquele cujo ponto de vista e cujos argumentos sobre um determinado assunto se deseja conhecer e avaliar. Esse se dirige a um auditório particular, que é, na maioria das vezes, constituído unicamente pelo professor em sala de aula ou uma banca, como no caso do ENEM; e a finalidade é predominantemente avaliativa, classificatória. Nesse contexto, o efeito que se pretende é que a audiência venha a concordar com ou, pelo menos, dar credibilidade ao ponto de vista defendido pelo orador.

Considerando-se a redação do ENEM, é fundamental que o candidato tenha uma imagem adequada do seu auditório. O mesmo não tem como conhecer seus leitores, de antemão, os membros da banca que avaliarão seu texto, mas já sabe, previamente, que a sua produção escrita será avaliada a partir de uma matriz de competências. A sua argumentação será avaliada como mais ou menos eficiente a partir da influência que for capaz de exercer no auditório particular.

Em um importante estudo sobre o ensino da argumentação, Telma Leal e Artur Morais elencam elementos da situação de interação que interferem nas decisões tomadas pelo redator.

> Dentre tais fatores, podemos citar as representações do redator a respeito das opiniões dos possíveis leitores; as representações sobre as expectativas dos leitores com relação às suas próprias posições; a complexidade do tema; os conhecimentos prévios sobre ele; os conhecimentos sobre o gênero textual a ser construído (e, conseqüentemente, as representações sobre as expectativas dos leitores sobre a organização textual); dentre outros fatores. (2006, p. 26).

No trabalho com a produção textual em sala de aula, é preciso também que o professor ensine aos alunos aspectos relacionados à tipologia textual. O Ministério da Educação - MEC tem cobrado o tipo argumentativo no ENEM, mas, para produzir bem essa tipologia, é necessário que o aprendiz saiba confrontá-la com outras e distinguir as suas características.

Segundo Marcuschi (2008, p. 154-155):

> Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. (grifos do autor).

Por outro lado, segundo ele:

> Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (Ibid., p. 155).

Essa é a concepção de gênero que embasa o presente trabalho e que justifica considerar a **redação do ENEM** como um gênero. Trata-se de uma produção textual que deve ser vista a partir dessas nuances arroladas por Marcuschi.

A partir dessas considerações, pode-se concordar também com Bronckart quando diz que a apropriação dos gêneros é "um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas" (2012, p. 103).

No trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, o ensino da argumentação não pode perder de vista essa perspectiva cidadã da formação escolar. Há sempre que se considerar que: "A argumentação não é apenas a expressão de um julgamento individual, mas uma contribuição para um processo de comunicação entre pessoas ou grupos que

compartilham ideias uns com os outros a fim de resolverem uma diferença de opinião."[3] (EEMEREN; GROOTENDORST, 2004, p. 55, tradução da autora).

Na perspectiva sociointeracionista, a escrita é concebida como atividade que tem como base a interação entre as pessoas em sociedade. Ela é

> [...] um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz em relação a um outro (o seu interlocutor/leitor) com um certo propósito. Em razão do objetivo pretendido (para que escrever?), do interlocutor/leitor (para quem escrever?), do quadro espacio-temporal (onde? quando?) e do suporte de veiculação, o produtor elabora um projeto de dizer e desenvolve esse projeto, recorrendo a estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, vendo e revendo, no próprio percurso da atividade, a sua produção. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 36).

Ao propor atividades de escrita aos seus alunos, o professor deve ter em vista todos esses aspectos. Além do mais, é o Interacionismo Sociodiscursivo - ISD que embasa o trabalho com o texto proposto nos PCNEM:

> A unidade básica da linguagem é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico.
> O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos. (BRASIL, 2000, p. 18).

Segundo Ruiz (2013, p. 34):

> Pelo fato de entender [a redação] como um mero exercício de escrita, já que realizado por um aprendiz, o professor, por princípio, não lhe dá crédito de coerência. Ao contrário, concebe-a como um texto potencialmente incoerente, uma vez que pode, em algum momento, estar falhando na produção do sentido, seja pelo motivo que for.

Entretanto, esse não é o meu olhar de professora, pesquisadora, leitora, avaliadora ou corretora de textos. Pelo contrário, me considero, até certo ponto, como "cúmplice" do autor que me destina seu texto, visto que sempre busco dar crédito ao que é escrito, que considero a

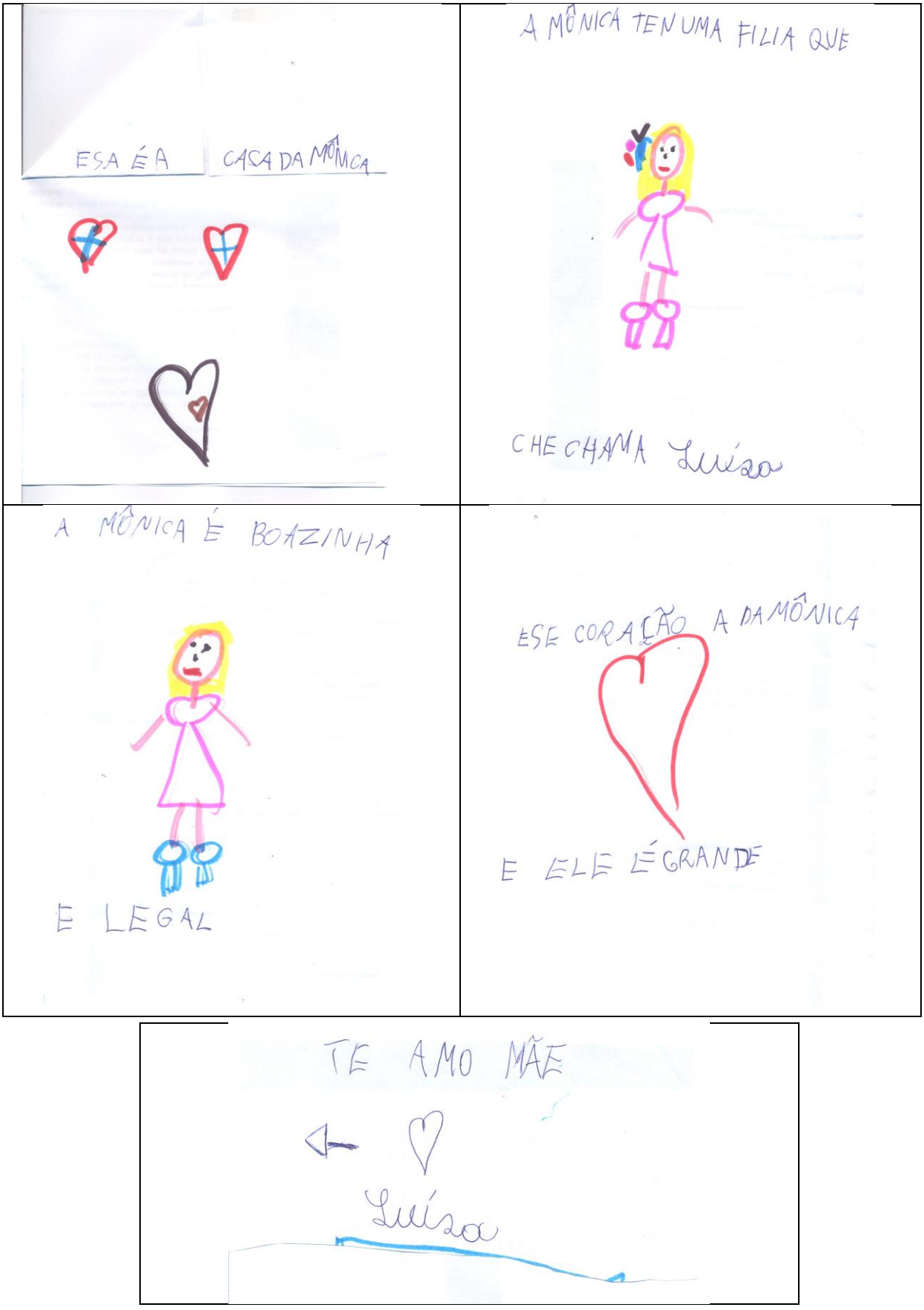
[3]Tradução para: "Argumentation is not just the expression of an expression of an individual assessment, but a contribution to a communication process between persons or groups who exchange ideas with one another in order to resolve a difference of opinion." (EEMEREN; GROOTENDORST, 2004, p. 55).

coerência como um "princípio de interpretabilidade", conforme defendem Koch e Travaglia (1989, p. 21).

Isso significa que, antes mesmo de iniciar a leitura do texto de um aprendiz, por exemplo, considero que ele quis se fazer entender através da escrita, ou seja, que ele pretende que seu texto faça sentido para quem lê.

Tenho uma filha de 7 anos, a Luísa, a quem dedico esta tese, e acompanho, cotidianamente, as suas "aventuras linguísticas" pelo mundo da escrita. Ela concluiu o 1º ano do Ensino Fundamental em 2015, está cursando o 2º em 2016 e, portanto, encontra-se em fase de alfabetização. Na minha convivência com ela, é impossível não acumular e não deixar se manifestarem, a um só tempo, os meus papéis de mãe, educadora e professora de Língua Portuguesa. Então, naturalmente, dia após dia, me surpreendo com os textos que ela produz, os quais tenho por hábito também arquivar, como o que segue:

Figura 1 - Texto de uma criança em processo de alfabetização (7 anos)



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse texto ilustrado foi produzido em metades de folhas A4, que minha filha colou, uma a uma e em sequência, nas paredes da sala da nossa casa, em 11 de setembro de 2015, para me fazer uma surpresa.

Nesse exemplo, não se pode negar o fato de que a criança consegue se fazer entender e que produz, portanto, um texto coerente. Evidentemente, trata-se de um texto com "unidade de sentido, resultado de um projeto de dizer de um locutor situado historicamente" (SUASSUNA, 2011, p. 123).

2.1 Sobre a Pedagogia Retórica

Segundo Marcuschi (2008, p. 147), "é com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso". E é interessante destacar que o resgate da Retórica aristotélica, através da Nova Retórica e da Pedagogia Retórica, muito pode contribuir para um ensino da produção textual mais engajado, ou seja, mais comprometido com a formação de "retores" legítimos, aqueles que têm plenas condições de exercerem sua cidadania e de participarem efetivamente de eventos discursivos que ocorrem em sociedade.

Adilson Citelli (2005) nos fala sobre as contribuições de Aristóteles para os estudos da persuasão. Segundo ele, com a obra **Arte retórica**, "[...] estamos diante de um corpo de normas e regras que visa saber o que é, como se faz e qual o significado dos procedimentos persuasivos". E ainda acrescenta: "A retórica tem, para Aristóteles, algo de ciência, ou seja, é um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir persuasão." (p. 10).

Objetivando contribuir para uma melhoria do ensino da produção textual, fundamento minhas discussões e análises também em alguns princípios da Pedagogia Retórica.

A abordagem que faço baseia-se, prioritariamente, na Tese de Professor Titular, defendida por minha orientadora, Eliana Amarante de Mendonça Mendes, em 2010, com o principal objetivo de oferecer subsídios para a revitalização da Pedagogia Retórica, para a sua aplicação no ensino da produção de textos escritos.

Segundo ela, trata-se de "um sistema de aprendizagem teórica e prática que desenvolvia nos aprendizes competências na arte da comunicação oral e escrita". (MENDES, 2010, p. 102). É uma pedagogia "altamente consistente, bem estruturada e completa", na qual se destacam os seguintes aspectos:

- A consideração da dicotomia forma/conteúdo;
- A imitação, ferramenta fundamental da aprendizagem;
- A noção de texto-modelo, de paradigma;
- As ferramentas da *inuentio* (invenção, descoberta de argumentos), em especial os tópicos;
- Os ensinamentos da *dispositivo* (o arranjo do discurso em partes);
- A sistematização do trabalho com a argumentação/persuasão, incluindo a Lógica;
- A consideração dos tópicos, tipos textuais e gêneros;
- As noções de *kairós*, audiência e *decorum*;
- Os *progymnásmata* (Ibid., p. 250).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), toda argumentação está atrelada a uma escolha, "que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes. As questões de forma se mesclam com questões de fundo para realizar a presença." (p. 136).

Na Pedagogia Retórica, as considerações sobre forma e conteúdo são importantes principalmente nos exercícios de imitação[4]. Segundo Jaqueline Souki:

> A divisão entre "o que é" comunicado por meio da linguagem e "como" isso é comunicado – a distinção entre forma e conteúdo – foi muito utilizada na Pedagogia Retórica, na qual a prática da *imitatio* era a que mais exigia dos estudantes analisarem forma e conteúdo. Os alunos tinham que observar cuidadosamente um texto-modelo e, então, copiar [imitar] sua forma, dando-lhe novo conteúdo. Ou copiar [imitar] o conteúdo e dar-lhe uma nova forma. (2012, p. 142).

Conforme Mendes e Souki descrevem em seu artigo, também destinado à revitalização e aplicação dessa pedagogia:

> A pedagogia retórica repousa numa íntima relação entre leitura/escrita e observação/composição. Divide-se em dois tipos de atividade hierarquicamente situadas: análise e gênese. A observação de sucessivos discursos e textos precede e aperfeiçoa a fala e a escrita. O incentivo à leitura não se deve somente à busca do conteúdo, mas, também, à busca de técnicas e estratégias úteis. Tais técnicas podem ser adaptadas e adotadas para aprimorar a fala e a escrita dos aprendizes, através de vários tipos de exercícios, inclusive os de imitação (*imitatio*), sem dúvida o maior pilar da pedagogia retórica. Finalmente, como um coroamento do processo,

[4]Neste contexto, esclareço que imitação não se confunde com cópia fiel, pois não é "uma atividade puramente mecânica". Souki (2012, p. 214), apoiando-se na psicologia de Vygotsky, argumenta que: "A imitação é inerente ao processo de aprendizagem, sofrendo determinações históricas e culturais, não de forma mítica ou mecânica, mas como um determinante para a aquisição do conhecimento e, por consequência, para o desenvolvimento do aluno."

> exercícios retóricos mais específicos e avançados são aplicados para habilitar os aprendizes a passar da análise para a gênese, quando eles próprios, não mais imitando, já são capazes de criar seus textos e falas. (MENDES; SOUKI, 2015, p. 145-146).

Elas defendem que a imitação é

> uma prática pedagógica eficaz como um instrumento de desenvolvimento da aprendizagem e como um instrumento de recuperação dentro de uma pedagogia da escrita centrada no aluno.
> [...]
> Imitando uma variedade de modelos bem escolhidos e internalizando os diversos padrões de linguagem, os aprendizes tomam consciência de formas alternativas de expressão e tornam-se, ao fim do processo de aprendizagem, verdadeiros estilistas e escritores criativos, com pensamento independente. (MENDES; SOUKI, 2015, p. 147).

Partindo-se da observação e análise de textos modelo, o aluno será preparado para a gênese, isto é, para a criação do seu próprio texto. Nessa análise, faz-se uma dissecação do texto base, o que vai possibilitar a imitação inteligente desse modelo. Assim, "a análise retórica começa com a escolha apropriada de um dado modelo, e tal seleção deve ser feita, por um lado, focando-se o conteúdo, e por outro, especialmente, o estilo do autor, levando-se sempre em conta valores morais" (MENDES, 2010, p. 105).

No caso da redação do ENEM, sugere-se que o professor use, como texto modelo, uma redação que tenha obtido nota máxima em alguma edição desse exame. No guia do participante (BRASIL, 2013), por exemplo, podem ser encontradas redações que foram avaliadas com nota 1000 no ENEM 2012, as quais podem ser usadas para estudo em sala de aula. Feita a escolha de um modelo, proceder-se-á a uma análise minuciosa do conteúdo e da forma que justificam a excelência do texto.

Ainda na perspectiva da imitação como estratégia didática, a Pedagogia Retórica propõe exercícios de variação e amplificação:

> A **variação** é um tipo de exercício que pretende ensinar como uma mesma sentença pode tomar inúmeras diferentes formas, mantendo-se o mesmo significado. Com isso, buscava-se a *copia uerborum*, a abundância de alternativas de expressão. É, portanto, também um exercício de imitação do conteúdo.
> A **amplificação**, na Retórica, às vezes tinha o significado restrito de incrementar o apelo patético de uma dada fala, uma figura de linguagem (clímax, hipérbole). Mas, na Pedagogia Retórica, amplificação é um tipo de exercício que consiste numa atividade de composição situada entre a imitação e a criação; uma atividade de compor, dado um texto-modelo, amplificando um aspecto do mesmo texto, acrescentando a ele uma parte

> criada pelo aprendiz. Em suma, é uma criação dirigida e contextualizada. (MENDES, 2010, p. 109-110, grifos da autora).

No trabalho com gêneros textuais do tipo argumentativo, um interessante exercício de variação consiste em pedir aos estudantes de alterem o ponto de vista defendido em um texto modelo. Se o tema em debate é aborto, por exemplo, e o autor do texto modelo defende que o mesmo seja legalizado, ao aluno caberá construir uma contra-argumentação, ou seja, deverá defender o ponto de vista da proibição do aborto. Nesse tipo de atividade, muda-se o conteúdo do texto modelo, mantendo-se a sua forma.

Em uma aula particular de redação, em 9 de setembro de 2015, um aluno que já tinha concluído o Ensino Médio, mas ainda se sentia bastante inseguro com a sua capacidade de produzir um texto argumentativo, disse que pretendia seguir um modelo de boa redação e me questionou se isso era errado, ou se ele deveria criar o próprio modelo. Respondi, com base nos princípios teóricos da imitação, dizendo que um marceneiro, hoje em dia, não consegue fazer um guarda-roupa, por exemplo, com estrutura totalmente nova, diferente das que já existem no mercado. Ele, certamente, vai criar, recriar, transformar a partir de uma base que já exista na indústria mobiliária.

Essa analogia traz um outro conceito importante, a emulação (*aemulatio*),

> um procedimento de imitação em que o imitador quer "fazer melhor", superar, ou buscar um resultado diferente. Nesse caso, o imitador é motivado por um gosto extremado pela obra que quer não só imitar, mas superar. [...]
> A emulação que aqui interessa, no escopo da Pedagogia Retórica, embora motivada por uma emoção, é o processo de criação que, através da imitação, busca a superação do modelo. (MENDES, 2010, p. 168, grifo da autora).

Outro aspecto central da Pedagogia Retórica são os exercícios retóricos preliminares chamados *progymnásmata*. Segundo Mendes, "os *progymnásmata* são um conjunto de exercícios básicos de dificuldade progressiva com o objetivo de preparar os estudantes de Retórica para a criação e apresentação de discursos práticos completos, os *gymnásmata*" (2010, p. 15). E ainda acrescenta:

> Esse sistema consiste de uma série de exercícios rudimentares, estruturados de forma interdependente, de complexidade progressiva. Os exercícios iniciais consistem de paráfrases, traduções, amplificações etc., de mitos, fábulas, narrativas, histórias, anedotas e máximas; os intermediários trabalham com modelos relativos à refutação e confirmação, ao lugar-comum, ao elogio, à injúria, à comparação, à personificação e à descrição; e os finais são a composição de teses e a proposição de leis. Cada exercício segue uma série de passos que o aprendiz deve seguir para elaborar o seu

> texto. Esses exercícios levam os estudantes de simples paráfrases e traduções (retextualizações) a produções mais elaboradas, discursos completos, *gymnásmata* – declamações. (Ibid., p. 147).

Trata-se de um conjunto de 14 exercícios que se apoiam na imitação dos melhores modos de expressão, que serão apreendidos pelos discentes de forma controlada e graduada. São eles, segundo Mendes (op. cit., p. 148):

1. Fábula
2. Narração
3. Anedota
4. Provérbio
5. Refutação
6. Confirmação
7. Lugar-comum
8. Encômio
9. Vituperação
10. Comparação
11. Personificação
12. Descrição
13. Tese ou tema
14. Defesa de (ou ataque a) uma lei

Destaca-se, também, que, nessa abordagem, a escrita é considerada como um processo complexo e que demanda um ensino sistematizado. Por essa razão, o ensino é feito obedecendo-se aos graus de complexidade da produção textual, começando-se por atividades mais simples e baseadas na imitação de textos modelo até chegar à invenção, quando o aluno já vai adquirir a capacidade de produzir seus próprios textos com a devida autonomia.

Quando o aprendiz já se encontra em um nível de proficiência mais avançado, tem-se as ferramentas da *inuentio*. No prefácio da obra **Invention in Rhetoric and Composition (**In: LAUER, 2004), Charles Bazerman defende que a invenção "chama a atenção para perguntas mais básicas que um escritor se faz: Sobre o que eu devo escrever? Para quem? E por quê? Que materiais eu posso usar? Onde posso encontrá-los? O que vai incitar e persuadir meus leitores? Como posso, de fato, começar a pensar sobre o que eu devo escrever?"[5] (BAZERMAN, 2004, p. xv, tradução da autora).

Mesmo os autores mais experientes se deparam com os desafios de terem sobre o que escrever - um assunto a tratar - e sobre como fazê-lo. Basta imaginarmos a angústia que certamente acompanha os colunistas de jornais e revistas, cuja incumbência é produzir matérias novas semanalmente, por exemplo. Para auxiliar nesse processo de criação das ideias e de produção textual, a invenção retórica "fornece orientação sobre como começar a

[5]Tradução para: "it addresses one of the most basic questions a writer asks: what should I write about? To whom? And why? What materials can I use? Where can I find them? What will move and persuade my readers? How can I even begin to think about what I might write?" (BAZERMAN, 2004, p. xv).

escrever, explorar ideias e argumentar, estruturar *insights* e examinar a situação de escrita"[6] (LAUER, 2004, p. 1, tradução da autora).

Quanto aos desafios inerentes à invenção, Mendes (2010) indaga: "Mas quais são as fontes que o escritor tem quando precisa 'inventar' seu material?" e responde: "Suas melhores fontes serão sempre os frutos de sua formação, suas leituras, observação e reflexão." (p. 115).

Neste trabalho, defendo a tese de que a capacidade de produção de textos se desenvolve de forma processual, isto é, não ocorre "da noite para o dia". Por isso, é preciso haver um trabalho sistematizado de ensino da produção escrita, envolvendo tanto o conteúdo – o assunto sobre o qual se deseja escrever – quanto a forma – o modo como o texto será construído.

2.2 Sobre a *stasis* e os tópicos

A teoria dos tópicos nos ajuda a buscar argumentos, mas é interessante associar a ela a teoria da *stasis* (heurística retórica), que nos orienta na elaboração de perguntas adequadas aos argumentos que desejamos alcançar. *Stasis* significa um tipo de suporte, de ponto de apoio para o orador. Na retórica antiga, tratava-se de um meio de invenção heurístico, aplicado em contextos jurídicos, através do qual eram feitas perguntas sistematizadas que ajudavam o orador a encontrar argumentos para a defesa do réu.

No glossário do livro de Janice M. Lauer, a *stasis* é definida como "técnica de invenção retórica na qual o discurso é iniciado pela determinação do assunto em questão ou do ponto de divergência em um debate. O principal tratado sobre *stasis* é a obra **On Status**, de Hermógenes de Tarsus."[7] (2004, p. 160, tradução da autora).

Os retóricos antigos trabalhavam com uma lista de quatro questões centrais (ou *stases*):

1. Conjetural: Há realmente um ato a ser considerado?
2. Definicional: Como esse ato pode ser definido?
3. Qualitativa: Qual é gravidade desse ato?
4. Procedimental: Esse ato deve ser submetido a algum julgamento formal?

---

[6]Tradução para: "Invention provides guidance in how to begin writing, to explore for ideas and arguments, to frame insights, and to examine the writing situation." (LAUER, 2004, p. 1).

[7]Tradução para: "Stasis, status - Technique of rhetorical invention in which discourse is initiated by determining the issue at hand or the point of contention in an argument. The key treatise on stasis is Hermogenes of Tarsus's *On Status*." (LAUER, 2004, p. 160).

Trabalhando, conjuntamente, com as teorias da *stasis* e dos tópicos, o professor deve elaborar perguntas que permitam ao aluno encontrar argumentos para discussões em outras esferas além da jurídica, a exemplo das atividades de produção de texto argumentativo no contexto escolar.

A *stasis* significa um tipo de suporte, de ponto de apoio para o orador. Segundo Crowley e Hawhee (1999, p. 45, tradução da autora), guiar-se pelas questões da *stasis* traz vantagens aos retores como:

> - clarifica sua compreensão sobre o tema em discussão.
> - força-os a pensar melhor sobre suposições e valores partilhados por membros do seu do público-alvo.
> - estabeleceáreas nas quais mais pesquisa precisa ser feita.
> - pode, até mesmo, apontar o caminho para um arranjo mais eficiente das provas retóricas.
> - sugere que provas são cruciais para sustentar a argumentação e talvez aponte a melhor forma de dispor essas provas.[8]

Outro ponto importante em relação à *stasis*, é saber encontrar o *judicatio* da causa. Crowley & Hawhee (1999, p. 46-47) ilustram bem em que constitui encontrar esse ponto de divergência. Para esses autores, os debates contemporâneos sobre a legalização do aborto não se resolvem porque alguns são contra o aborto e argumentam dizendo que *o aborto é crime de homicídio*. Outros, que são a favor do aborto, o defendem alegando que *a mulher tem o direito de fazer o que quiser com o próprio corpo.* Considerando que alcançar a *stasis* é encontrar o ponto em que os oponentes concordam ou discordam, nota-se que, nesse exemplo, não há *stasis*. Para que uma tal discussão prospere, é necessário chegar às seguintes *stasis*:
(i) *aborto é homicídio* X *aborto não é homicídio*; ou
(ii) *a mulher tem o direito de fazer o que quiser com o próprio corpo* X *a mulher não tem o direito de fazer o que quiser com o próprio corpo.*

Chegando-se a essas *stasis*, poderiam ser usados argumentos como, por exemplo, no caso de (i): há vida antes do nascimento. No caso de (ii): poder-se-ia alegar que o aborto é um assunto privado e não público. Segundo as autoras, a partir desse ponto, a discussão do tema pode ser proveitosa. Encontrar o ponto de divergência, portanto, é de grande importância quando se quer refutar argumentos de maneira eficiente.

---

[8]Traduçãopara: "- It clarifies their thinking about the point in dispute. - It forces them to think hard about the assumptions and values shared by members of their target audience. - It establishes areas in which more research needs to be done. - It suggests which proofs are crucial to the case. - It will perhaps even point the way toward the most effective arrangement of the proofs." (CROWLEY; HAWHEE, 1999, p. 45).

Segundo a pesquisadora americana Janine Lauer, interessada na relação entre a retórica e o ensino da produção de textos (*composition*):

> Desde o tempo dos gregos, os retóricos têm debatido sobre os méritos relacionados a quatro fatores no ensino retórico: habilidade natural, imitação, prática e arte. As eras de ensino do discurso têm sido marcadas por uma ênfase em uma ou outra dessas abordagens gerais de ensino embora, em alguns casos, todas as quatro foram integradas.[9] (2004, p. 45, tradução da autora).

A autora defende que, ao se considerar a habilidade retórica, deve-se levar em conta elementos de todas essas abordagens, visto que cada uma, a seu tempo, trará contribuições significativas para o aprendiz.

Segundo Mendes:

> Essa discussão levou ao entendimento de que, para a Retórica, a habilidade de falar e escrever não é só questão de talento nato, (*natura, ingenium*). Entendiam os antigos que grandes oradores e escritores eram frutos de uma dedicação constante ao estudo e ao exercício prático (*exercitatio, imitatio*), pois tinham consciência de que não lhes bastava nascer com esse dom ou aptidão natural. Para os antigos, ler e pensar criticamente, bem como escrever e falar com clareza e rigor, é obra que leva anos a construir. (2010, p. 102).

Cícero, em **Sobre o orador**, ressalta a importância do estudo assíduo e da dedicação para o orador que almeja tratar de temas diversos com "habilidade e perícia":

> Com efeito, ainda que alguém haja estabelecido que orador é aquele que é capaz apenas de falar copiosamente no tribunal ou nos julgamentos, ou ainda diante do povo ou no senado, é preciso que atribua e conceda muitas coisas ao orador assim definido, pois sem o estudo assíduo de todos os assuntos públicos, ou sem o conhecimento das leis, dos costumes, do direito, e sem compreender a natureza e o caráter dos homens, não é possível que fale de tais temas com habilidade e perícia. (CÍCERO, 2009, p. 155-156).

Por sua vez, Quintiliano, em **Instituições oratórias** (1836), ao debater sobre qual das duas coisas mais contribui para a eloquência do orador, a natureza ou o estudo, assim se posiciona: "mais deverá o Orador ao seu estudo, e diligência, que ao seu talento". E prossegue argumentando com uma interessante analogia:

---

[9]Tradução para: "Since the time of the Greeks, rhetoricians have debated the relative merits of four factors in rhetorical instruction: natural ability, imitation, practice, and art. Eras of discourse instruction have been marked by an emphasis on one or the other of these broad teaching approaches though in some cases all four were integrated." (LAUER, 2004, p. 45).

> Assim como os terrenos de si estéreis por mais que os cultivem nada produzem; os férteis, ainda que os não amanhem sempre dão alguma cousa; hum chão fecundo porém, sendo cultivado como deve ser, dará hum fructo abundantíssimo, no qual terá mais parte o trabalho do Colono do que a bondade do terreno. (QUINTILIANO, 1836, p. 26).

O ensino da produção textual através da Pedagogia Retórica permite que o desenvolvimento do aprendiz seja baseado em teoria e bastante prática. Os oradores que têm mais genialidade inata também têm mais vantagens nessa empreitada, porém, na falta desse dom, há que se trabalhar mais com o método (Retórica) e a dedicação.

É preciso, no ensino da argumentação, orientar e preparar o aluno para desenvolver a sua própria capacidade argumentativa e a retórica clássica oferece significativos subsídios para o trabalho do professor em sala de aula. Nesse sentido, abordo a teoria da *stasis* e a teoria dos tópicos para a produção de textos dissertativos, porque elas podem ajudar o aluno a descobrir o que dizer em sua argumentação, a buscar seus próprios argumentos para compor o seu texto, na defesa de uma tese qualquer, sobre qualquer tema.

Após questionar em sua tese: "O que fazer com aqueles que ainda não têm os benefícios da experiência e do estudo? Há alguma forma de suprir essas deficiências?", Eliana Mendes esclarece:

> Para a Retórica Clássica, a forma que existia era o sistema de tópicos. De fato, muitas vezes o aprendiz, graças a sua experiência, sua educação, suas leituras, já tem um estoque de ideias próprias, já tem o que dizer sobre um determinado assunto, não precisando apelar para os tópicos. Mas, há casos em que o aprendiz não tem nada a dizer , ou acha que não tem nada a dizer, sobre um determinado assunto. Em outros casos ele tem poucas ideias, ou ideias insuficientes, para desenvolver um assunto. Há também os casos em que o aprendiz tem um conjunto de ideias vagas, confusas, não acuradas. Esse aprendiz precisa achar, descobrir ou, usando a terminologia retórica, "inventar" seu material. Os tópicos, nesse caso, podem ser muito úteis. (op. cit., p. 115, grifo da autora).

Os tópicos, no glossário integrado à obra de Lauer, são definidos como: "recursos para criar argumentos que incluem linhas de raciocínio, tipos de evidência e apelos às audiências"[10] (2004, p. 162, tradução da autora).

[10]Tradução para: "Topics - Resources for inventing arguments that include lines of reasoning, types of evidence, and appeals to audiences." (LAUER, 2004, p. 162).

Segundo Plantin:

> Uma tópica é um sistema empírico de coleta, de produção e de processamento da informação com finalidades múltiplas (narrativa, descritiva, argumentativa), essencialmente práticas e que funcionam em uma comunidade relativamente homogênea em suas representações e em suas normas. (2008, p. 53-54).

O próprio Aristóteles, na introdução aos **Tópicos**, nos diz:

> O propósito deste tratado é descobrir um método que nos capacite a raciocinar, a partir de opiniões de aceitação geral, acerca de qualquer problema que se apresente diante de nós e nos habilite, na sustentação de um argumento, a nos esquivar da enunciação de qualquer coisa que o contrarie. (2005a, p. 347).

Ainda segundo Aristóteles, esse tratado é útil para o exercício intelectual, os encontros casuais e as ciências filosóficas. No contexto escolar, é útil para o exercício intelectual porque "se dispomos de um método, seremos capazes de, com maior facilidade, raciocinar em torno do assunto proposto" (2005a, p. 349-350).

Quando questionado sobre a utilidade dos tópicos, respondeu Corbett: "O que descobri é que, para alunos que lutam para encontrar ideias, esse método quase mecânico ajuda. [...] Os tópicos podem dar um ajuda momentânea e colocar você no seu próprio caminho"[11]. (1989, p. 61, tradução da autora). Para ele: "Todos os tópicos retóricos são meios formalizados e sistematizados de abordar o assunto no modo natural com que trabalha a mente humana"[12]. (Idem, p. 62).

Neste trabalho, interessam os tópicos de invenção, ou seja, aqueles que ajudam a descobrir argumentos. Segundo Eliana Mendes,

> os tópicos ou *tópoi* são as categorias básicas de relação entre idéias, cada uma delas servindo como um padrão ou heurística para descobrir argumentos e coisas a dizer sobre um assunto. Tópicos de invenção interessam de perto à Pedagogia Retórica. Segundo essa pedagogia, os aprendizes precisam saber usar essas categorias para criar seus textos e buscar seus próprios argumentos. (2010, p. 114).

[11]Tradução para: "What I have found is that for students who do struggle to find ideas, this almost mechanical method does help. [...] The topics can provide instant help and get you on your way." (CORBETT, 1989, p. 61).

[12]Tradução para: "All of the rhetorical topics are formalized, systematic ways of approaching the subject in the natural way that lets the human mind operate." (Idem, p. 61).

No caso da produção de textos no contexto escolar, o ensino e a utilização dos tópicos de modo individualizado é apenas uma questão didática, pois, de um modo geral, em um único texto, podem ser usados mais de um tópico, conforme o escritor desenvolve a sua argumentação.

A partir dos tópicos aristotélicos, Frank D'Angelo (apud MENDES, 2010, p. 116-117) desenvolveu uma taxonomia de tópicos com dez categorias mais contemporâneas: identificação, análise, descrição, classificação, exemplificação, definição, comparação e contraste, narração, processo e causa e efeito. No ensino da redação a alunos menos experientes, é interessante o professor trabalhar um tema polêmico, sobre o qual haja divergência de opiniões, e solicitar que os aprendizes produzam textos argumentativos, usando apenas um tópico específico entre os dez listados.

> Princípios de composição como análise, classificação, comparação, contraste, causa e efeito são modos de pensamento. Esses princípios estão presentes em nosso dia a dia: quando se vê uma árvore, nota-se a forma de seus galhos, o tamanho de seu tronco e a cor de suas folhas. Pode-se classificá-la, nomeando-a. Pode-se compará-la com outras árvores. Pode-se observar suas mudanças com o tempo: no inverno perde as folhas, na primavera brota. Quando não se vê mais a árvore, pode-se substituí-la por palavras ou imagens e essas palavras e imagens facilitam para se pensar nela depois. A toda hora analisamos, classificamos, exemplificamos, enumeramos, comparamos, contrastamos ou encontramos relações de causa e efeito. (MENDES, op. cit., p. 115-116).

Seguindo-se os propósitos deste trabalho, abordo, de forma mais detalhada, a contribuição da teoria dos tópicos para o ensino da produção de textos argumentativos. Pata tanto, utilizo os tipos de tópicos presentes na classificação de Decker e Schwegler, apresentada na obra **Patterns of exposition** (1992), cujo objetivo, nos dizeres dos próprios autores, é ajudar o aprendiz a "construir pontes entre a leitura e a escrita para melhorar cada uma delas"[13]. Pretende-se chamar a atenção para "as variadas formas com que os escritores abordam os assuntos e as estratégias que eles empregam, especialmente os modelos [ou padrões] de exposição"[14]. (p. 1, tradução da autora).

A classificação dos tópicos apresentada por esses autores segue muito de perto os tópicos de D'Angelo mencionados acima. Uma pequena diferença está no fato de que Decker e Schwegler não tratam da categoria identificação, abordam conjuntamente as categorias

[13]Tadução para: "This book is designed to help you build bridges between reading and writing in order to improve each activity." (DECKER; SCHWEGLER, 1992, p. 1).

[14]Tradução para: "varied ways writers approach subjects and the strategies they employ, especially the patterns of exposition" (DECKER; SCHWEGLER, 1992, p. 1).

análise e processo como "análise de processo" e incluem as categorias analogia, e indução e dedução, que não aparecem em D'Angelo. De qualquer modo, acredito que, independentemente da taxonomia que se adote, a teoria dos tópicos tem muito a contribuir para um ensino sistematizado da produção de texto. A classificação de Decker e Schwegler é a seguinte:

1. Exemplificação
2. Classificação
3. Comparação e contraste
4. Analogia
5. Análise de processo
6. Causa e efeito
7. Definição
8. Descrição
9. Narração
10. Indução e dedução

Os capítulos do livro em análise se distribuem de acordo com esses dez tópicos. Em cada capítulo, inicialmente, os autores discorrem sobre o tópico[15] a ser trabalhado. Em seguida, tem-se um texto como amostra, com a devida análise dos autores, e completam cada capítulo com textos variados e com exercícios (desafios) para o aprendiz.

Nas próximas seções, associo a teoria da *stasis* à teoria dos tópicos, elucidando algumas perguntas que podem permitir ao orador encontrar argumentos para discussões em atividades de produção de textos argumentativos no contexto escolar. Analiso cada tópico separadamente, mas vale ressaltar que se trata apenas de uma questão didática, pois, em um único texto, poderemos encontrar mais de um tópico conforme o escritor desenvolve a sua argumentação. Em muitos casos, é a associação de dois ou mais tópicos que vai garantir sucesso no desenvolvimento das ideias.

2.2.1 Exemplificação

Segundo Decker e Schwegler:

> O uso de exemplos para ilustrar uma ideia em discussão é o mais comum, e frequentemente o mais eficiente, modelo de exposição. É um método que usamos quase instintivamente; por exemplo, ao invés de falar em generalidades sobre as qualidades de um bom prefeito, citamos Harry Hibbons como um exemplo.[16] (1992, p. 23).

[15]Aqui, estou entendendo "tópico" no sentido aristotélico. Os autores, porém, tratam-no como estratégia. No âmbito desta tese, tópico e estratégia argumentativa são equivalentes.

[16]Tradução para: "The use of examples to illustrate an idea under discussion is the most common, and frequently the most efficient, pattern of exposition. It is a method we use almost instinctively; for instance instead of talking in generalities about the qualities of a good city manager, we cite Harry Hibbons as an example." (DECKER; SCHWEGLER, 1992, p. 23).

Para Mendes: "Exemplificação é o processo de ilustrar um princípio geral, uma afirmação, uma lei, citando exemplos específicos." (2010, p. 122).

A teoria dos tópicos nos ajuda a buscar argumentos, mas é interessante associar a ela a teoria da *stasis* (heurística retórica), que nos orienta na elaboração de perguntas adequadas aos argumentos que desejamos alcançar. No caso do tópico exemplificação, o orador pode fazer uso de perguntas como: 1) Quais são os exemplos ou ilustrações típicos do assunto em foco? b) Que generalidade é ilustrada por esses exemplos?

2.2.2 Classificação

Percebemos que operações de classificação estão presentes naturalmente nas nossas atividades cotidianas, a exemplo do hábito de separarmos tipos de roupas e sapatos. Muitos assuntos sobre os quais os alunos têm que argumentar podem demandar uma divisão em categorias ou subcategorias.

"A classificação é uma parte importante do pensamento. No dia a dia depara-se constantemente com diversas classificações: produtos em supermercados, agrupados em diversas categorias - carnes, frios, matinais etc. - , anúncios classificados de imóveis, nas categorias apartamentos, lojas, casas etc." (MENDES, 2010, p. 121).

Para se buscar argumentos seguindo-se este tópico, podem ser feitas perguntas como: 1) Quais são as categorias diferentes de um objeto em discussão? 2) Por que as diferenças entre as categorias são importantes? 3) Há subcategorias a tratar?

2.2.3 Comparação e contraste

Se o tópico a ser utilizado for comparação e contraste, o produtor de texto pode se valer de perguntas como: 1) Quais são as semelhanças e as diferenças entre os elementos comparados? 2) O que se pode concluir a partir dessas semelhanças e diferenças? Nesse caso, as perguntas devem variar de acordo com a orientação argumentativa que se deseja seguir.

Se o tema for, por exemplo, "violência urbana" e se o aluno tiver que usar apenas o tópico comparação e contraste, ele poderá defender a tese de que a violência urbana aumentou nos últimos anos e desenvolver a sua argumentação a partir da comparação entre índices de violência no passado e no presente.

Operações de comparação e contraste também são comuns em atividades rotineiras. Comparamos tamanhos e cores de objetos, comportamentos de animais e humanos etc.

Segundo Decker e Schwegler, esse processo é bastante comum em redações escolares "quando comparamos ou contrastamos formas de governo, sistemas reprodutivos dos animais ou filosofias éticas dos humanos"[17]. (1992, p. 115, tradução da autora). Eles fazem uma distinção entre a comparação lógica - que ocorre entre objetos de um mesmo tipo geral – e a analogia – uma forma especial de comparação, usada geralmente para explicar algo abstrato ou difícil de se entender, através de algo mais simples e de mais fácil compreensão. O tópico analogia será analisado separadamente, em 2.2.4 adiante.

No fragmento que se segue, extraído de uma redação sobre "O jovem em seu tempo", temos uma análise das diferenças entre a juventude moderna e a juventude de 68.

> O primeiro fator a ser analisado durante uma avaliação mais aprofundada da jovem geração brasileira, deve ser o contexto histórico. Há quem diga que não se fazem mais jovens como os de antigamente, como os de 68. Não é justo comparar duas gerações tão diferentes, a começar pelo período político e econômico que cruzaram. A de 68 viveu numa época em que o mercado de trabalho não era tão competitivo, pelo menos no Brasil, sobrando tempo para pensar em outras questões, políticas, por exemplo. Além disso, o próprio ambiente restrito de liberdade e marcado pelo AI – 5 alimentava o espírito lutador que moveu aquela juventude.
>
> Mas hoje é diferente. A atual jovem geração brasileira cresceu com liberdade. [...]
>
> O contexto político também teve participação de peso na formação desses brasileiros. [...] certamente mais preocupado com a economia, especificamente com a questão do emprego, ou será desemprego? (In: XAVIER, 2001, p. 13).

Apresenta-se a ideia de que não se deve julgar a atual geração de jovens pela comparação com a geração de 68 e, para defender seu ponto de vista, o aluno se vale da própria comparação entre as duas gerações sob o ponto de vista político e econômico. De um lado, coloca a geração de 68, com uma economia mais tranquila e, portanto, com mais tempo para as questões políticas, além do contexto de repressão que impulsionava a ação desses jovens. De outro, coloca a geração atual, mais preocupada com questões econômicas (emprego/desemprego) e com mais liberdade, o que demandaria menos ação política da juventude.

[17]Tradução para: "when we compare or contrast forms of government, reproductive systems of animals, or ethical philosophies of humans" (DECKER; SCHWEGLER, 1992, p. 115).

2.2.4 Analogia

A analogia é um tópico menos comum em produções textuais do Ensino Médio talvez por se tratar de um recurso mais avançado, mais difícil. De qualquer modo, um aluno pode se valer dela para explicar conceitos mais complexos ou para reforçar sua argumentação, se considerar que o seu leitor já possui a familiaridade necessária com o tema do qual deriva a analogia.

Para usar essa estratégia argumentativa, o escritor deve fazer perguntas como: 1) Que pontos-chave dois diferentes assuntos têm em comum que podem ajudar a entender cada um deles? 2) Como as semelhanças entre eles nos ajudam a entender cada um?

No exemplo a seguir, extraído de uma dissertação escolar sobre "Os dois lados do mundo virtual", o autor acredita que o seu leitor já conheça um pouco da história do invento de Santos Dumont e o utiliza numa analogia para falar da revolução da internet.

> Com essa revolução, as distâncias ficaram menores, pelo menos fisicamente. Mas, como acontece em todas as coisas, a invenção tinha (e tem) seus dois lados. Assim como aconteceu com o invento de Santos Dumont, cuja a finalidade primeira era apenas para o bem da humanidade, mas, que logo em seguida, para tristeza profunda do brasileiro que a projetou, começou a ser usada para o mal do próprio homem, a rede mundial de computadores também faz seus estragos: úsa-sse para disseminar a intolerância e o roubo da inocência de alguns.

Defende-se o argumento de que, assim como o invento de Santos Dumont, que foi idealizado para fazer só o bem, tornou-se objeto de destruição do próprio homem, a internet também é usada para o mal.

Decker e Schwegler apresentam um parágrafo como amostra de uma analogia, do qual foi extraída esta parte:

> Os moradores de Palmville têm um ditado: "Morar aqui é como morar em um aquário." Certamente parece que a vida de todo mundo (pessoal ou não) pode ser vista de todos os lados. Quando o resultado é a fofoca sobre a vida das pessoas, essa característica de Palmville não é muito agradável. Mas existem lados bons. Quando Jake Mollicone ficou deprimido por causa de problemas nos negócios e tentou suicídio, os vizinhos "bisbilhoteiros" foram logo salvar a vida dele e ajudá-lo a se recuperar, fisicamente e mentalmente [...] [18] (1992, p. 152, grifos dos autores, tradução da autora da tese).

[18]Tradução para: "Residents of Palmville have a saying: 'Living here is like living in a fishbowl.' It certainly does seem like everybody's business (personal or not) is open to view from all sides. When the result is gossip about people's personal lives, this characteristic of Palmville life is not very

Nesse exemplo, a analogia entre a cidade de Palmville e um aquário foi utilizada para se defender o ponto de vista de que existem pontos negativos, mas também positivos, para quem mora em cidades pequenas.

2.2.5 Análise de processo

Um ponto central que orienta a argumentação pela análise de processo é o "como". Num sentido restrito, ela pode ser considerada um tipo de narração, mas uma diferença básica consiste no propósito de ambas. Enquanto, na narração prototípica, o foco recai sobre a história em si, na análise de processo, interessam mais os resultados advindos do processo narrado.

Decker e Schwegler (op. cit., p. 187) distinguem dois tipos de processo, a saber: 1) direcional: que explica como fazer algo e 2) informacional: que explica como algo é ou foi feito. Cabem, nesse caso, algumas questões específicas: 1) Como algo funciona? 2) Como podemos fazê-lo? 3) O que podemos concluir com a compreensão das operações envolvidas no processo?

> Análise é o processo de dividir algo complexo em elementos simples ou componentes. Qualquer coisa tomada como um todo pode ser analisada: esse processo aparece em quase todo tipo de texto - aqueles que têm o objetivo de informar, de instruir, de convencer, persuadir, de divertir ou agradar, de expressar sentimentos e emoções. (MENDES, 2010, p. 117).

No exemplo abaixo, extraído de uma produção textual de um concluinte do EM sobre "O desafio de se conviver com a diferença", o aluno fala sobre a colonização brasileira e narra passos do processo de miscigenação no Brasil.

> As raízes do Brasil têm origem com a chegada dos europeus no Século XV, tendo como pioneiros os portugueses que se depararam com uma cultura totalmente distinta da sua: a indígena. Nasce ai o primeiro embate entre povos, cuja finalidade era uma sobrepor-se à outra, escravisando-a atendendo, assim, aos ideais de exploração da nova colônia. Ocorre que a mão-de-obra indígena era avessa ao trabalho forçado, com isso os brancos foram compelidos a buscar na África o novo membro do conjunto multicultural que seria a nova terra: o negro.

---

pleasant. But it does have good sides. When Jake Mollicone grew depressed because of business problems and tried to commit suicide, 'nosey' neighbors were right there to save his life and help him recover, physically and mentally." (DECKER; SCHWEGLER, 1992, p. 152, grifos dos autores).

> No transcorrer dos Séculos XV, XVI, XVII e XVIII essas três raças, juntamente com outros povos europeus, dentre eles franceses, holandeses [...]

A partir da análise desse processo de mistura de raças e povos, o autor vai defender a sua tese de que é preciso saber conviver com a diferença.

2.2.6 Causa e efeito

Se, na argumentação pela análise de processo, interessa-nos mais o "como", no tópico causa e efeito, a atenção recai sobre o "porquê". Para se buscar argumentos, são pertinentes perguntas do tipo: 1) Quais são as causas prováveis de determinado fenômeno, uma guerra, por exemplo? 2) Quais os seus efeitos? 3) Como pode o conhecimento das possíveis causas e efeitos contribuir para a nossa compreensão de pessoas e eventos envolvidos?

Vale salientar que, na discussão de temas polêmicos como o aborto, por exemplo, é preciso considerar causas e consequências a curto e longo prazos, sob pena de se fazer uma abordagem muito superficial na argumentação.

O tópico causa e efeito é utilizado como estratégia argumentativa no exemplo abaixo, extraído de uma redação também sobre o tema "O desafio de se conviver com a diferença", de autoria de outro aluno também concluinte do EM.

> Ao olharmos para o passado, veremos o quão doloroso pode ser o destino quando imperam os preconceitos. Vivemos séculos de escravidão graças a idéia equivocada de que os negros eram inferiores e por isso podiam ser explorados e ultrajados. Em outra época, milhares de judeus foram perseguidos e mortos pela ideologia nazista de que uma nação pode se sobrepor às demais.
>
> Chegamos ao século XXI, marcado por avanços tecnológicos, onde a globalização encerra as fronteiras, expandindo as relações mundiais mas infelizmente os limites interiores ainda precisam de um longo caminho para se findarem. Os negros, mesmo após uma longa batalha, ainda sofrem com os estigmas do pré-abolicionismo; índios lutam pelas terras que lhes pertencem por direito; homossexuais pedem respeito e liberdade para serem felizes.

Nesse texto, o estudante apresenta um quadro histórico de escravidão e de preconceitos no Brasil como causa para dificuldades enfrentadas por negros, índios e homossexuais no século XXI.

2.2.7 Definição

Principalmente quando se trata do discurso científico, a definição de termos-chave com os quais se trabalha pode ser imprescindível. Muitas vezes, um termo a ser definido constitui o próprio assunto em debate quando se busca uma terminologia mais esclarecedora. Além do mais, temas como família e moralidade, por exemplo, podem ter abordagens bem distintas a depender da concepção conceitual que se tenha de cada um. Nesse sentido, os argumentos podem ser buscados através de algumas perguntas norteadoras: 1) Como o objeto em discussão deve ser definido? 2) De que modo uma definição nos ajuda a entender a importância ou as consequências de uma ideia, objeto, pessoa ou evento?

Ao abordar o tema "O indivíduo frente à ética nacional", um aluno a quem dei aulas de redação optou por iniciar sua produção textual pela estratégia da definição, ao definir o que se pode entender por "ética nacional". Segundo ele: "A ética nacional pode ser entendida por uma nação que vive pautada em valores sociais e culturais, além da moral e normas que direcionam o cidadão à ação considerada correta." Foi a partir dessa conceituação prévia, colocada como introdução, que o autor defendeu a sua tese de que é preciso haver uma ética nacional, que interfere diretamente na ética de cada cidadão em particular, e é indispensável para o desenvolvimento social.

2.2.8 Descrição

Em geral, o recurso da descrição é mais útil quando se trata de elementos concretos como uma pessoa, um objeto ou um cenário qualquer, mas também pode ser utilizado para abordar conceitos abstratos. Decker e Schwegler (1992, p. 311) falam de uma descrição objetiva - puramente factual e predominante no discurso científico – e de uma descrição impressionista – subjetiva e mais comum no discurso literário.

Ao desenvolver uma argumentação pelo tópico descrição, o orador pode se valer de questões como: 1) Qual é a aparência e quais são as características do objeto/assunto em análise? 2) Na descrição do assunto, o que podemos aprender sobre seu significado, caráter ou influência? O fragmento a seguir, extraído de uma redação de outro aprendiz com quem trabalhei, também sobre o tema "O indivíduo frente à ética nacional", apresenta uma descrição de um cenário de corrupção no contexto brasileiro.

> Nosso país sangra com tanta corrupção. São cargos ocupados por gente sem nenhuma aptidão, que foram contratados por seus entes eleitos; é barganha atrás de barganha para garantir patrocínio nas próximas eleições; são projetos superfaturados que, mesmo com verba repassada, nunca saíram do papel e cueca que, em vez de proteger orgãos genitais, virou esconderijo de dólares.

Essa descrição serve de "pano de fundo" para o autor apresentar e desenvolver a sua tese de que é preciso haver uma maior preocupação com a ética nacional e acabar com a corrupção que prejudica o desenvolvimento do país.

2.2.9 Narração

Como regra geral, o tópico narração deve ser usado na argumentação apenas se for útil para o escritor comunicar as suas ideias. Como já foi dito em 2.2.5, a narração pode, por exemplo, contribuir quando se faz uma argumentação pela análise de processo. Vale lembrar que o foco deve estar não na história em si, mas nas suas consequências, nos seus desdobramentos. Nesse caso, pode se perguntar factualmente: O que aconteceu? Mas é preciso aprofundar a questão e questionar também: Quais as consequências do que aconteceu? O que os eventos revelam sobre os participantes ou sobre outros eventos que poderemos vir a experienciar?

O fragmento a seguir, produzido por um aluno em preparação para o vestibular, sobre o tema "Os dois lados do mundo virtual", constitui-se de uma pequena narração do desenvolvimento histórico da internet.

> Nos primeiros anos da década de 90, a população mundial passou a usufruir da até então desconhecida maravilha tecnológica denominada Rede Mundial de Computadores. A sigla em inglês www passou a fazer parte do dia-a-dia de adultos, crianças e idosos. Seu criador, o norteamericano Bill Gates, dividira a história entre o antes e o depois da Internet.

Partindo-se desses fatos, o estudante fala da grande influência que a internet exerce na vida das pessoas e passa a defender a tese de que é preciso ter cuidado com o mundo virtual, porque, apesar de ele ter um lado positivo, pelos benefícios que proporciona, também tem o lado negativo, porque pode prejudicar o ser humano que não souber utilizá-lo devidamente.

2.2.10 Indução e dedução

Indução e dedução são importantes mecanismos para se chegar a e/ou explicar determinadas conclusões. Segundo Mendes (2010, p. 36), "quando se raciocina indutivamente, parte-se de pequenas particularidades e de pedaços de evidência, e então desenha-se uma conclusão sobre essa evidência". A indução é o processo pelo qual se faz uma generalização a partir de algumas evidências.

No processo de dedução ou silogismo, de um princípio geral, mais abrangente, deduz- se uma conclusão menor. Se todos os membros de um partido x são corruptos e y é membro desse partido x, logo y é corrupto.

Na busca por argumentos com o uso deste tópico, o aluno pode fazer perguntas do tipo: 1) Que generalização uma evidência pode sugerir? 2) Que conclusões futuras poderemos tirar de uma generalização? 3) Como esses processos de raciocínio ajudam a entender eventos ou fenômenos sociais?

Ao discutir o fenômeno político-social da seca no Brasil, um estudante usa a estratégia da indução para convencer o leitor.

> Não são as chuvas escassas o principal problema dos que vivem no Sertão. O maior empecilho é a falta de interesse político, haja vista a conveniência de existirem eleitores miseráveis e persuasíveis, que se tornam presas fáceis aos objetivos meramente eleitoreiros dos candidatos da região. Não é preciso ir longe para comprovar que o "polígono das secas" pode ser transformado em uma área rentável, sem causar grandes gastos no orçamento dos Estados ou da União. [...]
>
> [...] Não é a terra árida ou a escassez de chuvas que determinam a "vida severina" do sertanejo, mas sim, a ausência de decoro político que persuade esses tantos "severinos". (In: XAVIER, 2001, p. 81, grifos do estudante).

Após explicitar a sua tese na introdução, o discente coloca algumas evidências para "provar" a sua conclusão de que o maior problema dos sertanejos não é a falta de chuva, e sim, "a ausência de decoro político".

Neste capítulo que ora se encerra, foram apresentadas as bases teóricas que nortearam o presente trabalho, incluindo alguns princípios da Pedagogia Retórica. Na sequência, serão apesentadas as etapas e atividades contempladas na metodologia de pesquisa que foi utilizada.

3 METODOLOGIA

Esta investigação foi desenvolvida como um estudo de caso, através de uma metodologia etnográfica e com métodos de pesquisa de natureza dialética. Segundo Lakatos e Marconi, na perspectiva desse tipo de método,

> [...] as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em via de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro.
> Por outro lado, as coisas não existem isoladas, destacadas umas das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. (2010, p. 83, grifo das autoras).

Assim sendo, ao longo da pesquisa, também segui princípios do método indutivo, no qual "observando casos particulares, procuramos neles um padrão, uma regularidade que os explica e se aplica a todos os casos isolados análogos aos casos observados, isto é, fazem-se generalizações depois de observar um número de casos particulares análogos." (MENDES, 2010, p. 36).

Yin (2005) aborda seis fontes de evidências que podem ser usadas em um estudo de caso. São elas: documentação, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos (p. 111). Nesta pesquisa, foram usadas, prioritariamente, quatro fontes sugeridas por Yin: observação direta, documentação, observação participante e entrevistas com alunos e professoras; e uma quinta fonte, que é um questionário que foi respondido pelos alunos.

Além dessas fontes formais, também utilizo notas de campo, obtidas a partir de conversas sobre a pesquisa com a Diretora, as professoras e os alunos participantes.

3.1 Coleta dos dados

Minha pesquisa de campo, já contextualizada na introdução, iniciou-se com as seguintes indagações:

a) Como será feito o trabalho com a produção de texto em sala de aula? Qual será a metodologia utilizada pelos professores?
b) Há ou haverá um planejamento escolar quanto aos temas, tipos e gêneros textuais a serem trabalhados nos três anos do Ensino Médio?

c) Em algum período do ano letivo pesquisado (2014), a produção textual será guiada por Sequências Didáticas, conforme proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)?
d) Quais são as concepções dos professores sobre tipos e gêneros textuais?
e) Que temas e gêneros serão trabalhados? Por quê? Haverá atividades de retextualização?
f) Ao se trabalhar um determinado gênero, o professor oferece ao aluno um texto modelo que lhe sirva de base?
g) O que será priorizado na avaliação pelo professor? A forma, o conteúdo ou ambos? Que critérios serão utilizados?

Como se vê pelas questões de pesquisa acima, eu tinha, por hipótese, que haveria atividades de produção textual nas salas de aula observadas, com avaliação das redações dos alunos pelas professoras e com o retorno dessas redações aos seus autores. Entretanto, poucos foram os textos produzidos ao longo do ano letivo, a partir de propostas apresentadas pelas professoras regentes das turmas que participaram desta pesquisa. E, além de terem escrito pouco, os discentes não receberam o devido *feedback* pelos textos produzidos nas aulas comuns, isto é, a devida avaliação feita pelas suas professoras.

Durante a realização da pesquisa, as hipóteses se tornaram "questões analíticas", isto é, questões de investigação, "em torno das quais a atividade de coleta de dados pode ser sistematizada" (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 55).

Em 2013, durante as tramitações do projeto no Comitê de Ética da UFMG, pedi permissão à Diretora da escola para fazer minha pesquisa na instituição. Em atendimento ao meu pedido, ela assinou, então, o Termo de Anuência (Anexo III, p. 143). Posteriormente, pedi também às professoras de Língua Portuguesa do Ensino Médio dessa escola para me aceitarem como pesquisadora em suas salas de aula, bem como para eu ter acesso aos textos argumentativos que os seus alunos viriam a produzir em 2014. Dando-me permissão para a pesquisa, elas assinaram, então, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo IV, p. 145).

Conforme previsto no projeto de pesquisa, após iniciado o primeiro semestre letivo de 2014, em 03 de fevereiro, comecei minha coleta de dados, *in loco*, numa escola pública estadual, localizada em Brás Pires, interior de Minas Gerais. O projeto original de pesquisa previa a observação direta e o acompanhamento das aulas de Língua Portuguesa que fossem abordar a produção de textos argumentativos em todas as turmas de Ensino Médio da referida escola e deveria envolver, então, 100 alunos aproximadamente.

Nessa escola campo de pesquisa, no Ensino Médio, em 2014, havia uma professora de Língua Portuguesa que trabalhava com duas turmas do 1º ano, duas do 2º ano e mais uma

turma do 3º ano (a Turma A). Outra professora de Língua Portuguesa atuava com a segunda turma de 3º ano (a Turma B).

No ano letivo em questão, foram as próprias professoras que decidiram se, quando e como trabalhar com a produção de textos, visto que não houve um planejamento formal para isso. No início do ano letivo de 2014, a professora dos 1º e 2º anos me informou que não trabalharia com argumentação nessas turmas, apenas com narração e descrição. Como essa docente baseava seu ensino de redação no livro **Técnicas básicas de redação** (GRANATIC, 2005), ela distribuía narração, descrição e argumentação entre os três anos do EM, conforme as unidades temáticas desse livro: 1ª Unidade: A técnica da narração, 2ª Unidade: A técnica da descrição e 3ª Unidade: A técnica da dissertação.

Já que o ensino da argumentação estaria excluído dos dois anos iniciais do EM, o grupo de participantes da pesquisa ficou restrito às turmas de 3º ano (A e B),cada uma composta por 26 alunos.

Inicialmente, atendendo a exigências do Comitê de Ética da UFMG, apresentei aos alunos das duas referidas turmas o Termo de Assentimento (Anexo V, p. 147), através do qual eles foram informados dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como dos aspectos éticos nela envolvidos. 6 alunos da Turma A e 1 aluno da Turma B não concordaram em participar da pesquisa, visto se tratar de participação voluntária, premissa assegurada pelo Termo de Assentimento.

Dessa forma, a partir dessa primeira abordagem, passei a contar com um grupo de 45 participantes: 20 da Turma A e 25 da Turma B. Como 43 desses estudantes tinham menos de 18 anos de idade no início da pesquisa, seus pais ou responsáveis também foram procurados. A esses foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo VI, p. 149), o qual assinaram, autorizando a participação dos referidos menores.

Conforme combinado com a Diretora da escola, eu pretendia fazer observação direta de reuniões pedagógicas que fossem tratar de planejamento(s) e/ou discussões sobre as aulas de produção textual no Ensino Médio. Entretanto, durante o ano letivo de 2014, não houve nenhuma reunião para tratar desse assunto.

Para a coleta de dados, o projeto de pesquisa previa observação direta também das aulas de produção textual enquanto ministradas pelas professoras. Em atendimento à grade curricular, as turmas de 3º ano do Ensino Médio tinham 4 aulas semanais de Língua Portuguesa, sem haver aula de redação separada, como, às vezes, ocorre em algumas escolas. Por esse motivo, ficou acertado que as professoras participantes deveriam me comunicar quando planejassem aulas nas quais fossem incluídas atividades de produção de texto.

Em um ano de pesquisa, houve a observação de apenas uma aula na Turma A, sobre a qual eu fui informada antecipadamente, e nenhuma na Turma B. Ocorreram outras poucas atividades envolvendo a escrita de redação, mas sem a minha presença, por não ter sido avisada previamente.

A metodologia de pesquisa prevista no projeto original era, essencialmente, investigativa, de observação e descrição da realidade, portanto. Entretanto, ao final do primeiro semestre letivo, meu banco de dados dispunha de uma quantidade insuficiente de redações para serem analisadas como corpus de pesquisa, conforme consta na tabela abaixo:

Tabela 1 - Redações solicitadas pelas professoras regentes

TURMA	REDAÇÃO	TEMA	Nº DE ALUNOS QUE ENTREGARAM
A	1	Copa do Mundo	17
	2[19]	1) Momento mais adequado para entrar na universidade	0
		2) Pressa e qualidade de vida	3
		3) Duração do amor	5
B	1	Importância do esporte	15

Fonte: Dados de pesquisa.

A análise de uma quantidade tão reduzida de textos não seria suficiente para apontar recorrências significativas que pudessem ser tratadas na tese. Deparei-me, então, com o seguinte dilema metodológico: Se não há planejamento, se não há aula de produção textual, acabou a pesquisa?

Devido a esse desafio e também pelo fato de a maioria dos sujeitos da pesquisa estar inscrita para fazer o ENEM em 2014 e ter interesse em aprimorar a redação, optei por realizar também ações de intervenção, acompanhadas da observação participante.

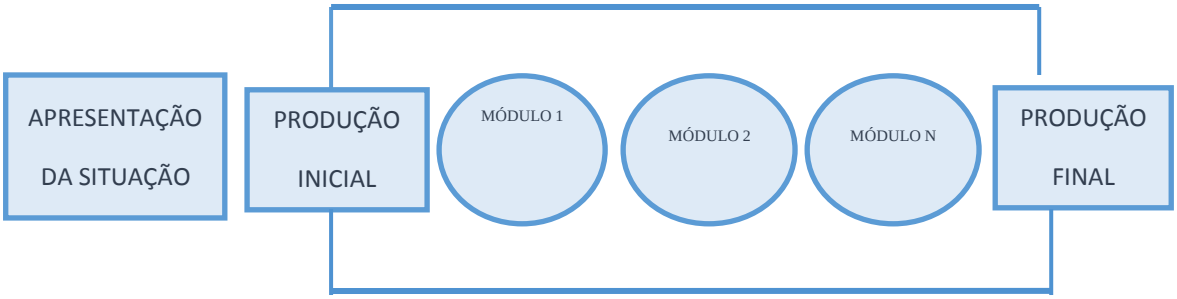
Assim sendo, a principal fonte de evidências para este estudo passou a ser as redações argumentativas produzidas por 45 alunos do 3º ano EM, em dois simulados da prova de redação do ENEM (Anexo VII, p. 151-196 e Anexo VIII, p. 197-238, respectivamente) que foram conduzidos por mim, na condição de pesquisadora-professora[20], no segundo semestre do ano letivo de 2014. Tais redações se constituem em documentos pelos quais foram avaliadas as habilidades de produção de textos dos discentes participantes.

[19]Proposta apresentada no livro didático (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 136-137).

[20]Durante o ano letivo de coleta de dados (2014), na escola campo de pesquisa, meu papel principal era de pesquisadora, mas também me tornei pesquisadora-professora, ou seja, em determinadas aulas, assumi também o papel de professora regente de turma.

Para dar início à etapa de intervenção, planejei uma "Sequência Didática" (SD) sobre produção textual, inspirada na SD de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83) para eu mesma trabalhar com as Turmas A e B. Para esses autores, uma "sequência didática" é "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (Ibid., p. 82). A SD está representada no seguinte esquema:

Figura 2 - Esquema da Estrutura Básica da Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83).

O planejamento dessa SD foi entregue, antecipadamente, às professoras participantes e à Diretora da escola, para conhecimento. Ela foi realizada com o principal objetivo de coletar dados para esta pesquisa além de contribuir para o aperfeiçoamento das habilidades de produção textual dos sujeitos participantes.

O gênero textual de base dessa SD foi a redação do ENEM, com especial atenção para a argumentação, visto que a maioria dos alunos envolvidos prestariam o exame do ENEM em novembro de 2014 e esse era o meu foco de interesse como pesquisadora, que também se tornaria professora temporariamente.

Conforme o esquema acima, foram contempladas as etapas de produção, revisão e reescrita textual no planejamento de 5 aulas que integraram a SD, conforme se segue:

Aula 1[21]: Apresentação da situação (realizada em 04/08/2014) - Apresentação e discussão da Matriz de Competências para a redação do ENEM 2014 e análise de um texto modelo - uma redação avaliada com a nota 1000 no ENEM 2012 (Anexo IX, p. 239), publicada no guia do participante (BRASIL, 2013, p. 34-35), considerada como paradigma e exemplo de produção textual bem sucedida no gênero em questão. Valendo-me do princípio da imitação na Pedagogia Retórica, o conteúdo e a forma dessa redação foram "dissecados"

[21]Com exceção da Aula 2, as demais tiveram duração de 50 min, conforme o horário da escola campo de pesquisa.

para que os alunos pudessem perceber as estratégias argumentativas utilizadas e a própria textualidade, tendo como base as cinco competências da matriz apresentada.

Essa exploração do texto modelo permitiu um "diálogo" dos discentes com o que estavam lendo, estabelecendo-se, assim, uma interação muito profícua para a aprendizagem. Apesar da relevância que a imitação tem na Pedagogia Retórica, não foi possível trabalhar com essa estratégia de aprendizagem nas ações de intervenção, porque o tempo de que eu dispunha para atuar em sala de aula não possibilitava. Na aula seguinte, os alunos já foram solicitados a escrever, por si mesmos, a primeira redação. Em outro contexto, no decorrer do trabalho regular de um ano letivo, a longo prazo, o professor tem as condições necessárias e favoráveis para trabalhar com atividades de imitação antes da produção livre.

Aula 2: Produção textual inicial (realizada em 07/08/2014, com duração de1h e 40 min – 2 aulas seguidas, de 50 min cada) - Realização de um simulado da prova de redação do ENEM. Esta atividade foi realizada em duas aulas seguidas e pelas duas turmas de 3º ano, conjuntamente, para garantir o sigilo sobre o tema: "Racismo: como virar de vez essa triste página da história?" (Anexo X, p. 240).

Nessa oportunidade, os alunos receberam uma proposta de produção de texto adequada à Matriz de Competências para a redação do ENEM 2014, uma folha para rascunho e outra para a versão final. Ao final do simulado, todas as folhas de rascunho e de prova foram recolhidas como material de pesquisa.

Aula 3: Resultados da avaliação do simulado - As redações produzidas pelos alunos no simulado foram avaliadas por mim, com base na Matriz do ENEM que foi trabalhada na Aula 1 desta SD. Os resultados gerais de cada turma foram apresentados através de gráficos de notas e com estatísticas, exemplificações e discussões de pontos positivos e negativos encontrados quanto aos aspectos linguísticos, textuais e discursivos dos textos, referentes às cinco competências contempladas na matriz.

Em cada redação, cada uma dessas competências foi classificada em níveis de 0 a 5 e, a cada nível de classificação, foi atribuída uma nota, numa escala de 2 em 2 pontos, da seguinte forma:

Quadro 1 - Níveis e notas para avaliação de redações

nível 0	nota 0,0
nível 1	nota 2,0
nível 2	nota 4,0
nível 3	nota 6,0
nível 4	nota 8,0
nível 5	nota 10,0

Fonte: Dados de pesquisa.

Na composição da nota final, a média obtida nessa escala foi multiplicada por 100 para se obter uma nota entre 0 e 1000, seguindo-se os parâmetros adotados no ENEM.

As redações corrigidas foram entregues aos alunos para que, considerando as observações feitas e após as discussões dos resultados, cada um pudesse reescrever seu texto como produção final da SD. Essa reescrita da redação também foi recolhida e avaliada por mim e depois devolvida aos participantes.

Quando retornaram para os alunos, além das informações sobre níveis e notas, cada redação continha também marcações que indicavam, ao autor do texto, os problemas encontrados pela pesquisadora. Essas marcações foram feitas através de códigos, indicados no quadro abaixo, os quais foram explicitados e entregues aos alunos:

Quadro 2 - Códigos usados para leitura e correção

___ (sublinhado): palavra(s) inadequada(s), === (sublinhado duplo): repetição desnecessária de palavras; ✓ : ortografia, acentuação, crase, maiúsculas e minúsculas, concordância; //: pontuação, paragrafação; (.?.): problema de coesão ou de coerência, não compreensão; ( ): trecho com problema, ordem das palavras na frase; (...): completar, dizer mais; ?: falta de palavras; ⟶ : recuo do parágrafo; ⟵ " ... ": citação, cópia do texto original; [...]: trecho com problema mais sério.

Fonte: Dados de pesquisa.

Aula 4: Módulo 1: Atividades de correção e/ou reescrita - O conteúdo desta aula foi elaborado a partir dos resultados da avaliação do simulado e procurou contemplar tanto aspectos linguísticos, quanto textuais e discursivos dos textos dos alunos. Para tanto, elaborei uma lista (Anexo XI, p. 241) com 24 fragmentos com algum problema, extraídos das redações produzidas pelos alunos das duas turmas, no Simulado 1 do ENEM 2014. Essa estratégia visava contribuir para que eles pudessem, de algum modo, superar dificuldades que apresentaram.

Aula 5: Módulo 2: Avaliação comparativa entre a 1ª versão e a reescrita - Na conclusão da SD, os alunos, em casa, fizeram a reescrita da primeira versão da redação. Feita essa reescrita, as duas versões foram comparadas para se observar que tipo de alterações o aluno conseguia fazer em seu texto original.

Após concluída a primeira SD envolvendo uma produção textual sobre racismo, alguns alunos que se mostraram bastante motivados me pediram que realizasse um segundo simulado e justificaram essa solicitação alegando que seria uma forma de se prepararem melhor para o ENEM.

Diante disso, organizei uma segunda SD. Tal como ocorreu na primeira, o planejamento da segunda também foi entregue às professoras participantes e à Diretora da escola, para conhecimento. Com um direcionamento um pouco diferente da primeira, essa segunda SD abordou, mais especificamente, algumas estratégias argumentativas que poderiam auxiliar os alunos na elaboração e organização dos argumentos.

Essa instrumentalização foi baseada nos princípios teóricos da Pedagogia Retórica: a *stasis* e os tópicos (apresentados no item 2.2 acima), mas foi exposta muito brevemente, em uma aula de 50 minutos apenas. Mesmo com essa escassez de tempo para se trabalhar um conteúdo que considero extremamente relevante para o ensino da argumentação, pretendia verificar se, ainda assim, a abordagem sobre estratégias argumentativas teria algum efeito nos textos dos alunos. Além da minha exposição e explanação, cada aluno recebeu uma cópia com as estratégias trabalhadas em sala de aula (Anexo XII, p. 242).

No dia 16 de setembro de 2014, foi realizado o segundo simulado do ENEM, sobre o tema "Direitos humanos e homofobia". Os procedimentos para a realização desse simulado foram praticamente os mesmos adotados na primeira SD. Como exceção, pedi que, na segunda redação, os alunos utilizassem uma ou mais estratégia(s) argumentativa(s) apresentadas na primeira aula da segunda SD (Anexo XIII, p. 245).

É importante destacar que, durante as aulas que integraram as duas SDs descritas, assumi a condição de observadora participante, visto que me tornei, a um só tempo, pesquisadora e professora em serviço, estudando a própria prática. Mediante essa condição e desejando sondar a visão dos alunos participantes quanto à questão da redação na escola e a percepção que eles tinham das ações de intervenção que eu tinha realizado, elaborei um questionário para todos os discentes responderem (Anexo XIV, p. 246-289).

Outro método utilizado para coleta de dados foi a realização de uma entrevista semiestruturada com dois alunos de cada turma que obtiveram as maiores notas nos simulados (Anexo XV, p. 290).

Para Lüdke e André (2005), a entrevista semiestruturada é aquela "que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações" (p. 40).

A entrevista com cada aluno foi agendada previamente, considerando-se locais e horários mais convenientes para os informantes, para que eles pudessem se sentir menos inibidos. Alguns alunos me receberam na própria residência e, desse modo, houve um clima de maior tranquilidade e confiança na interação, que se assemelhou mais a uma conversa do que a uma entrevista propriamente dita.

Conforme afirmam Lüdke e André,

> [...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas [...] Na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural e autêntica. (2004, p. 39).

Devido ao fato de a aceitação mútua ter sido a principal preocupação neste método de pesquisa, os registros foram feitos por meio de notas durante a entrevista. Apesar de acreditar que a gravação em áudio e/ou vídeo registra, mais fielmente, os dados das entrevistas, optei por não usar esse tipo de recurso por acreditar que ele poderia aumentar a tensão entre pesquisadora e informantes. Houve o propósito de se estabelecer a maior proximidade possível entre ambos, devido às atividades de intervenção realizadas em sala de aula e por se tratar de conterrâneos, de pessoas que se conhecem e interagem em outras instâncias além da pesquisa. Nesse contexto, a presença de um gravador poderia impedir que os alunos se expressassem livremente.

Além dos procedimentos já descritos, em 18 de dezembro de 2014, após concluído o ano letivo, também fiz uma entrevista semiestruturada com as professoras participantes da pesquisa (Anexo XVI, p. 291). Essa entrevista abordou questões pertinentes ao trabalho com redação em sala de aula bem como a percepção das professoras sobre a pesquisa que eu estava desenvolvendo.

Enquanto foram realizadas as atividades de intervenção deste estudo nas aulas de Língua Portuguesa, a professora de Geografia das duas turmas de 3º ano EM que participaram da pesquisa desenvolveu um projeto que também contemplou a escrita de uma redação. Considerando que, no conteúdo dessa produção, os alunos falaram sobre o ensino de redação em geral, a preparação para o ENEM e outros vestibulares e, mais especificamente, sobre o ensino da argumentação, esses dados também foram tratados nesta tese.

Esse trabalho da professora de Geografia fazia parte de um projeto maior, do governo federal, denominado "Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio"[22]. Para realizá-lo, ela participou de uma capacitação de uma semana de duração, oferecida por um polo regional da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, em Juiz de Fora - MG.

Já em sala de aula, inicialmente, houve uma roda de conversa para sondagem sobre o perfil dos alunos: o que gostavam de ler, o que faziam nas horas vagas etc. Depois disso, em 28 de outubro de 2014, a professora pediu que os alunos escrevessem uma redação, falando sobre "Projetos para o futuro". Como motivação para o tema (Anexo XVII, p. 292), inicialmente, os alunos ouviram um poema de Carlos Drummond de Andrade: "O homem; as viagens", declamado pelo próprio Drummond; leram esse poema; ouviram uma música de Milton Nascimento: "Caçador de mim" e conversaram sobre os dois textos. A redação foi escrita em sala de aula, durante duas aulas seguidas, de 50 minutos cada.

Na avaliação dessa produção de texto, segundo a professora, o que mais contou foi o conteúdo e foi atribuída uma nota de participação.

Os resultados obtidos foram partilhados em um encontro do grupo de estudos da escola, realizado em 23 de outubro de 2014, e, posteriormente, em novembro, em um encontro de orientadores promovido pela 38ª Superintendência Regional de Ensino de Ubá - SRE, em Ubá - MG.

Como conclusão do projeto, as sugestões apresentadas por escrito pelos discentes foram utilizadas pela escola campo de pesquisa para rever o seu planejamento pedagógico para 2015.

A análise de todos os dados obtidos, bem como a discussão dos resultados encontrados serão apresentadas no Capítulo 4 adiante.

3.2 Códigos para a correção de redações

Já foi justificado nesta tese que, durante a coleta, fui impulsionada a fazer intervenção e incorporar aos dados de pesquisa os textos produzidos pelos participantes a

[22]"O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, instituído pela Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013, representa a articulação e a coordenação de ações e estratégias entre a União e os governos estaduais e distrital na formulação e implantação de políticas para elevar o padrão de qualidade do Ensino Médio brasileiro, em suas diferentes modalidades, orientado pela perspectiva de inclusão de todos que a ele tem direito."
Disponível em:
<http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1:pacto-pelo-fortalecimento-do-ensino-medio&catid=8&Itemid=101>. Acesso em: 7 jan. 2016.

partir de propostas que eu mesma elaborei e os quais eu mesma corrigi. Intencionava analisar e refletir sobre o ensino e as intervenções das professoras regentes, porém tive que refletir sobre minha própria prática na condição de pesquisadora-professora naquela ocasião.

Conforme já mostrado anteriormente, as redações dos dois simulados que os alunos fizeram durante a coleta de dados para esta pesquisa foram avaliadas e corrigidas através de códigos, os quais eram de conhecimento dos alunos. Nesta pesquisa, em consonância com as definições de Serafini, avaliação e correção são consideradas duas atividades distintas.

> A *correção* é o conjunto das intervenções que o professor faz na redação pondo em evidência os defeitos e os erros, com a finalidade de ajudar o aluno a identificar os seus pontos fracos e melhorar.
> A *avaliação* é o julgamento que o professor dá ao texto, através de uma nota ou de um comentário verbal, com o objetivo de quantificar seu resultado em relação ao dos demais alunos e aos resultados anteriores do próprio aluno. (SERAFINI, 2004, p. 97, grifos da autora).

No caso da redação do ENEM, apesar de o edital falar de correção, só ocorre, de fato, avaliação, visto que nenhuma intervenção é feita no texto do candidato. O Anexo II (p. 142) traz o espelho de uma redação avaliada no ENEM 2014 e nela não há qualquer marcação feita pela banca avaliadora. Portanto, houve apenas avaliação, não correção conforme estou tratando nesta tese.

Sei que os códigos que usei são passíveis de críticas e, "pela própria natureza, limitados em termos de significação" (RUIZ, 2013, p. 157), visto que são ambíguos; cumulativos, como no caso do sinal V para indicar problemas de: ortografia, acentuação, crase, maiúsculas e minúsculas, concordância; mas eles têm a vantagem de desafiar o aluno a ler novamente o seu texto e a refletir sobre o que produziu, sobre os usos linguísticos em determinados contextos, isto é, considerar, pelo menos, a frase em que a palavra foi escrita. Esse exercício dará ao aluno mais condições de evitar os mesmos erros em outras produções. Como se verá na análise do questionário, com a reescrita, muitos alunos puderam perceber que tinham cometido "erros bobos" na primeira versão.

Segundo Serafini: "A catalogação dos erros e o uso sistemático das categorias na correção não são vantajosas só para o estudante; tornam o trabalho do professor mais mecânico." (2004, p. 109).

Uma crítica mais pertinente quanto à eficiência ou não da lista de códigos que foi usada nesta pesquisa poderia ser feita a partir da análise da reescrita feita pelos alunos da primeira versão corrigida, tarefa essa que fugiu ao escopo da presente pesquisa e, portanto,

não foi efetivada. Remeto o leitor interessado nesse assunto ao trabalho de Cristiane Bouzada (2014), que investigou os efeitos do *feedback* do professor na reescrita dos alunos.

Certamente, um professor-pesquisador de Língua Portuguesa, que tenha um olhar mais reflexivo sobre suas aulas e sobre a aprendizagem de seus alunos e que contemple atividades de produção de texto, com correção e reescrita, poderá, ao final de um ano letivo, obter resultados ilustrativos sobre o uso desse ou de quaisquer outros tipos de correção.

De qualquer modo, seja como for, "a correção de um texto desafia especialmente os professores novatos, que só se tranqüilizam depois de certo tempo de prática, quando adquirem um método próprio, um estilo de correção e, principalmente, parâmetros para avaliar novos textos" (SERAFINI, 2004, p. 107).

Interessada na problemática sobre como se corrige redações na escola, para categorizar as intervenções do professor no texto do aluno, Ruiz (2013) segue uma tipologia proposta por Serafini (2004), uma autora italiana. As correções, segundo esta, se encontram entre três tendências: indicativa, resolutiva e classificatória:

> A correção *indicativa* consiste em marcar junto à margem as palavras, frases e períodos inteiros que apresentam erros ou são pouco claros. Nas correções desse tipo, o professor freqüentemente se limita à indicação do erro e altera muito pouco; há somente correções ocasionais, geralmente limitadas a erros localizados, como ortográficos e lexicais.
> A correção *resolutiva* consiste em corrigir todos os erros, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros. O professor realiza uma delicada operação que requer tempo e empenho [...] (SERAFINI, 2004, p. 113).

A terceira tendência de correção é a chamada *classificatória*: "Tal correção consiste na identificação não-ambígua dos erros através de uma classificação. Em alguns desses casos, o próprio professor sugere as modificações, mas é mais comum que ele proponha ao aluno que corrija sozinha o seu erro." (Ibid., p. 114).

Além dessas três categorias apontadas por Serafini, Ruiz (2013) discute uma quarta tendência, denominada correção *textual-interativa*, nas correções usadas pelos professores: "Trata-se de comentários mais longos do que os que se fazem na margem, razão pela qual são geralmente escritos em sequência ao texto do aluno [no espaço apelidado de 'pós-texto']. Tais comentários realizam-se na forma de pequenos 'bilhetes' [...]" (RUIZ, 2013, p. 47).

No caso do *feedback* que forneci aos discentes durante a fase de intervenção desta pesquisa, procurei utilizar, prioritariamente, a correção classificatória, visto que visava a reescrita dos alunos a partir das minhas intervenções. Em alguns casos, também me vali dos "bilhetes no pós-texto" para tratar de aspectos que demandavam mais atenção e/ou reflexão da

parte do aluno, como a insistente falta de "pingos nos is", de "perninhas nos as" em finais de palavras, por exemplo. Trata-se, pois, de uma instância mais dialógica entre professor e aluno.

Ruiz argumenta que "não há dúvida: os 'bilhetes' seriam o ideal, sempre (tanto quanto um atendimento oral individualizado...). Não obstante, as condições de trabalho do professor só têm lhe permitido operar dentro do universo do possível" (RUIZ, 2013, p. 166). Felizmente, além do *feedback* individual, por escrito, em cada redação que o aluno fez para a pesquisa, houve uma discussão coletiva em sala de aula e também alguns casos de *feedback* individual e oral, situações em que conversei com um ou outro aluno, fora da sala de aula, sobre problemas individuais. Foi o caso, por exemplo, de A15, que escreveu textos grandes demais para o limite de 30 linhas.

A45 foi outro aluno com quem julguei relevante conversar fora de sala de aula sobre redação. Isso porque o participante tinha obtido boas notas nos dois simulados, mas apresentava problemas que demandavam mais atenção. Esse aluno teve desempenho de destaque também na redação do ENEM 2014, com nota 800, uma pontuação lhe possibilitou ingressar, no segundo semestre de 2015, pelo SISU, no Curso de Odontologia da UFJF.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A idade dos 45 alunos que participaram desta pesquisa varia entre 17 anos (a idade da maioria) e 21 anos. São pessoas de classes sociais heterogêneas, em geral, filhos de: comerciantes, funcionários públicos e trabalhadores rurais. Desses, apenas 4 frequentaram um cursinho pré-ENEM ao mesmo tempo em que cursavam o 3º ano EM.

Por razões éticas, não identificarei os sujeitos da pesquisa com seus nomes reais. Usarei letras maiúsculas e algarismos arábicos para identificar: 1) as professoras - P1 (Professora 1) e P2 (Professora 2), 2) os alunos - A1 (Aluno 1), A2 (Aluno 2) etc. e 3) as redações - R1 (Redação 1), R2 (Redação 2) etc.

Já na primeira etapa da pesquisa de campo, quando apresentei o Termo de Assentimento, chamou-me a atenção o fato de que alguns alunos não quiseram participar da pesquisa por se sentirem intimidados, alegando que "não sabiam escrever, não sabiam fazer redação" e que sentiam vergonha por eu ler os textos que iriam escrever.

A18, que aceitou participar da pesquisa, também confessou que tinha muita dificuldade e demonstrou uma autoestima muito baixa em relação às suas habilidades de leitura e escrita. Esse participante disse que tinha muita dificuldade para entender o que lia e que achava não ser possível para ela escrever uma boa redação.

É interessante dizer que também as professoras participantes da pesquisa tinham um sentimento de intimidação, de dúvida, para trabalhar com a produção de textos em sala de aula. Em uma única aula observada, a professora P1 falou que estava muito insegura e nervosa, "com o coração saindo pela boca". Segundo ela, na aula seguinte, sem a minha presença na sala, o conteúdo fora abordado novamente, com mais tranquilidade. Isso demonstra como a presença de uma pesquisadora em sala de aula provocou alteração no comportamento da professora que estava sendo observada.

A professora P2, por sua vez, disse nunca ter tido uma redação sua, enquanto estudante, devidamente corrigida por um professor, com uma correção que apontasse erros e acertos na escrita do texto. Chamou-me a atenção o fato de ela ter pedido para fazer a redação junto com seus alunos no primeiro simulado e que eu corrigisse seu texto tal como os dos discentes.

Nessa etapa de observação, poucas foram as atividades de produção de texto solicitadas aos alunos, mas o fato mais preocupante é que, infelizmente, nenhuma das turmas pesquisadas recebeu o devido *feedback* da professora, ou seja, não recebeu seu texto de volta, corrigido. O processo de escrita se encerrou com a entrega dos textos às professoras.

Conforme se verá em 4.1.4 (p. 99), na entrevista realizada com as professoras, depois de encerrado o ano letivo, elas disseram que essa ausência de resposta aos alunos era justificada pela presença da pesquisadora, viso que havia o medo de "arriscar", de "fazer errado" e confundir seus alunos.

De qualquer modo, vale destacar que um *feedback* positivo para o aprendiz é, com certeza, a principal motivação que ele pode receber para continuar produzindo outros textos. Deve haver elogios ao que for bom e uma orientação justa quanto ao que tiver que ser corrigido. É preciso também que o discente sinta que escreve para alguém ler, realmente, não apenas para cumprir uma obrigatoriedade da escola.

4.1 Resultados e discussões

Neste item, apresento uma análise sistematizada das seguintes fontes de evidências utilizadas na pesquisa: 4.1.1 Análise de redações de dois simulados da prova de redação do ENEM (Anexos VII e VIII, p. 151-196 e p. 197-238, respectivamente), 4.1.2 Análise de um questionário respondido pelos alunos (Anexo XIV, p. 246-289), 4.1.3 Análise de uma entrevista semiestruturada feita com 4 alunos que obtiveram as maiores notas nos simulados (Anexo XV, p. 290), 4.1.4 Análise de uma entrevista semiestruturada feita com as duas professoras (Anexo XVI, p. 291), 4.1.5 Análise do LD usado por P1 e 4.1.6 Análise de um projeto desenvolvido pela professora de Geografia.

4.1.1 Análise de redações de dois simulados da prova de redação do ENEM

Nesta pesquisa, foram analisadas 87 redações num total geral: 45 coletadas no Simulado 1 - 20 da Turma A e 25 da Turma B - e 42 coletadas no Simulado 2 -19 da Turma A e 23 da Turma B.

As redações do corpus de pesquisa foram analisadas com base nas competências expressas na Matriz de Referência para Redação do ENEM 2014:

> I - Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
> II - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
> III - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

> IV - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
> V - Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. (BRASIL, 2014, Anexo IV do Edital, p. 1-3).

Nessa matriz, cada uma das cinco competências que a compõem é avaliada em níveis que vão de 0 a 5, de acordo com o desempenho do participante (Anexo I, p. 141). As redações corrigidas nos dois simulados também foram classificadas nesses níveis, conforme as análises que se seguem. Porém, atendendo aos propósitos desta pesquisa, foram analisadas aqui somente as Competências II, III e V, porque são aquelas que tratam da argumentação.

4.1.1.1 Competência II

As Tabelas 2 e 3 a seguir mostram estatísticas sobre os níveis de classificação das redações dos dois simulados no que se referem à Competência II da Matriz do ENEM.

Tabela 2 - Competência II no Simulado 1

TOTAL DE ALUNOS	NÍVEIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	0	0	0%
	1	2	4,4%
45	2	18	40%
	3	17	37,7%
	4	7	15,5%
	5	1	2,2%

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 3 - Competência II no Simulado 2

TOTAL DE ALUNOS	NÍVEIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	0	0	0%
	1	0	0%
42	2	6	14,2%
	3	19	45,2%
	4	14	33,3%
	5	3	7,1%

Fonte: Dados de pesquisa.

Nesta análise, considera-se o **nível 3** como **nível mediando**, aquele nível esperado, desejável pelo grau de escolaridade já atingido pelo candidato, conforme vem expresso na matriz: "Nível 3: Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta **domínio mediano** do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e

conclusão." (BRASIL, 2014, Anexo IV do Edital, p. 2, grifo meu - Anexo I nesta tese, p. 141.)

No Simulado 1, 55,4% dos alunos pesquisados ficaram em níveis semelhante ou acima dessa expectativa. Já no Simulado 2, o desempenho foi ainda superior, com 85,6% nessa faixa, uma melhora bastante significativa.

Por uma questão metodológica para a análise, a Competência II foi dividida em 3 partes a saber:

II-1 - Compreender a proposta de redação;

II-2 - Aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema e

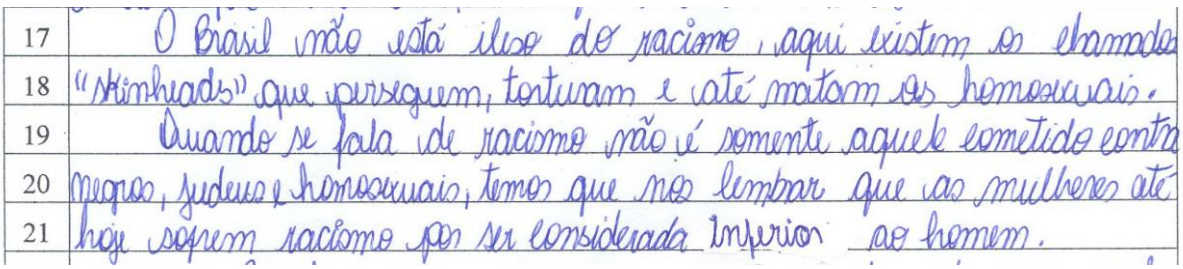
II-3 - Usar os limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

II-1 - Compreender a proposta de redação

Neste quesito, o que mais chamou a atenção nos dados foi a confusão conceitual, caracterizada como alguma parte do texto desviante em relação ao tema central da proposta de redação.

No Simulado 1, cujo tema foi "Racismo: como virar de vez essa triste página da história?", houve confusão entre os conceitos de preconceito em geral, homofobia e racismo, por exemplo. 9 alunos (20% de 45) confundiram o tema em alguma momento do texto.

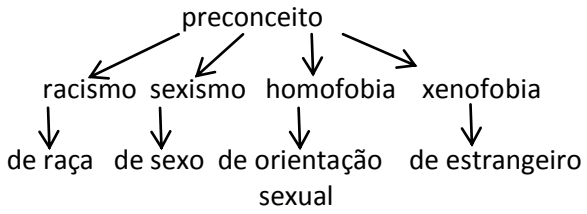
No fragmento de redação a seguir, A9 confundiu racismo com o preconceito em geral contra homossexuais, judeus e mulheres:


17 O Brasil não está ileso de racismo, aqui existem os chamados
18 "skinheads" que perseguem, torturam e até matam os homossexuais.
19 Quando se fala de racismo não é somente aquele cometido contra
20 negros, judeus e homossexuais, temos que nos lembrar que as mulheres até
21 hoje sofrem racismo por ser considerada inferior ao homem.

Por causa da recorrência desse problema, na aula em que mostrei e discuti os resultados do Simulado 1, apresentei o esquema abaixo para explicar como os conceitos envolvidos na temática poderiam ser relacionados:

Quadro 3 - Esquema de conceitos

Hiperônimos: discriminação – preconceito – intolerância
Hipônimos:
racismo: preconceito contra a raça
sexismo: preconceito contra o sexo/gênero. Ex.: Considerar a mulher como inferior ao homem.
homofobia: preconceito contra homossexuais
xenofobia: preconceito contra estrangeiros

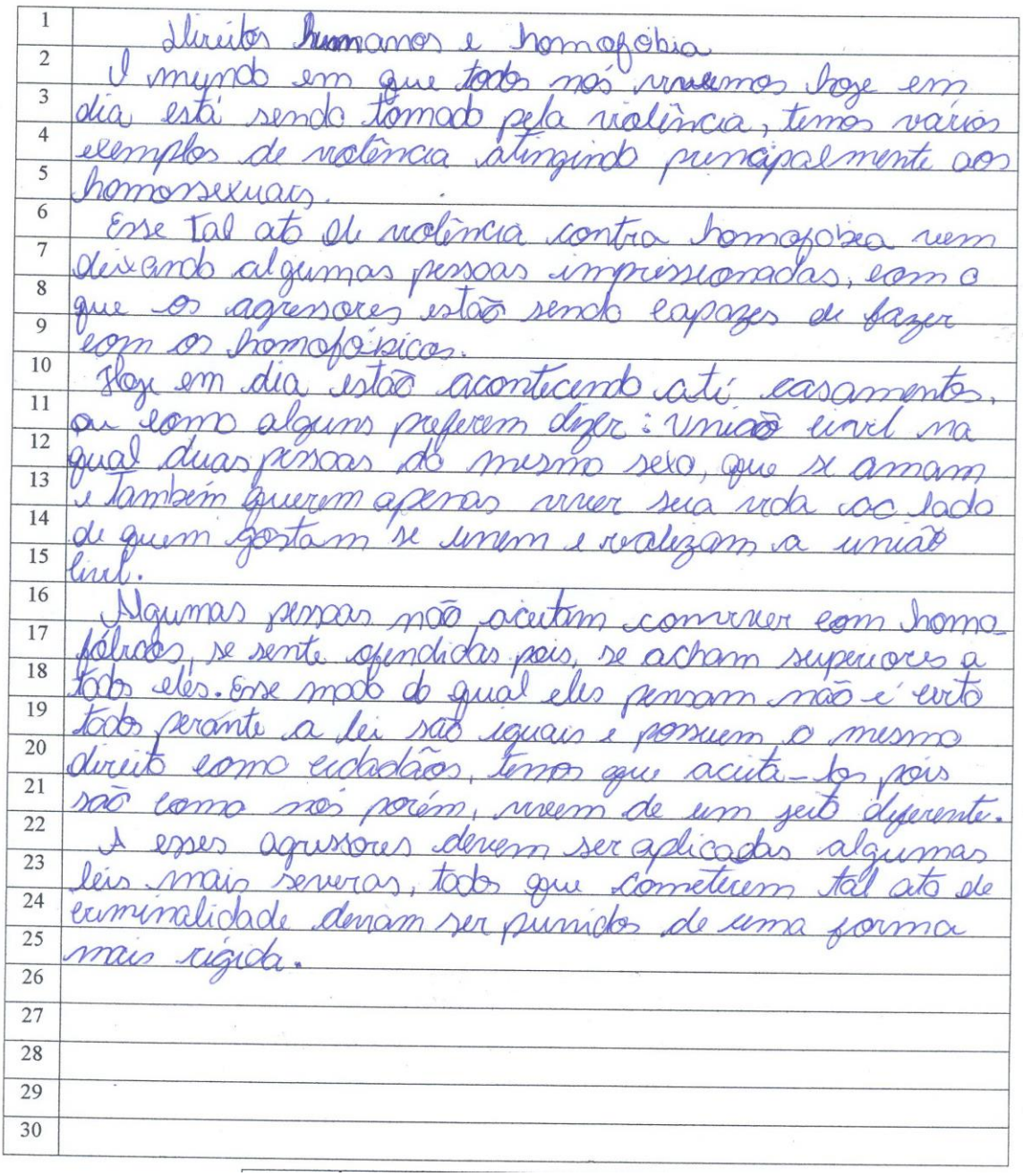


Fonte: Dados de pesquisa.

O tema da proposta do Simulado 2 foi "Direitos humanos e homofobia". Ao iniciar a prova, houve um burburinho geral na sala, sinalizando que muitos se sentiam inseguros para falar sobre o que estava sendo cobrado. Um participante, então, perguntou o que significava "direitos humanos" e o que era "homofobia".

Após essa instabilidade inicial, expliquei, com exemplos, o que são direitos humanos e destaquei que, na proposta de redação, havia textos e exemplos que davam pistas sobre o que é homofobia e que, com uma leitura atenta desses textos, os alunos teriam suas dúvidas esclarecidas.

Entretanto, mesmo com essas explicações, 5 alunos (11,9% de 42) se equivocaram na abordagem do tema. Na redação a seguir, A 33 confundiu homofobia com homossexualidade. Essa confusão se manifesta nos parágrafos 2 e 4 e levou o autor a ser classificado no nível 2 da Competência II:



Direitos humanos e homofobia

O mundo em que todos nós vivemos hoje em dia está sendo tomado pela violência, temos vários exemplos de violência atingindo principalmente aos homossexuais.

Esse tal ato de violência contra homofobia vem deixando algumas pessoas impressionadas, com o que os agressores estão sendo capazes de fazer com os homofóbicos.

Hoje em dia estão acontecendo até casamentos, ou como alguns preferem dizer: União civil na qual duas pessoas do mesmo sexo, que se amam e também querem apenas viver sua vida ao lado de quem gostam se unem e realizam a união civil.

Algumas pessoas não aceitam conviver com homofóbicos, se sente ofendidas pois, se acham superiores a todos eles. Esse modo do qual eles pensam não é certo todos perante a lei são iguais e possuem o mesmo direito como cidadãos, temos que aceitá-los pois são como nós porém, vivem de um jeito diferente.

A esses agressores devem ser aplicadas algumas leis mais severas, todos que cometerem tal ato de criminalidade devam ser punidos de uma forma mais rígida.

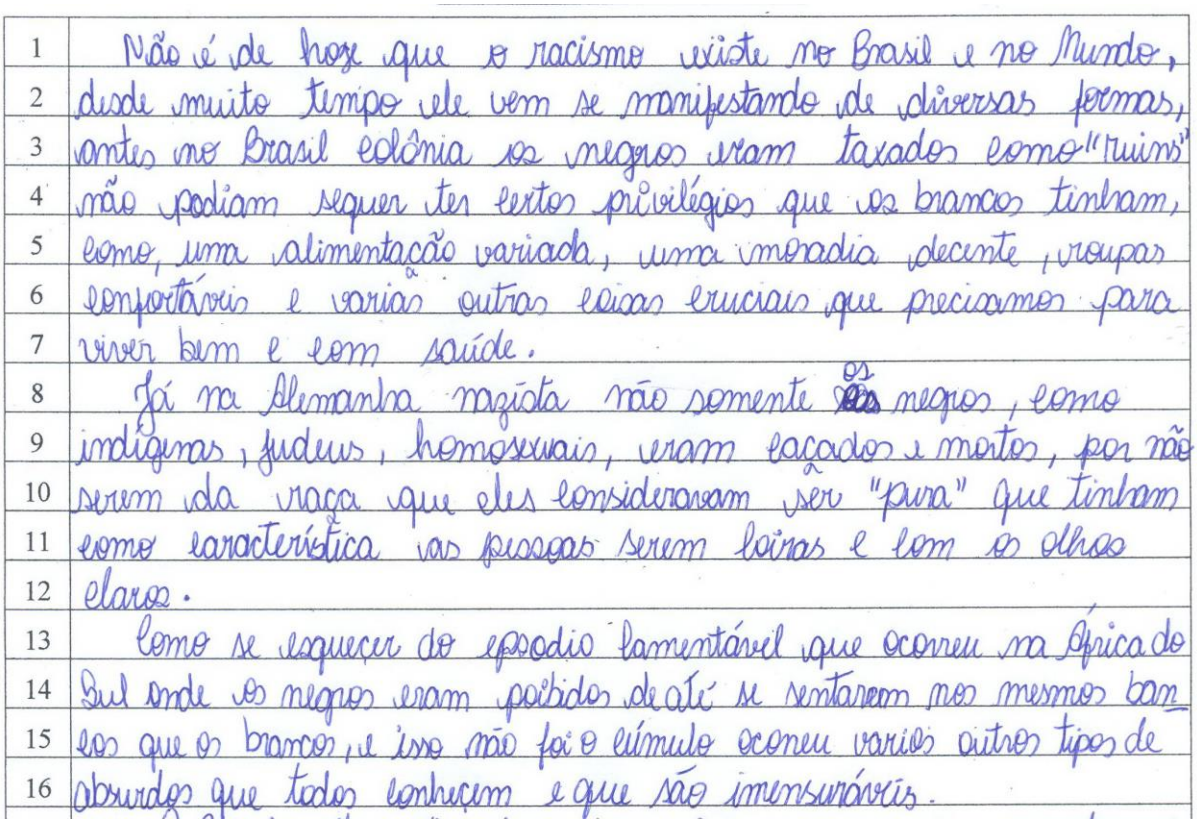
II-2 - Aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema

Esse componente da Competência II expressa a expectativa de que o participante do ENEM, alguém que já concluiu o Ensino Médio, ao elaborar a sua argumentação, seja capaz de explorar as várias áreas de conhecimento, principalmente aquelas que ele já estudou na sua vida escolar.

No Simulado 1, somente 14 alunos (31,1% de 45) apresentaram desempenho satisfatório nesse aspecto, tendo utilizado argumentos que podem ser alocados em áreas de

conhecimento mais específicas. 11 alunos se valeram da História para argumentar enquanto os outros 3 recorreram ao Direito.

Na redação a seguir, A9 usou argumentos da História. No 1º parágrafo, discute-se o racismo no Brasil Colônia, em seguida, o racismo na Alemanha Nazista e na África do Sul, 2º e 3º parágrafos respectivamente.

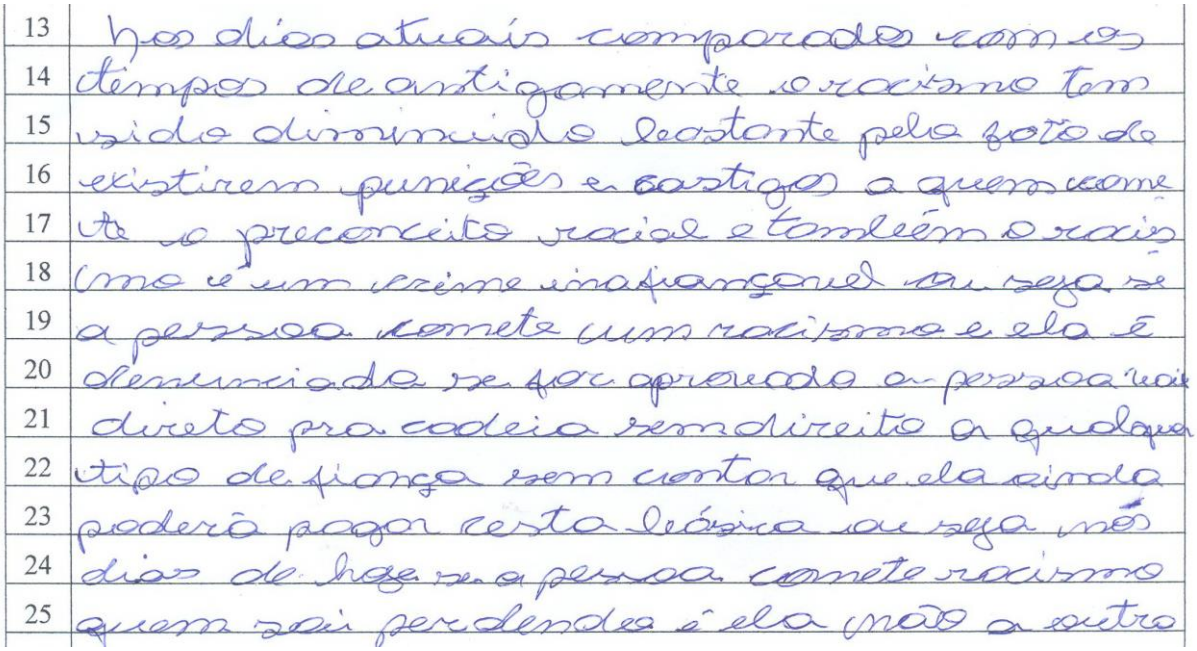


Não é de hoje que o racismo existe no Brasil e no Mundo, desde muito tempo ele vem se manifestando de diversas formas, antes no Brasil colônia os negros eram taxados como "ruins" não podiam sequer ter certos privilégios que os brancos tinham, como, uma alimentação variada, uma moradia decente, roupas confortáveis e varias outras coisas cruciais que precisamos para viver bem e com saúde.

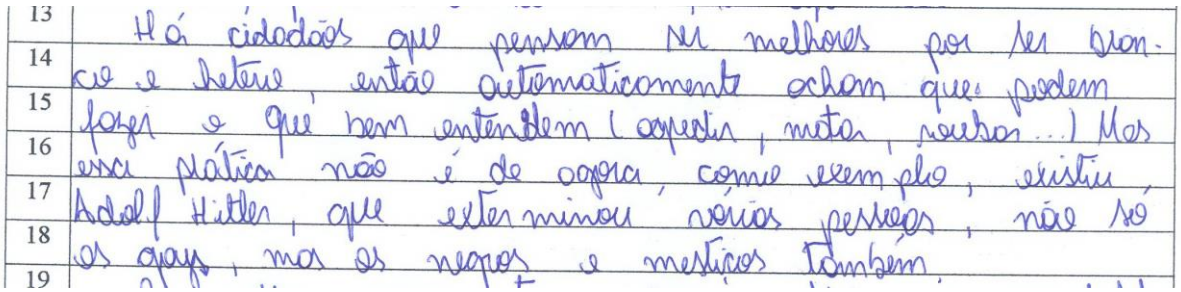
Já na Alemanha nazista não somente os negros, como indígenas, judeus, homossexuais, eram caçados e mortos, por não serem da raça que eles consideravam ser "pura" que tinham como característica as pessoas serem loiras e com os olhos claros.

Como se esquecer do episodio lamentável que ocorreu na África do Sul onde os negros eram proibidos de até se sentarem nos mesmos bancos que os brancos, e isso não foi o cúmulo ocorreu varios outros tipos de absurdos que todos conhecem e que são imensuráveis.

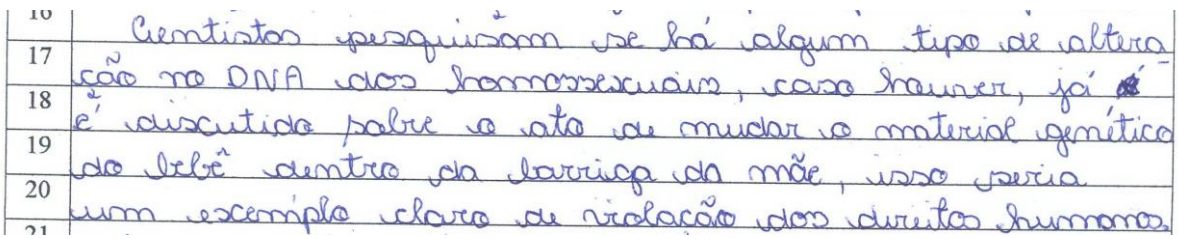
No fragmento de redação seguinte, A30 trouxe uma contribuição do Direito ao argumentar que racismo é crime inafiançável (linha 18), que tem punições com prisão e pagamento de cesta básica (linhas 20-23).


Nos dias atuais comparados com os
tempos de antigamente o racismo tem
vido diminuido bastante pela sorte de
existirem punições e castigos a quem comete
o preconceito racial e também o racis-
mo é um crime inafiançavel ou seja se
a pessoa comete um racismo e ela é
denunciada se for aprovado a pessoa vai
direto pra cadeia sem direito a qualquer
tipo de fiança sem contar que ela ainda
poderá pagar cesta básica ou seja nos
dias de hoje se a pessoa comete racismo
quem sai perdendo é ela mas o outro

No Simulado 2, o quesito relacionado à variação das áreas de conhecimento no desenvolvimento do tema se mostrou ainda mais preocupante, visto que apenas 2 alunos (4,7% de 42) atenderam a essa exigência. A29 trouxe uma contribuição da História e A45 recorreu à Biologia.


Há cidadãos que pensam ser melhores por ser bran-
co e heteros, então automaticamente acham que podem
fazer o que bem entendem (agredir, matar, roubar...) Mas
essa prática não é de agora, como exemplo, existiu
Adolf Hitler, que exterminou varias pessoas, não só
os gays, mas os negros e mestiços também.

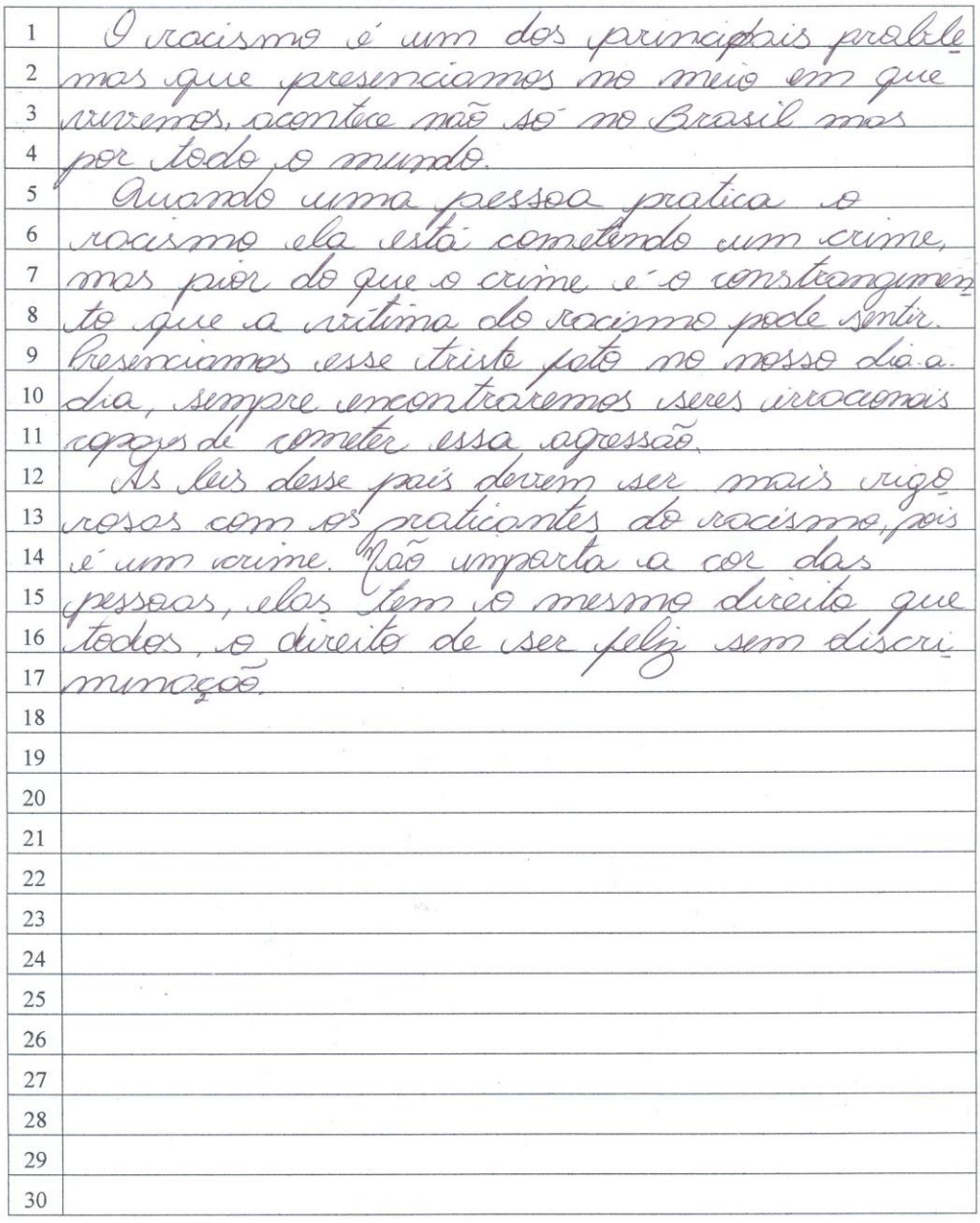
Nesse fragmento, A29 cita o exemplo de Adolf Hitler, um ditador alemão conhecido como um dos maiores vilões da história da humanidade por ter perseguido e atacado brutalmente grupos minoritários que ele julgava indesejados.


Cientistas pesquisam se há algum tipo de altera-
ção no DNA dos homossexuais, caso houver, já
é discutido sobre o ato de mudar o material genético
do bebê dentro da barriga da mãe, isso seria
um exemplo claro de violação dos direitos humanos

A45, ao discutir o tema "Direitos humanos e homofobia", traz uma importante contribuição da Biologia para o debate ao se valer de explorações científicas em torno da relação entre genética, homossexualidade e direitos humanos.

Apesar de o banco de dados conter redações com "um repertório sociocultural produtivo", conforme é esperado no nível 5 da Competência II (Anexo I, p. 141), a análise feita constatou que a maioria dos discentes se valeu de argumentos mais corriqueiros, de senso comum.

Na redação a seguir, A13 usou argumentos desse tipo: 1) O racismo é um problema que acontece no mundo todo (1º parágrafo), 2) O racismo é um crime que constrange a vítima (2º parágrafo), 3) As leis devem ser mais rigorosas, porque racismo é crime e todos têm direito de ser feliz (3º parágrafo).



O racismo é um dos principais problemas que presenciamos no meio em que vivemos, acontece não só no Brasil mas por todo o mundo.

Quando uma pessoa pratica o racismo ela está cometendo um crime, mas pior do que o crime é o constrangimento que a vítima do racismo pode sentir. Presenciamos esse triste fato no nosso dia a dia, sempre encontraremos seres irracionais aptos de cometer essa agressão.

As leis desse país devem ser mais rigorosas com os praticantes do racismo, pois é um crime. Não importa a cor das pessoas, elas tem o mesmo direito que todos, o direito de ser feliz sem discriminação.

É importante salientar que os argumentos usados nessa redação são de domínio público, os quais são perceptíveis por qualquer cidadão comum, independentemente de sua escolaridade. Nesse caso, pela argumentação que apresenta, o autor não traz nenhuma demonstração de avanço na abordagem sobre o preconceito racial, algo que seus estudos até o Ensino Médio já poderiam ter lhe proporcionado.

Conforme lembra Irandé Antunes:

> A escrita é uma atividade processual, isto é, uma atividade durativa, um percurso que se vai fazendo pouco a pouco, ao longo de nossas leituras, de nossas reflexões, de nosso acesso a diferentes fontes de informação. É uma atividade que mobiliza nosso repertório de conhecimentos e, por isso mesmo, não pode ser improvisada, não pode nascer inteiramente na hora em que a gente começa propriamente a escrever. (2006, p. 167-168).

Como os dados mostram, em geral, o conhecimento dos alunos se apresenta desarticulado. Nesse sentido, é preciso também se pensar na formação em leitura associada à produção de textos. Não só a leitura escolar, mas a de mundo também. Leitura não só para **informação**, mas, sobretudo, para a **formação** do pensamento crítico-reflexivo.

Ao abordarem a contribuição que o nosso conhecimento de mundo ou enciclopédico fornece para a escrita, Koch e Elias afirmam:

> Em nossa atividade de escrita, recorremos constantemente a conhecimentos sobre coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória, como se tivéssemos uma enciclopédia em nossa mente, constituída de forma personalizada, com base em conhecimentos de que ouvimos falar ou que lemos, ou adquirimos em vivências e experiências variadas. (2010, p. 41).

Os problemas de argumentação sinalizados pelos resultados ora apresentados são ratificados pelas respostas dos alunos ao questionário de pesquisa. Esses dados serão abordados no item 4.1.2 adiante.

II-3 - Usar os limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa

Todos os alunos pesquisados demonstraram ter conhecimento da tipologia textual exigida no ENEM - texto dissertativo-argumentativo em prosa. Houve casos de textos mal estruturados, sem progressão textual adequada ou com elementos de injunção, mas, numa percepção global, nos dois simulados realizados, todos fizeram dissertações, conforme fora solicitado.

Esse dado é importante porque sinaliza que os alunos puderam produzir uma dissertação mesmo sem terem tido um ensino sistemático dessa tipologia textual, de acordo com o que relataram no questionário.

O que comprometeu mais a Competência II não foi o domínio da tipologia em si, mas, sim, a capacidade de argumentar, as estratégias usadas para convencer o leitor, que também são cobradas nas Competências III e V da matriz, conforme veremos. Reitero que tal deficiência foi reconhecida pelos alunos no questionário que responderam.

4.1.1.2 Competência III

As Tabelas 4 e 5 a seguir mostram estatísticas sobre os níveis de classificação das redações dos dois simulados no que se referem à Competência III da Matriz do ENEM.

Tabela 4 - Competência III no Simulado 1

TOTAL DE ALUNOS	NÍVEIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	0	0	0%
	1	1	2,2%
45	2	21	46,6%
	3	12	26,6%
	4	9	20%
	5	2	4,4%

Fonte: Dados de pesquisa.

Tabela 5 - Competência III no Simulado 2

TOTAL DE ALUNOS	NÍVEIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	0	0	0%
	1	0	0%
42	2	5	11,9%
	3	22	52,3%
	4	8	19%
	5	7	16,6%

Fonte: Dados de pesquisa.

A Matriz de Referência traz as seguintes características para os níveis 3 e 4 da Competência III:

> Nível 3: Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, **limitados aos argumentos dos textos motivadores** e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.

> Nível 4: Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, **com indícios de autoria**, em defesa de um ponto de vista. (BRASIL, 2014, Anexo IV do Edital, p. 2, grifos meus - Anexo I nesta tese, p. 141).

Nesse caso, o **nível 3** é também o **nível mediano**.

No Simulado 1, os níveis igual a ou acima da média esperada foram alcançados por 51% dos alunos pesquisados; ao passo que o índice no Simulado 2 foi de 87,9%. Portanto, houve uma melhoria bastante expressiva na Competência III.

Como estratégia de análise, a Competência III foi dividida em 2 partes a saber:

III-1 - Defender um ponto de vista e

III-2 - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos para defender esse ponto de vista.

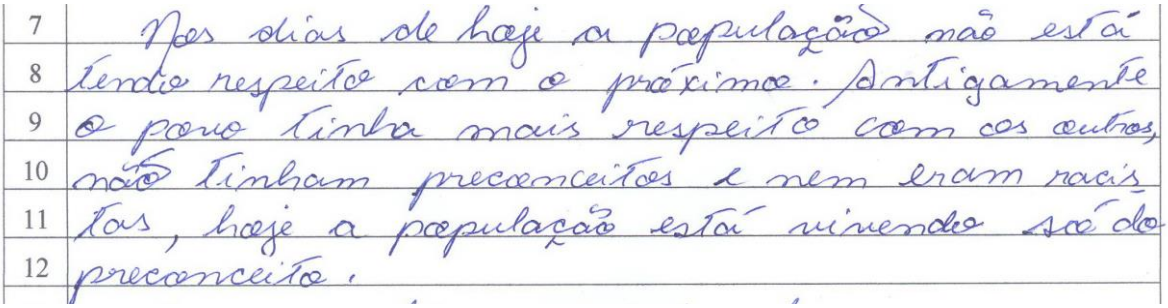
III-1 - Defender um ponto de vista

Neste quesito, foi verificado se as redações continham um ponto de vista. Pela matriz do ENEM, uma redação que não apresenta ponto de vista é classificada nos níveis 0 ou 1. Todas as redações do corpus de pesquisa (87 - no total dos dois simulados, Anexos VII e VIII, p. 151-196 e p. 197-238, respectivamente) contêm um ponto de vista, ou seja, atendem a essa exigência, e foram, portanto, classificadas em nível igual ou superior a 2 conforme a Matriz de Referência.

III-2 - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos para defender esse ponto de vista

As maiores dificuldades neste item se concentraram na seleção de informações, fatos, opiniões e argumentos, principalmente porque deveriam estar relacionados às "várias áreas de conhecimento", como já discutido na Competência II. A deficiência aqui é a argumentação propriamente dita.

No fragmento a seguir, A43 faz uma generalização inaceitável, além de apresentar uma incoerência histórica:

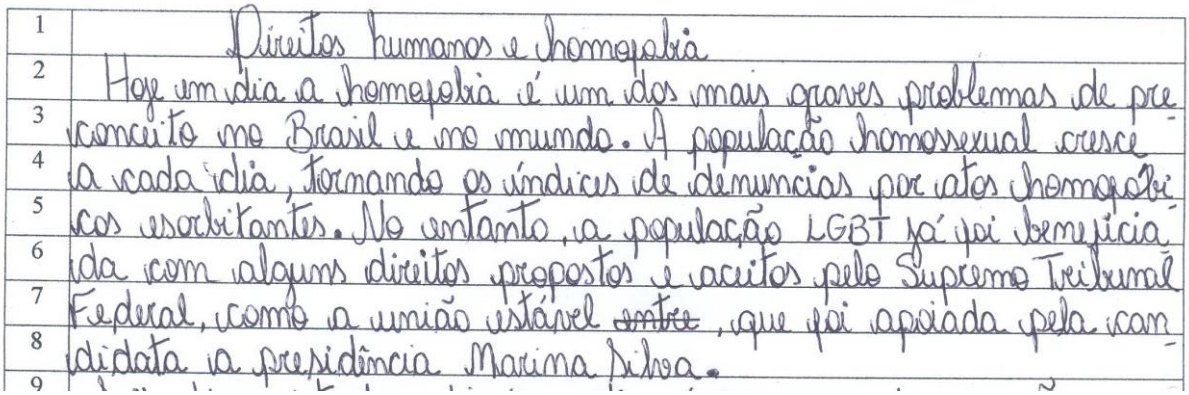

Nos dias de hoje a população não está
tendo respeito com o próximo. Antigamente
o povo tinha mais respeito com os outros,
não tinham preconceitos e nem eram racis
tas, hoje a população está vivendo só do
preconceito.

Ao afirmar que: "Nos dias de hoje a população não está tendo respeito com o próximo" (l. 7-8) e que "hoje a população está vivendo só de preconceito" (l. 11-12), o autor ignora um representativo número de cidadãos (nas ONGs, por exemplo) que trabalham para, justamente, combater o racismo, em prol da igualdade de direitos para todos.

Estabelece-se também uma incoerência ao se afirmar que: "Antigamente o povo tinha mais respeito com os outros, não tinham preconceitos e nem eram racistas" (l. 8-11).

Essa colocação, inclusive, vai de encontro ao próprio tema da redação, que foi: "Racismo: como virar de vez essa triste página da história?". O aluno se esquece até mesmo do problema da escravidão, abordado por outros participantes.

No fragmento a seguir, primeiro parágrafo da redação, A5 estabelece uma relação equivocada de causa e consequência:


Direitos humanos e homofobia

Hoje em dia a homofobia é um dos mais graves problemas de pre
conceito no Brasil e no mundo. A população homossexual cresce
a cada dia, tornando os índices de denuncias por atos homofobi
cos exorbitantes. No entanto, a população LGBT já foi beneficia
da com alguns direitos propostos e aceitos pelo Supremo Tribunal
Federal, como a união estável entre, que foi apoiada pela can
didata a presidência Marina Silva.

O autor cria uma incoerência ao argumentar que o crescimento da população homossexual é a causa para o aumento das denúncias por homofobia. É claro que, com uma discussão mais aprofundada, tal argumento poderia ser aceito, mas posto de modo apressado, torna-se questionável, visto que, numa sociedade mais democrática e tolerante, pode haver um maior número de homossexuais sem que eles sejam desrespeitados por isso.

"A organização dos dados com vistas à argumentação consiste não só na interpretação deles, no significado que se lhes concede, mas também na apresentação de

certos aspectos desses dados, graças aos acordos subjacentes na linguagem que é utilizada." (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 143).

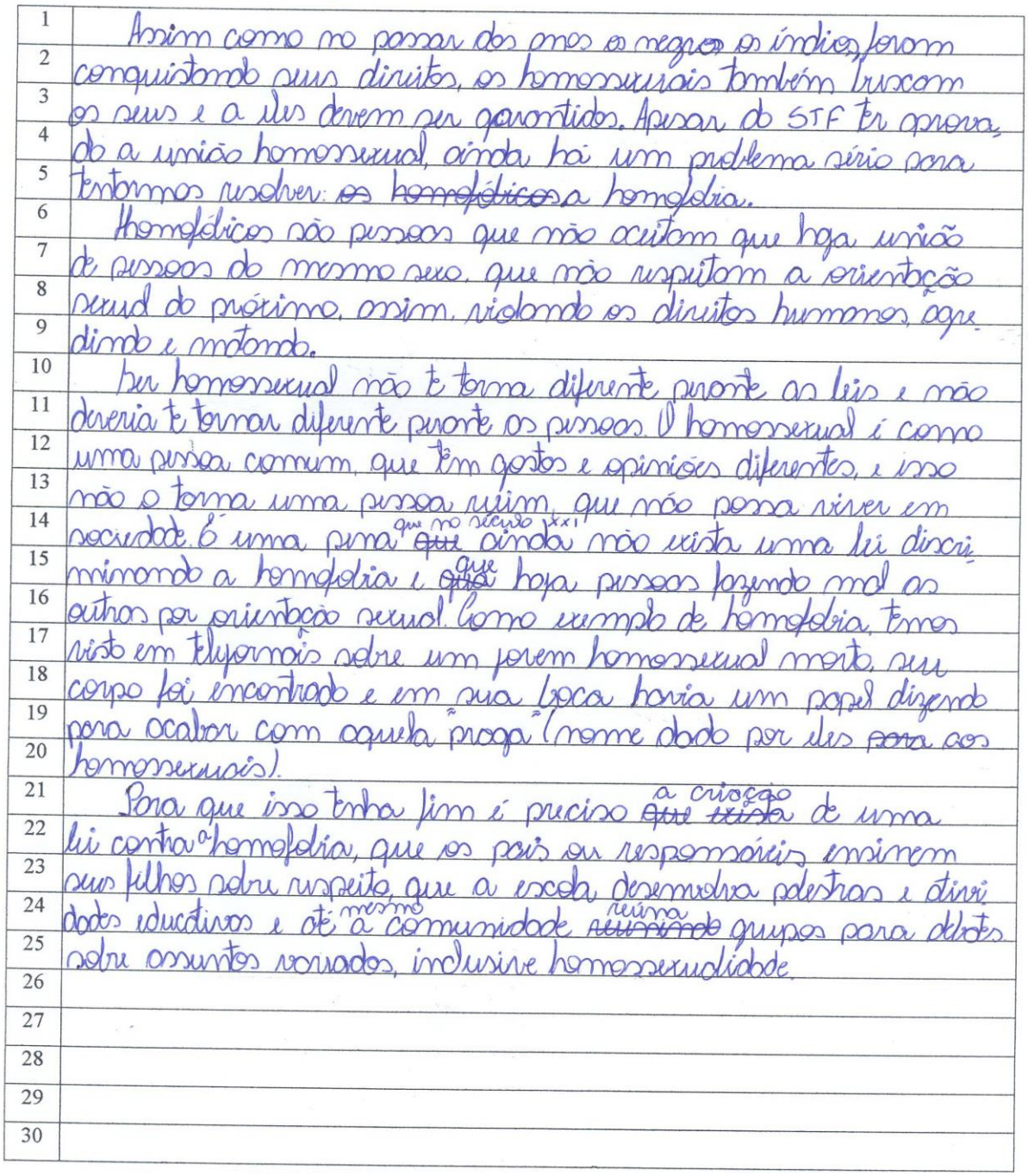
Como os resultados do primeiro simulado mostraram que os alunos tiveram dificuldade na argumentação, antes da realização do segundo simulado, houve uma aula expositiva baseada em princípios da Pedagogia Retórica que contemplam a teoria da *stasis* e a teoria dos tópicos, já expostas em 2.2 (p. 37). Foram apresentadas estas dez estratégias argumentativas (vide Anexo XII, p. 242):

1. Exemplificação
2. Classificação
3. Comparação e contraste
4. Analogia
5. Análise de processo
6. Causa e efeito
7. Definição
8. Descrição
9. Narração
10. Indução e dedução

O objetivo dessa exposição foi tentar auxiliar os alunos na busca de mais, e mais eficientes, argumentos para seus textos.

Por causa desse trabalho que antecedeu o segundo simulado, na análise das redações que os alunos fizeram nessa segunda oportunidade, foi investigado também o uso ou não que fizeram das estratégias argumentativas que tinham sido apresentadas. Inclusive, a proposta da segunda redação foi elaborada solicitando, explicitamente, que o aluno usasse uma ou mais das referidas estratégias (Anexo XIII, p. 245).

Em sua redação, A26 construiu sua argumentação por meio de três estratégias: comparação, definição e exemplificação:



Assim como no passar dos anos os negros os índios, foram conquistando seus direitos, os homossexuais também buscam os seus e a eles devem ser garantidos. Apesar do STF ter aprovado a união homossexual, ainda há um problema sério para tentarmos resolver: ~~os homofóbicos~~ a homofobia.

Homofóbicos são pessoas que não aceitam que haja união de pessoas do mesmo sexo, que não respeitam a orientação sexual do próximo, assim, violando os direitos humanos, agredindo e matando.

Ser homossexual não te torna diferente perante as leis e não deveria te tornar diferente perante os pessoas. O homossexual é como uma pessoa comum, que têm gostos e opiniões diferentes, e isso não o torna uma pessoa ruim, que não possa viver em sociedade. É uma pena que no século XXI ainda não exista uma lei criminando a homofobia e que haja pessoas fazendo mal aos outros por orientação sexual. Como exemplo de homofobia, temos visto em telejornais sobre um jovem homossexual morto, seu corpo foi encontrado e em sua boca havia um papel dizendo para acabar com aquela praga (nome dado por eles para os homossexuais).

Para que isso tenha fim é preciso a criação de uma lei contra a homofobia, que os pais ou responsáveis ensinem seus filhos sobre respeito, que a escola desenvolva palestras e dinâmicas educativas e até mesmo a comunidade reúna grupos para debates sobre assuntos voltados, inclusive homossexualidade.

No primeiro parágrafo, o participante faz uma comparação da situação de negros e índios com a situação dos homossexuais, pois ambos precisam lutar para terem seus direitos garantidos no Brasil.

O parágrafo seguinte se inicia com uma definição do que o autor entende serem os homofóbicos e a relação desse conceito com a questão dos direitos humanos.

Por fim, no terceiro parágrafo, entre as linhas 16 e 20, temos uma exemplificação. Trata-se do caso de um adolescente de 18 anos que, segundo a **Revista Fórum** (2014, *online*), foi encontrado morto em um terreno baldio na cidade de Inhumas, região metropolitana de

Goiânia (GO), no dia 10 de setembro de 2014. Esse episódio teve grande repercussão nacional e, na data de realização do Simulado 2 (no dia 16 seguinte), ainda era notícia e motivo de debate na mídia.

A redação de A26 acima foi uma das que receberam maiores notas no Simulado 2 e também se caracterizou como ocorrência única na qual a argumentação foi construída com base na variação de estratégias.

Apesar da visibilidade desse dado, a tabela a seguir mostra que a metodologia trabalhada teve um impacto pouco expressivo nas redações dos participantes. Isso porque foram usadas apenas três estratégias argumentativas dentre as dez que foram trabalhadas em aula, ambas com baixos percentuais de ocorrência:

Tabela 6 - Estratégias argumentativas usadas no Simulado 2

TOTAL DE ALUNOS	TIPO	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	exemplificação	12	28,5%
42	definição	6	14,2%
	comparação	2	4,7%

Fonte: Dados de pesquisa.

A exemplificação foi a estratégia que predominou no Simulado 2 e só outras duas foram usadas: definição e comparação. Esse resultado, entretanto, se mostra pouco expressivo, visto que a exemplificação foi usada também no Simulado 1, por 8 alunos, antes de ser trabalhada em sala de aula. Soma-se a isso o fato de que a maioria dos participantes não fez uso em seus textos de nenhuma estratégia argumentativa esperada.

É inegável que ensinar os aprendizes a usarem tais estratégias é super relevante para o aperfeiçoamento da argumentação, mas isso demanda um processo mais demorado e sistematizado de ensino-aprendizagem. Apenas uma aula demonstrou ser deveras insuficiente para se chegar a resultados expressivos.

Destaco, inclusive, que esse conteúdo está contemplado, mesmo que muito brevemente, no LD adotado pela escola para o 3º ano EM (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 337), mas nenhuma das professoras regentes trabalhou essa parte em suas aulas.

Os dados indicam que o professor precisa ensinar argumentação através de um trabalho a longo prazo. Para ajudá-lo nessa tarefa, a escola pode, por exemplo, organizar uma agenda de conteúdos sequenciados que venham a contemplar os três anos do Ensino Médio. Voltarei a essa questão no Capítulo 5, ao tratar de sugestões para o ensino.

4.1.1.3 Competência V

A tabela a seguir mostra estatísticas sobre os níveis de classificação das redações do Simulado 1 no que se referem à Competência V da Matriz do ENEM.

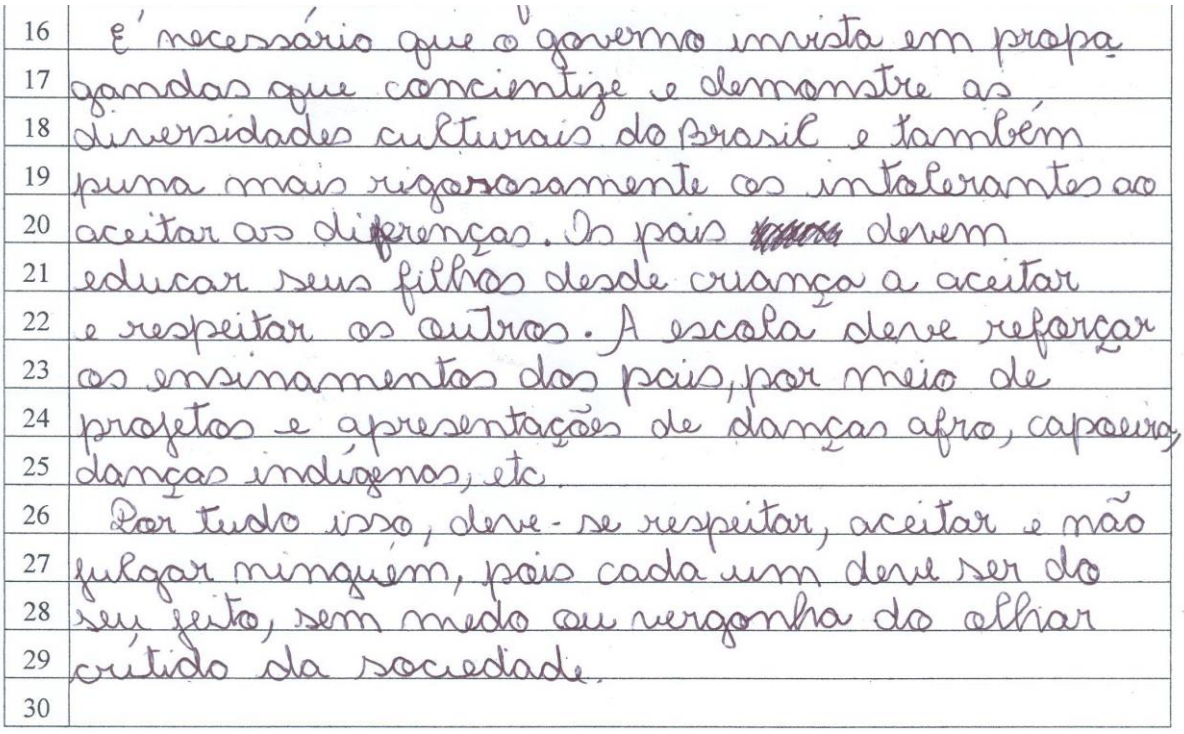
Tabela 7 - Competência V no Simulado 1

TOTAL DE ALUNOS	NÍVEIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	0	6	13,3%
	1	7	15,5%
45	2	13	28,8%
	3	10	22,2%
	4	8	17,7%
	5	1	2,2%

Fonte: Dados de pesquisa.

Como se pode ver nessa tabela, as redações sem proposta de intervenção ou com proposta insuficiente (níveis de 0 a 2, abaixo do nível mediano 3) somaram 57,6% e apenas 1 participante (A19) apresentou proposta no nível máximo.

Por causa desses percentuais preocupantes encontrados no Simulado 1, na discussão dos resultados, expliquei o que seria uma proposta nível 5 e usei a proposta de A19 como exemplo:


É necessário que o governo invista em propagandas que conscientize e demonstre as diversidades culturais do Brasil e também puna mais rigorosamente os intolerantes ao aceitar as diferenças. Os pais devem educar seus filhos desde criança a aceitar e respeitar os outros. A escola deve reforçar os ensinamentos dos pais, por meio de projetos e apresentações de danças afro, capoeira, danças indígenas, etc.

Por tudo isso, deve-se respeitar, aceitar e não julgar ninguém, pois cada um deve ser do seu jeito, sem medo ou vergonha do olhar crítico da sociedade.

Valendo-me dessas sugestões do participante, montei o esquema a seguir para facilitar a explanação, em sala de aula, sobre o detalhamento de uma proposta de intervenção:

Quadro 4 - Proposta de intervenção detalhada

Quem?	Fazer o quê?	Como?
governo	investir em propagandas e punir os intolerantes	
pais	educar os filhos para o respeito	
escola	reforçar a educação familiar	através de projetos que envolvam questões culturais e étnicas

Fonte: Dados de pesquisa.

Felizmente, como se pode ver na Tabela 8 a seguir, após uma abordagem detalhada em sala de aula, específica sobre as exigências da Competência V, o índice de textos nos níveis 1 e 2 nessa competência caiu de 44,3% no Simulado 1 para 23,7% no Simulado 2.

Tabela 8 - Competência V no Simulado 2

TOTAL DE ALUNOS	NÍVEIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	0	3	7,1%
	1	6	14,2%
42	2	4	9,5%
	3	15	35,7%
	4	7	16,6%
	5	7	16,6%

Fonte: Dados de pesquisa.

No Simulado 2, as redações sem proposta de intervenção ou com proposta insuficiente (níveis de 0 a 2, abaixo do nível mediano 3) somaram 30,8%, uma redução considerável em comparação com o Simulado 1 (57,6%). Enquanto, no Simulado 1, só houve 1 proposta de nível 5, nessa segunda oportunidade, 7 alunos já conseguiram atingir esse nível.

Essa melhora se deve ao fato de que as propostas foram elaboradas de forma mais abrangente e detalhada no Simulado 2. Tal resultado demonstra que as discussões sobre a Competência V que foram feitas na apresentação dos resultados do Simulado 1 contribuíram para um melhor desempenho dos alunos na redação seguinte.

A Competência V foi dividida em 3 partes para fins de análise, conforme se segue:

V-1 - Elaborar proposta de intervenção;

V-2 - Respeitar os direitos humanos e

V-3 - Articular essa proposta à discussão desenvolvida no texto e detalhá-la.

V-1 - Elaborar proposta de intervenção

Neste quesito, foi verificado se as redações continham uma proposta de intervenção. Pela Matriz de Referência, se não há proposta, o nível da Competência V é zero. 6 alunos (13,3% de 45) no Simulado 1 e 3 (7,1% de 42) no simulado 2, **não** elaboraram proposta, ou seja, não atenderam essa exigência da matriz e ficaram no nível zero dessa competência.

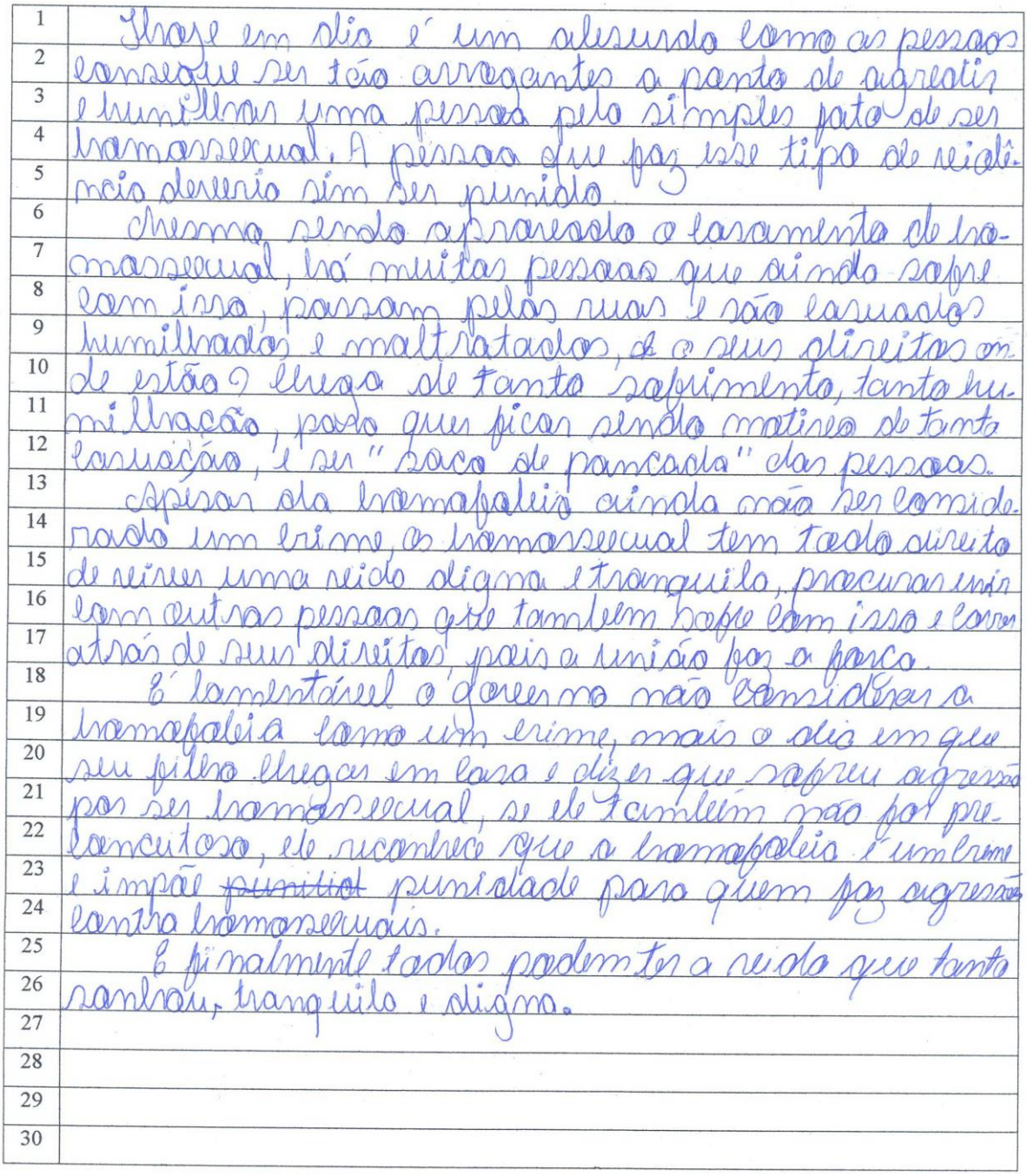
V-2 - Respeitar os direitos humanos

Nenhum aluno, em nenhuma das 87 redações analisadas no corpus, apresentou proposta que desrespeita os direitos humanos. Perspectiva essa que leva a redação à nota zero conforme está expresso no edital.

V-3 - Articular essa proposta à discussão desenvolvida no texto e detalhá-la

Todas as propostas elaboradas estão relacionadas às discussões apresentadas, todavia, uma porcentagem significativa são vagas ou insuficientes (níveis 1 ou 2). Das redações do Simulado 1, 44,3% estão nesses níveis na Competência V.

Na redação a seguir, a proposta de intervenção elaborada por A6 é um exemplo de proposta simples, classificada no nível 1 da matriz:



Hoje em dia é um absurdo como as pessoas conseguem ser tão arrogantes a ponto de agredir e humilhar uma pessoa pelo simples fato de ser homossexual. A pessoa que faz isso tipo de violência deveria sim ser punido.

Mesmo sendo aprovado o casamento de homossexual, há muitas pessoas que ainda sofre com isso, passam pelas ruas e são xingados humilhados e maltratados, e o seus direitos onde estão? Chega de tanto sofrimento, tanto humilhação, pois que ficar sendo motivo de tanta exclusão, e ser "saco de pancada" das pessoas.

Apesar da homofobia ainda não ser considerado um crime, o homossexual tem todo direito de viver uma vida digna e tranquila, procurar unir com outras pessoas que também sofre com isso e correr atrás de seus direitos, pois a união faz a força.

É lamentável o governo não considerar a homofobia como um crime, mais o dia em que seu filho chegar em casa e dizer que sofreu agressão por ser homossexual, se ele também não for preconceituoso, ele reconhece que a homofobia é um crime e impõe ~~punitid~~ punidade para quem faz agressão contra homossexuais.

E finalmente todos podem ter a vida que tanto sonhou, tranquila e digna.

Em seu texto, o participante propõe apenas que se considere a homofobia como crime (l. 18-19), proposta essa já defendida pela então Presidenta do Brasil e candidata à reeleição, Dilma Rousseff, em um dos textos que compõem a proposta de redação (Anexo XIII, p. 245), e que haja punição para quem agride homossexuais (l. 4-5 e 23-24).

Muitas propostas, apesar de um pouco avançadas, se encontram mal elaboradas e/ou mal articuladas na tessitura textual.

O que comprometeu bastante neste componente da Competência V foi também a falta de detalhamento da proposta apresentada. Na maioria das redações (66,5% no Simulado

1 e 59,4% no Simulado 2), faltaram propostas que respondessem conjuntamente as perguntas: O que deve ser feito? (= a ação), Quem deve fazê-lo? (= o agente) e Como fazê-lo? (= o modo).

4.1.1.4 Tamanho dos textos

Na presente análise, foi considerado como "texto curto" aquela redação do corpus que contém menos de 20 linhas escritas, com ou sem título, ou que contém 20 linhas, mas espaços em excesso. Os dados sobre esse aspecto estão expostos na tabela seguinte:

Tabela 9 - Sobre o tamanho das redações

	TURMAS A E B	TOTAL A	CURTOS A	TOTAL B	CURTOS B
SIMULADO 1	45	20	4	25	**12**
SIMULADO 2	42	19	5	23	3

Fonte: Dados de pesquisa.

No caso do Simulado 1, a quantidade de textos curtos (12 de 25 = 48%) parece ter interferido diretamente nas notas da Turma B, cuja maioria dos alunos obtiveram rendimento abaixo da média esperada.

Na apresentação dos resultados à Turma B, esse aspecto foi explorado com vistas a motivar os alunos a escreverem mais, a argumentarem mais em outros textos que viessem a escrever. Em comparação com o Simulado 1, já foi possível perceber uma melhora considerável da Turma B nesse quesito no Simulado 2, no qual houve apenas 3 textos curtos.

A redação a seguir é um bom exemplo dessa problemática. O texto do participante A39 ocupou apenas 12 linhas, contando com o título:

"Racismo: como virar de vez essa triste página da história?"

Hoje em dia existe pessoas que, ainda praticam o racismo, ainda bem que existe leis que (proíbem) proíbe esse tipo de (agressão), nem sempre são cumpridas, isso se torna vergonhoso para população.

Há pessoas que, no dia de hoje não procura (a) lei para se defender, prefere sofre (a) agressão e fica com vergonha de procura seus direitos.

Apesar de tudo, ainda existe pessoas que não conhece bem essas leis, as leis deve ser mais divulgados e explicados, isso (a)judaria diminui o racismo no país, tornando assim um mundo livre de preconceito

Como o tema para essa produção de texto: "Racismo: como virar de vez essa triste página da história?" era bastante familiar a todos os participantes, esperava-se que eles apresentassem um repertório mais vasto de argumentos.

Houve também um caso curioso de "texto muito longo", um participante (A15) que escreveu demais para o espaço disponível. Por isso, teve que usar letra pequena e espaços reduzidos; e isso ocorreu nos dois simulados. Por causa dessa dupla recorrência e por ter se

tratado de um caso isolado entre os que participaram da pesquisa, forneci um *feedback* extraclasse individual ao aluno, com orientações sobre como ele poderia planejar melhor um texto para caber em 30 linhas com tranquilidade.

4.1.2 Análise de um questionário respondido pelos alunos

Outro instrumento usado para coleta de dados para a pesquisa foi um questionário, que foi respondido pelos participantes no dia 24 de outubro de 2014. 43 alunos (dos 45 pesquisados) responderam esse questionário (Anexo XVII).

Em resposta à primeira pergunta: "Você gosta de escrever redações?", a maioria respondeu "Mais ou menos" - 67,4%. Os dados obtidos estão expostos nas Tabelas 10 e 11 a seguir:

Tabela 10 - Respostas para a 1ª pergunta do questionário

TOTAL DE ALUNOS	RESPOSTA	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	Sim	10	23,2%
43	Não	4	9,3%
	Mais ou menos	29	67,4%

Fonte: Dados de pesquisa.

Foi solicitado que os participantes também se justificassem: "Por quê? Justifique a sua resposta." As justificativas encontradas estão categorizadas nos Quadros 5 e 6 adiante.

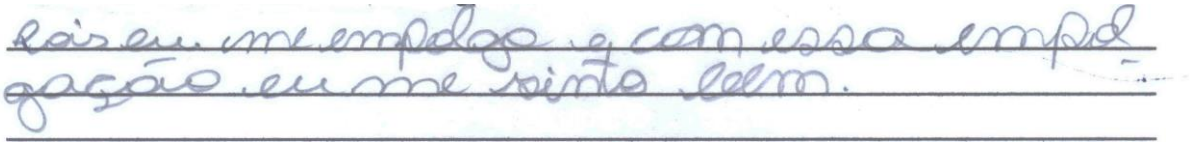
Apenas 10 alunos em 43 (23,2%) responderam "Sim", que gostam de escrever redações, e apresentaram as seguintes justificativas:

Quadro 5 - Justificativas para a resposta "Sim" - Pergunta 1 (10 alunos)

TIPO DE RESPOSTA	ALUNOS
Exercitar a escrita e colocar em prática os conhecimentos.	A29
Não precisa decorar, só escrever o que pensa.	A5 e A 24
Para se preparar melhor e ter melhores resultados, principalmente no ENEM, e é lucrativo para o próprio aluno.	A15
Para treinar para ter boa nota no ENEM.	A9
Porque se empolga e se sente bem.	A30
Gosta mais de escrever sobre o que sente. Não está acostumada a escrever textos argumentativos.	A26
Porque aprende a escrever melhor para saber redigir qualquer tipo de texto, mas depende do tema, pois há temas que são mais difíceis.	A43
Sempre gostou de fazer redações. Gosta de argumentar sobre determinados assuntos.	A34

Fonte: Dados de pesquisa.

Para esses participantes, de um modo geral, o gosto pela escrita de redações está associado ao prazer, conforme diz A30:



Entretanto, para a maioria (76,7%), os quais responderam "Não" (4 alunos) ou "Mais ou menos" (29 alunos), a prática da escrita sofre interferência direta das dificuldades que encontram na produção de textos.

As justificativas de quem respondeu "Não" foram:

Quadro 6 - Justificativas para a resposta "Não" - Pergunta 1 (4 alunos)

TIPO DE RESPOSTA	ALUNOS
Porque não é boa na argumentação e na gramática.	A16
Porque não.	A2
Porque não tem muita imaginação	A40
Porque não gosta de ler e não consegue entender direito o que lê, nem a proposta de redação.	A18

Fonte: Dados de pesquisa.

Quem respondeu "Mais ou menos" se justificou com os motivos listados na Tabela 11 a seguir. Eles estão expostos em ordem decrescente considerando-se a recorrência:

Tabela 11 - Justificativas para a resposta "Mais ou menos" - Pergunta 1 (29 alunos)

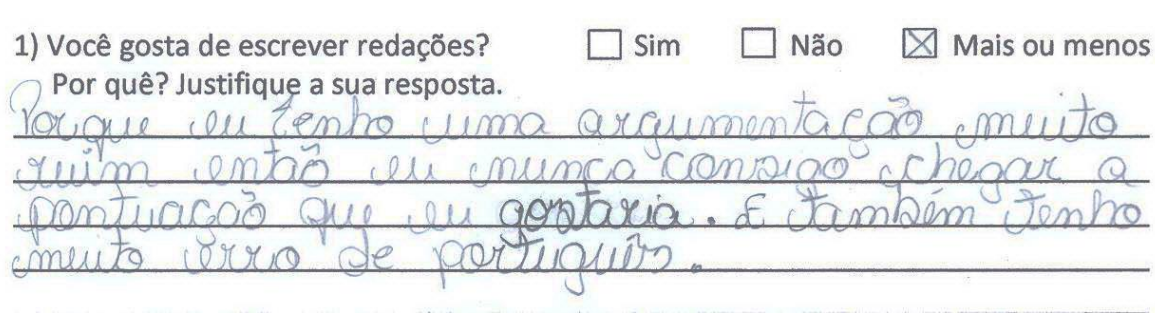
TIPO DE RESPOSTA	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
Porque não é bom/boa em argumentação, não tem boas ideias.	10	34,4%
Por causa de dificuldade com a norma culta. Comete "erros de português".	8	27,5%
Por causa de dificuldade com o tema ou assunto.	5	17,2%
Porque não é bom/boa para escrever. (Resposta genérica - não é possível saber se o aluno está se referindo a forma e/ou conteúdo.)	3	10,3%
Falta de paciência.	2	6,8%
- Porque não quer continuar estudando depois do Ensino Médio. - Dificuldade para passar as ideias para o papel. - Pouca leitura. - Dificuldade para fazer a introdução.	1	3,4%

Fonte: Dados de pesquisa.

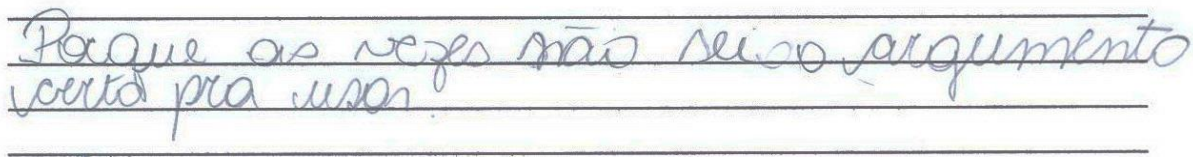
Dentre as justificativas apresentadas pelos discentes, destacam-se as dificuldades relacionadas com a argumentação, principal foco da presente pesquisa. Entre todas as justificativas apresentadas para os três tipos de resposta possíveis, pelo menos 19 alunos (44,1% de 43) disseram ter alguma dificuldade relacionada à argumentação.

Esse dado é ilustrado pelas justificativas que seguem, apresentadas por quatro alunos que responderam que gostavam "mais ou menos" de escrever redações:

A8:


1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu tenho uma argumentação muito ruim então eu nunca consigo chegar a pontuação que eu gostaria. E também tenho muito erro de português.

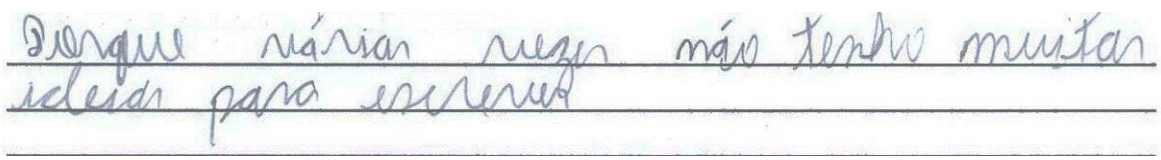
A23:


Porque as vezes não sei o argumento certo pra usar

A32:


Porque tenho dificuldades em pontuação e argumentar.

A44:


Porque várias vezes não tenho muitas ideias para escrever

As perguntas 2 e 3 do questionário buscavam sondar um pouco sobre a experiência com a escrita de redações, já vivenciada pelos participantes em anos anteriores da vida escolar.

Pergunta nº 2: "Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?"

As respostas para essa questão estão na Tabela 12 que se segue:

Tabela 12 - Respostas para a 2ª pergunta do questionário

TOTAL DE ALUNOS	TIPO DE RESPOSTA	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	Todos os professores de português.	15	34,8%
	Professores de português do Ensino Médio e a Professora Mônica.	8	18,6%
43	Professores de português em geral e a Professora Mônica.	7	16,2%
	Professora Mônica.	6	13,9%
	Professora Patrícia[23].	4	9,3%
	Professores de português em geral e a mãe.	1	2,3%

Fonte: Dados de pesquisa.

Apesar de as atividades de intervenção terem ocorrido em poucas aulas, com a realização de apenas dois simulados, 21 alunos (48,7%) dos 43 que participaram da pesquisa e também responderam o questionário mencionaram que o projeto desenvolvido foi importante para o seu aprendizado sobre redação.

Destaco também a resposta de um aluno (A1), para quem foi importante a participação da mãe, que sempre "cobrou de escrever bem, desde novo".

A1 foi um dos discentes que se destacaram por nota nos simulados realizados e obteve a maior nota no ENEM 2014 (920 em 1000), entre os que participaram tanto da pesquisa quanto do exame nacional. As notas por competência obtidas por esse participante foram:

Tabela 13 - Notas de A1 no ENEM 2014

COMPETÊNCIA	NOTA
I	160
II	200
III	200
IV	160
V	200

Fonte: http://sistemasenem2.inep.gov.br/resultadosenem/. Acesso: 15 nov. 2015.

[23]Este nome é fictício por uma questão ética.

Como se pode ver, o candidato obteve notas máximas nas competências que contemplam a argumentação (II, III e V), só perdeu pontos nos aspectos mais formais da redação (Competências I e IV). Além disso, o desempenho desse aluno merece louvor também porque, conforme o gráfico de notas do ENEM 2014, que contém os índices de desempenho dos participantes de todo o território nacional, apenas 1% ficou na coluna de notas acima de 900 pontos (vide Gráfico 1, p. 14 desta tese).

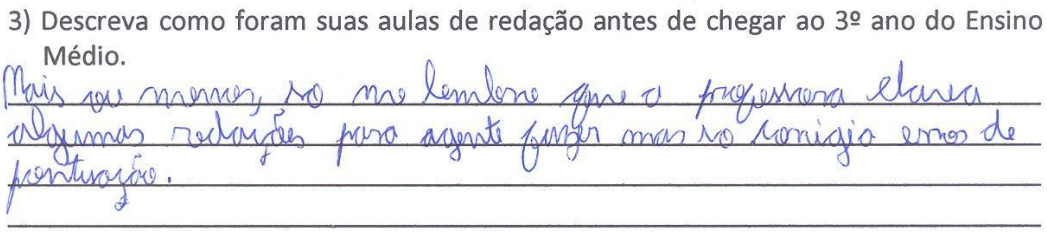
Segundo o Portal **Brasil Escola** (2015), a nota máxima (1000 pontos) foi obtida por apenas 250 candidatos.

Pergunta nº 3: "Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio."

A questão número 3 do questionário teve o objetivo de levantar informações sobre a experiência dos alunos com redação, em sala de aula, antes da realização da pesquisa. 5 alunos responderam que não tiveram aulas de redação, mas acredito que tenham entendido aulas específicas de redação na grade curricular, o que a escola pesquisada não possuía. Esse resultado indica que talvez fosse mais adequado perguntar sobre "atividades de escrita" em vez de "aulas de redação".

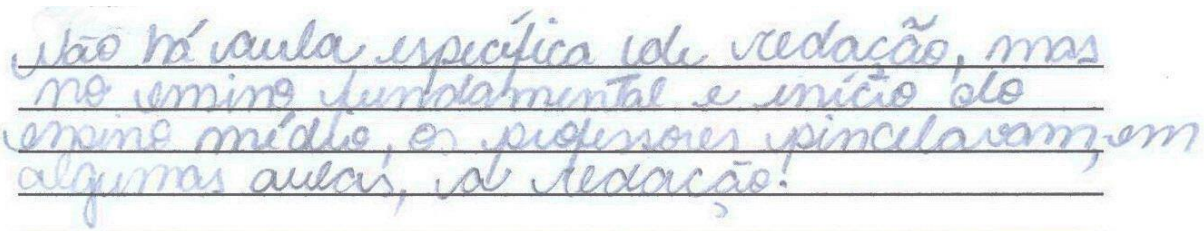
A maioria respondeu que tais aulas tinham sido simples, sem muito aprofundamento, com apenas algumas "pinceladas" sobre redação. Disseram que tinha havido um trabalho mais voltado para descrições e narrações.

A12

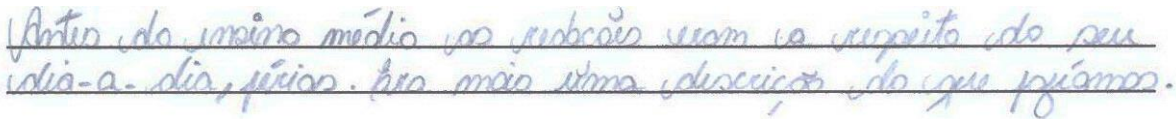

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Mais ou menos, só me lembro que a professora dava algumas redações para agente fazer mas só corrigia erros de pontuação.

A22


Não há aula específica de redação, mas no ensino fundamental e início do ensino médio, os professores pincelaram, em algumas aulas, de redação!

A14



Para saber mais sobre a receptividade dos alunos quanto à minha pesquisa, foi elaborada a 4ª pergunta do questionário, cujos dados são apresentados a seguir.

Pergunta nº 4: "O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira?"

Em resposta a essa pergunta, apenas 2 alunos responderam "Mais ou menos" e os outros 41 marcaram que as aulas foram "Boas":

Tabela 14 - Respostas para a 4ª pergunta do questionário

TOTAL DE ALUNOS	RESPOSTA	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	Boas	41	95,3%
43	Ruins	0	0%
	Mais ou menos	2	4,6%

Fonte: Dados de pesquisa.

Também nessa questão, foi solicitado que os respondentes se justificassem: "Por quê? Justifique a sua resposta."

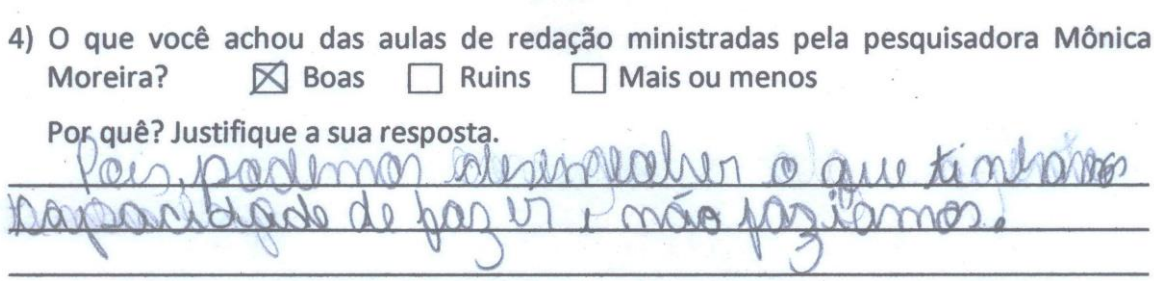
Os dois alunos que responderam "mais ou menos" justificaram dizendo que não tinham interesse por redação. Entretanto, a maioria (95,3%) expressou boa aceitação do projeto que foi desenvolvido. As respostas mais recorrentes foram:

Tabela 15 - Justificativas para a resposta "Boas" - Pergunta 4 (41 alunos)

TIPO DE RESPOSTA	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
Ampliou os conhecimentos sobre redação.	27	65,8%
Boa orientação para o ENEM.	10	24,3%
Não boas, ótimas, porque a pesquisadora tirou as dúvidas com atenção.	9	21,9%
Conhecimentos importantes para uma boa argumentação.	5	12,1%
A pesquisadora tem bom conhecimento e soube passar para os alunos.	4	9,7%

Fonte: Dados de pesquisa.

As aulas ministradas pela pesquisadora foram significativas para os alunos porque passaram conhecimentos relevantes para redações argumentativas em geral; para o ENEM, de modo mais específico; e agiram também na autoestima de quem participou. Isso se deve ao dato de que, com os exercícios dos simulados, muitos puderam perceber que tinham capacidade de fazer uma boa redação. Essa percepção está expressa na justificativa de A6:


4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Pois, podemos desenvolver o que tínhamos capacidade de fazer e não fazíamos.

De acordo com um levantamento feito pela Secretaria da escola campo de pesquisa, nenhum aluno que participou do projeto zerou a redação no ENEM 2014. Esse dado é relevante se considerarmos que a quantidade de redações nota zero em todo o país foi alta demais.

Pelo que foi possível saber, pelo menos 9 participantes da pesquisa tiraram nota acima da média nacional nesse ENEM. Entre eles, destacou-se o A1, com a nota 920. Essas informações foram obtidas através de contato direto com alguns alunos e/ou com a Secretaria da escola.

A 5ª e última pergunta do questionário de pesquisa foi elaborada para se avaliar a experiência dos alunos com a reescrita da redação, visto que, pela observação participante, constatei que essa atividade era uma novidade para eles.

Pergunta nº 5: "Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?"

Devido às limitações da pesquisa, isto é, às condições em que foram realizadas as ações de intervenção, respeitando-se a agenda escolar das professoras regentes, não foi possível trabalhar a reescrita feita pelos alunos. Considerando-se escrita como processo, é desejável e, certamente muito proveitoso, estudar as alterações que os aprendizes fazem em seus textos a partir das intervenções do professor.

Essa temática pode ser um ponto de partida para futuras pesquisas e foi, inclusive, um dos pontos de interesse de Eliana Ruiz, em sua pesquisa de Doutorado (RUIZ, 2013), cujos resultados são muito relevantes para quem ensina a produção de textos.

No escopo da presente pesquisa, a reescrita solicitada deveria ser uma "reelaboração de todo o texto (reescrita total) numa segunda versão" (Cf. RUIZ, 2013, p. 18). O objetivo pretendido com essa reescrita era possibilitar ao aluno-autor uma reflexão sobre a primeira versão entregue.

Conforme responderam no questionário, 38 alunos (88,3% de 43) julgaram a atividade de reescrita como produtiva, como se vê nesta Tabela 16:

Tabela 16 - Respostas para a 5ª pergunta do questionário

TOTAL DE ALUNOS	RESPOSTA	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
	Sim	38	88,3%
43	Não	3	6,9%
	Mais ou menos	2	4,6%

Fonte: Dados de pesquisa.

Ao responderem a segunda parte da questão 5: "Por quê? Justifique a sua resposta.", os participantes puderam explicitar como foi a experiência em uma atividade até então desconhecida para eles. As justificativas encontradas estão listadas nos Quadros 7 e 8 a seguir:

Quadro 7 - Justificativas para a resposta "Mais ou menos" - Pergunta 5 (2 alunos)

TIPO DE RESPOSTA	Nº DE ALUNOS
É bom, é válido para poder ver o que precisa melhorar, mas não tem isso no ENEM.	1
Porque fico querendo mudar a redação.	1

Fonte: Dados de pesquisa.

Quadro 8 - Justificativas para a resposta "Não" - Pergunta 5 (3 alunos)

TIPO DE RESPOSTA	Nº DE ALUNOS
Porque não.	1
Porque não reescrevi.	1
Porque achou que não teria tantos erros na reescrita quanto teve.	1

Fonte: Dados de pesquisa.

Entre os alunos pesquisados que disseram ter gostado de fazer a reescrita, as respostas mais recorrentes foram:

Quadro 9 - Justificativas para a resposta "Sim" - Pergunta 5 (38 alunos)

TIPO DE RESPOSTA	Nº DE ALUNOS
Melhorar, prestar mais atenção, perceber e corrigir erros que não cometerei mais.	38
Melhorar a argumentação.	4
Porque melhorou a nota.	4
Porque tinha erros "bobos".	3

Fonte: Dados de pesquisa.

Pela análise desses dados, conclui-se que, para a maioria dos participantes, a reescrita teve um importante papel na aprendizagem da produção textual por ter lhes proporcionado oportunidades de reflexão sobre a própria escrita. Todos os alunos que responderam "Sim", que tinham gostado de fazer a reescrita das suas redações depois de corrigidas, mencionaram que haviam cometido erros por falta de atenção. Também puderam perceber que era necessário melhorar a argumentação.

Apesar de a reescrita não ser objeto de investigação neste trabalho, como foi para Bouzada (2014), ela foi solicitada aos alunos justamente como estratégia para estimular que o próprio autor voltasse a seu texto para fazer uma revisão reflexiva.

Como enfatiza Macarthur, a revisão textual é inerente ao processo de escrita, mesmo daqueles escritores que já são mais experientes.

> Numa perspectiva teórica, qualquer entendimento dos processos cognitivos envolvidos na escrita deve incluir a revisão, porque os escritores, pelo menos os proficientes, dedicam tempo e esforço substanciais para avaliar e revisar seu trabalho. Quando os escritores revisam, eles consideram se alcançaram seus objetivos de se comunicarem com a audiência, refinam o estilo da prosa e exploram seus tópicos de maneiras que podem afetar sua própria compreensão. Ao contrário dos escritores proficientes, os escritores inexperientes ou que estão em desenvolvimento se ocupam de uma revisão relativamente pequena. Eles revisam principalmente para corrigir erros superficiais e fazem alterações menores no nível da sentença.[24] (MACARTHUR, 2012, p. 461, tradução da autora).

[24]Tradução para:"From a theoretical perspective, any understanding of the cognitive processes involved in writing must include revision because writers, at least proficient writers, devote substantial time and effort to evaluating and revising their work. When writers revise, they consider whether they have met their goals for communicating with an audience, refine the style of their prose, and explore their topics in ways that may affect their own understanding. In contrast to proficient writers, inexperienced or developing writers engage in relatively little substantive revision. They revise primarily to correct surface errors and make minor changes at the local sentence level." (MACARTHUR, 2012, p. 461).

Essas discussões corroboram a ideia de que o professor precisa sempre ler/corrigir/avaliar o texto do aluno e dar a ele o devido e merecido *feedback*, sob pena de se perderem oportunidades ímpares de ensino e de aprendizagem.

4.1.3 Análise de uma entrevista semiestruturada feita com 4 alunos que obtiveram as maiores notas nos simulados

Um outro instrumento utilizado para a coleta de dados para a pesquisa foi a entrevista semiestruturada com alguns alunos (Anexo XV, p. 290) e com as duas professoras (Anexo XVI, p. 291). No caso dos alunos, foram escolhidos os quatro que tinham obtido as maiores notas nos dois simulados realizados na fase de intervenção do projeto: A1, A19, A26 e A38.

O principal objetivo da entrevista com os alunos era conhecer um pouco mais sobre o perfil de cada um deles quanto à escrita de redações. Para tanto, foi feita uma sondagem mais geral sobre que escola(s) eles tinham frequentado e com quem tinham estudado sobre redação antes da pesquisa (Perguntas 3 e 4).

A1, A26 e A38 responderam que tinham cursado o Ensino Fundamental II na mesma escola em que estavam cursando o Ensino Médio, onde foi feita a pesquisa; já A19 respondeu que tinha estudado em uma outra escola, mas no mesmo município da pesquisa.

Em resposta à pergunta 4: "Com quem você teve aulas de redação?", os dados obtidos foram os seguintes:

Quadro 10 - Respostas dos alunos para as 3ª e 4ª perguntas da entrevista

ALUNO (A)	PERÍODO ESCOLAR	PROFESSORA	DESCRIÇÃO DAS AULAS
A1	5º ao 9º anos (EF)	Patrícia[25]	Não descreveu.
	1º ano (EM)	Patrícia	Não descreveu.
	2º ano (EM)	P1[26]	Não descreveu.
A19	7º e 8º anos (EF)	Soraia	"Trabalhava redação com mais frequência: dava texto misturado, com frases fora de ordem pra gente organizar. Mandava refazer. Corrigia tudo."
	1º ano (EM)	Patrícia	Não corrigia muito detalhado. Seguia o livro com várias propostas.
	2º ano (EM)	P1	Também seguia o livro. Não se lembra de ela ter corrigido redação.
A26	8º ano (EF)	Patrícia	Trocou cartas com outra escola.
	2º ano (EM)	P1	Passou pouca coisa de redação. Trabalhou mais com literatura.
A38	5º ao 9º anos (EF)	Patrícia	Poucas aulas de redação, muito raramente.
	2º ano (EM)	P1	Não descreveu.

Fonte: Dados de pesquisa.

Os três alunos (A1, A26 e A38) que cursaram tanto o Ensino Fundamental II quanto o Médio na mesma escola campo de pesquisa, e que tiveram professores semelhantes, relataram que tiveram poucas experiências com atividades de redação na sua formação escolar. A19, que fez o Fundamental II em outra escola e com um professor diferente, relatou que seu mestre se envolvia mais com o trabalho de produção de texto, pois, segundo o participante: "Mandava refazer. Corrigia tudo."

Para se poder avaliar a percepção dos participantes entrevistados quanto ao desempenho deles nas redações dos simulados, em específico, e na produção de textos em geral, foram feitas as perguntas 1, 2 e 5.

A entrevista foi iniciada com esta questão: "Em sua opinião, por que teve bom desempenho no(s) simulado(s)?". E as respostas obtidas foram as seguintes:

Quadro 11 - Respostas dos alunos para a 1ª pergunta da entrevista

ALUNO (A)	RESPOSTAS
A1	Porque sempre fez boas redações, sempre gostou de escrever e teve facilidade. Em 2013, teve uma redação escolhida para um concurso fora da escola. Conseguiu boa nota no Simulado 2 porque já sabia sobre o tema que caiu, homofobia, porque viu na escola.
	"Quando era mais nova, tinha dificuldade de ler por falta de atenção. Escrevia

[25]Os nomes nesta coluna são fictícios, por uma questão ética, e se referem a professores que não participaram desta pesquisa.
[26]Professora participante da pesquisa.

A19	errado, mas tinha boas ideias. Não gostava de escrever". Disse que estava praticando mais no 3º ano EM (em 2014) porque já tinha mais noção do que precisava ter numa redação. Disse também que estava preocupada com o ENEM e persistindo, porque queria tirar nota boa. Ressaltou a importância do conhecimento obtido através da intervenção realizada durante a pesquisa e que achava que ninguém na sala dela sabia antes o que tinha que ter numa redação do ENEM: cada uma das competências, por exemplo.
A26	Respondeu que não era muito de escrever redação, mas que lia muito, por exemplo, *tamblr*, tipo um *blog*, e que ela mesma já tinha tido um. Disse que gostava mais de ler coisas românticas e que foi uma surpresa tirar boas notas nos simulados.
A38	Respondeu que não sabia. Que melhorou bastante em 2014 por causa do cursinho pré-ENEM que estava fazendo, que ensinava como fazer redação, mostrando redações com notas boas no ENEM e vídeos sobre os temas.

Fonte: Dados de pesquisa.

Associado à pergunta anterior, também foi questionado na entrevista: "O que você faz para conseguir escrever boas redações?" (2ª Pergunta). Os dados obtidos foram estes:

Quadro 12 - Respostas para a 2ª pergunta da entrevista

ALUNO (A)	RESPOSTAS
A1	Respondeu que procurava ver jornais televisivos, prestar atenção nas notícias e estar sempre bem informado.
A19	Respondeu que não lia livro, mas que via muito jornal. Lia sobre atualidades todo mês, no **Jornal Mundo Jovem**[27]. Disse que era um jornal que tratava de temas importantes como História e Geografia, aborto, planejamento familiar etc, que o padre da paróquia entregava mensalmente na comunidade onde ela morava.
A26	Disse que procurava colocar as ideias em ordem.
A38	Respondeu que gostava de ver jornais de notícias e de ler notícias na internet. Disse que não escrevia muito, mas que gostava de opinar.

Fonte: Dados de pesquisa.

Pelas análises das respostas às perguntas 1 e 2 acima, constata-se que apenas A1 percebeu o seu desempenho nos simulados como resultado de uma trajetória já de sucesso nas atividades de produção de texto. No questionário, conforme já apresentado no item 4.1.2, A1 informou que a participação da mãe foi importante na sua formação, visto que ela sempre "cobrou de escrever bem, desde novo". Ter tido um texto escolhido para um concurso fora da escola, em 2013, e ter tirado nota 920 no ENEM 2014 também exemplificam tal sucesso.

Diferentemente de A1, o bom desempenho dos participantes A19, A26 e A38 pareceu ter sido "fruto do acaso", ou, pelo menos, resultado de um processo de curto prazo.

[27]Trata-se de uma publicação mensal da editora da PUCRS (2015, p. 4).

Para A26, as boas notas nos simulados foram "uma surpresa" e A19 e A38 disseram estar se preparando mais intensamente para o ENEM em 2014, ano da coleta de dados.

De qualquer modo, todos os entrevistados explicitaram que faziam alguma atividade extraescolar envolvendo leitura e/ou produção de textos. Trata-se de práticas que interferem diretamente na escrita que é solicitada pela escola.

A última pergunta da entrevista: "Que conselho(s) ou dica(s) você daria a alguém que quer melhorar a escrita de redação?" visava sondar sobre o que os alunos julgavam importante para escrever uma boa redação. Eles responderam que era necessário:

Quadro 13 - Respostas dos alunos para a 5ª pergunta da entrevista

ALUNO (A)	RESPOSTA
A1	Cuidar da norma culta, não escrever do jeito que fala. Cuidar da concordância. Se informar de tudo sobre tudo.
A19	Procurar estar informado, saber o que está acontecendo. Fazer correção e ver o que errou. Comparar com a redação anterior e observar para não cometer os mesmos erros depois.
A26	Ler muito e pesquisar na internet. Ler artigos, páginas da internet com conteúdos diversos. Segundo ela, havia uma colega de turma que sabia muito porque perguntava e pesquisava. Respondeu também que gostaria de ter um vocabulário melhor.
A38	Ter informações sobre atualidades. Pegar tema na internet e fazer a redação. Disse que não fazia isso antes, mas passou a fazer depois que iniciou o cursinho pré-ENEM e que, com essa prática, melhorou bastante as notas no cursinho.

Fonte: Dados de pesquisa.

Pelas respostas desses alunos, vê-se que todos eles tinham uma percepção de que era preciso cuidar do conteúdo do texto, isto é, do que se vai dizer. Três deles (A1, A19 e A26) também demonstraram preocupação com a forma, ou seja, o como dizer para se melhorar a escrita de redação. Para se ter melhor conteúdo, os conselhos apresentados contemplaram leituras diversas sobre temas mais gerais (A1 e A26) e atualidades (A19 e A26). Quanto à forma, disseram ser importante: distinguir escrita de fala (A1), observar os erros para não repeti-los (A19) e cuidar do vocabulário (A26).

4.1.4 Análise de uma entrevista semiestruturada feita com as professoras

Ainda na fase de coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada também com as professoras pesquisadas. Essa entrevista aconteceu na própria escola, após o término do ano letivo de 2014.

As perguntas de 1 a 5, feitas na abordagem inicial, tratavam da formação profissional de cada uma:

- P1) Fez graduação em Letras, na UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos (Ubá - MG), e Especialização em outra área, na EVATA (Viçosa - MG). Tinha 10 anos de experiência no ensino de Língua Portuguesa quando foi entrevistada.

- P2) Fez graduação em Letras, na UNOPAR EaD - Universidade Norte do Paraná (PR), e Especialização em Espanhol, na FIJ - Faculdades Integradas de Jacarepaguá (Jacarepaguá - RJ). Ao final de 2014, tinha 7 anos de experiência no ensino de Língua Portuguesa.

A pergunta nº 6 tratou, especificamente, da relação entre as professoras e a pesquisadora durante a coleta de dados: "O que você achou da minha pesquisa, da minha presença nas suas aulas?"

P1 respondeu: "Muito proveitosa, porque eu não tinha preparação. Eu aprendi. Não tive esse tipo de preparação na faculdade."

P2, por sua vez, disse que tinha ficado assustada no início, porque era o novo, o diferente, mas que tinha sido bem proveitoso, que tinha aprofundado algumas questões e servido para firmar o que ela já explicava, porque "um de fora tem mais crédito". Falou também que vinha tentando mudar sua prática, mas deixava pouco tempo para a redação. Refletindo sobre essa prática, disse ter abandonado o livro didático e ter percebido mais interesse dos alunos depois de tal decisão.

Ao analisar essas respostas, é importante destacar a falta de confiança na formação acadêmica (mencionada por P1) e a aprendizagem por meio da própria prática (conforme disse P2).

A 7ª pergunta tratou da prática de ensino de redação: "Nas suas aulas do dia-a-dia, geralmente, como são as aulas de redação?"

P1 disse que seguia o livro **Técnicas básicas de redação** (GRANATIC, 2005) como uma base e mudava de acordo com a atualidade. Falou que corrigia, lia e devolvia as redações dos alunos, mas que "não fazia isso de mostrar para a turma" (como fora feito nos simulados), nem comentava individualmente. Corrigia mais a ortografia e olhava se os alunos se esqueciam de argumentar.

P2 respondeu que discutia assuntos atuais, independentes do livro didático, e que não o utilizava para trabalhar redação. Segundo ela: "Chega-se a um consenso sobre o tema e aí elabora a proposta ou pega provas anteriores." Disse que corrigia olhando mais os erros de

português, a concordância e que não olhava a argumentação. "Tinha medo de corrigir e fazer errado. Corrigia mais o formal."

Pelo que responderam, a prática de correção das professoras estava mais voltada para os aspectos formais, o que demonstra que trabalhar na perspectiva do texto ainda é um grande desafio a ser superado. Conforme apontou Ruiz (2013, p. 176), "não é todo professor que está atento para os problemas de natureza textual". Pela análise dos dados da pesquisa que fez no doutorado, ela também percebeu que aqueles que fazem essa abordagem "ainda se mostram inseguros em como proceder à mediação que a instituição escolar deles espera, em como chamar a atenção do aluno para esse nível de análise linguística" (Ibid., p. 177).

Em 4.3 Formação do professor de Língua Portuguesa, essa discussão será retomada para uma abordagem mais aprofundada.

O receio e a insegurança das professoras no ensino de redação já tinham sido percebidos nos momentos de observação direta e observação participante e já constavam nas minhas notas de campo. Por isso, e entendendo que a pesquisa poderia trazer uma contribuição já a curto prazo, foi feita a pergunta seguinte: "Você tem alguma dúvida no trabalho com a redação em que eu poderia te ajudar com a minha pesquisa?"

P1 respondeu que tinha dúvida sobre como fazer, sobre como trabalhar a redação, mas achava que eu já tinha ajudado, porque do jeito que eu tinha apresentado os resultados dos simulados tinha mostrado como fazer.

P2 apresentou uma dúvida mais específica sobre a proposta de intervenção na redação do ENEM, mas também disse que era uma dúvida já solucionada através das atividades de intervenção que tinham sido feitas.

De qualquer modo, com o propósito de recompensar a escola por ter acolhido a minha pesquisa, coloquei-me à disposição da diretora e das professoras caso julgassem necessária alguma colaboração da minha parte. E, no segundo semestre letivo de 2015, com a coleta de dados já encerrada, na condição de voluntária e atendendo a um convite de alguns professores, voltei à escola pesquisada para trabalhar um pouco sobre redação com os alunos do Ensino Médio.

Conforme já foi apontado, as redações que os discentes tinham feito a pedido das professoras regentes não retornaram para eles. E esse fato me intrigava na condição de pesquisadora, pois desejava saber o porquê, qual motivo teria levado as professoras a reterem consigo os textos dos alunos. Por essa razão, perguntei ao final da entrevista: "O que você fez com as redações que os alunos escreveram no 1º semestre?"

P1 disse que não corrigiu porque tinha ficado com medo de arriscar devido à minha presença como pesquisadora: "Ela é especialista, vai virar doutora." Por isso, tinha preferido não fazer a correção, por medo de fazer errado.

P2 falou que não tinha corrigido porque tinha ficado com medo de confundir os alunos. Tinha preferido esperar as ações de intervenção para não fazer diferente.

Essas respostas das professoras demonstram certo bom senso e explicitam muito bem como a presença de um pesquisador em sala de aula interfere na dinâmica do trabalho pedagógico.

Ao tratarem das críticas feitas ao método de observação, Lüdke e André incluem o fato de ele "provocar alterações no ambiente ou no comportamento das pessoas observadas" (2014, p. 31). Inclusive, numa aula ministrada por P1 a que assisti como observadora, a professora disse que estava "com o coração saindo pela boca". E, em momento extraclasse, confessou que, na aula seguinte, quando eu estava ausente, tinha dado uma outra aula, com um direcionamento diferente.

Por causa desse mal-estar natural, é comum os pesquisadores se depararem com muitos obstáculos para realizarem seus estudos *in loco*. Eliana Ruiz, por exemplo, relata as dificuldades encontradas para a coleta de dados da sua pesquisa de Doutorado, entre 1991 e 1996. Segundo ela, não tendo conseguido obter a "representatividade de dados desejada", foi "por força de coleguismo ou amizade que o *corpus*, em grande parte, acabou se constituindo" (2013, p. 14).

Já em 2012, na sua pesquisa de Mestrado, Noemi Lemes também teve que enfrentar um processo angustiante na fase de coleta de dados, conforme relatado na dissertação dela:

> Fomos até escolas públicas de Ensino Médio da cidade de Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo, em busca dos livros didáticos de língua portuguesa que estão sendo utilizados, atualmente, bem como de textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos, do terceiro ano do Ensino Médio dessas escolas, a partir das propostas encontradas nesses livros didáticos.
> [...]
> Percorremos dez escolas públicas de Ribeirão Preto em que havia Ensino Médio; porém, apenas quatro mostraram-se abertas a colaborarem com a pesquisa. Dessas quatro, somente duas permitiram que, além dos livros didáticos, recolhêssemos também textos argumentativos produzidos por seus alunos. Cabe lembrar que, em todas as visitas às escolas, nosso *corpus* só era coletado mediante a apresentação documental da pesquisa e consentimento da direção e coordenação das escolas.
> Em nossas visitas, procurávamos sempre estabelecer um contato amistoso para com aqueles que nos atendiam, frisando sempre que era totalmente opcional a participação ou não na pesquisa e que, em nenhum momento, o

> nome da escola ou de qualquer aluno seria citado em nosso trabalho. Mesmo assim, na maior parte das escolas visitadas, encontrávamos certa resistência, antes mesmo que explicássemos de que se tratava a pesquisa. Tal resistência era manifestada, por vezes, em uma recusa pronta e categórica, normalmente após mencionarmos que estávamos ligadas à Universidade de São Paulo; outras vezes, pediam para que voltássemos em outros momentos, porém, mesmo após diversas tentativas, em quatro das escolas visitadas, não conseguimos falar com nenhum responsável. (LEMES, 2013, p. 20-21).

Felizmente, como nem tudo foram "espinhos" em seu estudo, a pesquisadora relata também o que foram as "flores" nessa empreitada:

> Em contrapartida, deparamo-nos com situações nas quais, além de nos receber atenciosamente, os diretores, coordenadores e professores mostravam-se interessados na pesquisa, pedindo, inclusive, para que apresentássemos nossos resultados, principalmente quanto à análise dos livros didáticos adotados pela escola. (Ibid., p. 21).

Feitas essas considerações, constato que tive condições privilegiadas de pesquisa, visto que a coleta de dados foi facilitada, em primeira instância, pela irrestrita acolhida e disponibilidade da diretora, que, inclusive, explicitou que entendia o quanto a pesquisa poderia vir a ser útil à escola. As professoras, por sua vez, apesar da tensão e insegurança que sentiam no início, aceitaram o desafio e também se mostraram bastante receptivas à pesquisa.

4.1.5 Análise do livro didático usado pela professora P1

Conforme já informado, P2 disse na entrevista que não utilizava o livro didático para trabalhar redação. P1, entretanto, usava um livro extra como base: **Técnicas básicas de redação** (GRANATIC, 2005) e também o livro didático adotado pela escola. Esse LD é a obra **Português linguagens**: volume 3 (CEREJA; MAGALHÃES, 2010), que consta no guia de livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2012[28].

No que se refere, especificamente, à produção de textos escritos, tal obra, segundo esse guia, "detalha tanto aspectos da forma e da organização dos textos quanto aspectos de sua

[28]"O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico." Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>. Acesso em: 06 dez. 2015.

circulação social. Nesse sentido, são dados subsídios temáticos, orientações sobre registro e aspectos da textualidade, além de orientações de autoavaliação." (BRASIL, 2011, p. 52).

Ainda nesse eixo de ensino e detalhando um pouco sobre o que se encontra na coleção, diz o documento:

> O eixo da produção de texto, centrado na perspectiva dos gêneros textuais, é articulado ao eixo da leitura e traz orientações para, por exemplo, a produção de **notícia e reportagem, resumo, seminário, e-mail e blog, poema, texto teatral, fábula e apólogo, crônica literária**. Em toda a obra, o eixo da produção segue essa organização – que envolve a leitura e a análise de exemplares dos gêneros – com maior ou menor detalhamento de seus aspectos formais e discursivos e com orientações precisas sobre o contexto e as etapas de produção. (Ibid., p. 55, grifos meus).

Como se vê, o trabalho na perspectiva dos gêneros textuais é um ponto positivo dessa obra, entretanto, há um espaço reduzido para a argumentação, principal foco de atenção na presente pesquisa.

O 3º volume da coleção (CEREJA; MAGALHÃES, 2010), especificamente, contém atividades de produção de gêneros textuais variados como crônica; cartas de leitor, de reclamação e de solicitação e texto de divulgação científica.

O Capítulo 5 da Unidade 3 (p. 284), cujo título é: "O texto argumentativo: a seleção dos argumentos", trata, de modo explícito, do tipo textual argumentativo. Nesse sentido, os autores propõem, entre outras atividades, um trabalho com o **debate** regrado (p. 290). Entretanto, se percebe que há uma confusão conceitual entre **tipo** e **gênero textual**, manifesta na própria elaboração do primeiro subtítulo do capítulo: "Trabalhando o gênero" (p. 284). E essa mesma imprecisão terminológica se encontra no Capítulo 5 da Unidade 4: "O texto dissertativo-argumentativo", que tem como primeiro subtítulo a mesma expressão "Trabalhando o gênero" (p. 336).

Apesar de o livro didático adotado trazer um conteúdo relacionado explicitamente à argumentação, nas Unidades 3 e 4, esse material não foi utilizado em sala de aula pela professora regente, para se ensinar sobre a produção de textos argumentativos.

Ao final de cada uma das quatro unidades que compõem o livro, há uma seção intitulada "Em dia com o ENEM e o vestibular". A segunda proposta de redação, solicitada pela professora A1 em 25 de abril de 2014, foi extraída dessa seção do livro. Os autores sugerem três temas para o aluno escolher um: 1) momento mais adequado para entrar na universidade, 2) pressa e qualidade de vida e 3) duração do amor(cf. CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 136-137).

Também preocupada com a questão dos livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados no Ensino Médio e desejando compreender "como e onde o ensino da argumentação poderia estar sendo apresentado aos alunos", Noemi Lemes constatou o seguinte: "Foi possível encontrar esse conteúdo apenas nos terceiros volumes das coleções observadas, utilizados no último ano do Ensino Médio. Tal evento pode estar associado a uma maior preocupação com o vestibular nesse período." (LEMES, 2013, p. 21).

4.1.6 Análise de um projeto desenvolvido pela professora de Geografia

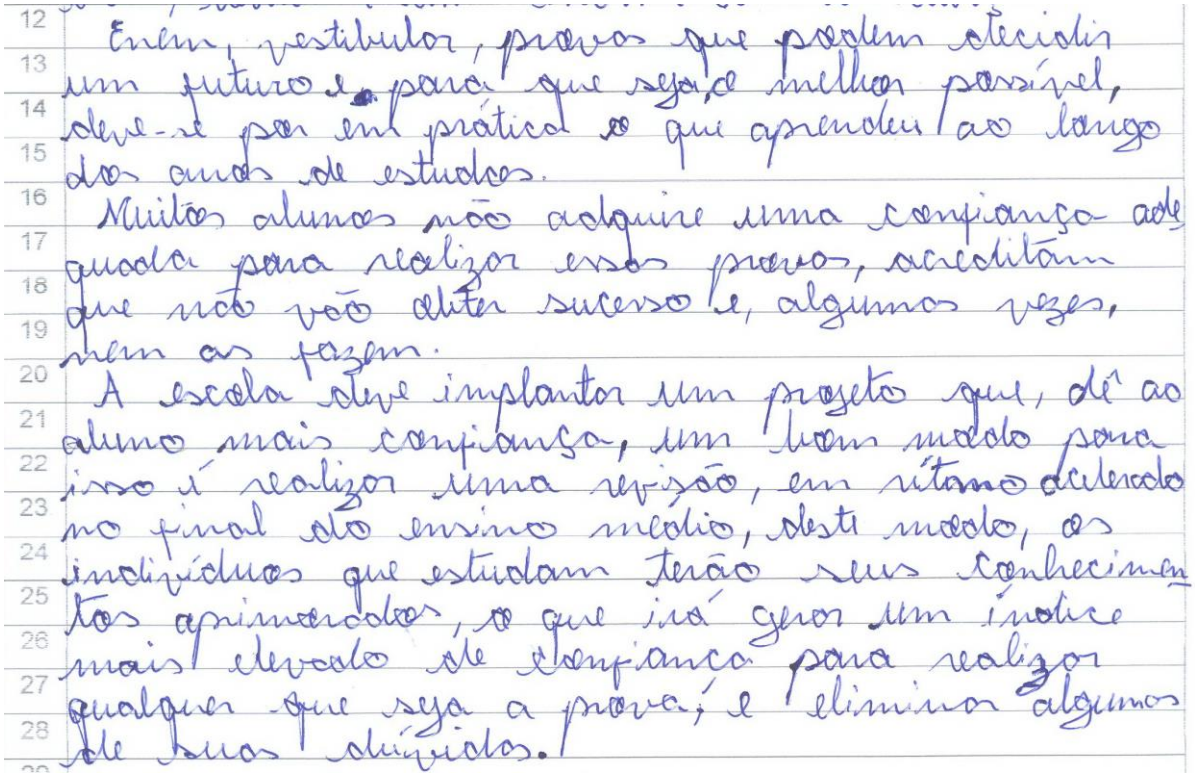
Durante a coleta de dados para esta pesquisa, a professora de Geografia das duas turmas de 3º ano EM desenvolveu um projeto que também demandou a escrita de uma redação, cujo tema foi "Projetos para o futuro" (Anexo XVII, p. 292), conforme já contextualizado em 3.1.

Como esse projeto estava integrado ao "Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio", do governo federal, foi solicitado que os alunos apresentassem, em seus textos, sugestões de melhoria para o Ensino Médio na escola em que estavam concluindo o esse nível de escolaridade. Visto que, dentre as propostas apresentadas, os alunos abordaram o ensino de redação em geral, a preparação para o ENEM e outros vestibulares e, mais especificamente, o ensino da argumentação - assuntos que estão no escopo do presente estudo, julguei relevante analisar também esses dados, como coadjuvantes importantes ao lado dos dados do corpus principal da pesquisa.

Apesar de as condições de produção desse texto terem sido diferentes das estabelecidas nas ações de intervenção realizadas, decidi agregar os dados obtidos nesta análise, uma vez que eles corroboram dados principais da minha pesquisa, principalmente no que se refere à necessidade de se trabalhar mais para elevar a autoestima dos participantes quanto à sua capacidade de produção de texto.

41 alunos (21 da Turma A e 20 da Turma B) entregaram à professora a redação pedida. Desses, 15 (36,5%) discentes sugeriram que os professores devem preparar mais os alunos para o ENEM e outros vestibulares, com provas e simulados.

A24 argumenta que muitos alunos têm baixa autoestima e que a escola precisa trabalhar para que eles possam adquirir "uma confiança adequada" para participarem de quaisquer tipos de prova.

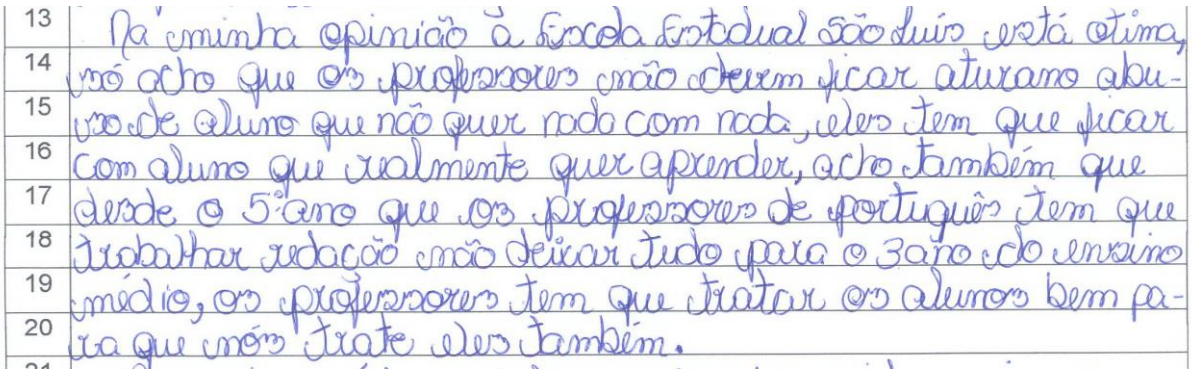


Enem, vestibular, provas que podem decidir um futuro e, para que seja o melhor possível, deve-se pôr em prática o que aprendeu ao longo dos anos de estudos.

Muitos alunos não adquire uma confiança adequada para realizar essas provas, acreditam que não vão obter sucesso e, algumas vezes, nem as fazem.

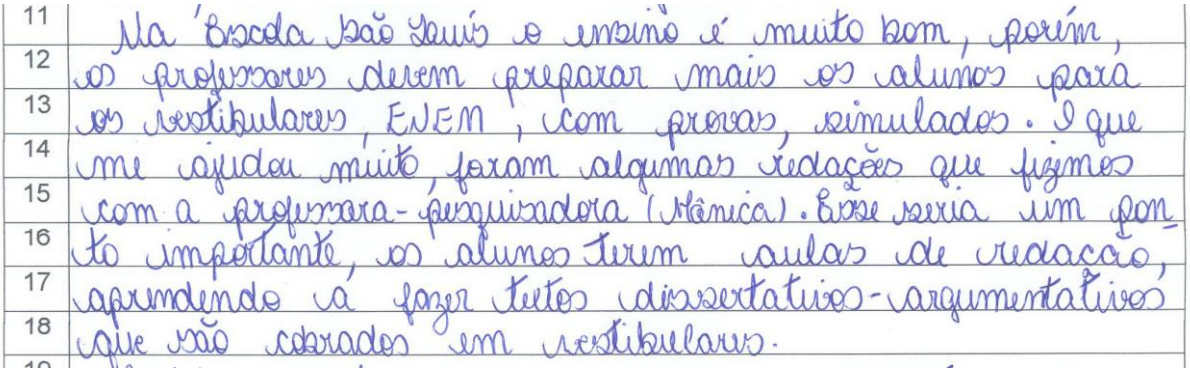
A escola deve implantar um projeto que, dê ao aluno mais confiança, um bom modo para isso é realizar uma revisão, em ritmo acelerado no final do ensino médio, desta modo, os indivíduos que estudam terão seus conhecimentos aprimorados, o que irá gerar um índice mais elevado de confiança para realizar qualquer que seja a prova, e eliminar alguns de seus divídidos.

A8 sugere que os professores de português ensinem redação desde o 5º e não deixarem para o final do EM.



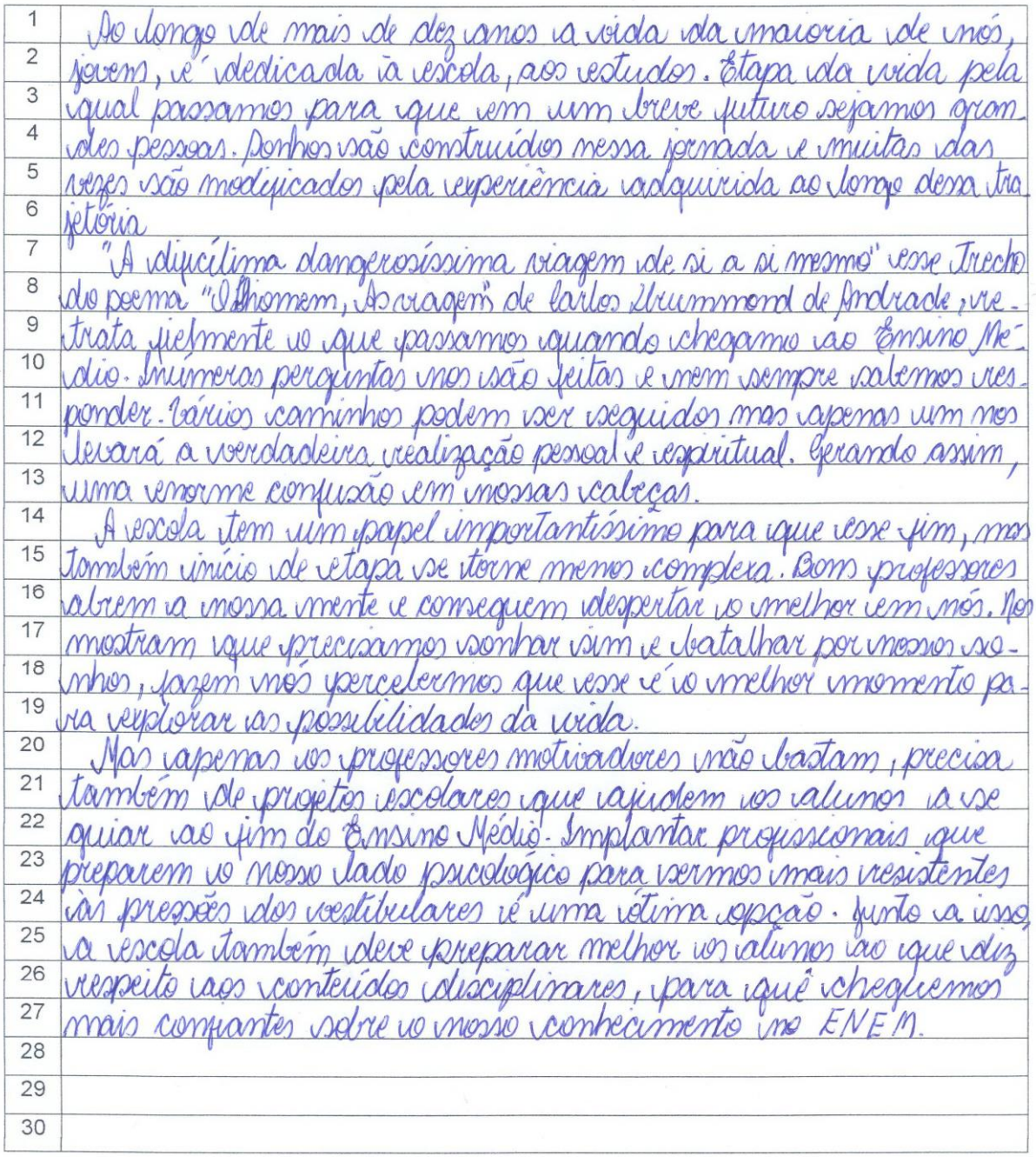
Na minha opinião a Escola Estadual São Luís está ótima, só acho que os professores não devem ficar aturando abuso de aluno que não quer nada com nada, eles tem que ficar com aluno que realmente quer aprender, acho também que desde o 5º ano que os professores de português tem que trabalhar redação não deixar tudo para o 3ano do ensino médio, os professores tem que tratar os alunos bem para que mêm trate eles também.

A11, por sua vez, propõe a preparação para os vestibulares, com o ensino da argumentação e, inclusive, fala da importância do projeto de intervenção que foi realizado durante a pesquisa.


Na Escola São Luís o ensino é muito bom, porém, os professores deveriam preparar mais os alunos para os vestibulares, ENEM, com provas, simulados. O que me ajudou muito, foram algumas redações que fizemos com a professora-pesquisadora (Mônica). Esse seria um ponto importante, os alunos terem aulas de redação, aprendendo a fazer textos dissertativos-argumentativos que são cobrados em vestibulares.

Conforme já foi salientado nesta tese, durante a coleta e análise dos dados, chamou a atenção a questão da baixa autoestima de professoras e alunos quanto ao ensino e a aprendizagem da produção textual. Nas redações entregues à professora de Geografia, 8 alunos (19,5 % de 41) propuseram que a escola em questão trabalhasse mais a confiança dos discentes. Esse dado, portanto, merece destaque por corroborar as resultados obtidos através das outras fontes usadas nesta pesquisa.

Na sua redação, A38, inicialmente, apresenta um panorama do drama e da confusão mental que os adolescentes têm que enfrentar para escolher uma profissão ao final do EM e sugere que, além de professores motivadores, que os preparem bem para o ENEM, também haja apoio psicológico para ajudá-los a enfrentar a pressão dos vestibulares.



Ao longo de mais de dez anos a vida da maioria de nós, jovens, é dedicada à escola, aos estudos. Etapa da vida pela qual passamos para que em um breve futuro sejamos grandes pessoas. Sonhos são construídos nessa jornada e muitas das vezes são modificados pela experiência adquirida ao longo dessa trajetória.

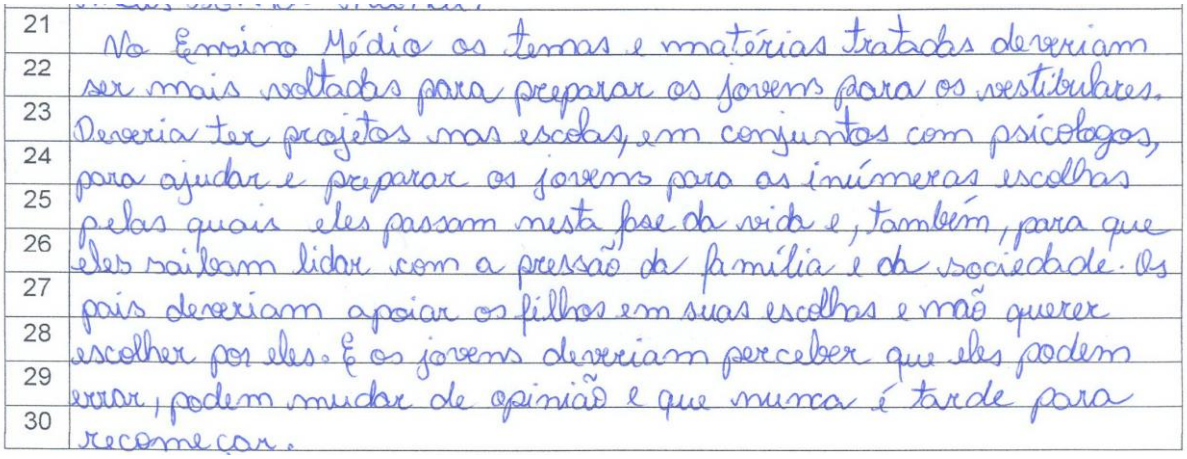
"A difícilima dangerosíssima viagem de si a si mesmo" esse trecho do poema "O Homem, As viagens" de Carlos Drummond de Andrade, retrata fielmente o que passamos quando chegamos ao Ensino Médio. Inúmeras perguntas nos são feitas e nem sempre sabemos responder. Vários caminhos podem ser seguidos mas apenas um nos levará a verdadeira realização pessoal e espiritual. Gerando assim, uma enorme confusão em nossas cabeças.

A escola tem um papel importantíssimo para que esse fim, mas também início de etapa se torne menos complexa. Bons professores abrem a nossa mente e conseguem despertar o melhor em nós. Nos mostram que precisamos sonhar sim e batalhar por nossos sonhos, fazem nós percebermos que esse é o melhor momento para explorar as possibilidades da vida.

Mas apenas os professores motivadores não bastam, precisa também de projetos escolares que ajudem os alunos a se guiar ao fim do Ensino Médio. Implantar profissionais que preparem o nosso lado psicológico para sermos mais resistentes às pressões dos vestibulares é uma última opção. Junto a isso, a escola também deve preparar melhor os alunos ao que diz respeito aos conteúdos disciplinares, para que chegue mos mais confiantes sobre o nosso conhecimento no ENEM.

O autor dessa redação se destacou entre os participantes da pesquisa que obtiveram as maiores notas nos simulados, foi um dos entrevistados na coleta de dados e recebeu nota 720 no ENEM 2014. Com esse desempenho, garantiu vaga, em 2015, pelo SISU, no Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa.

A preparação para vestibulares e o suporte psicológico para fortalecer a autoestima e dar mais segurança aos alunos concluintes do EM também foram sugeridos por A28, no parágrafo a seguir:



No Ensino Médio os temas e matérias tratadas deveriam ser mais voltadas para preparar os jovens para os vestibulares. Deveria ter projetos nas escolas, em conjuntos com psicólogos, para ajudar e preparar os jovens para as inúmeras escolhas pelas quais eles passam nesta fase da vida e, também, para que eles saibam lidar com a pressão da família e da sociedade. Os pais deveriam apoiar os filhos em suas escolhas e não querer escolher por eles. E os jovens deveriam perceber que eles podem errar, podem mudar de opinião e que nunca é tarde para recomeçar.

Como encaminhamento final do projeto da professora de Geografia, as sugestões apresentadas pelos discentes nas redações foram consideradas na revisão do planejamento pedagógico para o EM, para o ano de 2015, na escola em questão.

4.2 *Feedback* do professor

No escopo da presente pesquisa, interessam dois tipos de *feedback*[29] para as atividades de produção de textos que podem ser trabalhados pelo professor: 1) fornecido pelo professor que vai ler/avaliar/corrigir os textos produzidos, 2) fornecido por colegas de classe (*peer feedback*), que vão ler e comentar os textos uns dos outros.

Para muitos, talvez pareça óbvio sustentar a tese de que o professor só deve solicitar dos seus alunos um trabalho escrito se ele pretende ler, de fato, esse trabalho e dar um retorno a quem escreveu. No entanto, não é raro me deparar com queixas de alunos dizendo que escreveram textos, até com muito sacrifício, mas seus professores nunca os leram e/ou não os corrigiram. Lembro-me do seguinte comentário intrigante de um aluno, já cursando o 6º período do Curso de Pedagogia, na Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia de Garanhuns -FACETEG – Universidade de Pernambuco -UPE, Campus Garanhuns - PE, após receber de volta um trabalho escrito que eu havia solicitado, corrigido e devolvido: "Professora, é a primeira vez que recebo um trabalho corrigido assim." Indaguei, então curiosa, sobre como os alunos recebiam os resultados das produções escritas e eles

[29]A palavra inglesa *feedback* pode ser traduzida como resposta, comentário etc. Mantenho a palavra original por já ser consagrada pelo uso. Nesta tese, *feedback* é entendido como resposta à produção escrita do aluno "com o objetivo de auxiliá-lo na revisão e reescrita de sua produção, orientando-o na construção de um texto coeso e coerente e que atenda os propósitos e as exigências da situação comunicativa proposta" (BOUZADA, 2014, p. 16).

responderam que, geralmente, só recebiam a nota, sem terem oportunidade de ver a correção feita pelo professor.

Experiência semelhante é relatada pela professora e pesquisadora Lívia Suassuna, cujos trabalhos são extremamente relevantes para quem quer aprender mais sobre o ensino da língua materna. Assim diz a autora:

> Na universidade, tenho testemunho dos alunos que ao escrever sofrem muito, se aperreiam, choram. Dizem também que nunca aprenderam tanto a língua, a cuidar do que é escrito, a escrever de forma clara, como no processo de orientação. Isso se dá no vai e vem do texto, na interlocução experiente que aponta os caminhos. (SUASSUNA, 2014, p. 7-8).

O não-retorno das produções escritas tem sério impacto no perfil de letramento que se vai formar, isso porque "a pesquisa sobre a resposta do professor à escrita do aluno indica que, sem um *feedback* efetivo, os alunos não vão se engajar em uma autoavaliação e uma revisão significativas, o que é essencial para aprender a melhorar a escrita deles"[30] (BEACH; FRIEDRICH, 2006, p. 231, tradução da autora).

Durante a realização desta pesquisa, o *feedback* para os alunos sobre textos de sua autoria só foi contemplado nas ações de intervenção que vim a desenvolver após a etapa de observação direta. Isso porque as redações que fizeram a pedido das professoras regentes não retornaram para eles.

Na Aula 3 da 1ª SD, foram apresentados os resultados da avaliação das redações produzidas no Simulado 1. Os resultados gerais foram apresentados através de gráficos e discutidos coletivamente, com exemplos das próprias redações. Além dessa abordagem oral, também houve uma atividade escrita como estratégia para fornecer *feedback*. Cada aluno recebeu uma folha de tamanho A4 com uma lista de 24 fragmentos que foram selecionados de redações variadas, digitados e xerocados, os quais precisavam de alguma correção (Anexo XI, p. 241). Isso foi feito com o objetivo de "retomar os textos em sala de aula e promover uma discussão coletiva com vistas à identificação e solução dos diferentes tipos de problemas encontrados" (SUASSUNA, 2011, p. 126).

Durante a aula, foi reservada uma parte do tempo para que fizessem, individualmente, a correção de alguns dos fragmentos da lista. No tempo restante, os demais trechos selecionados foram corrigidos e discutidos coletivamente. Em alguns casos, o texto

[30]Tradução para: "The research on teacher response to student writing indicates that without effective feedback, students will not engage in the substantive self-assessment and revision that is essential to learning to improve their writing." (BEACH; FRIEDRICH, 2006, p. 231).

original foi adulterado na digitação para direcionar o olhar do discente para aspectos mais relevantes.

A professora e pesquisadora Irandé Antunes, cujas crenças sobre o ensino de Língua Portuguesa muito influenciaram na minha formação profissional, traz, na citação a seguir, relevantes sugestões para a avaliação da produção de textos escritos. Segundo a autora, essa avaliação deveria variar

> pela adoção de diferentes estratégias e diferentes recursos, de modo a não assumir o sentido de tarefa escolar, apenas, uma a mais na rotineira passagem do ano letivo. Assim, o professor poderia, a partir de certos trechos, fazer análises, fazer comentários, levantar hipóteses de outras formulações do texto, dentro das imensas possibilidades da língua. Poderia fazer isso com a turma toda, ou deixá-los trabalhar em duplas ou individualmente. O importante seria que a produção do aluno obtivesse alguma resposta, encontrasse do outro lado da linha alguém com quem interagir. Assim, quem sabe, sua experiência do dizer poderia converter-se na experiência de ser autor, o que, de fato, só acontece quando nos sentimos comunidade, quando nos sentimos pertencendo a um grupo. (ANTUNES, 2006, p. 171).

No contexto deste trabalho, as redações foram produzidas na escola com o objetivo de serem lidas, avaliadas e corrigidas, porém com a *função de pesquisa*[31], visto que essas ações foram feitas pela pesquisadora-professora. Havia o propósito de se fazer um diagnóstico, um recorte no tempo sobre a produção textual dos sujeitos pesquisados, no contexto específico de uma sala de aula de 3º ano EM.

Já que as redações foram produzidas em simulados, caracterizados como atividades de experimentação, a avaliação não teve o fim de aferição, isto é, de "dar uma nota real", com interferência direta na promoção ou retenção do aluno ao final do ano escolar. Acredito que essa condição tenha facilitado, sobremaneira, as oportunidades de interação e de discussões sobre os conteúdos dos textos produzidos e as diversas possibilidades de textualizá-los.

Nas aulas de intervenção que foram destinadas à apresentação e discussão dos resultados dos simulados, foi muito salutar a receptividade dos alunos ao *feedback* oferecido. Faziam muitos questionamentos e se mostravam satisfeitos por terem suas dúvidas esclarecidas. Exemplo disso ocorreu com A33, que discordou da censura que tinha sido feita ao uso de recursos de oralidade na sua redação, por exemplo, o uso de "ta ai" para "está aí". A

[31]Serafini fala de três funções para a avaliação de textos: "A *função administrativa* ou de *mensuração* é aquela em que um texto é avaliado em relação a outros. A *função preditiva* avalia o futuro desempenho do aluno. A *função de pesquisa* analisa o progresso das capacidades do aluno em um espaço de tempo, ou o rendimento de um grupo de alunos num contexto particular." (SERAFINI, 2004, p. 130, grifos da autora).

réplica desse aluno foi: "Eu falo assim, por que não posso escrever assim?". Expliquei que era preciso considerar a Competência I da matriz, que avalia o uso da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, e que esse uso era uma marca de oralidade que trazia informalidade para o texto. A reação de A33 propiciou um construtivo debate sobre os usos da linguagem, que envolveu a turma como um todo.

4.3 Formação do professor de Língua Portuguesa

Devido à insegurança demonstrada pelas professoras pesquisadas no ensino da produção de textos, bem como às deficiências na formação profissional de que elas se queixaram, este item vem trazer algumas discussões relevantes ao se considerar essas questões.

Inicialmente, trago um relato de Dionísio (2002, p. 84-85) sobre a sua experiência como professora de Prática de Ensino de Português, obrigatória para graduandos em Letras:

> Em uma das minhas experiências com Prática de Ensino de Português, na Universidade Federal de Pernambuco, encontrei uma clientela heterogênea, com experiências diferentes no que se refere à concepção de ensino de língua. De acordo com a experiência que traziam, classifiquei os alunos em:
> *Aluno-professor*, ou seja, aquele graduando que já ensina ou já ensinou e que tem o livro didático como instrumento único de orientação metodológica. Apesar de ter estudado as correntes lingüísticas contemporâneas durante o curso de Letras, não sabe o que fazer com elas no dia-a-dia de suas aulas (ou pior, não acredita que possam – ele e as teorias lingüísticas – alterar as práticas já cristalizadas no Ensino Fundamental e Médio). Tem no livro didático o companheiro salvador, especialmente naqueles livros de orientação apenas prescritivista.
> *Aluno-pesquisador*, ou seja, aquele graduando com vasta experiência em pesquisa científica, como Iniciação Científica, hábil proferidor de comunicações em congressos e similares, mas sem a menor noção de como se portar como professor de língua. No geral, também não percebe as possíveis relações entre as pesquisas que desenvolve e o ensino de língua. Para este, o livro didático tem a função de instrumentalizar o professor.
> *Aluno-aluno*, ou seja, aquele graduando que não tem experiência de ensino nem de pesquisa. Espera pela disciplina de Prática de Ensino como a grande inspiradora para a sua formação como professor. Não percebe também a relação entre os estudos feitos nos semestres antecedentes como responsáveis pela sua formação. O livro didático apenas representa um recurso metodológico para o ensino.
> O maior desafio consistia em fazer esses alunos perceberem o papel do professor como mediador.

Segundo esse depoimento, a mediação do professor ainda não era foco de interesse dos graduando de Letras, seja daqueles ainda sem experiência em sala de aula ou daqueles que já atuavam no ensino.

Os resultados da presente pesquisa mostraram que a mediação também ficou ausente no trabalho das professoras pesquisadas no que se refere à produção de textos, visto que o processo de escrita se encerrou com a entrega das redações às docentes.

Segundo os PCN+EM:

> Os professores que acabam de entrar no mercado ressentem-se, em sua formação, das lacunas deixadas pelo ensino da língua pátria ao longo de seu próprio processo de escolarização. O exame atento do desempenho oral e escrito de bacharéis recém-formados em letras ou de candidatos a concursos de ingresso ao magistério deixa antever uma série de dificuldades no domínio das situações comunicativas a que são submetidos aqueles que se propõem a trabalhar, junto às futuras gerações, com a Língua Portuguesa. (BRASIL, [s. d.], p. 85-86).

Diante da defasagem facilmente perceptível na formação profissional, cabe ao professor "se virar como pode" para fazer formação em serviço e desenvolver seu perfil através da própria prática. Conforme se encontra mais adiante nos PCN+EM:

> O que se deseja, afinal, são professores reflexivos e críticos, ou seja, professores com um conhecimento satisfatório das questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem e em contínuo processo de autoformação, além de autônomos e competentes para desenvolver o trabalho interdisciplinar. Um dos instrumentos úteis a essa reflexão baseia-se em procedimentos de auto-observação e análise, em que se destaca a importância de o professor saber o que faz em sala de aula, e de saber porque o faz dessa forma e não de outra. (Ibid., p. 244).

É melhor alternativa, portanto, o professor-pesquisador, isto é, aquele professor que aprende com a própria prática, muitas vezes, por tentativas com erros e acertos.

Lúcia Barros, ao tratar, em sua tese, da relação entre o professor e o ensino da escrita, faz uma síntese das principais dificuldades apontadas pelos docentes:

> a) "Corrigir todos aqueles textos; não dá tempo.", b) "Como ensinar mesmo; não adianta só marcar os erros. Isso, a maioria faz; Difícil é fazer com que os textos deles melhorem.", c) "Ensinar aquele tanto de gêneros que a secretaria manda.", d) "Ensinar aquilo que eu não sei. Como é que se ensina o que não se sabe?", e) "O mais difícil é ensinar como é que os alunos podem articular melhor suas ideias.", f) "Apresentar uma proposta boa; eu só sei fazer do jeito tradicional, colocando o título no quadro e mandando escrever." (BARROS, 2012, p. 289).

Essa lista, obviamente, contempla questões bastante complexas que precisam ser contempladas na formação dos professores de Língua Portuguesa para que eles possam se sentir mais preparados e seguros no ensino da escrita.

4.4 O professor de Língua Portuguesa e a sua produção escrita

Ainda considerando o estudo realizado por Barros (2012), nele encontramos um diagnóstico que elucida como é problemático o fato de o próprio professor, que tem a incumbência de ensinar a escrever, não manter uma relação "amigável e pacífica" com a escrita.

A autora realizou um estudo com docentes do Ensino Básico: sessenta professores da rede pública de ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental e quarenta dos anos finais, que participaram de formação continuada de professores promovida pelo Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (Ceale), órgão complementar da Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Segundo ela: "Os professores com os quais trabalhamos em cursos de formação continuada resistem muito quando são convidados a fazer alguma atividade por escrito. É sempre a mesma solicitação: 'Não dá pra gente falar não?' (p.254).

A pesquisadora perguntou aos professores pesquisados se eles gostavam de escrever. 82% responderam "gosto pouco" ou "não gosto" e 86% responderam que consideravam escrever uma tarefa "muito difícil" ou "difícil" (Ibid., p. 255 e 257).

Esses resultados de pesquisa são corroborados por Faraco, para quem as condições de letramento do professor também são preocupantes.

> Nosso sistema educacional vive sob este desafio: como ampliar a escolaridade e o letramento da população brasileira num contexto sociocultural limitado, para não dizer relativamente adverso. Basta lembrar aqui que muitos educadores têm a tarefa de ensinar a escrever, mas eles mesmos não dominam suficientemente a escrita ou não escrevem regularmente. (FARACO, 2014, p. 2).

Interessada mais de perto na questão da autoria do professor, a mestranda Aline Assef (2014) também nos apresenta dados relevantes sobre o perfil docente. Em sua dissertação, ela analisou textos dissertativo-argumentativos produzidos por professores de séries iniciais do Ensino Fundamental, que atuavam no ensino público em Ribeirão Preto e que participavam do CADEP (Centro de Aprendizagem da Docência dos Egressos de

Pedagogia), um grupo de estudo, pesquisa e extensão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP/USP.

Um dado interessante dessa pesquisa diz respeito à resistência dos professores pesquisados em escrever, que pode ser depreendida de parte do processo de coleta de dados relatada a seguir:

> [...] todos os professores que participavam do grupo [12] demonstraram um grande interesse pela proposta e se dispuseram prontamente a contribuir com a pesquisa. No entanto, chegado o fim do prazo combinado para entrega dos textos, cerca de dois meses, somente sete, dos doze professores que se comprometeram a participar da pesquisa, entregaram o texto. A nosso ver, essa demora pode ser interpretada como resistência do sujeito em produzir o texto escrito, posto que cerca de um mês após o encerramento do prazo combinado apenas sete redações foram entregues. (ASSEF, 2014, p. 82).

Assef aponta que essa possível falta de identificação com a escrita pode prejudicar a assunção de autoria dos professores nos textos que produzem e, consequentemente, afetar o ensino da produção de textos escritos aos alunos, em sala de aula (Ibid., p. 17).

Diante dos resultados que encontrou, Barros também se mostra preocupada com a formação profissional do docente na graduação e diz que é levada a concluir que:

> a responsabilidade pelo fracasso no ensino da produção textual é das instituições que se ocupam da formação de professores.
> A nosso ver, embora não tenhamos nos debruçado na análise de currículos dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia, só temos um caminho: investir na reformulação organizacional e, mais que isso, conceitual das licenciaturas em Letras e Pedagogia. Se já sabemos que professor queremos formar, é preciso, agora, formá-los, segundo esse perfil. [...] Só assim ninguém mais será cobrado a ensinar o que não aprendeu. (BARROS, 2012, p. 306).

Essas discussões trazem à baila uma fala significativa da professora P2, participante da presente pesquisa, ao receber sua redação corrigida por mim: "Nunca tive uma redação corrigida por um professor, apontando o que eu precisava melhorar." Associando essa fala às respostas dos alunos no questionário, dizendo que tiveram aulas de redação simples e sem aprofundamento, é possível perceber o quanto as lacunas na formação do docente podem prejudicar a sua atuação em sala de aula e, por conseguinte, o aprendizado dos discentes.

Essa realidade é preocupante e pode estar contribuindo para que os problemas com a escrita continuem se perpetuando. Parece haver a lógica de que o professor de Língua

Portuguesa não aprendeu devidamente como escrever e/ou como ensinar a escrever e não trabalha isso com seus alunos, que, por sua vez, também terão uma formação deficitária.

O capítulo a seguir traz sugestões de trabalho que podem se tornar realidade nesse contexto de angústia no qual se insere o ensino da escrita. Oxalá elas possam significar "uma luz" para iluminar as desafiantes trilhas pelas quais o professor tem que passar.

5 SUGESTÕES PARA O ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS

Uma vez elucidado que o professor de Língua Portuguesa tem recebido uma formação deficitária e que o ensino da produção textual escrita também tem deixado falhas, apresento alternativas que podem contribuir para aperfeiçoar o trabalho docente. As propostas que se seguem preconizam tanto a formação teórica em serviço, através de leituras e estudos de textos de base, quanto a prática reflexiva, a partir de sugestões de atividades que provêm de resultados de pesquisa na área.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propõem uma organização do ensino de gêneros, tanto orais quanto escritos, a partir de agrupamentos feitos em torno de cinco modalidades retóricas ou sequências tipológicas: NARRAR, RELATAR, ARGUMENTAR, EXPOR e DESCREVER AÇÕES, conforme o quadro a seguir.

Quadro 14 - Aspectos tipológicos

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOMINANTES	EXEMPLOS DE GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
Cultura literária ficcional	NARRAR *Mimeses* da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho *Curriculum vitae* Notícia Reportagem Crônica esportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de	Seminário Conferência

	diferentes formas dos saberes	Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos "expositivos" ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Instruções

Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102).

Mais adiante, os autores explicam que a distribuição dos gêneros e das sequências deve ser feita respeitando-se os ciclos de ensino e sugerem uma distribuição por série para o ensino do francês. Um ensino de produção textual a partir dessa escala de gêneros é importante porque é guiado, em primeiro lugar, pelo planejamento da escola e do professor. Em segundo, implica um trabalho articulado entre os professores dos diferentes anos, de modo que sejam trabalhados gêneros variados ao longo da escolarização, respeitando-se o grau de complexidade dos gêneros e a competência desenvolvida pelo aluno.

Proponho que a instituição escolar faça um planejamento dos gêneros textuais a serem trabalhados em cada ano dos Ensinos Fundamental e Médio e que os gêneros escolhidos possam ser ensinados e aprendidos com mais eficiência a partir da metodologia de ensino por Sequências Didáticas, proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e dos princípios da Pedagogia Retórica aqui abordados.

Defendo a tese de que, como diz Corbett (1989, p. 20, tradução da autora): "o que a maioria dos nossos alunos precisa, mesmo os brilhantes, é de uma orientação cuidadosa e sistematizada em todos os passos do processo de escrita. A retórica clássica pode dar esse tipo de orientação positiva."[32] Além disso, nenhum aluno poderá produzir um bom texto se não tiver algo a dizer sobre o tema em questão. Nesse sentido, a abordagem sobre a Pedagogia Retórica constitui a principal contribuição do presente trabalho.

As sugestões de trabalho em sala de aula, advindas da Pedagogia Retórica, que passo a apresentar foram baseadas nos trabalhos de Eliana Mendes (2010, 2015) e Jaqueline Souki

[32]Tradução para: "what most of our students need, even the bright ones, is careful, systematized guidance at every step in the writing process. Classical rhetoric can provide that kind of positive guidance." (CORBETT, 1989, p. 20).

(2012, 2015), cujo principal objetivo é propor uma revitalização dessa pedagogia como alternativa positiva para o ensino da produção textual em língua materna.

> Quando formamos um número significativo de alunos do Ensino Médio que são incapazes de escrever com coerência e coesão, muito menos com estilo, nós, professores, nos colocamos em uma situação muito precária. Muitos desses egressos do Ensino Médio, supostamente alfabetizados, letrados e educados vêm para as nossas universidades necessitando de cursos de recuperação para tentar remediar suas deficiências. Em vez de estarem aptos para aprender a se comunicar mais eficazmente sobre temas particulares adequados a seus cursos superiores, precisam de ensino rudimentar para ensiná-los a colocar pensamentos no papel. Por mais que se queira atribuir a culpa a problemas sociais e econômicos, tal situação demonstra que as teorias atuais que embasam a produção textual e sua prática não estão à altura da tarefa de transmitir eficazmente as competências necessárias de escrita para nossos alunos. Nós perdemos o rumo. Já não sabemos como ensinar as habilidades fundamentais de escrever para cada um dos nossos alunos. (MENDES; SOUKI, 2015, p. 143).

Como alternativa teórico-metodológica, as autoras fazem uma exposição dos *progymnásmata* retóricos e trazem sugestões de quando usá-los nos currículos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, do 5º ao 9º anos, e do Ensino Médio.

Em respostas ao questionário aplicado neste estudo e também no projeto desenvolvido pela Professora de Geografia, os participantes desta pesquisa (alunos do 3º ano EM) disseram que a escola deles precisava ensinar mais a argumentação para melhor preparar seus alunos para o ENEM e outros vestibulares. Conforme concluem Leal e Morais após suas pesquisas: "É possível e desejável começar a ensinar os alunos a produzir textos da ordem do argumentar desde cedo." E defendem que "esse ensino deve ser feito a partir de uma concepção sociointeracionista de linguagem." (2006, p. 234).

Por isso, do planejamento sugerido por Mendes e Souki para os anos escolares, destaco que o ensino da argumentação está presente já no 6º ano, para o qual as pesquisadoras propõem atividades de produção textual com o gênero *cria* (anedota). Os *progymnásmata* são distribuídos entre os anos do EF e o 1º e 2º anos do EM, e os tópicos aparecem a partir do 8º ano. "Sugere-se que no 3º ano, em que os alunos já estão bem treinados, se dê liberdade a eles para escolher seus temas e criar com autonomia seus textos." (MENDES; SOUKI, 2015, p. 157.

Conforme lembra Mendes:

> Retórica sempre foi uma proposta pragmática. [...] a habilidade natural e a instrução teórica eram consideradas complementos da prática retórica, que

> era considerada o mais importante. Desde o tempo dos antigos sofistas, a Retórica tem sido uma disciplina que fornece exercícios para preparar os aprendizes para falar e escrever. (2010, 107).

Nessa prática retórica, parte-se da imitação, pelo aprendiz, de textos modelo, considerados textos bem sucedidos, até se chegar à invenção, quando o aprendiz já é capaz de criar seus próprios textos com autonomia e liberdade. Uma vez escolhido um texto modelo, faz-se a "dissecação" dele através da interação entre professor e alunos, para se verificar quais são os aspectos que merecem destaque. Usando, por exemplo, a redação do ENEM, o mestre deve ensinar como analisá-la conforme as competências expressas na matriz.

Inserido na perspectiva da Pedagogia Retórica, o trabalho da professora e pesquisadora Jacqueline Souki (2012) é uma excelente referência quanto ao uso dessa metodologia de ensino de produção de texto. No segundo volume da sua tese de doutorado, a autora apresenta um modelo-piloto para o ensino da produção textual em Língua Portuguesa no Ensino Médio (p. 406-419). Nesse modelo, são apresentadas e detalhadas diversas sugestões de produção textual escrita, das quais o professor pode se valer como um relevante material de apoio.

Os resultados da presente investigação apontam para a necessidade de se "ensinar" a produzir textos. As aspas se justificam porque, em geral, espera-se que os estudantes produzam bons textos, que tenham bons argumentos, mas, muitas vezes, o processo de ensino-aprendizagem não os ajuda muito nessa empreitada. Diante do grande desafio que se coloca quanto a como ensinar a argumentar, sugiro um trabalho pedagógico guiado pelos tópicos retóricos, associado à teoria da *stasis*. Isso porque eles podem ajudar o aprendiz a ter o que dizer em sua argumentação, a buscar argumentos para compor o seu texto na defesa de uma tese qualquer.

Como vimos na análise dos dados em 4.1.1.2, a exemplificação foi a estratégia argumentativa mais utilizada pelos sujeitos pesquisados (28%), em suas redações no segundo simulado. Sugiro que, para o trabalho em sala de aula, o professor planeje aulas diversas de produção de textos em torno dos tópicos a serem ensinados. A atividade de escrita solicitada pelo professor pode demandar o uso de cada tópico separadamente ou uma associação entre dois ou mais deles, a depender do nível de proficiência da turma.

No caso de se trabalhar o tópico **exemplificação**, por exemplo, o professor deve escolher um gênero textual específico e solicitar que os alunos argumentem sobre um tema polêmico escolhido e usem exemplo(s) ilustrativo(s) para defenderem seus pontos de vista.

Para ensinar o uso dessa estratégia, o professor pode escolher o tema do problema do lixo e orientar para que os alunos discutam quanto à questão dos tipos de lixo que são produzidos e dos destinos que são dados a eles.

Resumidamente, as etapas de trabalho devem ser: escolher um tema, planejar as aulas em torno da(s) estratégia(s) a ser(em) trabalhada(s), dar as devidas orientações aos alunos e apresentar propostas de produção textual, cuja argumentação deve ser feita através da(s) estratégia(s) priorizada(s).

Uma relevante referência prática para o professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio é a obra **Letramentos no Ensino Médio**, de Ana Lúcia Souza, Ana Paula Corti e Márcia Mendonça. Lançado em 2012, o livro traz uma grande variedade de atividades didáticas, que contemplam gêneros textuais diversos.

As autoras partem de breves retratos do cotidiano de três jovens: Malu, Tiago e Murilo, ambos cursando o EM em escolas públicas brasileiras, para "apontar caminhos para a realização de uma 'missão', muitas vezes considerada impossível: fazer com que os jovens se interessem mais pela leitura e pela escrita, vivenciando atividades da escola, e aprendam a usá-las melhor para refletir, se conhecer, apreciar, aprender e estudar" (p. 7, grifo das autoras).

Elas acreditam que: "Mapear o que os alunos leem e escrevem além dos muros escolares é, sem dúvida, o primeiro passo para se aproximar dos seus interesses. A partir desse conhecimento, é possível planejar atividades de leitura e escrita de fato significativas para esses estudantes." (p. 15).

Considerando-se as condições de produção da escrita na escola, fugir da artificialidade se coloca como um grande desafio para o trabalho do professor. Todavia, é preciso buscar alternativas para que o texto do aluno seja tratado como um instrumento de interação social.

> Na verdade, não há domínio da escrita sem domínio da língua como uma forma de interação em todas as suas dimensões. Para se garantir a totalidade semântica e a historicidade do texto escrito, é preciso que ela seja o dizer de alguém para um outro alguém; que tenha finalidades sociais definidas; que represente a interpretação que seu autor faz do mundo e da vida; que se justifique como prática histórico-social. (SUASSUNA, 1995, p. 45).

Concordando ainda com a Lívia Suassuna: "O que se impõe é que, [quanto aos] problemas relacionados à redação escolar, busquemos os porquês e as motivações dos 'erros e inadequações' à luz de uma concepção interacional de linguagem." (Ibid., p. 46, grifo da autora).

Essa mesma pesquisadora, em outra obra (SUASSUNA, 2011, p. 122-132), indica interessantes "sugestões de intervenção didática" a partir de textos produzidos por alunos em testes de avaliação do sistema escolar. Segundo ela, tais sugestões servem "como exemplos de possíveis alternativas metodológicas" para a sala de aula. Dentro da perspectiva de trabalho que ela propõe:

> O erro não significa, necessariamente, ausência de conhecimentos; ele é indício do processo de construção cognitiva; traduz os trajetos dos alunos, que, muitas vezes, são diferentes daqueles esperados pelo professor; o erro oferece informações sobre o que se sabe e o que ainda não se sabe; permite formular novas perguntas. (SUASSUNA, 2011, p. 133).

Nesse sentido, o professor, ao ler o texto de um aprendiz, precisa assumir o papel de um receptor colaborador, aquele que é capaz de calcular os sentidos prováveis das lacunas e vaguezas que os textos de um autor inexperiente certamente conterão. É frequente, no caso de redações escolares, nos depararmos com situações nas quais, devido ao uso de palavras inadequadas no contexto, inferimos que o sentido pretendido pelo autor era um, mas foi manifesto como outro diverso.

Para Ruiz, "certas incoerências locais podem estar sendo devidas a um desconhecimento, de parte do aluno, do valor de certos termos, ou de certas construções" (2013, p. 164). E é essa leitura colaborativa que vai desencadear a mediação do professor, "um dos fatores determinantes do sucesso que o aluno possa ter em seu processo de aquisição da escrita" (Ibid., p.11).

Ao abordar a importância dessa mediação para o progresso da escrita do aluno, Lívia Suassuna afirma que "é fundamental o diálogo com o outro na reflexão do aluno sobre a própria escrita, bem como no trabalho de reelaboração do texto". (2011, p. 119). Nesse caso, o professor "é um propiciador e facilitador da reflexão, na medida em que permite que o redator (aluno) seja exposto à interpretação do outro, passando a compreender melhor como seu discurso está sendo lido e de que forma essa leitura foi construída" (Id., Ibid.).

Nessa dimensão de colaboração, há mais garantia de que tanto os professores quanto os aprendizes possam ter melhores imagens de si enquanto sujeitos autores, o que afetará, sobremaneira, o progresso de ambos na produção de textos escritos. Certamente, haverá uma autoestima e uma confiança maiores, sentimentos indispensáveis a quem precisa escrever com mais eficiência.

Dentre os aspectos que podem motivar o aluno no seu processo de escrita, acrescento o que denomino "nota simbólica". Trata-se de uma nota provisória, com função motivadora,

atribuída à primeira versão da redação, a qual vem a ser melhorada quando o aluno melhora seu texto na(s) versão(ões) seguintes.

Fui professora de um aluno do 1º período de Letras da FACETEG em 2005 (que concluiu o curso e se formou Professor de Língua Portuguesa em 2008), cuja escrita era bastante precária quando ingressou na graduação. Para superar suas dificuldades, ele se dedicava o quanto podia: sempre se sentava à frente, no centro da sala de aula, bem próximo à posição que eu ocupava na maior parte do tempo; perguntava; debatia; aceitava as críticas; reescrevia, reescrevia de novo e de novo... Em algumas primeiras versões de texto que ele me entregou, dei uma nota simbólica 1,0 (numa escala de 0 a 5) e, com as reescritas que fazia, o aluno conseguia aumentar sua nota. Nesse tipo de processo, sinceramente, não vejo nenhum problema em o professor vir a atribuir nota máxima a um texto que, inicialmente, seria nota 1,0 (ou mesmo 0), desde que essa nota máxima seja consequência de um trabalho sério de um discente que quer (e precisa muito) progredir na escrita, como era o caso do meu ex-aluno pernambucano.

Para ajudar o professor no grande desafio de lidar com a artificialidade da produção de textos na escola, Eliana Ruiz traz interessantes possíveis destinos para as redações dos alunos. Em sua pesquisa de doutorado, ela analisou redações escolares de diversos níveis, escritas por alunos com idades entre 9 e 23 anos, e, através dos professores pesquisados, encontrou as seguintes alternativas:

> No que se refere ao destino que se dá às produções dos alunos, as entrevistas apontam para uma diversidade de propostas de encaminhamento pelo grupo de professores-sujeitos: desde a mais simples leitura oralizada para a classe, até publicações, seja entre o público leitor mais imediato (como familiares, colegas e demais professores, na forma de jornais-murais, livrinhos, circulares internas, salões ou colunas literárias etc.), seja entre a população da cidade [...] Parece, pois, que há uma tentativa de se proceder a uma socialização dos textos produzidos em sala de aula num movimento de tornar público o que não foi escrito apenas para o professor, criando, dessa forma, destinatários possíveis e reais para as produções dos alunos. (RUIZ, 2013, p. 19).

Ao abordarem as especificidades da produção textual no contexto escolar, Leal e Morais consideram que:

> Na escola a atividade de escrita é realizada não apenas como processo interativo. As crianças e os professores sabem que, naquela esfera social, produz-se texto para aprender a produzir, ou seja, existem objetivos didáticos que orientam a atividade e, portanto, o professor é, necessariamente, um interlocutor do texto produzido, tendo como meta,

> avaliá-lo sob os parâmetros escolares de avaliação. De outro lado, pode-se propor atividades em que existam finalidades sociais miméticas às praticadas fora da escola, aproximando o aluno das esferas de interação extra-escolares e dos gêneros textuais que aí circulam. (2006, p. 190).

João Wanderley Geraldi é outro importante autor que muito pode contribuir para a formação do professor. Em uma de suas obras (2005, p. 65-66), ele apresenta relevantes propostas de trabalho e um roteiro também com possíveis destinos para os textos produzidos em cada série (da 5ª à 8ª)[33].

Os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (PCN+EM) explicitam:

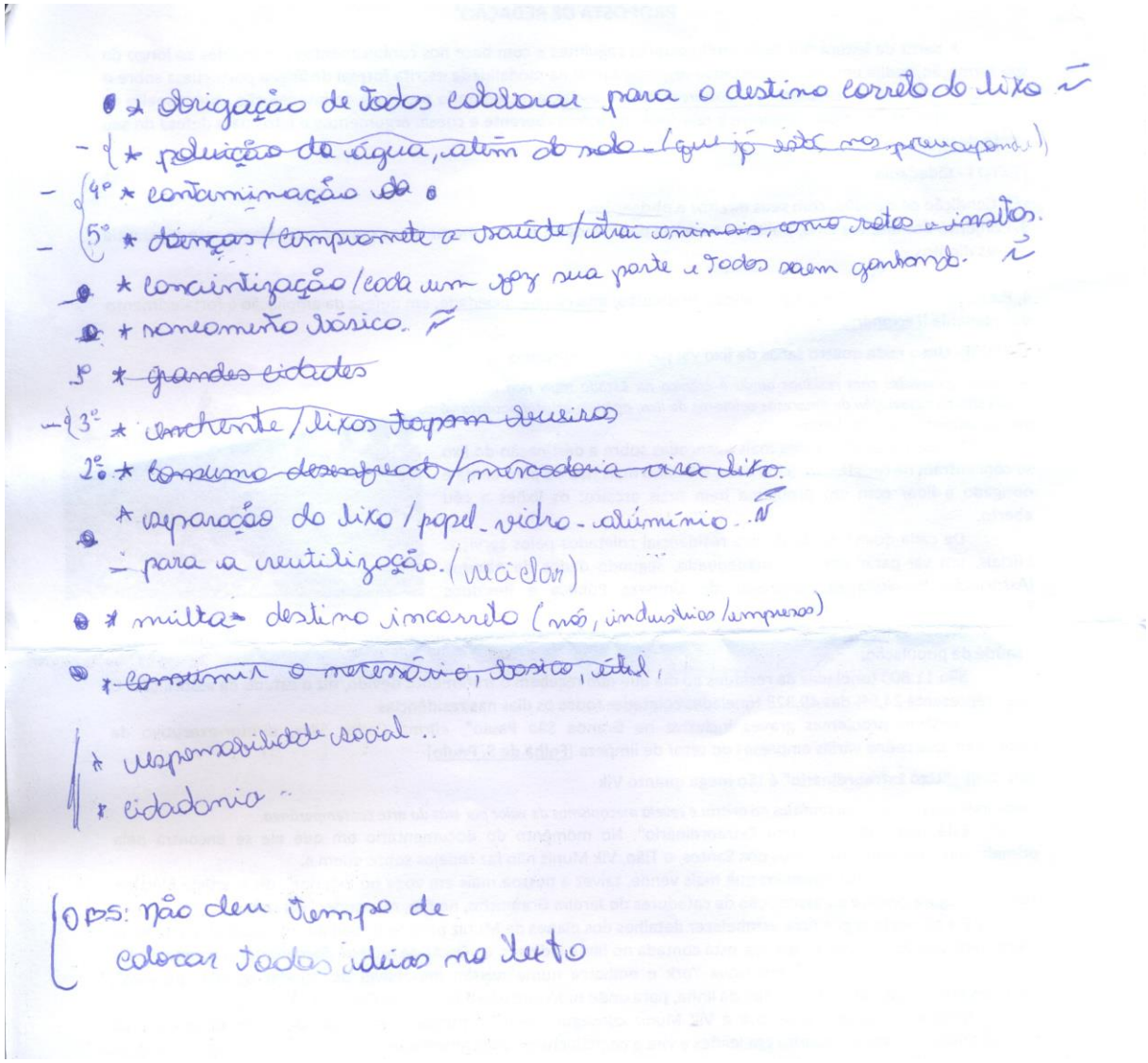
> Diante de uma dada proposta de produção, o aluno deve ter clareza sobre:
> • o que tem a dizer sobre o tema proposto, de acordo com suas intencionalidades;
> • o lugar social de que ele fala;
> • para quem seu texto se dirige;
> • de quais mecanismos composicionais lançará mão;
> • de que forma esse texto se tornará público. (BRASIL, [s. d.], p. 80).

Na dimensão mais prática do ensino da produção de texto em sala de aula, trago também uma sugestão que diz respeito ao trabalho com o que estou chamando de "esquema de texto". Trata-se de um roteiro que o aluno deverá elaborar quando estiver na fase de planejamento do que vais escrever. O professor deve motivar a elaboração desse esquema pelos discentes e ensiná-los como isso pode ser feito.

Como ilustração, trago o esquema a seguir, produzido em 2015, por um estudante que estava cursando o 1º ano EM na mesma escola que foi campo de pesquisa. O tema de redação foi "Lixo: questão de cidadania e responsabilidade social".

[33]Esta obra foi publicada, inicialmente, em 1984, quando o ensino era separado por séries - da 5ª à 8ª - e não por anos - do 5º ao 9º - como é hoje. Entretanto, as sugestões do autor são facilmente adaptáveis para o contexto atual.

Figura 3 - Exemplo de esquema de texto



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse exemplo, percebemos que o autor "dialoga" com o que escreve. Primeiro, ele lista vários elementos relacionados ao tema, numa etapa de *brainstorming* (tempestade de ideias). Depois, escreve números ordinais à esquerda, já pensando em uma ordenação das ideias e/ou parágrafos no texto. Faz cortes, que parecem sinalizar elementos que, de fato, vão integrar a redação, e o sinal Ñ para aqueles que serão descartados. Além disso, escreve para si mesmo ao final: "OBS: Não deu tempo de colocar todas ideias no texto".

Para ensinar esse tipo de atividade, o professor pode, inicialmente, construir um esquema coletivo com a turma. Após decidido o tema da redação, ele estimula um debate com os alunos para se buscar argumentos para o texto. À medida em que as ideias vão surgindo, o professor vai fazendo o devido registro delas no quadro negro e assim por diante. Na

sequência, deve ser solicitado que os alunos produzam um texto a partir do esquema construído conjuntamente e será um exercício bastante interessante se, ao final do processo, houver uma análise comparativa entre o roteiro e o texto.

Essa prática ganha mais importância porque, segundo Serafini: "A fase de planejamento de uma redação é pouco conhecida e utilizada pelos estudantes, que, ou começam a escrever assim que recebem o tema a ser desenvolvido, ou esperam a inspiração surgir de algum lugar, mordendo a caneta e olhando para cima." (2004, p. 23).

Outro constituinte extremamente importante do processo de escrita é o rascunho, que, neste trabalho, entendo como um texto inicial, ainda "bagunçado", do qual vai se originar a versão final a ser entregue ao professor. Apesar de não ter me detido na análise dos rascunhos produzidos pelos alunos que participaram do projeto que desenvolvi, chamou muito a atenção o fato de pouquíssimos alunos terem feito um uso produtivo desse recurso. A maioria se limitou a "passar a limpo" a versão primeira, sem alterar grandes coisas.

Esse dado é corroborado por Serafini quando afirma: "Em geral, os rascunhos das redações contêm mínimas correções e pouco se diferenciam das redações passadas a limpo. Isto acontece porque os alunos reveem seus textos com uma leitura rápida e pouco crítica, em vez de fazerem uma revisão como se deve, passo fundamental para a produção de um texto." (2004, p. 81).

Depois de o aluno ter passado pela montagem de um esquema de texto, ter elaborado seu rascunho e escrito a primeira versão, deve fazer uma boa revisão textual antes de entregar sua produção ao professor. Faço, porém, a ressalva de que a revisão aparece aqui ao final apenas por uma questão didática, porque, em essência, acredito que ela se faz presente durante todo o processo de escrita quando o aluno fica se perguntando sobre que palavra usar, por exemplo.

Faço, a seguir, uma citação de Macarthur que fala sobre duas razões para a incorporação da revisão no ensino da produção de texto:

> Em uma perspectiva de ensino, a revisão é importante por duas razões: Primeiro, os alunos precisam aprender a revisar porque é um aspecto essencial da escrita de qualidade. Segundo, a revisão fornece uma oportunidade para os professores instruírem e orientarem sobre as qualidades de uma escrita eficiente de maneiras que vão melhorar, não só o texto atual, mas também serão estendidas para as tarefas futuras. O ensino da revisão ajuda os alunos a aprenderem a avaliar seu texto, a resolver problemas comuns e a aprenderem sobre todos os aspectos que envolvem a escrita

> desde a estrutura da frase, até a organização geral e o estilo.[34] (MACARTHUR, 2012, p. 461-462, tradução da autora).

Conforme já foi abordado nesta tese, um instrumento que não pode ficar de fora do ensino da escrita é a planilha de correção, com códigos que sejam partilhados por alunos e professores. Isso porque "este método garante maior sistematização e unidade na correção; o aluno, além disso, tem a possibilidade de conhecer as categorias de correção e entender em que aspectos seu trabalho teve mais êxito ou foi mais falho" (SERAFINI, 2004, p. 117).

Entre as maneiras de se apresentar ao aprendiz um *feedback* sobre o que escreve, destaco a avaliação e/ou correção a ser feita pelos próprios colegas de turma. Trata-se de uma metodologia que é bastante útil para o estudante e prática para o professor. O que se propõe é que haja uma revisão de texto colaborativa, "em que um ou mais colegas fornece *feedback* à produção textual de outro" (BOUZADA, 2014, p. 19).

Com base em suas pesquisas num contexto estrangeiro, Macarthur afirma:

> O *feedback* dos colegas é uma característica comum do ensino da escrita em todos os níveis. Os colegas de turma podem fornecer um *feedback* que é mais frequente, extenso e imediato do que o do professor. Embora os colegas possam não ter o conhecimento dos professores sobre a escrita ou o conteúdo, eles podem ser capazes de detectar e explicar problemas que os próprios alunos autores não conseguem ver. Além disso, os colegas podem ser vistos mais como leitores que dão resposta, comparados com os professores, que são vistos como autoridades para avaliar o texto.[35] (MACARTHUR, 2012, p. 471, tradução da autora).

Esse tipo de atividade vai garantir, portanto, que o texto produzido por cada estudante tenha o "olhar do outro", como destaca Suassuna:

> É sabido que, para redatores maduros em geral, a opinião do outro e a reconstrução do texto são etapas inerentes ao trabalho de escrita. Esse

[34]Tradução para: From an instructional perspective, revision is important for two reasons. First, students need to learn to revise because it is a critical aspect of skilled composing. Second, revision provides an opportunity for teachers to provide instruction and guidance about the qualities of effective writing in ways that will not only improve the current piece but also transfer to future writing tasks. Instruction in revision helps students learn to evaluate their writing, solve common problems, and learn about all aspects of writing from sentence structure to organization to style. (MACARTHUR, 2012, p. 461-462).

[35]Tradução para: "Peer feedback is a common feature of writing instruction at all levels. Peers can provide feedback that is more frequent, extensive, and immediate than teachers. Even though peers might not have the expertise of teachers about writing or content, they may be able to detect and explain problems that writers cannot see themselves. In addition, peers may be seen more as readers providing response, compared to teachers who are seen as authorities evaluating the text." (MACARTHUR, 2012, p. 471).

> segundo olhar pode ser de grande valor na transição entre o que o redator pretendia produzir, o que pensa ter produzido, o que produziu realmente e o que deveria ter sido produzido para o bem-sucedido funcionamento do texto junto ao leitor. Se assim é, a transformação do ensino e de seus resultados passa pela redefinição das formas de ação e participação na sala de aula, por relações verdadeiramente dialógicas, pela construção de "redes potenciais de interesse solidário". (SUASSUNA, 2011, p. 121, destaque da autora).

Ela acrescenta ainda que: "É no esforço de responder aos questionamentos do professor e dos pares que o aluno propõe novas versões para a sua produção, para o que terá de desenvolver e acionar estratégias linguísticas e discursivas as mais diversas." (Id. Ibid.).

Conforme dizem Leal e Morais:

> Ter o professor como único interlocutor pode levar o aluno a manter o texto ancorado na situação imediata de produção que é conhecida por esse interlocutor.
> Formulamos a hipótese, portanto, de que os alunos que escrevem na escola para outros interlocutores tendem a aproximar mais os textos das situações vividas fora da escola e a desenvolver estratégias diversificadas para lidar com destinatários e finalidades diferentes. (2006, p. 83).

Ao contrário do que disse Macarthur acima, sobre um contexto de ensino estrangeiro, as atividades de revisão, correção e *feedback* por parte dos alunos não são tarefas corriqueiras no contexto de sala de aula no Brasil. Por isso, inicialmente, eles podem se mostrar resistentes a fazê-las e, então, será preciso ensiná-los como proceder, como fazer e também estabelecer normas para a interação, ou seja, cuidar de questões afetivas, de modo que sempre haja respeito pelo trabalho do outro.

Além do mais, "treinar" o aluno para revisar é importante também porque, em situações de exames, como o ENEM, por exemplo, o candidato não terá um outro leitor para fazer essa revisão por ele. Nessa condição de produção, é muito comum a presença de "erros bobos" no texto, que não resistiriam a uma atenta revisão.

Concluo estas sugestões considerando a realidade das professoras pesquisadas neste trabalho. Este é um estudo de caso, que contempla uma única escola e envolve apenas duas professoras de Língua Portuguesa, entretanto, por tudo que já foi discutido até aqui (com inúmeras colocações de vários e importantes estudiosos da área, inclusive), se conclui que muitas das angústias das docentes são encontradas em âmbito nacional. De fato, seja através de uma revisão profunda dos currículos de graduação, da elaboração de projetos de formação continuada ou, até mesmo, de oficinas mais pontuais envolvendo os professores em serviço, é preciso ajudar esses profissionais a confiarem mais em si mesmos, no trabalho que podem

desenvolver em sala de aula, e a acreditarem mais na importância do seu papel como mediadores. No caso específico da produção de textos pelos alunos, essa perspectiva do professor e a sua autoestima são fundamentais.

Já disse que considero ter tido condições privilegiadas de pesquisa na escola que me acolheu. Em recompensa e com a certeza de que os pares são muito importantes na formação profissional mútua, coloco-me à disposição da Escola Estadual São Luís, de Brás Pires - MG, para ser parceira nesse processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir o presente trabalho, mais uma vez, destaco a importância da retórica e me valho das palavras do inspirador Corbett:

> Se lançarmos um olhar histórico sobre como a retórica era ensinada nas escolas, deveremos descobrir como os antigos mestres faziam para *capacitar* seus alunos para assumirem funções sociais e políticas que os desenvolveriam como cidadãos da sociedade humana e, desse modo, vamos aprender como um estudo consciente da retórica pode nos ajudar a nos tornarmos cidadãos mais eficientes.[36] (1989, p. 198, grifo do autor, tradução da autora da tese).

Esta pesquisa procurou trazer apoio e contribuir com subsídios tanto para os professores que já estão em serviço, que já estão envolvidos na desafiante tarefa de ensinar seus alunos a escreverem com eficiência e qualidade, quanto para os professores ainda em formação, para os quais a realidade do trabalho em sala ainda é uma incógnita.

Pela análise e discussão dos dados obtidos, foi possível refletir sobre algumas questões implicadas no ensino da escrita, em geral, e sobre a realidade da escola pesquisada, em particular.

Um dos resultados obtidos que merecem, novamente, a minha atenção é a baixa autoestima de muitos alunos e das professoras quanto à produção de textos: alguns estudantes não quiseram participar da pesquisa por se sentirem intimidados, por vergonha dos próprios textos.

No caso dos alunos, o projeto buscou contribuir para a melhoria da autoestima, da confiança deles, pelo menos, quanto à redação do ENEM, conforme explicitaram no questionário. Houve ações no sentido de tentar proporcionar a eles oportunidades de percepção e conscientização quanto ao potencial pessoal que cada um já tinha e isso se refletiu nos resultados do ENEM 2014.

Fazendo minhas as palavras de Faraco: "Sabemos que, apesar de todas as discussões, de todos os debates e de todas as recomendações dos documentos oficiais, o sistema escolar continua sem uma pedagogia do letramento, sem uma pedagogia da produção de texto. A produção escrita é ainda pouco praticada e ocorre sob condições insatisfatórias." (2014, p. 7).

---

[36]Tradução para: "If we take a historical look at rhetoric as it was taught in the schools, we might discover how the ancient schoolmasters went about *enabling* their students to perform the social and political offices that would devolve on them as citizens of the human community and thereby learn how a conscious study of rhetoric might help us become more efficient citizens." (CORBETT, 1989, p. 198, grifo do autor).

Acredito que, no caso das professoras participantes desta pesquisa, o trabalho com a escrita é prejudicado, principalmente, pelas lacunas da formação profissional que receberam na graduação. E, para superar isso, é preciso que haja um apoio mais sistematizado da equipe pedagógica da escola, aliado à colaboração mútua, com a socialização de bibliografia, experiências, atividades etc.

Sei o quanto é redutor trabalhar apenas um gênero textual durante um ano letivo, ou seja, restringir o ensino da produção de texto ao ensino de redação do ENEM, mas essa foi a opção metodológica mais viável para as minhas ações de intervenção que se fizeram necessárias em 2014. Isso porque tinha embasamento suficiente no projeto de pesquisa e era uma demanda da maioria dos alunos a curto prazo. As atividades de intervenção ocorreram entre agosto e outubro de 2014 e os alunos fizeram as provas do ENEM no início de novembro do mesmo ano.

> É decisão política escolher se teremos como objetivo principal e final a formação de alunos no EM que produzem na escola (e nos cursinhos) apenas as propostas de redações do vestibular das principais universidades de cada estado ou investiremos em um processo de ensino-aprendizagem que leve em consideração a prática social de produção de textos de outras esferas de comunicação. Para algumas turmas, talvez, seja muito mais importante discutir a produção de um *curriculum vitae* ou de *uma carta de solicitação de emprego* do que produzir textos puramente escolares. (BUNZEN, 2006, p. 151, destaques do autor).

Caso, muito em breve, a preocupação da escola em questão fosse, por exemplo: "Só estamos ensinando redação do ENEM, precisamos ensinar outros gêneros", isso já significaria um grande passo, pois já indicaria a existência de um ensino, de fato, de produção de texto.

Um ponto positivo a destacar durante este período de coleta de dados foi o envolvimento das professoras e da diretora com a pesquisa. A diretora, em especial, se mostrou interessada e preocupada com a melhoria do perfil dos alunos e me deu grande apoio na realização deste estudo.

Diante das discussões já feitas até aqui, entendo que é necessário haver um planejamento institucional específico para o ensino da produção de textos. que se discutam e se planejem quais atividades de escrita trabalhar e como trabalhar e que haja um apoio pedagógico que possa dar mais segurança para a prática dos professores.

A insegurança dos docentes no trabalho com a produção de textos pode ser superada através de um planejamento institucional mais organizado e sistematizado, que pode ser baseado, por exemplo, na proposta de trabalho com os gêneros textuais defendida por Dolz,

Noverraz e Schneuwly (2004). Além de planejamento para a ação, deve haver apoio e acompanhamento pedagógico na execução das atividades de produção de texto e um aporte teórico-metodológico adequado.

É preciso cuidar para que os mestres possam confiar mais na própria prática em sala de aula e o respaldo teórico-metodológico pode contribuir para isso. Eliana Ruiz propõe que a concepção de linguagem do professor seja baseada "em postulados fundamentais dos estudos linguísticos da atualidade, como os que se delineiam em correntes teóricas calcadas na relação entre o linguístico e o social, como é o caso da Linguística Textual" (2013, p. 13).

Para ela, "levar a Linguística Textual para a sala de aula significa apenas entender [...] que a unidade comunicacional da língua é o *texto*; que o acontecimento *texto* é o meio pelo qual a língua funciona - e não a frase, não um conjunto de frases, de sentenças, de orações, de períodos" (Ibid., p. 168, destaque da autora).

A aprendizagem da escrita é processual e duradoura e, por isso, muitas vezes, demanda um trabalho de fazer e refazer para se aperfeiçoar. É preciso, portanto, que haja um ensino sistematizado da escrita para que os alunos possam desenvolver bem as suas habilidades.

Um dos alunos que participaram da pesquisa (A19), o qual se destacou com notas altas nos dois simulados, relatou que não gostava de escrever, não tinha muita facilidade e gostava mais da área de exatas, mas, como pretendia tirar nota alta na redação do ENEM para conseguir entrar em um curso muito concorrido, estava se dedicando bastante à produção de textos. Enquanto cursava o Ensino Médio regularmente, o estudante também fazia cursinho pré-ENEM de segunda a sábado, em Ubá - MG, e teve aulas particulares de redação. Segundo ele, todo esse esforço resultou em uma grande melhora, pois conseguiu, inclusive, 1000 pontos (nota máxima) em uma redação proposta pelo cursinho, o que antes considerava impossível.

Como uma etapa da primeira SD, solicitei que os alunos reescrevessem as redações após a minha correção e percebi que muitos se mostraram pouco interessados. Alguns, inclusive, me disseram que seria mais interessante e proveitoso fazer uma nova redação, sobre um tema diferente, do que reescrever uma já feita. Entretanto, o que constatei, posteriormente, foi que a atividade de reescrita se caracterizou como mais um momento de aprendizagem significativa, visto que os alunos tiveram alguns dias para repensarem sobre seus textos. Nesse processo, alguns questionaram professores e colegas sobre opções de alteração do que tinham escrito e os resultados indicaram uma importante melhoria da primeira para a segunda versão da redação.

É importante que o professor proponha aos alunos atividades de produção textual, que estabeleça parâmetros para a avaliação dos textos produzidos e que os avalie, de fato, pois só assim o texto do aluno vai poder assumir o papel de instância privilegiada de ensino-aprendizagem.

Em seu livro **A argumentação em textos escritos** (2006), Telma Leal e Artur Morais indagam: "Como orientamos as atividades de escrita dos alunos? Será que eles sabem o que queremos?". E, ao abordarem os contextos de produção de texto na escola, defendem a ideia de que "muitas vezes os alunos não conseguem produzir bons textos porque a condução da tarefa não é propícia à sua realização." (p. 169).

Nesse processo, há de se ressaltar que "a avaliação precisa conter o gesto dialógico próprio da escrita: rever, reformular, revisar, reescrever, submeter ao outro, identificar o interlocutor." (SUASSUNA, 2014, p. 11). E, antes de apresentar à classe uma proposta de redação, "o professor deve ter interesse autêntico por aquilo que o aluno escreve" (Id., Ibid.).

Em outra obra, Lívia Suassuna defende, ainda, que uma avaliação "criteriosa e honesta" do professor "pode auxiliar o aluno a perceber e a dominar os diferentes processos de interligação entre forma e conteúdo que são específicos da escrita, levando sempre em conta a dimensão interativa do texto". (2011, p. 120).

Quanto à correção de textos produzidos por alunos, não defendo aqui um modelo fechado de correção, que o professor deva usar o modelo do teórico "x" ou "y", visto que o mais importante é que o docente adote uma planilha para correção, com a qual ele se sinta seguro para guiar sua prática, e que ela seja do conhecimento dos alunos. Defendo, sim, que tem que haver a correção dos textos e que ela, bem como a proposta de redação, têm que estar atreladas ao planejamento do professor e ser coerentes com os objetivos de ensino e aprendizagem pré-estabelecidos.

Inevitavelmente, quem tem a tarefa de corrigir e/ou avaliar textos argumentativos enfrenta grandes dilemas com a questão da subjetividade. Isso, claro, porque se trata de trabalho com uma linguagem que, por si só, pode se apresentar como polissêmica. Nesse caso, fazer uma avaliação baseada em critérios explícitos como os do ENEM, ou de uma outra planilha que o professor venha a elaborar, pelo menos, permite ao aluno conhecer, de antemão, o que será cobrado na sua produção de texto. E, ao receber o resultado da avaliação, poderá confrontar o que foi solicitado com o que ele deixou de atender na sua tarefa.

A matriz do ENEM permite olhar para o texto do aluno dentro de uma concepção sociointeracionista de linguagem, pois tematiza "aspectos relacionados à interação e, portanto, à relação forma-conteúdo" (RUIZ, 2013, p. 165).

Além disso, "conhecer os *critérios de avaliação* do professor ajuda o aluno a canalizar a própria energia na direção certa. Em geral, os professores não explicam os critérios de avaliação antes do desenvolvimento da redação, mas sempre é possível pedir explicações" (SERAFINI, 2004, p. 29, grifos da autora). E, ainda concordando com essa autora: "O melhor método para tornar a avaliação mais objetiva consiste em explicitar os critérios de julgamento e dar ciência disso aos alunos." (Ibid., p. 145).

Apesar de a correção de textos trazer certa angústia para o professor, vale salientar que, com a prática, ele passa a usar os códigos com mais segurança e agilidade, o que, consequentemente, garante mais rapidez à tarefa de correção. Além disso, ao longo do ano letivo, os alunos também ficam familiarizados com os códigos usados pelo professor e podem, inclusive, eles mesmos, usar tais códigos para corrigirem textos dos colegas. A aprendizagem da escrita é processual e se beneficia muito com a mediação do outro, em primeira instância, o professor, por ser mais experiente, mas também com a colaboração dos colegas.

Acredito que, se o ensino da produção de textos argumentativos ocorrer de forma sistematizada, através dos recursos que a retórica disponibiliza, o sucesso do aprendiz será ainda maior. O ensino da escrita deve ser trabalhado pouco a pouco, no dia-a-dia da sala de aula, pois um escritor competente só se constrói após um longo processo de dedicação e prática. Alguns oradores podem já ser bons por natureza, mas outros poderão vir a sê-lo se forem devidamente orientados para isso.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 163-180.

ARISTÓTELES. **Órganon**: Categorias, Da interpretação, analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofísticas. Tradução Edson Bini. Bauru - SP: EDIPRO, 2005a.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 17. ed. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005b.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

ASSEF, Aline Ester de Carvalho. **A identificação do sujeito-professor com a escrita**: sentidos em (dis)curso. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Lúcia Fernanda Pinheiro. **O professor e a produção de textos escritos**: O que se ensina quando se ensina a escrever? 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2012.

BAZERMAN, Charles. Prefácio. In: LAUER, Janice. M. **Invention in Rhetoric and Composition**. West Lafayette: Parlor Press and The WAC Clearinghouse, 2004. p. xv.

BEACH, Richard; FRIEDRICH, Tom. Response to writing. In: MACARTHUR, Charles A.; GRAHAM, Steve.; FITZGERALD, Jill (Ed.). **Handbook of Writing Research**. New York: Guilford, 2006. p. 222-234.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?**: Sociolingüística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOUZADA, Cristiane de Paula. **A influência do *feedback* do professor no processo de revisão e reescrita textual**: uma experiência com alunos do PROEJA. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio**. (Língua Portuguesa). Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio**. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC. [s. d.]. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12598%3Apublicacoes&Itemid=859>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB). **A redação no ENEM 2013**: guia do participante. Brasília-DF, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Edital nº 12 ENEM 2014**, de 8 de maio de 2014. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2014/edital_enem_2014.pdf>. Acesso em: 22 maio 2014.

BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2012: Língua Portuguesa: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. 2011. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/2988-guia-pnld-2012-ensino-m%C3%A9dio>. Acesso em: 07 dez. 2015.

BRASIL ESCOLA. Quase 300 mil participantes do Enem 2014 entregaram a redação em branco. Goiânia - GO, 14 jan. 2015. *online*. Disponível em: <http://vestibular.brasilescola.com/enem/quase-300-mil-participantes-enem-2014-entregaram-redacao-branco/330307.html>. Acesso em: 11 mar. 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2012.

BUNZEN, Clecio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 139-161.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**: volume 3. 7. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2010.

CÍCERO, Marco Túlio. **Sobre o orador**. Tradução Adriano Scatolin In: SCATOLIN Adriano. **A invenção no d*o orador* de Cícero**: um estudo à luz de **Ad Familiares I, 9, 23**. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CORBETT, Edward P. J. In: CONNORS, Robert J. (Ed.). **Selected Essays of Edward P. J. Corbett**. Dallas: Southern Methodist University Press, 1989.

CROWLEY, Sharon; HAWHEE, Debra. **Ancient Rhetoric for Contemporary Students**. 2. ed. New York: Longman, 1999.

DECKER, Randall E.; SCHWEGLER, Robert A. **Patterns of Exposition**. 13. ed. New York: HarperCollinsPublishers, 1992.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONISIO, Angela Paiva. Livros didáticos de Português formam professores? In: MARFAN, Marilda Almeida. (Org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação**: formação de professores, v. 1, Simpósio 6, 2001. Brasília: MEC, 2002. p. 82-88. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

DOLZ, Bernard; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

EEMEREN, Frans H. van; GROOTENDORST, Rob. **A systematic theory of argumentation**: the pragma-dialectical approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. A produção textual de um estudante ao final do ensino médio. 2014. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/carlos-alberto-faraco-a-producao-textual-de-um-estudante-ao-final-do-ensino.html>. Acesso em: 21 dez. 2015.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 59-79.

GRANATIC, Branca. **Técnicas básicas de redação**. 4. ed., 9. imp. São Paulo: Scipione, 2005.

IBGE - Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=310870&search=minas-gerais|bras-pires>. Acesso: 24 nov. 2014.

JORNAL MUNDO JOVEM. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, ano 53, n. 462, nov. 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAUER, Janice. M. **Invention in Rhetoric and Composition**. West Lafayette: Parlor Press and The WAC Clearinghouse, 2004.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. **A argumentação em textos escritos**: a criança e a escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEMES, Noemi. **Argumentação, livro didático e discurso jornalístico**: vozes que se cruzam na disputa pelo dizer e silenciar. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MACARTHUR, Charles A. Evaluation and revision. In: BERNINGER, Virginia Wise (Ed.). **Past, Present, and Future Contributions of Cognitive Writing Research to Cognitive Psychology**. New York: Psychology Press, 2012. p. 461-482.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, Guiomar Namo de. Políticas públicas de educação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 13, São Paulo, set./dec. 1991. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000300002>. Acesso em 10 ago. 2011.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. **A produção textual**: revitalizando a Pedagogia Retórica. Tese de Professor Titular, inédita. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; SOUKI, Jacqueline Diniz Oliveira. Revitalizando a pedagogia retórica. In: GOMES, Suzana dos Santos; QUARESMA, Adilene Gonçalves. **Políticas e práticas na educação básica e superior**: desafios da contemporaneidade. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 141-160.

MILLER, Carolyn R. Gênero como ação social. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Org.). **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 21-44.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação** – A nova Retórica. 2. ed. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

QUINTILIANO, M. Fabio. **Instituições oratórias**. Tradução Jeronymo Soares Barboza. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1836.

REVISTA FÓRUM. Jovem gay é brutalmente assassinado em Goiás. São Paulo, 11 set. 2014. *online*. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/09/jovem-gay-e-brutalmente-assassinado-em-goiania>. Acesso em: 29 nov. 2015.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**: uma proposta textual-interativa. São Paulo: Contexto, 2013.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**. 12. ed. São Paulo: Globo, 2004.

SOUKI, Jacqueline Diniz Oliveira. **A tradição e a novidade no ensino de produção textual**: a contribuição da Pedagogia Retórica. vol. I e II. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CORTI, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no Ensino Médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. Campinas - SP: Papirus, 1995.

SUASSUNA, Lívia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: ELIAS, Vanda Maria. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

SUASSUNA, Lívia. Entrevista: Avaliar é preciso. Saber como, também. **Revista Na ponta do lápis**, São Paulo, ano X, n. 24, p. 6-11, maio de 2014. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/images/stories/publico/material/npl24_todos.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como se faz um texto** – A construção da dissertação. Recife: Editora do Autor, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Tradução Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXOS

ANEXO I - Matriz de Referência para a Redação do ENEM 2014

COMPETÊNCIA / NÍVEIS	I - Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.	II - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.	III - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.	IV - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.	V - Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.
Nível 0	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da língua portuguesa.	"Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa".	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.	Não articula as informações.	Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.
Nível 1	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da língua portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.	Apresenta o assunto, tangenciando o tema ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais.	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto de forma precária.	Apresenta proposta de intervenção vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto.
Nível 2	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da língua portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.	Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou não articulada com a discussão desenvolvida no texto.
Nível 3	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.	Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
Nível 4	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.	Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
Nível 5	Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizem reincidência.	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.	Elabora muito bem proposta de intervenção, detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.

ANEXO II

Espelho da redação de um participante do ENEM 2014

FOLHA DE REDAÇÃO

A propaganda tem um papel fundamental quando se trata de mostrar algum produto ou serviço. É através dela que o consumidor vai conhecer o produto, julgar, e talvez, adquirir o que nela está sendo mostrado. Mas, e quando se trata de propaganda diretamente dirigida a crianças? Será que elas tem condição de julgar se o que está sendo mostrado realmente faz falta para sua vida?

As crianças, hoje em dia, tem acesso a todos os meios de comunicação em massa como televisão, internet etc. Com isso também vieram alvos da publicidade sendo, talvez, um público mais fácil de se convencer. Basta uma personagem famosa de algum desenho, uma embalagem colorida ou um brinde junto ao produto para deixar elas "loucas". O problema é que, na maioria das vezes, esse produto pode não ser bom mas, iludida e sem condição de saber o que é bom ou ruim, quer o produto a qualquer custo. Mesmo os pais sabendo realmente o que aquele produto oferece, não consegue dizer não ao pedido do filho.

É necessário uma lei para por limites a essas propagandas e, também, a criação de um órgão encarregado exclusivamente de fiscalizar ~~uma dessas~~ propagandas direcionadas a esse determinado público. Outra medida seria impor determinados horários para a divulgação do produto nos meios de comunicação e não permitir a divulgação de nenhum produto que possa causar algum dano a criança, por menor que seja.

ANEXO III

Termo de Anuência da Diretora para o Projeto "Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio"

Caixa Escolar São Luís
CNPJ: 19.665.827/0001-42
Diretora: Maria do Rosário Rivelli Cardoso Soares

1) Objetivo da pesquisa
O objetivo principal desta pesquisa é, inicialmente, conhecer a realidade do ensino e da aprendizagem da produção textual no Ensino Médio numa escola pública que atende alunos de classe média/baixa. Posteriormente, pretende-se discutir possibilidades de melhoria das condições de ensino e aprendizagem da produção textual, em geral, e da produção de textos argumentativos no Ensino Médio, em particular.

2) Justificativa da pesquisa
Estamos convictos de que muito ainda há por fazer no que tange à melhoria da capacidade de produção textual dos nossos alunos no Brasil, especificamente, no Ensino Médio, considerando as exigências do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que se tornou a principal porta de entrada para as universidades brasileiras. A escola escolhida como campo de pesquisa atende alunos cuja principal fonte de conhecimento é a escola que frequentam e é através dela que poderão adquirir instrumentos necessários à ascensão social. Assim, as razões para a escolha do nosso tema de pesquisa são de ordem prática, ou seja, se objetiva conhecer e debater a realidade do ensino e da aprendizagem da produção textual no Ensino Médio, com vistas a melhorá-la.

3) Procedimentos
Durante a pesquisa, haverá conversas informais da pesquisadora com os professores e alunos sujeitos da pesquisa, entrevista(s) semiestruturada(s) com eles, observação direta de algumas aulas, coleta e análise de produções textuais dos alunos do Ensino Médio durante o ano letivo de 2014 e participação da pesquisadora em reuniões pedagógicas que visem ao planejamento e à execução das aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio, durante o ano letivo de 2014.

4) Desconfortos e riscos
Não há risco algum nesta pesquisa e o desconforto será o mínimo possível.

5) Benefícios
Acreditamos que os resultados desta pesquisa serão benéficos a curto e longo prazos porque poderão repercutir numa melhoria do ensino e, consequentemente, no desempenho dos alunos em futuros processos de seleção.

6) Possível desistência em participar da pesquisa
No decorrer da pesquisa, a instituição pode desistir da sua participação no projeto e solicitar a retirada do seu consentimento. Nesse caso, os dados coletados serão devolvidos para assegurar que eles não serão analisados.

7) Preservação da identidade
A identidade da instituição será mantida em sigilo. Apenas nós, que estamos realizando a pesquisa, teremos acesso aos dados originais e, após o estudo, eles serão arquivados ou anexados à tese em forma de cópias e sem identificação alguma.

8) Custo e reembolso
A instituição não terá custo algum com a pesquisa nem receberá pagamento por sua participação.

9) Participação
A participação no estudo é voluntária e também muito importante, tanto para a pesquisa quanto para você própria. A instituição pode não querer participar ou desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum.

Qualquer dúvida ou esclarecimento sobre o estudo pode ser suprido consultando a pesquisadora ou o Comitê de Ética em Pesquisa, nos seguintes endereços e/ou telefones:

Nome da pesquisadora: Mônica Moreira de Magalhães
Endereço: Rua Angelina Bernardes - Bairro Santo Antônio – Viçosa - MG - CEP: 36570-000
E-mail:moreiramagal@ig.com.br
Telefone: (32) 8438-5591

COEP – UFMG: Comitê de Ética em Pesquisa
Endereço:
Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Pampulha
Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar - sala 2005
Belo Horizonte - MG - CEP: 31270-901
E-mail:coep@prpq.ufmg.br
Telefone: (31) 3409-4592

Pelo presente termo, declaro, para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Mônica Moreira de Magalhães em nossa instituição para desenvolver o seu projeto de pesquisa intitulado “Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio”, sob a orientação da Professora Eliana Amarante de Mendonça Mendes, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, o qual terá o apoio desta Instituição.

Brás Pires, ____ de _____ de 2013

_____

(Assinatura e carimbo do responsável pela instituição)

ANEXO IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DAS PROFESSORAS

Título do Projeto: *Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio*

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado intitulada *Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio*. Você foi selecionado(a) por ser professor(a) do Ensino Médio na Escola Estadual São Luís, em Brás Pires - MG.

1) Justificativa da pesquisa
Estamos convictos de que muito ainda há por fazer no que tange à melhoria da capacidade de produção textual dos nossos alunos no Brasil, especificamente, no Ensino Médio, considerando as exigências do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que se tornou a principal porta de entrada para as universidades brasileiras. A escola escolhida como campo de pesquisa atende alunos cuja principal fonte de conhecimento é a escola que frequentam e é através dela que poderão adquirir instrumentos necessários à ascensão social. Assim, as razões para a escolha do nosso tema de pesquisa são de ordem prática, ou seja, se objetiva conhecer e debater a realidade do ensino e da aprendizagem da produção textual no Ensino Médio, com vistas a melhorá-la.

2) Objetivos da pesquisa
O objetivo principal desta pesquisa é, inicialmente, conhecer a realidade do ensino e da aprendizagem da produção textual no Ensino Médio numa escola pública que atende alunos de classe média/baixa. Posteriormente, pretende-se discutir possibilidades de melhoria das condições de ensino e aprendizagem da produção textual, em geral, e da produção de textos argumentativos no Ensino Médio, em particular.

3) Procedimentos
Para participar do estudo, solicitamos que você participe de conversas informais com as pesquisadoras, responda a entrevista(s) semiestruturada(s), permita a observação direta de algumas aulas, bem como o nosso acesso aos textos que os seus alunos do Ensino Médio produzirem durante o ano letivo de 2014.

4) Desconfortos e riscos
Não há risco algum nesta pesquisa e o desconforto será o mínimo possível. Você só terá que desenvolver suas atividades normais frente à sua turma e interagir com as pesquisadoras quando necessário.

5) Benefícios
Acreditamos que os resultados desta pesquisa serão benéficos a curto e longo prazos porque poderão repercutir numa melhoria do ensino e, consequentemente, no desempenho dos alunos em futuros processos de seleção.

6) Possível desistência em participar da pesquisa
No decorrer da pesquisa, você pode desistir da sua participação e solicitar a retirada do seu consentimento. Nesse caso, os dados que você forneceu serão devolvidos para assegurar-lhe que eles não serão analisados.

7) Preservação da identidade
A sua identidade será mantida em sigilo. Você não precisará identificar-se em nenhum dos dados que serão coletados. Apenas nós, que estamos realizando a pesquisa, teremos acesso aos dados originais e, após o estudo, eles serão arquivados ou anexados à tese em forma de cópias e sem identificação alguma.

8) Participação
Sua participação no estudo é voluntária e também muito importante, tanto para a pesquisa quanto para você própria. Você pode não querer participar ou desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum para os seus direitos nesta Instituição.

9) Custo e reembolso
Você não terá custo algum com a pesquisa nem receberá pagamento por sua participação.

10) Exigências do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Eu, Eliana Amarante de Mendonça Mendes, pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa, declaro que o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido cumpre as exigências da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Qualquer dúvida ou esclarecimento sobre o estudo podem ser supridos consultando as pesquisadoras ou o Comitê de Ética em Pesquisa, nos seguintes endereços e/ou telefones:

Nome da pesquisadora responsável: Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Endereço: Rua Industrial José Costa, 528 - Bairro Nova Granada - Belo Horizonte - MG
CEP: 30431-330
E-mail: mendes@ufmg.br
Telefone: (31) 3371-9700

Nome da pesquisadora: Mônica Moreira de Magalhães
Endereço: Rua Angelina Bernardes, 345 - Bairro Santo Antônio – Viçosa - MG - CEP: 36570-000
E-mail:moreiramagal@ig.com.br
Telefone: (32) 8438-5591

COEP – UFMG: Comitê de Ética em Pesquisa
Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Pampulha
Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar - sala 2005 – Belo Horizonte - MG
CEP: 31270-901
E-mail:coep@prpq.ufmg.br
Telefone: (31) 3409-4592

Estou ciente das informações prestadas e, com base nelas, concordo em participar do estudo proposto pelas pesquisadoras. Para isso, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, uma que ficará em meu poder e outra que ficará com as pesquisadoras.

Brás Pires, ____ de _____ de 2013.

_____

(..... – Professor(a)

_____

(Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes – Pesquisadora Responsável)

_____

(Mônica Moreira de Magalhães – Pesquisadora)

ANEXO V

TERMO DE ASSENTIMENTO DOS ALUNOS

Título do Projeto: *Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio*

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado intitulada *Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio*. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) do Ensino Médio na Escola Estadual São Luís, em Brás Pires - MG.

1) Justificativa da pesquisa
Estamos certas de que é preciso melhorar a capacidade de escrever redações dos nossos alunos no Brasil, especificamente, no Ensino Médio, considerando as cobranças do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. O ENEM se tornou o principal meio de acesso aos cursos superiores. Muitos alunos que terminam o Ensino Médio querem continuar estudando num curso superior, mas encontram muitas dificuldades com a redação. Assim, é necessário conhecer melhor a realidade do ensino e da aprendizagem da redação no Ensino Médio, para poder melhorá-la cada vez mais.

2) Objetivo da pesquisa
O objetivo principal desta pesquisa é, inicialmente, conhecer a realidade do ensino e da aprendizagem da redação no Ensino Médio, numa escola pública. Posteriormente, pretende-se discutir como melhorar o ensino e a aprendizagem da redação, em geral, e no Ensino Médio, em particular.

3) Procedimentos
Para participar do estudo, solicitamos que você participe de conversas informais com as pesquisadoras, responda a entrevista(s), permita a observação de algumas aulas, bem como o nosso acesso às redações que você escrever durante o ano letivo de 2014.

4) Desconfortos e riscos
Não há risco algum nesta pesquisa e o desconforto será o mínimo possível. Você só terá que fazer suas atividades normais solicitadas pelo(a) seu(sua) professor(a) e falar com as pesquisadoras quando necessário.

5) Benefícios
Acreditamos que os resultados desta pesquisa vão trazer benefícios a curto e longo prazos, porque vão ajudar a melhorar ainda mais o ensino e, consequentemente, o sucesso dos alunos em futuros processos de seleção.

6) Possível desistência em participar da pesquisa
Durante a pesquisa, você pode desistir da sua participação e solicitar a retirada da sua permissão. Nesse caso, as suas redações que tiverem sido recolhidas serão devolvidas para garantir que elas não serão analisadas.

7) Preservação da identidade
A sua identidade será mantida em sigilo. Você não precisará se identificar em nenhuma das redações que serão analisadas. Apenas nós, que estamos realizando a pesquisa, e o(a) seu(sua) professor(a) teremos acesso ao que você escrever e, após o estudo, tudo será arquivado ou colocado junto com a tese em forma de cópias e sem identificação alguma.

8) Participação
Sua participação no estudo é voluntária e também muito importante, tanto para a pesquisa quanto para você próprio(a). Você pode não querer participar ou desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum para os seus direitos na Escola Estadual São Luís.

9) Custo e reembolso
Você não terá custo algum com a pesquisa nem receberá pagamento por sua participação. É uma participação voluntária, que não vai interferir nas despesas com os seus estudos.

Qualquer dúvida sobre o estudo pode ser esclarecida perguntando as pesquisadoras ou o Comitê de Ética em Pesquisa, nos seguintes endereços e/ou telefones:

Nome da pesquisadora responsável: Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Endereço: Rua Industrial José Costa, 528 - Bairro Nova Granada - Belo Horizonte - MG
CEP: 30431-330
E-mail: mendes@ufmg.br
Telefone: (31) 3371-9700

Nome da pesquisadora: Mônica Moreira de Magalhães
Endereço: Rua João Batista Rivelli, 230 - Centro – Brás Pires - MG - CEP: 36542-000
E-mail:moreiramagal@ig.com.br
Telefone: (32) 8438-5591

COEP – UFMG: Comitê de Ética em Pesquisa
Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Pampulha
Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar - sala 2005
Belo Horizonte - MG - CEP: 31270-901
E-mail:coep@prpq.ufmg.br
Telefone: (31) 3409-4592

Estou consciente das informações sobre a pesquisa e, com base nelas, concordo em participar do estudo proposto pelas pesquisadoras.

Brás Pires, ____ de _____ de 2014.

_____

(..... – Aluno(a))

_____

(Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes – Pesquisadora Responsável)

_____

(Mônica Moreira de Magalhães – Pesquisadora)

ANEXO VI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Título do Projeto: *Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio*

Seu filho/sua filha ou o(a) aluno(a) pelo(a) qual você é responsável está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado intitulada *Ensino e aprendizagem da produção textual no Ensino Médio*. Ele/Ela foi selecionado(a) por ser aluno(a) do Ensino Médio na Escola Estadual São Luís, em Brás Pires - MG.

1) Justificativa da pesquisa
Estamos certas de que é preciso melhorar a capacidade de escrever redações dos nossos alunos no Brasil, especificamente, no Ensino Médio, considerando as cobranças do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. O ENEM se tornou o principal meio de acesso aos cursos superiores. Muitos alunos que terminam o Ensino Médio querem continuar estudando num curso superior, mas encontram muitas dificuldades com a redação. Assim, é necessário conhecer melhor a realidade do ensino e da aprendizagem da redação no Ensino Médio, para poder melhorá-la cada vez mais.

2) Objetivo da pesquisa
O objetivo principal desta pesquisa é, inicialmente, conhecer a realidade do ensino e da aprendizagem da redação no Ensino Médio, numa escola pública. Posteriormente, pretende-se discutir como melhorar o ensino e a aprendizagem da redação, em geral, e no Ensino Médio, em particular.

3) Procedimentos
Para participar do estudo, os alunos deverão participar de conversas informais com as pesquisadoras, responder a entrevista(s), permitir a observação de algumas aulas, bem como o nosso acesso às redações que eles escreverem durante o ano letivo de 2014.

4) Desconfortos e riscos
Não há risco algum nesta pesquisa e o desconforto será o mínimo possível. Os alunos só terão que fazer as atividades normais solicitadas pelo(a) professor(a) deles e falar com as pesquisadoras quando necessário.

5) Benefícios
Acreditamos que os resultados desta pesquisa vão trazer benefícios a curto e longo prazos, porque vão ajudar a melhorar ainda mais o ensino e, consequentemente, o sucesso dos alunos em futuros processos de seleção.

6) Possível desistência em participar da pesquisa
Durante a pesquisa, os alunos podem desistir da participação deles e solicitar a retirada da permissão. Nesse caso, as redações que tiverem sido recolhidas serão devolvidas para garantir que elas não serão analisadas.

7) Preservação da identidade
A identidade dos alunos será mantida em sigilo. Eles não precisarão se identificar em nenhuma das redações que serão analisadas. Apenas nós, que estamos realizando a pesquisa, e os professores teremos acesso às redações e, após o estudo, tudo será arquivado ou colocado junto com a tese em forma de cópias e sem identificação alguma.

8) Participação
A participação no estudo é voluntária e também muito importante, tanto para a pesquisa em si quanto para os próprios alunos. Eles podem não querer participar ou desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum para os direitos deles na Escola Estadual São Luís.

9) Custo e reembolso
Os alunos que vão participar da pesquisa não terão custo algum nem receberão pagamento por sua participação. É uma participação voluntária, que não vai interferir nas despesas com os estudos.

10) Exigências do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Eu, Eliana Amarante de Mendonça Mendes, pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa, declaro que o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido cumpre as exigências da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Qualquer dúvida sobre o estudo pode ser esclarecida perguntando as pesquisadoras ou o Comitê de Ética em Pesquisa, nos seguintes endereços e/ou telefones:

Nome da pesquisadora responsável: Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Endereço: Rua Industrial José Costa, 528 - Bairro Nova Granada - Belo Horizonte - MG
CEP: 30431-330
E-mail: mendes@ufmg.br
Telefone: (31) 3371-9700

Nome da pesquisadora: Mônica Moreira de Magalhães
Endereço: Rua João Batista Rivelli, 230 - Centro – Brás Pires - MG - CEP: 36542-000
E-mail:moreiramagal@ig.com.br
Telefone: (32) 8438-5591

COEP – UFMG: Comitê de Ética em Pesquisa
Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Pampulha
Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar - sala 2005
Belo Horizonte - MG - CEP: 31270-901
E-mail:coep@prpq.ufmg.br
Telefone: (31) 3409-4592

Estou consciente das informações sobre a pesquisa e, com base nelas, concordo com a participação do(a) meu(minha) filho(a) ou do(a) aluno(a) pelo(a) qual sou responsável. Para isso, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, uma que ficará comigo e outra que ficará com as pesquisadoras.

Brás Pires, ____ de _____ de 2014.

_____

(..... – Pai, Mãe ou Responsável)

_____

(Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes – Pesquisadora Responsável)

_____

(Mônica Moreira de Magalhães – Pesquisadora)

ANEXO VII

45 redações do Simulado 1 sobre o tema: "Racismo: como virar de vez essa triste página da história?"

A1 - R1

O racismo é uma dos principais problemas de nossa sociedade. Está, a cada dia, fazendo mais vítimas e, até no momento, nenhuma punição rígida foi adotada para os agressores.

Quando se fala em racismo, logo, pensamos que é uma ofensa contra uma pessoa negra. Mas ~~tam~~ também existe racismo contra pessoas de pele branca, contra pessoas de ~~origem~~ origens indígenas entre outros. Isso acontece todo dia, a toda hora, em todo lugar. A pessoa que sofre se sente humilhada, e até mesmo inferior ao outro. Guarda esse sentimento para ela e não toma nenhuma providência. Falta atitude para denunciar a polícia para que ela tome as devidas decisões e, com isso, penalize o autor desse crime. Geralmente ela sente vergonha ou, até mesmo, medo porque na maioria das vezes, é uma pessoa próxima a ela que faz este tipo de humilhação e, com isso, contribui para o ~~agravamento~~ ~~to~~ agravamento dessa situação

Devemos denunciar esse tipo de agressão e cobrar da justiça decisões firmes e punições para os agressores para acabar com esse terrível germe do preconceito.

A2 - R1

Infelizmente, como um problema mundial, o Racismo tacha-se supostamente um tema diário, vivido e presente na vida de milhões de pessoas. Caracteriza-se de insultos, preconceitos, discriminações, ofensas etc... Hoje, muito citado e discutido por meios de comunicações como televisões, radios, jornais entre outros a fim, de forma Secreta combater este lixo.

Conclui-se lixo por tornar não recidável e imprópria para meios linguísticos, degradando assim um ciclo de comunicação e bem viver das pessoas Não só um cidadão, mas toda uma nação tende-se a se unir e abraçar esta boa causa pois uma nação unida é uma nação feliz com um princípio que vem da preocupação da educação em cena Usada para cura.

A3 - R1

"Racismo: Como virar de vez essa triste página da história?

A sociedade hoje em dia, não olha mais o caráter das pessoas, mas sim as roupas, as condições financeiras e a cor, deixando de lado as qualidades que é uma das principais característica que nós seres humanos temos, muitos julgam pela cor, mais não sabem que as pessoas que estão julgando podem ser iguais ou até melhores do que elas, o dia que a nossa sociedade parar de julgar as pessoas pelo que elas estão usando ou pela sua cor, o nosso país crescerá ainda mais.

A nossa justiça também deveria ser mais rígida com as pessoas que praticam o ato do racismo, aplicando penas mais pesadas, pois só assim é que vamos acabar com esse problema, o dia em que uma pessoa praticar esse ato e receber uma punição pesada as outras vão pensar duas vezes antes de praticar o mesmo ato, e quem pensa em praticar um ato desses, antes de praticar se coloca no lugar da outra pessoa, o que você sentiria? Pense muito antes de fazer, pois você está ferindo o sentimento de uma pessoa que é feita de Carne e osso igual a você e mais cedo ou mais tarde as consequências virão.

A4 - R1

"Racismo: como virar de vez essa triste página da história?"

No mundo inteiro, há preconceito para com a cor da pele, que hoje em dia apesar de estarmos em um moderno, existe essa ofensa. O racismo causa penalidade, e essa forma de penalizar quem faz discriminação, é uma das formas para começar a diminuir esse crime.

Acabar com o preconceito não é facil, mas no decorrer do tempo abrir as mentes das outras pessoas e de si mesmo já é um grande passo, para essa conquista. Conteúdo o racismo é grande, portanto na sociedade grandes negros vem mostrando para a população que eles conseguem realizar o que desejam, os seus direitos, os seus conquista vem só crescendo.

E como dizia o "Bob Marley": "Enquanto a cor da pele for mais importante não haverá paz no mundo".

O que nos faz, não é a cor da pele e sim o que somos e conquistamos.

A5 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

O racismo é um dos principais e mais preocupantes problemas sociais do planeta. A cada dia o índice de denúncia por racismo, está mais elevado, infelizmente, fazendo com que os membros contribuintes no combate ao preconceito fiquem ainda mais impotentes nas resoluções e acompanhamento dos casos.

Hoje em dia são registrados vários tipos de desrespeitos, por raça, sexo, posição social, opção sexual, etc; fator que vem preocupando a população, por estarmos em uma atualidade, onde várias barreiras já foram ultrapassadas, mas o preconceito sempre acaba prevalecendo.

Muitos trabalhos contra o racismo já foram apresentados à sociedade, mas por mais que o tópico seja criticado, com argumentações e reinvidicações com o intuito de amenizar o problema, tais ações não estão surtindo o efeito esperado.

São muitas as organizações colaborativas que trabalha efetivamente contra o racismo, mas para que o preconceito seja contido é preciso que trabalhemos juntos criando projetos e expondo nossas ideias, ou seja, conversando e mostrando para todos, que tudo tem um porque e se as diferenças existem é para que nos passamos nos tornar pessoas melhores e mais tolerantes, aprendendo a lidar com elas.

A6 - R1

Hoje em dia no Brasil não só no Brasil mais sim no mundo inteiro, isó um número muito grande de pessoas que sofrem, ou já sofreram racismo, devido a sua cor ou seca.

Sempre que se fala em uma pessoa negra já vem em mente racismo, e a população negra sofre muito com isso, devido ao racismo muitas vezes são agredidas, maltratadas e humilhadas.

De alguns tempos para cá o racismo vem acontecendo frequentemente, aconteceu com dois jogadores Vinga e Daniel Alves, a qual a reação dos dois foram totalmente diferente uma da outra. Ao jogarem bananas em Daniel ele simplesmente pegou descascou e comeu.

Um grande paradema é que muitas pessoas ao invés de vaiar a galera e enfrentar o racismo com a cabeça erguida, força e raça, não ues sentem envergonhadas por suas cores ou seca.

Vinga em uma entrevista disse que quando chegou em casa, seu filho perguntou perguntou o porque que aquelas pessoas estavam imitando macaco, ele não quis responder abaixou a cabeça e chorou.

Esse que o paradema que enquanto o ser humano não deixar a vergonha de ser o que é e pela sua cor, não saber enfrentar o racismo com a cabeça erguido, o racismo sempre irá aptar a sua vida.

A7 - R1

Racismo, uma relação inexplicável do mundo aos negros.

O racismo além de ser uma vergonha aos agressores, eles sempre prejudicam os outros. Mas como diz o ditado: "você tem dois ouvidos, um a entrada o outro a saída". Quando agredido pense que você é mais, melhor que aquele racista, pois o mundo todo deve muito a raça negra até pela época da escravidão. Mas são poucos os que pensam assim e, por isso, estamos hoje com esse alto número de racistas. Use como exemplo o jogador Daniel Alves, as vezes é melhor deixar passar, pois talvez sua resposta venha a ajudar os racistas um dia, e você está sendo igual a ele. Faça de conta que isso não te incomoda.

Pense assim e vamos acabar com esse racismo.

A8 - R1

"Racismo: como riscar de vez essa triste página da história?"

Hoje em dia tem muitas pessoas que ainda não aprendeu a lidar com pessoas de outros gêneros seja elas físicas, mental, cor, raça, etc.

A maioria da nação as vezes é muito estupida pelo fato de que todo ser humano tem a sua fisionomia e não é por causa disso que torna a pessoa mas bonita, mas feia ou até mesmo pobre ou rica, a cor não é o caráter de ninguém.

No passado o racismo era praticamente em tudo mas agora está menos, o mundo deveria esquecer o passado e viver a atualidade tirar aquela mancha negra que carrega em si e ver a realidade, que aquilo não é só dos outros que acontece só com o próximo, e sim ver que pode acontecer com todos.

Talvez criticar, julgar é a melhor solução, mas cabe a cada um de nós saber que não é a sim, ter uma mente clara sobre o assunto e conversar com pessoas que sobre qualquer tipo de preconceito vai ver que não é difícil virar a página e enxegar todos do mesmo jeito.

É lembrar sempre racismo ou qualquer outro preconceito já foi abolido à muitos anos atráz.

A9 - R1

Não é de hoje que o racismo existe no Brasil e no Mundo, desde muito tempo ele vem se manifestando de diversas formas, antes no Brasil colônia os negros eram taxados como "ruins" não podiam seguer ter certos privilégios que os brancos tinham, como, uma alimentação variada, uma moradia decente, roupas confortáveis e varias outras coisas cruciais que precisamos para viver bem e com saúde.

Já na Alemanha nazista não somente os negros, como indígenas, judeus, homossexuais, eram caçados e mortos, por não serem da raça que eles consideravam ser "pura" que tinham como característica as pessoas serem loiras e com os olhos claros.

Como se esquecer do episódio lamentável que ocorreu na África do Sul onde os negros eram proibidos de até se sentarem nos mesmos bancos que os brancos, e isso não foi o cúmulo ocorreu varios outros tipos de absurdos que todos conhecem e que são imensuráveis.

O Brasil não está ilso do racismo, aqui existem os chamados "skinheads" que perseguem, torturam e até matam os homossexuais.

Quando se fala de racismo não é somente aquele cometido contra negros, judeus e homossexuais, temos que nos lembrar que as mulheres até hoje sofrem racismo por ser considerada inferior ao homem.

No Brasil a pena para quem comete esse tipo de crime ainda é branda, pois geralmente a pessoa paga a fiança estipulada e é solto.

O governo tem que juntamente com os orgãos responsaveis endurecer as leis, aumentando a pena para quem comete esse tipo de crime, enquanto os brasileiros não se conscientizarem que isso não é uma brincadeira e que todos tem seus direitos e deveres e podem fazer da sua vida o que bem intenderem.

A10 - R1

"Racismo: como virar de vez essa triste página da história?"

Estamos no século XXI e até hoje existem pessoas que sofrem com o racismo. Isso é envergonhador, o preconceito racial já era pra ter acabado.

Os agressores deviam pensar como as pessoas se sentem com essa agressão. Se colocar no lugar delas e aí sim se questionar de pensar o que elas ~~estavam pensando~~ possam.

Devemos nos conscientizar que o racismo não pode continuar.

Portanto temos que tomar uma atitude para isso acabar. As pessoas tem que mudar o seu jeito de pensar e agir, aumentar mais as punições com os agressores e as leis serem mais rigorosas.

A11 - R1

Desde a antiguidade até os dias de hoje, a sociedade sofre com preconceitos por causa da cor de sua pele, por ser magro ou gordo, ou até mesmo por ter alguma deficiência. No dia-a-dia por exemplo, uma pessoa por ser negra acaba recebendo humilhação, desrespeito e se sente até mesmo com vergonha de si própria.

O racismo começa bem "cedo", quando em uma rodinha de colegas, acontecem os apelidos de mal gosto. ~~Haí~~ e A partir daí, a criança que é discriminada já cresce isolada dos amigos e muitas vezes não fazem as coisas que gosta e que tem vontade de fazer por causa do preconceito.

O racismo acontece em qualquer lugar, muitas vezes a pessoa está no local de trabalho e é humilhada e quanto mais a pessoa é discriminada, mais ela sofre. Por isso, que atualmente acontecem os suicídios, pois, essas pessoas discriminadas não aguentam tanta humilhação e perdem a vontade de viver.

Todo mundo tem o direito de ser feliz, ter uma família, pois, os direitos da humanidade são todos iguais. As pessoas deveriam se conscientizar no que estão fazendo, porque às vezes acabam tirando vidas. Racismo é crime e quem faz isso deveria ser realmente punido e pagar pelo que fez.

A12 - R1

O racismo é um grande problema que ocorre em todo o planeta, muitas vezes ocorre silenciosamente, quando não cometidos por pessoas de classes mais leigas, mas quando ocorre com pessoas famosas ou de grande importância no meio social a notícia se espalha pelo mundo ganhando as principais manchetes de jornais, revistas e redes de televisão.

Entretanto com o passar dos dias as pessoas acabam se esquecendo e não dando mais importância para o fato ocorrido. Enquanto pessoas comuns continuam sofrendo diariamente com ele, mesmo com campanhas, alertas e a criação de leis os números de pessoas que sofrem o racismo não diminuem.

Assim anos e anos se passam, mas a mentalidade de quem o pratica continua parada no tempo. Ele é praticado de varias formas tanto verbalmente ou gestualmente quem o sofre nunca esquece. As leis deveriam ser mais duras para quem comete esse tipo de crime, porque só assim as pessoas iriam pensar duas vezes antes de pratica-lo. E que algum dia o mundo irá se ver livre desse praga.

A13 - R1

O racismo é um dos principais problemas que presenciamos no meio em que vivemos, acontece não só no Brasil mas por todo o mundo.

Quando uma pessoa pratica o racismo ela está cometendo um crime, mas pior do que o crime é o constrangimento que a vítima do racismo pode sentir. Presenciamos esse triste fato no nosso dia-a-dia, sempre encontraremos seres irracionais capazes de cometer essa agressão.

As leis desse país devem ser mais rigorosas com os praticantes do racismo, pois é um crime. Não importa a cor das pessoas, elas tem o mesmo direito que todos, o direito de ser feliz sem discriminação.

A14 - R1

Racismo, como virar de vez essa triste página da história?

Preconceito racial, apesar de parecer uma coisa ultrapassada, muitas pessoas ainda sofrem com esse tipo de agressão.

Todos os dias centenas de pessoas são agredidas, humilhadas por sua cor, religião, etc. O que fazer para que isso enfim acabe?

Independentemente de cor, religião e diversas outras coisas as pessoas são todas iguais, não se pode julgar por aparências. O preconceito é um problema mundial muito grave que deve haver uma solução, mas o que fazer para que isso aconteça?

Embora pareça impossível, deve haver sim uma solução. As pessoas preocupam muito em julgar os outros e esquecem que coisas como essas podem estar acontecendo na própria família. O racismo é sim um crime e devem ser punidos as pessoas que o pratica. Essa lei deve ser respeitada como qualquer outra. Então, quem pratica atos como esses devem ser punidos rigorosamente.

Uma pessoa que sofre esse tipo de agressão com certeza sente muito com isso, o agressor deve se colocar no lugar dele e perceber o quão doloroso é sofrer uma agressão desse tipo.

Afinal são direitos iguais a todos, não é só pelo fato de ser negro que se deve haver um tratamento diferente. Então, que a população se coloque no seu lugar e pare de agir como uma pessoa imatura e sem caráter.

A15 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história? Esse sem dúvida é dos assuntos bastante polêmico em todo o mundo.

Hoje, aqui no Brasil assim como também em outros países, muitos dizem que não existe mais Racismo, algo que por sua vez está totalmente fora de nossa realidade. Não é difícil até mesmo andando pela rua nós deparamos com tal fato, o mesmo nos possibilita ver isto através da televisão, internet, entre outros...

A Sociedade tem uma população diferenciada, pois há uma grande mistura de "raças", algo que vem acontecendo a muitos anos atrás por exemplo quando vieram para o Brasil os Africanos, muitos refugiados, em busca de melhoria na área trabalhista. Desde então as misturas começaram a surgir, o índice de Africanos no Brasil aumentou e hoje temos conosco negros em cargos elevados, verdadeiramente bons muitos trabalham em Direito, engenharia, odontologia, jogadores de futebol etc... Tudo sem contradições, MAIS QUE MERECIDO, eles são tão ou mais merecedores do que muitos "brancos". Isso quer dizer, que o fato de a pessoa ser ou não negra, não quer dizer absolutamente nada, todos são iguais e a cor da pele é algo que não deveria ser visto como uma diferença, pois é algo que jamais influenciará no caracter das pessoas.

Brasil, é um lugar bom de se viver, embora a lei seja uma das coisas que precisa urgentemente de mudança, existe sim, punição para as pessoas que praticam o Racismo, mas infelizmente muitos não estão achando suficiente, pois continuam levando o assunto como algo simples. Acredito que rigorizando mais essa lei este fato possa mudar.

É preciso que as pessoas busquem se conscientizar de que Racismo é crime, agressão física e psicológica que pode levar a vítima ao extremo. Essa prática é desumana, algo ilegal que pode levar qualquer pessoa ao desencanto total. O que prejudicará tanto a vítima quanto o agressor.

Tudo bipode racismo é crime, e é hora de mudarmos isso.

A16 - R 1

Nos tempos de hoje o racismo ainda está vivo entre a sociedade. O preconceito existe em todo lugar, quando o negro é excluido de suas atividades, quando sofre algum tipo de piada sobre a sua cor e outras atitudes que desreipeita e fere a integsidade física e moral da pessoa. Todos os dias negros são vitimas de agressão.

O que os preconceituosos tem que entede rem é que afro decendentes são pessoas comuns, tem os mesmos direitos que uma pessoa branca. Eles não podem ser excluidos da sociedade e sofresem agressão por causa do tom da sua pele.

Devemos acolher o descriminado na sociedade, fazer campanhas com negros, criar mais oportunidades no mercado. Encaminhar o racista a algum centro especializado para poder trabalhar essa ideia errada sobre o negro e faze-lo entender que são pessoas normais.

A17 - R1

Mesmo com o passar de vários anos, não há dúvida que o racismo vive e convive ainda aqui no Brasil e em várias partes do mundo, felizmente muitas pessoas reagem de forma positiva a esses atos de preconceito e discriminação racial.

Muita gente usa as redes sociais como um meio de manifestação contra essa minoria que ainda permanece com essa mentalidade antiga, vários famosos usam essa forma para ajudar não só a eles, mas também, a população em geral, que não tem coragem de demonstrarem pelo que (~~se~~) estão passando no dia a dia.

A18 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

Em pleno século XXI ainda existe racismo, pois, as pessoas não conseguem nem reagir diante desse tipo de agressão porque sentem medo; vergonha, e na maioria das vezes ao serem vitimas, poucos se defendem usando a lei, outros usam o próprio racismo para se defender e outros usam a agressão.

Esse é um fato muito difícil de se lidar, pois os agressores na maioria são pessoas de pele branca e ricos; sendo assim os negros e pobres se intimidam.

Nos dias atuais o racismo tem diminuido bastante pois existe leis e punições que ajudam quem sofre o racismo. (e ~~com essas leis~~)

A19 - R1

Desde o "descobrimento", o Brasil foi povoado por várias nações. Primeiro por portugueses, depois por africanos, logo em seguida por espanhóis e hoje por haitianos e bolivianos, principalmente.

Devido a essa mistura entre raças distintas, o povo brasileiro é uma nação miscigenada, porém muitas pessoas não sabem conviver e aceitar as diferenças, por isso agem com preconceito perante aqueles que julgam inferior.

O racismo tem que acabar, seja ele racial, étnico, [illegible] sexual, social, entre outros. Ao ser descriminada, uma pessoa fica com medo e com vergonha, as vezes até pensa que o erro é seu, em ser daquela forma e não denuncia o homofóbico.

É necessário que o governo invista em propagandas que concientize e demonstre as diversidades culturais do Brasil e também puna mais rigorosamente os intolerantes ao aceitar as diferenças. Os pais devem educar seus filhos desde criança a aceitar e respeitar os outros. A escola deve reforçar os ensinamentos dos pais, por meio de projetos e apresentações de danças afro, capoeira, danças indígenas, etc.

Por tudo isso, deve-se respeitar, aceitar e não julgar ninguém, pois cada um deve ser do seu jeito, sem medo ou vergonha do olhar crítico da sociedade.

A20 - R1

Em pleno século XXI o racismo não deixa de ser um problema mundial. Como acabar definitivamente com isto?

As pessoas deveriam-se conscientizar que isso já está ultrapassado, elas deveriam ter vergonha disso. Só por quê, eu sou negro, eu tenho que sofrer abuso? ou, só por quê, eu sou gay, eu tenho que apanhar? Hoje em dia as pessoas tem preconceito a tudo, Cor, raça, religião, a escolha de sexo, isso é Verg- nhoso. Nós todos tínhamos que esquecer essas diferenças, até por quê somos todos iguais perante a lei. O ser humano que pratica esses atos deveria ter punições muito severa, e quando alguem sofrer esses atos, faça igual a brasileira Dani alves, do Barcelona, que simplesmente comeu o ra- cismo.

Portanto o governo, tinha que criar ~~um~~ lu- gares específicos para recorrer quando ouver, atos desse tipo, também nas ~~escolas~~ escolas, no trabalho e até nas ruas, haver palestras, com depoimen- to de quem sofre, e já sofreu racismo, só as- sim as pessoas irão se conscientizar um pouco.

Ensinar principalmente as crianças, e aos adolescentes, dizer não ao racismo. Até Porquê, eles são o futuro, e a esperança do mundo. Só assim poderemos virar de vez essa triste pagina da história.

A21 - R1

O racismo é uma das coisas que deveriam ser extintas da sociedade, pois não há nenhuma diferença entre o negro, o branco, o indígena e ~~nas~~ mas demais classes.

Mas com tudo o racismo é uma coisa que infelizmente será difícil de acabar, pelo motivo de todos falarem que não tem, mas no fundo todos acabam tendo de alguma forma, não só sendo de raça, mais também de classe social, com pessoas com certo tipo de deficiência ou doença.

Com tudo para que seja diminuida, deveriam dar palestras para crianças ao entrarem nas escolas para que elas tenham com si que racismo não é legal e que todos somos iguais.

A22 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

Atualmente o racismo ganha principal destaque nas mídias, principalmente no futebol, como aconteceu com Daniel Alves, mas é um problema que luta-se contra desde décadas passadas.

Voltando na história do Brasil, sabe-se que no início da democracia as mulheres, os analfabetos, os negros não votavam, não tinham as mesmas prioridades que os brancos alfabetizados, desde então o preconceito racial era presente.

Hoje em dia existe um pequeno racismo não só em futebol mas em programas de ingresso em universidades, em que a cota para negros é de 50% das vagas, diversos programas midiáticos vagem de forma a comparalem o negro com sua capacidade.

O racismo sempre foi, portanto, um grave problema na sociedade, os negros são vistos inferiores em relação aos brancos. Para que essa página da história seja virada todos deviam ser tratados iguais independente de sua cor, raça, profissão. A partir desse ponto espera-se que a população conscientize sobre seus atos.

A23 - R1

Racismo

Racismo é um ato de preconceito, com pessoas de religiões diferentes, pele mais escura, etc.

O racismo é uma vergonha, pessoas que os realizam devem ser punidas, serem detidas e até mesmo passar por um julgamento se preciso.

Se tivéssemos punições mais severas talvez não teríamos tantos atos de racismo.

Com tudo isso as pessoas que sofrem algum tipo de racismo não pode entrarem na "onda" desses criminosos e se deixar abatidos por isso.

A24 - R1

Diferenças entre pessoas existem, sejam elas psicologicamente ou fisicamente. Ninguém é igual a ninguém, cada um possui suas formas e tonalidades de pele.

No Brasil isso se concretiza ainda mais, devido a homogenização das raças, que aconteceu desde a época em que foram trazidos os africanos para trabalharem como escravos.

Desde essa época o branco é tratado como superior e, em pleno século XXI, ainda existe quem tenha uma ideia absurda sobre raças.

Não existe uma raça melhor que outra, são apenas diferenças e independentemente se alguém é de uma determinada cor ou não isso não define de forma alguma a sua capacidade.

No nosso país, infelizmente, ainda existem aqueles com pensamento de muitos anos atrás, esqueceram de ver a realidade, o que realmente é. Preconceito não leva a nada. O brasileiro precisa sair do que já foi um dia e se situar de forma coerente a realidade.

O que realmente deve ser mudado é simplesmente a forma de pensar. Isso pode ser feito através da educação. Nas escolas, ou em palestras que retratem o assunto e conscientizem as pessoas, assim a família também deve contribuir para diminuir o preconceito racial.

A25 - R1

"Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

Em pleno século XXI ainda vemos, ouvimos o racismo em todo lugar.

Nos dias de hoje muitas coisas mudaram, são exemplos de cotas em universidades que estão abrindo portas para milhares de pessoas, grandes craques negros hoje fazem parte do futebol Brasileiro (Pelé) entre outros, mas muitas coisas ainda precisam ser mudadas. Mas como mudar isso?

É muito difícil chegar em uma conclusão para combater o racismo. Ele estar no nosso dia-adia, nas ruas, escolas, nas rede sociais, nas diversões e em muitos outros lugares.

Para mudar essa história é preciso que as pessoas tenham consciência, que o governo crie novas leis mais rigorosas contra o racismo e que principalmente abra mais espaços para quem sofre contra os preconceitos (negros, cadeirantes de roda, deficientes visuais e outros).

Assim viveremos em um País onde todos são ser iguais com os mesmo direitos e sem preconceito.

A26 - R1

Desde antes do descobrimento do Brasil já havia o racismo, a começar pelos índios que eram obrigados a trabalhar e à busca de negros da África para realizar serviços escravos que qualquer raça o poderia fazer. A luta contra o racismo dura ano e anos. O direito a voto, e estar com carteira assinada e ser aposentado são exemplos de suas conquistas, mas ainda há muito o que mudar.

Todos têm o direito de ir e vir, de viver e o negro também faz parte desse todos. Ninguém é inferior a ninguém por ser negro, índio ou branco, todos têm capacidade de passar em Universidades federais, mesmo sem cotas raciais, e passar em um concurso concorrido. Cor da pele é apenas uma característica física, não diz que é mais inteligente, que é mais bonito e que tem mais competência, qualquer pessoa pode conseguir o que quer se esforçando e se dedicando.

O ideal seria se todos os pais ensinassem seus filhos a serem mais respeitosos, que a cor da pele não influência em nada e que é respeitando as pessoas que somos respeitados.

A27 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

Embora todos nós, já tenhamos o conhecimento que o racismo é algo que já vem acontecendo a muitos e muitos anos atrás, desde a época dos nossos antepassados, e que até nos dias atuais ainda ocorre com bastante frequência, não tanto quanto antigamente, mas isso ainda faz parte da humanidade.

O racismo já poderia ser uma página virada em nossas vidas, se houvesse a colaboração de todos, a conscientização, mas infelizmente isso não acontece.

O racismo está só se camuflando, mas na realidade o que era preciso mesmo, acabar com ele, isso não está acontecendo.

A questão dificilmente será solucionada, pois isso não depende só de uma pessoa ou de outra, isso depende de todos, mas enquanto um promove alguma coisa para melhorar o racismo extinguir, outros fazem completamente diferente pela frente.

Certamente se cada um de nós fizermos pelo menos a nossa parte, isso futuramente poderá ser de vez uma página completamente virada.

A28 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

O Racismo sempre existiu na história da humanidade, desde a época da colonização. Muitas pessoas sofreram e ainda sofrem com atitudes racistas, seja ela agressiva ou as vezes disfarçada. O racismo é um mal que deve ser amplamente combatido.

Em pleno século XXI é vergonhoso que ainda exista pessoas com ideias e atitudes racistas. Mas acontece, e muito, no Brasil e em todos os lugares do mundo. O racismo parece estar enraizado na mente de algumas pessoas e é extremamente difícil mudar essa mentalidade antiquada.

O racismo está presente em todas as áreas da sociedade. Nos esportes não é diferente, no futebol, ganhou um grande destaque midiático o caso de racismo praticado contra o jogador Daniel Alves, e sua reação inesperada, o que causou uma comoção generalizada e resultou em campanhas contra o racismo. Outros jogadores também sofreram com atitudes racistas como o Tinga e o Arouca, porém isso não é uma coisa atual já acontece há varios anos.

Muitas pessoas sofrem com o racismo em todos os lugares até mesmo quando vão procurar emprego, são julgadas pela sua cor e não pela sua capacidade. O governo tenta ajudar através de cotas raciais, ficando disfarçado o pensamento racista, de que eles são incapazes e que precisam de uma ajuda extra, o que não condiz com a realidade, somos todos iguais e devemos ser tratados desta maneira.

Portanto o racismo deve ser combatido de forma eficaz, campanhas publicitárias, palestras em escolas, devem ser usadas para ajudar a mudar, essa visão ultrapassada de que brancos são superiores aos negros. Não é a criação de cotas, distinciando mais as raças que mudará as coisas. O que deve ser mudado é a mentalidade humana.

A29 - R1

Racismo. Uma das várias formas de se humilhar um ser humano.

Isso começou lá atrás, no tempo da escravidão. Feitores mandando, espancando e até mesmo, matando os escravos. Pois é, essa prática vem se repetindo nos dias atuais. Tanto no futebol, quanto no dia-a-dia; entre parentes e com amigos.

Tal ato não pode ocorrer de forma nenhuma, pois os negros são uma excelente fonte de cultura para nós brasileiros. Quem não gosta de um bom samba? De uma deliciosa feijoada? De ver gênios da bola em campos pelo mundo? Isso também só acontece por que existem pessoas que se acham melhores que os outros e, se dão o direito de insultar, maltratar e ferir os sentimentos do próximo. Não podemos deixar que aconteça livremente, até por que pode acontecer comigo um dia, com nós mesmos, com nossos irmãos, filhos, netos, sobrinhos, etc. Sendo assim, se não gostamos que façam com nós, também não podemos e não devemos fazer com os outros.

É para sanar este problema, só com educação, paciência, respeito e uma série de outros fatores que tornará o Brasil um país melhor. Visto lá fora.

A30 - R1

A questão do fato de que o racismo existe no Brasil ainda é um assunto de muita polêmica, pois infelizmente ainda existem muitas pessoas preconceituosas com aquelas que acham que são melhores do que as outras só pelo desde fato de eles serem brancos e outros possuirem uma pele negra.

Eu não concordo com isso, nunca concordei e também nunca e jamais concordaria com o racismo não só no Brasil mas também no mundo todo.

Nos dias atuais comparados com os tempos de antigamente o racismo tem sido diminuído bastante pela fato de existirem punições e castigos a quem comete o preconceito racial e também o racismo é um crime inafiançável ou seja se a pessoa comete um racismo e ela é denunciada ou for apreendida a pessoa vai direto pra cadeia sem direito a qualquer tipo de fiança sem contar que ela ainda poderá pagar esta lésica ou seja nos dias de hoje se a pessoa comete racismo quem sai perdendo é ela não a outra pessoa, mais ainda não é o suficiente, pois ainda existem pessoas que mesmo calada ou de forma discreta comete o racismo, mas isso é um fato que ainda vai ser muito debatido.

A31 - R1

1 De onde vem o racismo?

2 O racismo hoje no Brasil assim como no mundo inteiro
3 está aumentando cada vez mais, as pessoas estão perdendo o amor
4 ao próximo e a visão de que negros, homossexuais e religiosos
5 tem o livre arbítro de escolher o que quer, onde a cor, classe
6 social e opção sexual não deve ser mais importante que o caráter
7 e a honestidade.
8 Pessoas racistas? São pessoas com mentalidade de séculos para
9 dos, onde o negro era tratado como escravo, como um "bicho", onde
10 enxergava-os como objeto de trabalho, um ser inutil na sociedade
11 mas útil no trabalho rural. São pessoas que não entendem que a
12 cor da pele é apenas uma característica física e que eles "os negros"
13 são humanos igual a nós ou até melhores, com capacidade e
14 força de vontade em crescer e mostrar ao mundo que pessoas
15 racistas não estão com nada.
16 Hoje em dia pessoas negras estão cada vez mais se ingres
17 sando no mercado de trabalho e em universidades federais, come
18 çando a ganhar espaços perante a sociedade. Hoje não há discrimi
19 nação entre negros e brancos diante as leis, todos somos iguais
20 Sopra como acabar com o racismo se as vezes os pré
21 prios negros tem preconceito de si próprio, da sua cor?
22 A mudança parte de nós, de nossas escolhas, do nosso
23 ponto de vista. E hoje o que importa pra mim não é cor, status,
24 classe social mas sim o caráter, a honestidade e a responsabilidade.
25 Vamos educar a mão na consciência e ver realmente
26 de onde está partindo essa "onda" de racismo, de preconceitos.
27 De alguma maneira você pode mudar o rumo dessa
28 triste história e pode começar hoje na sua atitude, no modo de
29 tratar você próprio e as pessoas a sua volta.
30

A32 - R1

O racismo contra os negros, sem sendo uma dos piores tipos de racismo que existem. Muitos racistas só de verem a pessoa de cor negra já criticam a pessoa sem pelomenos conhecer a pessoa. Mas na maioria das vezes são pessoas humildes e trabalhadoras que trabalham para sustentar suas famílias.

Mas infelizmente existem outros tipos de racismo, por exemplo: o racismo contra homossexuais, contra pessoas religiosas e muitas vezes também contra pessoas brancas. Alguns negros acham que, que os todos brancos são racistas, por isso na verdade muitos negros também criticam pessoas brancas, também sem saber o que a pessoa é. Mas independente da nossa cor, da nossa religião, da nossa sexualidade todos nos somos iguais, não por fora mas sim por dentro.

A33 - R1

Racismo: como virar de vez essa triste página da história?

Racismo, tá aí uma das coisas em que a maioria das pessoas houvem falar ou até mesmo acompanham ou vi vem com isso no dia a dia.

O racismo é uma das agressões racistas mais comum sofrida por pessoas, geralmente negras. O racismo para algumas pessoas é normal, eles encaram o racismo como se fosse uma forma de se defender das pessoas negras, mas porém, nunca se perguntam se oque estão fazendo ou se o jeito que estão os tratando é o certo. Geralmente as pessoas que sofrem por racismo não sabem oque fazer, algumas até mesmo ficam traumatizadas, deixam de fazer coisas ou até mesmo de viver sua vida conforme deveria ser.

Hoje se uma pessoa comete o tal ato de racismo ela vai presa ou pagam apenas algumas cestas básicas. Não acho que vai ser dessa forma que acabará com o racismo em nosso mundo não, as leis deviam ser mais severas para tal ato, pois ninguém sabe como se sente a pessoa que é agredida ou como ela está agora.

O racismo está um absurdo, pois existem até locais em que negros não podem frequentar. Agora me diz porque não acabar com o racismo no Brasil e no mundo de uma vez por todas? Desde a época da escravidão que isso existe, devemos olhar e ver que todos somos iguais seja preto, Branco, pardo ou amarelo, cor na importa pois todos somos iguais todos somos gentes e devemos ter o mesmo direito.

A34 - R1

"Racismo: Como banir de vez essa triste pagina da história?"

É muito comum nos dias de hoje ouvir piadas ofensivas que favorecem o racismo. As pessoas devem ter mais educação naquilo que se fala pois, todos são iguais perante as leis, só assim as pessoas preconceituosas tem mais respeito e conscientização que discriminação é algo proibido perante às leis.

O fato é que muitas pessoas que sofrem o racismo ficam sem reação para se defender. Essas pessoas devem lutar pelo seus direitos de cidadãos, e não deixar se abater por uns e outros que praticam a agressão, que com a péssima educação que tem, promovem este tipo de preconceito.

No caso de agressão racista sofrida pelo jogador Daniel Alves, o agressor era um torcedor anônimo e o jogador não poderia se defender usando como arma as leis, por isso, se defendeu de forma educada e ao mesmo tempo engraçada, passando por cima da agressão, é assim que devem reagir e casos onde o agressor é anônimo como no jogo do Barcelona e Villareal, o mesmo exemplo do jogador, pois se a vida nos da uma "banana descascamos", pois numa situação como esta devemos reagir de forma educada, para mostrar o agressor que ele sim é que deve sentir vergonha desse ato feio que infelizmente ainda nos cerca mundo afora.

A35 - R1

"Racismo: Como virar de vez essa triste página da história?"

O Racismo é um tipo de violência física psicológica e mental. No Brasil ainda é muito comum essa agressão, quase sempre podemos ouvir relatos de pessoas que sofreram preconceito, mas se ja estamos em pleno século XXI com tudo, num sistema avançado tecnologicamente porque as pessoas ainda praticam esse tipo de agressão? Somos pessoas, seres humanos e como os tais deveríamos todos vivermos em harmonia e paz.

Apesar de existirem muitas leis que proíbem o racismo, preconceito, bulling, ou qualquer que seja, agressão, as pessoas nem sempre obedecem as leis, algumas nem as têm como conhecimento e se sofrem ou ja sofreram por medo, vergonha não procuram a garantia de seus direitos

A36 - R1

O racismo tem vindo causando muitas polêmicas desde muito tempo, não há dúvidas que certamente diminuiu muito mais com certeza ainda há. Principalmente no mundo do futebol muitos craques negros como ~~o~~ Fausto, Valdemar, Zizinho, o "Rei" Pelé e infinitos outros foram prejudicados pelo racismo. E infelizmente ainda vem sofrendo com isso como visto na partida do campeonato Espanhol o brasileiro Daniel Alves ~~jo~~ ~~gador~~ jogador do Barcelona que depois de terem atirado uma banana ao campo, ele por sua vez foi humilde e respondeu a ofença com um gesto que parou o mundo, comendo assim a banana até mesmo antes da retirança de escanteio.

Depois de ter caído nas redes sociais o mundo pode ver essa cena vergonhosa que por sua vez durou dias, fotos foram postadas no facebook para o fim do racismo, porém mais estavam todos em sua maioria voltados para da final.

Diante dessa cena ridículo caberia a ele um protesto nas ruas contra o racismo, porque ninguém pode ser julgado por sua cor e sim por seu ~~caráter~~ caráter. Não necessariamente um protesto com brigas, violência e que danças aos patrimônios públicos mais sim com voz maior voltados para o fim do racismo, com falas, representantes e pessoas dignas e direito que virem o bem e o respeito à sociedade.

Outra foto marcante vista na internet foi a de um jogador africano que com uma foto dele com lagrimas no rosto, na legenda da foto dizia: "Muitos me julgam indiferente mais não sabem que metade do meu salário é doado às pessoas que apresentam necessidades. Comoveu muito gente no facebook.

A37 - R1

Racismo: como virar de vez essa página da história?

O racismo é uma prática frequente desde os tempos da escravidão, onde os negros eram remetidos a pessoas inferiores. Nos tempos atuais infelizmente essa prática ainda está presente.

Racismo é considerado crime, mas mesmo assim ele ainda é feito por diversas pessoas. Algumas pessoas ~~algumas~~ um negro usam expressões racistas como uma brincadeira, portanto quando expostas devem ser denunciados para punir quem os cometeu.

Cotas raciais só incentivam a ideia de diferença entre negros e brancos. Devem assim ser cortadas, pois todos independente da cor da pele tem as mesma capacidade de entrar em uma universidade.

Portanto, todos nós devemos batalhar para que a prática racista seja cada vez mais extinta. Mostrando as crianças, jovens e idosos a ilusão essa prática é errada e quem persistir em praticá-la deverá ser punida

A38 - R1

O Racismo existe desde os tempos do Brasil Império. A discriminação do próximo devido a sua cor ou raça, remete aos tempos de escravidão, no Brasil e no mundo. Se tornando então uma atitude ultrapassada e com princípios antigos.

No período Imperial foram trazidos negros da África a fim de se tornarem escravos. Por serem pretos eram considerados inferiores, submetidos a situações desumanas sem nenhuma estrutura básica e a trabalhos duros e não remunerados. E se não o fizessem eram torturados e as vezes chegavam a morrer.

Enfim no final do século XIX a escravidão chegou ao fim, mas mesmo assim a discriminação de pretos e pardos não acabou. Todos os dias inúmeras pessoas no mundo todo são vítimas de descaso pela ~~o~~ cor de sua pele. Seja no atendimento em lojas, bancos ou em qualquer outro lugar elas sempre são menosprezadas. E esse fato é perceptível a qualquer um que esteja no local.

As pessoas se tornam ~~precoce~~ racistas devido ao convívio com outras pessoas com esse comportamento. Pois nenhum ser nasce com a ideia de que é melhor do que o outro por ser branco. Elas adquirem essa perspectiva através do ambiente em que se vivem.

Portanto é preciso que a atitude de não discriminar o próximo pela sua cor ou raça, parta dos adultos, tanto em casa ou na escola. Porque assim, educarão os futuros adultos a saberem conviver com as diferenças alheias, fazendo com que a sociedade se torne igualitária para todas as raças.

A39 - R1

"Racismo: como virar de vez essa triste página da história?"

Hoje em dia existe pessoas que, ainda praticam o racismo, ainda bem que existe leis que (proíbem) proíbe esse tipo de agressão, nem sempre são cumpridas, isso se torna vergonhoso para população.

Há pessoas que no dia de hoje não procura a lei para se defender, prefere sofre a agressão e fica com vergonha de procura seus direitos.

Apesar de tudo, ainda existe pessoas que não conhece bem essas leis, as leis deve ser mais divulgados e explicados, isso ajudaria diminui o racismo no país, tornando assim um mundo livre de preconceito.

A40 - R1

Em pleno século XXI o racismo ainda é um dos grandes problemas enfrentados pelos cidadãos, e está por todo lado.

O racismo é praticado por pessoas que não tem respeito, e nem amor ao próximo. Racismo é você não dá serviço a uma pessoa porque ela é negra, ou pelo seu modo de vestir ou de ser, é ver uma pessoa negra e falar "nossa que negão", ou "que branquela".

Ainda tem o preconceito com as mulheres, que não podem trabalhar em determinados serviços. A nossa presidente é uma mulher, e isso mostra que alguma coisa mudou, porque antigamente as mulheres não podiam nem votar.

Mas precisamos acabar com esse problema, e cada um deve encarar o racismo com muita garra, e não deixar os outros nos ofender.

A41 - R1, p. 1

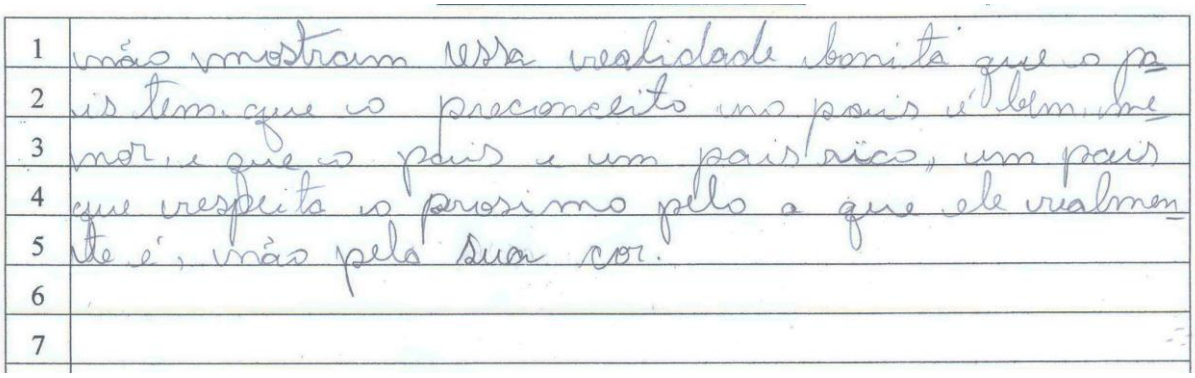
Racismo, um fraco preconceito

Hoje em dia, em pleno século XXI, vivemos em um mundo que ainda existe um tipo de preconceito muito porco, que é o racismo, com todos os preconceito que existem por aí. Ele acaba sendo o mais ridículo de todos, pelo simples fato de ridicularizar uma pessoa só por que ela é negra. Sendo assim, vendo elas considerem inferiores as outras pessoas, em questão de algum cargo de trabalho, que elas não podem exercer um cargo superior, como um médico, ou um advogado e, até um cargo mais simples em nosso país, que ser um deputado.

Para acabar com esse preconceito em todo mundo, pode ser talvez impossível, que teríamos muita coisa para mudar, começando pela sociedade no geral, com a velha sociedade, com os adultos, porque, crianças não nasem com esse preconceito, são os adultos que as colocam na cabeça das crianças, que são os adultos do amanha, os racistas de hoje.

Em um país que mostra que o preconceito é menor que no Brasil, é o Estados Unidos, um país de uma grande potencia mundial, um país rico, em que o próprio presidente do País é negro, que nos esportes que se destacam nos país, os negros tem uma presença maior que os brancos, os cantores negros são país, se destacam em todo mundo, mesmo assim os

A41 - R1, p. 2


1 não mostram essa realidade bonita que o pa
2 is tem. que o preconceito no país é bem me
3 nor, e que o país é um país rico, um país
4 que respeita o próximo pelo o que ele realmen
5 te é, não pela sua cor.
6
7

A42 - R1

A agressão seja pela cor, altura ou idade é denominada preconceito, em todos os lugares que eu vou sempre tem um e outros que gostam de zombar um da cara do outro. O país em que vivemos é uma prova concreta do que estou falando, por exemplo se um negro, mal vestido, vier entrar em uma concessionária de veículos automotores para comprar um carro, certamente ele não será bem recebido da mesma forma como será recebido um branco, agora se uma pessoa branca entrar no estabelecimento bem vestido, arrumadinho, com certeza ele será bem atendido e irá até ser convidado pra tomar um cafezinho.

As pessoas que sofrem racismo nunca esquece o que a outra pessoa falou pra ela, desse modo aquilo fica guardado, alojado na mente da pessoa. Outro exemplo sórdido aconteceu com um jogador de um time de futebol (cruzeiro) esse jogador é o tinga uma pessoa fantástica que infelizmente mais uma vez foi alvo desse tipo de racismo, os torcedores rivais começaram a imitar sons de macacos quando ele tocava na bola. E por isso e muitas coisas que a realidade tem que ser mudada, não só no nosso país, mas no mundo inteiro. Por isso fica a dica as pessoas tem que se conscientizar e ver que essa atitude não vai leva-lá a lugar algum.

A43 - R1

O racismo em nossa sociedade é um meio que alguns cidadãos estão usando para maltratar outras pessoas.

Em nossa sociedade há muitos casos de racismo praticados por crianças, jovens e até mesmo adultos.

Nos dias de hoje a população não está tendo respeito com o próximo. Antigamente o povo tinha mais respeito com os outros, não tinham preconceitos e nem eram racistas, hoje a população está vivendo só do preconceito.

A nossa (~~do~~) sociedade deve ser menos preconceituosa~~s~~ (~~umas~~) com os outros, deve-se acabar esse racismo. Mas, para que isso aconteça, o povo precisa-se conscientizar, ou seja, deve trabalhar esse assunto nas escolas, praças, e conscientizar a população. Com isso, a nossa sociedade poderá ser mais acolhedora e assim viver mais unida.

A44 - R1

Hoje em dia é muito comum vermos as pessoas sofrendo preconceito nas ruas, trabalho, estádios de futebol, escola ou qualquer outros lugares. Essas pessoas devem sempre procurar ajuda com ongs de combate ao preconceito e denunciar essas pessoas que cometem esses atos racistas.

No mundo todo as pessoas devem fazer várias campanhas contra o preconceito, eles precisam colocar mais pessoas negras em programas de televisão para que elas falem mais sobre esse tema e que outras pessoas não se conscientizando com isso.

A justiça devem criar leis e incentivar as pessoas que receberam algum tipo de preconceito denunciar essas ~~as~~ pessoas para que eles pensam ser presos e pagarem uma multa bem alta.

Todos juntos o preconceito vai acabar, pois somos todos iguais e temos os mesmos direitos.

A45 - R1

Abaixo ao racismo

Na contemporaneidade, o racismo é facilmente visto na sociedade. Ele se manifesta de forma expressa, atingindo certos campos sociais, como: a sexualidade, a cor da pele e a vida religiosa.

Quando se menciona o termo homossexualismo, há uma polêmica indescritível. Erroneamente acham que é "falta de vergonha", outros ainda pensam que é uma opção, estes por sua vez estão redondamente mal informados. Desse modo, o racismo para eles, se apresenta de forma (~~grotesta~~ grotesca), insensata e violenta.

Pessoas chegam mudar a sua cor devido ao grande preconceito que sofrem. Tem-se muitos exemplos de pessoas no meio artístico que mudaram sua cor negra para a cor branca, com ajuda de cirurgias e cosméticos, tudo isso para serem melhores vistos.

No âmbito religioso, o comportamento racista se apresenta comumente ao fanatismo religioso. Grupos religiosos discriminam outra religião pelo fato de ter menor número de seguidores, ou ainda por servirem um Deus inferior. Guerras perduram vários séculos por causa da religião, um bom exemplo, é a guerra entre judeus e palestinos.

Por tudo isso, conclui-se que, para acabar com o racismo, a Constituição brasileira deve coibir e punir severamente atos discriminatórios, fixando na sociedade (~~de~~ de) que a palavra superioridade não existe. Cabe ao meio da comunicação difundir que as diferenças só tendem a enriquecer a cultura do país, este por sua vez, deve "abraçar" todas as etnias de modo respeitoso e igualitário.

ANEXO VIII

42 redações do Simulado 2 sobre o tema: "Direitos humanos e homofobia"

A1 - R2

A cada dia que passa, a violência contra os homossexuais, vem aumentando em níveis alarmantes. Essa intolerância, por parte de algumas pessoas, vêm sendo motivos para crimes terríveis em nossa sociedade.

Mesmo vivendo em uma sociedade livre, algumas pessoas não aceitam as decisões tomadas por outras. Um exemplo disso é o que ocorre com os homossexuais. Mesmo sendo pessoas como outra qualquer, sofrem por sua opção sexual. São discriminados, perseguidos e, até mesmo, agredidos. As pessoas que praticam essa agressão na maioria das vezes, não são punidas de maneira correta pela justiça por falta de uma lei com uma penalização para esse determinado tipo de crime.

Os agressores devem pagar por esse crime para que não venham a ocorrer. Além disso, deve também ser acompanhado psicologicamente para que esse pensamento ~~ele~~ ruim que tem para pessoa de outra orientação sexual seja extinto.

A2 - R2

"Direitos Humanos e Homofobia"

É de todos terem direitos iguais, como também a total liberdade de escolha e cabe a cada um ~~respeitar~~ respeitá-las. Direitos Humanos é dado a todos com igualdade, independente da cor, da raça e do sexo (...) e é de lei a punição para os que violam o mesmo. Como um ex.: a Homofobia é inaceitável por boa parte da população que acham errado a união de um casal homoerotal, nesse conjunto se misturam religião, cultura, racismo, preconceitos entre outros, valores quais impedem a aceitação da Homofobia. A união estável foi aprovada por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal em 05/05/2011 com os direitos que antes eram destinados somente ao casais heterossexuais.

A3 - R2

Direitos humanos e homofobia

Os direitos humanos, foram feitos, para que nós seres humanos tivéssemos mais liberdade, poder andar de um lugar para o outro sem precisar pedir a ninguém, mais muitas pessoas estão pensando que somente elas tem esse direito, para elas a homofobia é um crime que deve ter punição máxima, mais essas pessoas estão erradas, pois os homossexuais são seres humanos igual a nós que somente sofrita ram por ter relações com pessoas do mesmo sexo, isso é um direito deles.

Esse problema tem que ter fim, quando uma pessoa praticar um ato violento contra heterossexuais ou homossexuais deve ter uma punição como prisão, sextas básicas, e indenisação, com essas punições as pessoas vai pensar antes de agredir um desses seres humanos que deixem sofrer tanto com essa discriminação.

A4 - R2

"Direitos humanos e homofobia"

Ao decorrer dos anos, mudanças vão acontecendo algumas pessoas aceitam e a maioria não aceita as seguintes modificações.

O preconceito não está relacionada somente com a cor de pele, estado social se é rico ou pobre, existem variados tipos de preconceitos e um deles é a "HOMOFOBIA", não são todos que respeitam, aceitam a opção sexual do outro, e com o seu próprio pensamento de que a vida deve ser como de antigamente que mulheres devem ter relações somente com homens de certa forma acaba praticando a homofobia.

Estamos em pleno século XXI e cada um tem o direito de saber o que quer para si, a opção sexual que lhe faz bem. Héteros sexuais são pessoas normais podem ter uma vida social normalmente, no Brasil a união do mesmo sexo é aceito.

A vida de homossexuais está cada dia mais mostrada, exposta em novelas, internet, de forma geral ~~total~~ vários tipos de comunicação para as pessoas ir conhecendo e vendo que pessoas do mesmo sexo pode ter uma vida normal.

Em televisão os nossos novelas que estão passando, um dos temas, papeis que fazem são de casais gays mostrando como vivem. Assim vão conscientizando os cidadãos de que todos ~~todos~~ independentemente da opção sexual tem seus direitos e uma vida estável.

É uma frase que se encaixa no mundo atual de hoje é: "por de repente é normal". A violência contra homossexual não leva a nada, não vai mudar o jeito que a pessoa se trata portanto, respeitar é uma obrigação que todos deveriam conscientizar e ter.

A5 - R2

Direitos humanos e homofobia

Hoje em dia a homofobia é um dos mais graves problemas de preconceito no Brasil e no mundo. A população homossexual cresce a cada dia, tornando os índices de denuncias por atos homofóbicos exorbitantes. No entanto, a população LGBT já foi beneficiada com alguns direitos propostos e aceitos pelo Supremo Tribunal Federal, como a união estável ~~entre~~, que foi apoiada pela candidata a presidência Marina Silva.

São ~~dif~~ registrados diariamente vários crimes de agressão, que são categoricamente variados ~~mas~~ mais infelizmente, os índices são maiores quando o tópico é a homofobia, há também muitos casos de preconceito contra negros, famílias de baixa renda ou até mesmo pelas escolhas de um individuo, como torcer para um time de futebol.

A partir desses fatos, providências devem ser tomadas com urgência, para que pelo menos as agressões sejam amenizadas. Uma das opções foi a de criminalizar a homofobia, proposta exposta ~~po~~ pela presidenta ~~de~~ Dilma Rousseff.

A6 - R2

Hoje em dia é um absurdo como as pessoas conseguem ser tão arrogantes a ponto de agredir e humilhar uma pessoa pelo simples fato de ser homossexual. A pessoa que faz isso tipo de violência deveria ser punida.

Mesmo sendo aprovado o casamento de homossexual, há muitas pessoas que ainda sofre com isso, passam pelas ruas e são xingados humilhados e maltratados, e os seus direitos onde estão? Chega de tanto sofrimento, tanta humilhação, pois que fica sendo motivo de tanta discussão, e ser "saco de pancada" das pessoas.

Apesar da homofobia ainda não ser considerado um crime, os homossexual tem todo direito de viver uma vida digna e tranquila, procurar unir com outras pessoas que também sofre com isso e correr atrás de seus direitos, pois a união faz a força.

É lamentável o governo não considerar a homofobia como um crime, mais o dia em que seu filho chegar em casa e dizer que sofreu agressão por ser homossexual, se ele também não for preconceituoso, ele reconhece que a homofobia é um crime e impõe ~~punitiot~~ punidade para quem faz agressão contra homossexuais.

E finalmente todos podem ter a vida que tanto sonhou, tranquila e digna.

A7 - R2

Direitos humanos e homofobia

Direitos humanos para todos é o mesmo, pode ser brancos, negros, homossexuais ou até morador de rua*. Como você deseja ser respeitada, respeite o outra. A homofobia teve um aumento grande aqui no Brasil, com isso muitos casais do mesmo sexo correm atrás de seus direitos e pedem para que a lei entre em prática. O que quero dizer é: respeite para ser respeitado, pois homossexuais tem os mesmos direitos do que os outros. Mas também os homossexuais devem nos respeitar assim como nós os respeitamos.

A8 - R2

Direitos humanos e homofobia

Hoje em dia as pessoas que optam pelo sexo diferente, vendo assim sofre preconceito pela sociedade

O ser humano muitas ~~vezes~~ vezes não tem uma mente bem elaborada sobre homossexuais e por isso discrimina eles, o sexo é opinião de cada um, mem por isso o cidadão deve excluir pessoas que gostam do mesmo sexo.

Direito todo nós temos, mas existem pessoas que prefere mandar na vida dos outros do que na sua. Isso muitas vezes faz com que as pessoas esqueçam do seu direito e de expor determinada opinião.

As famílias devem conversar mais com seus filhos sobre sexo, o papa tem que colocar uma lei para que todos padres e juiz façam cerimônia sem nenhum preconceito, o governo deve elaborar uma lei que favoreça as pessoas que sofrem discriminação.

Portanto, nós ~~cidadãos~~ cidadãos devem respeitar o próximo, que assim iremos viver respeitando nós mesmo.

A9 - R2

"Direitos humanos e homofobia"

No Brasil e no mundo, está havendo um aumento significativo da homofobia, mas na verdade o que é a homofobia? Em termos mais simples a homofobia é qualquer agressão, xingamento e etc. cometido a pessoas que não têm a mesma opção sexual do que a maioria, e a essa minoria é atribuída ao nome de homossexuais.

De acordo com os direitos humanos, toda pessoa tem direito à vida, que é o principal deles. Mas não é isso que está acontecendo, pessoas estão sendo mortas, por causa disso.

Temos que combater a homofobia desde cedo ensinando não só na escola, mas também, em casa para as crianças que independente de cor, raça, religião ou opção sexual, todos somos iguais.

Não é só pessoas de baixa renda que sofrem tais preconceitos. Em um jogo de vôlei, um jogador por ser gay, foi hostilizado por isso. Acho que deveríamos repensar, e se fosse com a gente, com um filho, sobrinho, alguém da família? Sinceramente gostaríamos que fosse assim? Acho que não, então o que não queremos pra gente, não deve ser feito com o outro.

Proponho que no Brasil, as partes responsáveis devam endurecer as leis, fazendo com que pessoas que cometem atos não só homofóbicos, mais racistas, ou por qualquer outro motivo brando devem ter pena maior e repensar seriamente em criminalizar a homofobia, pelo grande ~~aumento~~ aumento que está havendo no Brasil.

A10 - R2

"Direitos humanos e homofobia"

Hoje em dia, existem pessoas que agridem pelo sexo e não julgadas por isso. Todos nós temos os mesmos direitos, independente do sexo.

Essas pessoas que julgam os outros, não pensam que eles não são humanos e tem o ~~direito~~ direito de decidir o que querem para sua vida.

Os casais do mesmo sexo são pessoas iguais a todos nós, não importa sua opção.

Em plena século XXI, existem pessoas que não aceitam respeitar homossexuais, são falsos e devem ser punidos.

Homossexuais são agredidos diariamente nas ruas, um exemplo é um jovem que foi espancado até a morte em uma cidade. Isso não é certo, e esse crime deve ser punido.

Mas a justiça não está nem aí, se fosse com um da família deles, o caso seria totalmente diferente, o agressor seria procurado e punido severamente.

O Supremo Tribunal Federal aprovou a lei que casais do mesmo sexo, pode ter reconhecimento da sua união. Porque nós não reconhecemos também? Pois somos falsos e pensar só em nós mesmos, mas a vida não gira só em torno de nós.

A justiça deve ser mais rigorosa, pois a homofobia é um crime como qualquer outro e deve ser punidos. Os pais devem conversar com os filhos de cedo, o governo deve fazer palestras nas escolas, ruas e dar mais atenção para os casais do mesmo sexo.

E os homofóbicos devem pensar diferente, agredir uma pessoa por gostar do mesmo sexo não é justo.

A11 - R2

Atualmente, os indivíduos homossexuais sofrem muitos preconceitos e são excluídos cada vez mais da sociedade em que vivem. Comparando-se antigamente onde essas pessoas conviviam com a discriminalização, hoje em dia a homofobia está cada vez mais grave.

A homofobia começa até mesmo dentro de casa pois os pais, às vezes, não aceitam a opção sexual que o filho escolheu e passam a rejeitá-lo, gerando discussões, brigas, dentro da própria família.

Hoje em dia, cresce não só os preconceitos contra as pessoas do mesmo sexo, como também aumenta o número de violências contra eles. Nitidamente, os noticiários da televisão mostram cidadãos que são agredidos e alguns casos de mortes, como o rapaz de Goiás que morreu só pelo fato da sua orientação sexual.

Muitas vezes, em universidades, escolas, lugares públicos, os indivíduos gays são tratados de forma inferior, e isso, não pode acontecer, pois todas as pessoas homossexuais são seres humanos e não devem ser discriminalizados de forma alguma.

Visto isso, a família tem um papel fundamental em apoiar os filhos seja qual for a opção que ele escolheu. Deve-se criar uma lei para punir os agressores da Homofobia, pois todos somos iguais perante a lei, temos direito de viver feliz, não para agradar o próximo, mas a si mesmo. Enfim, o governo deve implantar campanhas, projetos, principalmente em escolas, para acabar com a homofobia e assim resolver esse quadro no Brasil.

A12 - R2

Falar de homofobia e discutir ou debater vários temas em uma só palavra, tendo em vista sua garantia humanista. Mesmo estando em pleno o século XXI muitas pessoas não aceitam convi-
viver em sociedade, vendo duas pessoas do mesmo sexo jun-
tas tentando levar uma vida comum.

Entretanto, nos últimos anos muito foi feito para comba-
ter esse tipo de preconceito, mas também teve um aumento nos índices de violência, principalmente envolvendo homossexuais. Por isso muitas pessoas tem um certo receio em se declarar sobre sua real opção sexual, temendo sofrer algum tipo de preconcei-
to, até mesmo de sua própria família e se desviam em fatos que vem acontecendo, e que algumas vezes acabam tomando uma proporção maior, e acabam indo parar na televisão, em jornais vindo repercutido em várias partes do Brasil e do mundo.

É com leis cada vez mais levantes, ninguém está com os seus direitos garantidos. É só com a criação de leis mais duras e com a maior participação dos governos O país poderá se ver livre e erradicado desse preconceito fazendo com que as pessoas de outro sexo tenham seus direitos garantidos e podendo levar uma vida normal.

A13 - R2

Hoje em dia presenciamos crimes lamentáveis de agressões contra os homossexuais, muitos não respeitam as escolhas dos próximos, e acham que devem agredir, humilhar e chegam ao ponto de até matar pessoas que são homossexuais.

A homofobia deve ser criminalizada, deve haver punições determinadas para quem comete agressões contra os homossexuais.

Apesar de haver grande preconceito na união civil de dois indivíduos do mesmo sexo pelo fato de não poderem ter filhos, eles simplesmente podem adotar uma criança e dar muito amor e carinho para ela e serem uma família feliz, com os mesmos direitos que todos, o direito de serem felizes, sem discriminação.

A14 - R2

Na maioria das vezes pessoas são julgadas, agredidas por sua opção sexual. É muito fácil julgar aqueles que são homossexuais. Ao olhar dos preconceituosos eles são diferentes. Diferentes no que? Perante à Deus ninguém é diferente de ninguém, portanto somos todos iguais.

Em muitos casos a pessoa que é homossexual é agredida, maltratada, como se fosse crime ter orientação sexual diferente. Como o caso do jovem que foi morto em Goiás por ser gay, esses tipos de atitudes como de violência tem que ser punida.

Perante a lei todos temos direitos iguais. Então por que uma pessoa de outra opção sexual tem que ser agredida? No dia-a-dia vê-se a dificuldade de muitos de aceitar a diferença dos outros.

A cada dia mais atores estão interpretando homossexuais nos novelas, seriados, enfim, estão mostrando esse lado que se diz "diferente" na Televisão. E por que disso? No meu ver ajuda à quem insiste a entender que não é feio, nem vergonhoso uma pessoa de orientação sexual diferente.

Hoje há o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo, estão tendo seus ~~dep~~ direitos. Então falando muito ultimamente da criminalização da homofobia, pois ainda não existe uma lei que puna o homofóbico. Uma pessoa que age de forma violenta com um gay, por exemplo, será julgado pelo crime de agressão e não pela homofobia.

Então, que seja criada e aprovada uma lei que puna os homofóbicos, para que todos possam viver juntos sem essa de que só porque é homossexual é diferente ou inferior às pessoas que são heterossexuais.

A15 - R2

Direitos humanos e homofobia

Esse é um dos assuntos que vêem ganhando cada vez mais destaque no Brasil e no mundo, isso é possível diversas vezes através da televisão, internet, revistas, jornais, etc.

Hoje em relação há anos atrás poder de certos direitos como pessoas humanas parece ser "fácil", por exemplo, antigamente a mulher não tinha o Direito de votar, as mulheres não podiam trabalhar fora de casa (bar), nem mesmo o direito de escolher o esposo com quem passaria o resto de sua vida ela podia, então até acho que houve uma grande evolução pois hoje mulher e homem possuem o mesmo direito embora alguns lugares parecem querer existir continuando com os mesmos "costumes".

Outro caso de preconceito e crime também é a homossexualidade, que é algo que também como tantos outros está cada vez mais presente em nosso dia a dia. Muitos não conseguem lidar com isso nem mesmo quando nascem em sua própria família e afirmam, "Coy tem que morrer", consideram isso como algo errado, como se a pessoa não pudesse ser feliz. O Desrespeito acontece á todo momento. Uns ainda dizem, "antigamente não era assim", o fato é que sempre teve mais por causa desse preconceituosos não se assumiam e passavam a vida dizendo ser quem não era, isso sim é errado, pois desta forma ele já estava se privando de seus direitos. Errado é matar, roubar, cometer crime, ser homossexual é simplesmente direito de quem quiser.

Em pleno século XXI é vergonhoso o que temos que ~~passar~~ presenciar, por exemplos os casos de homofóbicos que fazem qualquer coisa de ruim, agredindo-os física e psicologicamente sem motivos, muitas vezes por a pessoa ser negra, ter uma homossexual diferente, torcer por um time diferente, etc. Ou simplesmente por te olhar e não gostar.

Homofobia ainda não é considerada como crime, algo que deve mudar urgentemente pois essa prática não pode deixar simplesmente passar, isso é ilegal e tem que ser criminalizada como defende o presidente Dima. Esse é um Direito que nós como cidadãos Brasileiros temos somos.

A16 - R2

Homossexuais existem em todos os lugares do mundo e homofobicos também mais em grandes cidades o índice de ~~violência~~ agressão é maior ~~do que~~ em cidades do interior.

Um meio que a mídia encontrou para abordar esse assunto, foi redigindo trilhas em novelas. Tivemos a oportunidade de acompanhar o drama de Clara interpletada por Giovana Antonelly em "Familia", no enredo Clara consegue vencer o preconceito da sociedade e se casar com sua parceira Marina.

Soeis têm que serem criadas, não podemos deixar passar uma brincadeira de mal gosto, porquê ela pode acabar virando uma agressão física.

Já tive presente em um ato preconceituoso, um pai estava com seu filho e passou um homossexual, imediatamente o pai riu e pediu que seu filho o chamasse de "boiola".

A melhor forma de acabar com os homofobicos é educando as crianças em casa, nas escolas, ~~mostrar~~ mostrar para elas que casais do mesmo sexo são pessoas comuns que sua opção sexual não interfere no seu caráter e nem na sua formação.

A17 - R2

A homofobia, já vem se alastrando no mundo todo por várias décadas, desde a época dos escravos que eram discriminados pela sua cor, apenas por serem negros eram tratados como pessoas inferiores. Com o passar do tempo tudo mudou, como podemos ver o presidente dos Estados Unidos hoje é negro e comanda as leis de um dos países mais poderosos do mundo.

Pode se dizer que a homofobia faz parte da nossa história, pois não é só com negros que acontece isso. Temos varios outros casos, como a discriminação de homossexuais.

Não vou por tentarem unir um casal do mesmo sexo, mais são discriminados só por serem gays. Muitas ~~vez~~ vezes são agredidos fisicamente e também verbalmente, apenas por serem e pensarem de um modo diferente dos demais. E como todo mundo sabe se há agressão concerteza tem que haver uma punição. Não importa o motivo, se o agressor cometeu um crime a sua punição deve ser dada de acordo com a natureza desse crime e não de acordo com a vítima, porque a discriminação acontece com qualquer um e em qualquer lugar.

A homofobia não é algo que a gente deve conviver. Pois se os direitos são iguais então as leis tem que serem usadas para todos da mesma forma. Para assim tentarmos melhorar nosso país demais um tipo de discriminação entre a população.

A18 - R2

Atualmente no Brasil está sendo raro casos de homossexuais estar sendo agredidos por outras pessoas, pelo fato de terem nascido de uma forma e com o passar do tempo passar a ser e agir de outra maneira. Como é o caso de uma criança ser masculina quando nasce e depois de alguns anos passa a agir de outra forma deixando de ser um homem e se tornando uma mulher. Na maioria das vezes o homossexual, quando não é agredido, espancado, ou ás vezes, até morto, muitas vezes acabam sofrendo também o preconceito.

No Brasil existe muitos casos de agressão contra os homossexuais, mas ainda não existe uma lei que pune o cidadão que o pratica.

É preciso ser criada uma lei que ofereça algum tipo de proteção ás vítimas para que elas possam ter direitos iguais a qualquer outra pessoa.

A19 - R2

Nos tempos hodiernos, grande parte da população ainda não aceita as diferenças das outras pessoas, com isso a discriminação está aumentando frequentemente. Entre as vítimas, as que mais sofrem com o preconceito são: negros, homossexuais e moradores de rua.

Geralmente, o homossexual começa sua luta contra a homofobia dentro de casa, visto que muitos pais não aceitam que o seu filho seja homossexual.

Mesmo diante da igualdade de direito perante a lei, ainda existem intolerantes que não aceitam, humilham, espancam e até matam os homossexuais.

Por isso, deve-se criminalizar a homofobia, visto que ninguém tem o direito de julgar inferior uma pessoa só pela sua opção sexual.

Contudo, é necessário que o agredido pela homofobia denuncie o fato ocorrido, sem medo ou vergonha da sociedade. O governo deve investir em propagandas que conscientizem a população sobre a liberdade de uma pessoa em escolher sua opção sexual e torne a pena inafiançável para o agressor. Os pais devem ensinarem os filhos desde crianças a aceitarem os homossexuais. A escola deve reforçar a educação transmitida pelos pais por meio de projetos que desenvolvam a tolerância em aceitar as diferenças.

Portanto, os homossexuais devem lutar pela contra a homofobia e toda a sociedade deve apoiar essa luta.

A20 - R2

O Ser humano tem vários direitos, e um deles direitos, é ser livre, ou seja, exercer o próprio sexo. Por tanto a pessoa homossexual, tem os mesmo direito e deveres de uma pessoa que se diz "normal".

Hoje em dia é muito normal ver um homossexual em todo lugar, até mesmo nas próprias famílias, e até nas novelas, por quê isso já é uma coisa ~~ultrapassada~~ normal. Os homossexuais conquistaram o direito a tudo, até se casar e adotar filhos.

Muitas gentes é contra esse tipo de ato e acham que se a democracia lhes dão o direito a tudo, até mesmo matar, agredir, o primir homossexuais. Essas pessoas se intitulam homofóbicos. A homofobia ainda não é um crime, mais a agressão e discriminação a eles é um crime inafiançavel. Para acabarmos com esse tipo de discriminação devemos ter mais respeito com eles, os Pais ensinar os filhos a ter respeito e educação a esse tipo de pessoa e a escola reforçar o ensinamento dos pais com palestras e mostrar um pouco mais da cultura homossexual as pessoas.

Perante isso iremos ter um mundo melhor com mais respeito, educação, dignidade, deveres e direitos.

A21 - R2

A homofobia no Brasil, sofreu um aumento de uns tempos pra cá, com isso os casais do mesmo sexo, correm atrás dos seus direitos para que seja colocado em prática.

Os gays, se queixam do desrespeito cometido contra eles, como disse um pastor: "Não somos ~~(illegible)~~ nos que devemos respeitar os homossexuais, mas sim eles nos devem respeitar".

Não somos obrigados a ver um casal do mesmo sexo se beijando nas ruas, e o que uma criança iria pensar ao ver uma cena dessa.

Com isso os homossexuais primeiramente nos devem o respeito para também ser respeitado.

A respeito do casamento gay não certo, pois Deus já fez o homem e a mulher para que aconteça essa união.

Com tudo exposto no texto, os homossexuais deveriam ser mais sigilosos ao ficar se exibindo nas ruas, e não ficar aos beijos e agarros nas ruas aos olhos de todos.

A22 - R2

Direitos humanos e homofobia

Há muito tempo, existem casos de violência principalmente contra os homossexuais, mas esse problema vem se agravando cada vez mais, pelo fato de existirem pessoas homofóbicas!

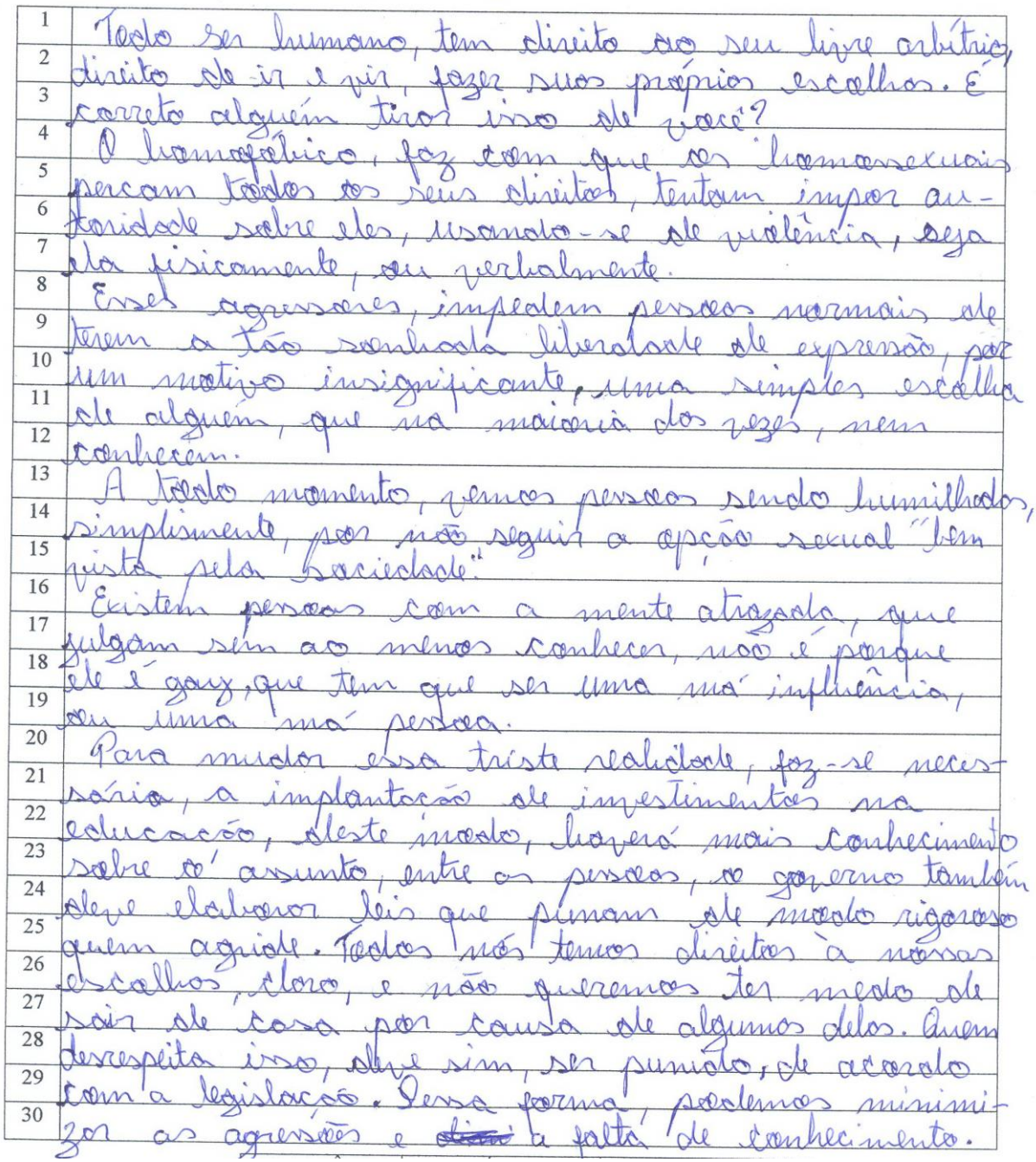
Sabemos que todos nós temos direito a vida, a viver bem, a não ser agredido, a escolher a opção sexual, mas ainda existem problemas dentro da sociedade que prejudicam o próximo e principalmente o homossexual.

A homofobia são pessoas que não aceitam a união de pessoas do mesmo sexo, como aconteceu em uma escola, no interior de Minas Gerais, o rapaz agarrou de homens e então sofria violência. Além de apanhar, ficava com problemas psicológicos.

Hoje o homossexual, depois de muito luta, tem os mesmos direitos que os heterossexuais, podem até mesmo se unir (união civil), só não podem chamar de casamento.

Para que o problema seja resolvido, o governo deve punir agressores homofóbicos de uma forma diferente, não é porque a pessoa é homossexual que não pode ter uma boa convivência com a sociedade, que não pode "usar" seu direito de ir e vir tranquilamente, enquanto a punição for simples, agressores não irão parar. A homofobia deve tornar crime.

A24 - R2[37]



Todo ser humano, tem direito ao seu livre arbítrio, direito de ir e vir, fazer seus próprios escolhas. É correto alguém tirar isso de você?

O homofóbico, faz com que os homossexuais percam todos os seus direitos, tentam impor autoridade sobre eles, usando-se de violência, seja ela fisicamente, ou verbalmente.

Esses agressores, impedem pessoas normais de terem a tão sonhada liberdade de expressão, por um motivo insignificante, uma simples escolha de alguém, que na maioria dos vezes, nem conhecem.

A todo momento, vemos pessoas sendo humilhados, simplesmente, por não seguir a opção sexual "bem vista pela Sociedade".

Existem pessoas com a mente atrasada, que julgam sem ao menos conhecer, não é porque ele é gay, que tem que ser uma má influência, ou uma má pessoa.

Para mudar essa triste realidade, faz-se necessária, a implantação de investimentos na educação, deste modo, haverá mais conhecimento sobre o' assunto, entre as pessoas, o governo também deve elaborar leis que punam de modo rigoroso quem agride. Todos nós temos direitos à nossas escolhas, claro, e não queremos ter medo de sair de casa por causa de alguns delos. Quem desrespeita isso, deve sim, ser punido, de acordo com a legislação. Dessa forma, podemos minimizar as agressões e ~~dimi~~ a falta de conhecimento.

[37] Os participantes A23, A31 e A41 não fizeram o Simulado 2.

A25 - R2

"Direitos humanos e homofobia"

A cada dia que passa está aumentando mais os crimes de agressão motivados pela homofobia.

Todos nós precisamos formar uma família, mas muitas vezes casais optam por pessoas do mesmo sexo, daí acaba alguns cidadãos não respeitando as opiniões desses casais, acham que não devem ter os mesmo direitos que os casais heterossexuais.

Porém, estão totalmente errados, são seres humanos como todos, tem os mesmos direitos (saúde, educação, lazer e moradia) apenas optaram por outro lado.

Antes casais do mesmo sexos não tinham os mesmos direitos que os casais heterossexuais, hoje já conquistaram varios como por exemplo, os benefícios da previdência, heranças, inclusão como dependente de plano de saúde e além de tudo hoje podem adotar uma criança.

No nosso dia-a-dia vemos varios crimes de agressão com casais do mesmos sexos e isso não acontece somente com pessoas pobres, pessoas que não tem como se defender e sim com todos, como por exemplo varios artistas famosos. Precisamos acabar com esse crime.

Portanto as pessoas tem que primeiro respeitar as opiniões dos outros, as escolas tem que fazer palestras incentivando os alunos a respeitarem a ~~união~~ união civil entre pessoas do mesmo sexo, a midia fazer propaganda contra os crimes de agressão e que o governo criminalize a homofobia.

A26 - R2

Assim como no passar dos anos os negros os índios, foram conquistando seus direitos, os homossexuais também buscam os seus e a eles devem ser garantidos. Apesar do STF ter aprovado a união homossexual, ainda há um problema sério para tentarmos resolver: ~~os homofóbicos~~ a homofobia.

Homofóbicos são pessoas que não aceitam que haja união de pessoas do mesmo sexo, que não respeitam a orientação sexual do próximo, assim, violando os direitos humanos, agredindo e matando.

Ser homossexual não te torna diferente perante as leis e não deveria te tornar diferente perante as pessoas. O homossexual é como uma pessoa comum, que têm gostos e opiniões diferentes, e isso não o torna uma pessoa ruim, que não possa viver em sociedade. É uma pena ~~que~~ no século XXI ainda não exista uma lei discriminando a homofobia e que haja pessoas fazendo mal aos outros por orientação sexual. Como exemplo de homofobia, temos visto em telejornais sobre um jovem homossexual morto, seu corpo foi encontrado e em sua boca havia um papel dizendo para acabar com aquela praga (nome dado por eles para os homossexuais).

Para que isso tenha fim é preciso ~~que exista~~ a criação de uma lei contra a homofobia, que os pais ou responsáveis ensinem seus filhos sobre respeito, que a escola desenvolva palestras e dinâmicas educativas e até mesmo a comunidade ~~se reunindo~~ reúna grupos para debates sobre assuntos voltados, inclusive homossexualidade.

A27 - R2

Direitos humanos e homofobia

Os direitos humanos são para todas as pessoas, independentemente, de suas características, sua religião, sua raça ou a sexualidade, opção sexual.

Portanto, os homossexuais também tem os direitos humanos, eles têm direito a moradia, alimentação, a vida, direito a uma vida digna como qualquer outro ser humano.

Mas, na maioria das vezes não é isso que as pessoas pensam, elas acham que os homossexuais não tem direito a nada, e ainda nem deveriam de existir, com isso cometem o crime por homofobia, agridem e podem até matar o homossexual, essas pessoas são os chamados homofóbicos, ou seja, pessoas que têm intolerância a homossexuais.

A homofobia não é considerada um crime ainda, mas a agressão que é feita, sim e para isto, já tem punição.

Os seres humanos deveriam deixar os preconceitos para trás e simplesmente viver, com cada um cuidando da sua vida, não interferindo na vida dos outros.

A28 - R2

Direitos humanos e homofobia

A homofobia é a agressão física ou moral praticada contra as pessoas homossexuais. A homofobia é causada pela aversão ao diferente e pelo desrespeito com o ser humano. O preconceito quanto à orientação sexual é lamentável, mas tem se tornado comum, e isso precisa ser mudado.

Pessoal com uma orientação sexual diferente existe a muito tempo atrás, mas antes as pessoas escondiam isso. Só atualmente é que muitas pessoas tem assumido essa orientação. Mas muitas pessoas ainda não revelam que são homossexuais, por medo da reação da família e da sociedade, por medo de não ser aceita ou ainda sofrer com agressões. Agressões estas que tem acontecido muito e que com grande frequência se tornam notícia nos jornais.

A união civil já é um direito conquistado pelos homossexuais. O que lhes garante outros direitos iguais ao de um casal heterossexual. Porém, o casamento religioso ainda entra em conflito com os preceitos de algumas religiões.

As pessoas não precisam obrigatoriamente aceitar ou achar normal a relação entre duas pessoas do mesmo sexo. Mas elas precisam saber respeitar os homossexuais, precisam ter uma boa convivência. As agressões são praticadas por pessoas de mente fechada que não sabem conviver com a diversidade e que pensam que a violência é solução. O respeito é importante e gera uma sociedade melhor.

Portanto, a mentalidade da sociedade precisa ser mudada. Os pais devem educar seus filhos para saberem respeitar os casais do mesmo sexo. Os crimes cometidos contra pessoas homossexuais devem ser punidos com rigor. E devem acontecer palestras em escolas e para a população em geral para informar e evitar futuras atitudes homofóbicas.

A29 - R2

A homofobia deveria ser tratada como crime desde sempre. Pois não podemos agredir ou matar determinada pessoa por ela apoiar de outra do mesmo sexo. Isso, também é uma consequência da intolerância. Porque quem não aprova de presenciar atos gays, pode, simplesmente, dialogar com o homossexual, não apelar para a ignorância com socos, chutes, xingamentos ou ameaças de morte.

Devemos refletir antes de discriminar esses indivíduos, eles também possuem os mesmos direitos que qualquer um, esses seres humanos também trabalham, estudam, precisam de carinho e, de afeto etc.

Há cidadãos que pensam ser melhores por ser branco e hetero, então automaticamente acham que podem fazer o que bem entendem (agredir, matar, roubar...) Mas essa prática não é de agora, como exemplo, existiu, Adolf Hitler, que exterminou várias pessoas, não só os gays, mas os negros e mestiços também.

Os nossos governantes, devem estudar a probabilidade de tornar homofobia um crime. Mas também não só estudar, tem que colocar em prática, punindo os intolerantes com cadeia, se possível sem fiança.

A30 - R2

"Direitos humanos e homofobia."

Nos dias atuais vem crescendo um enorme número de casais do mesmo sexo sendo homem com homem e mulher com mulher, e com esse crescimento também está crescendo o número de violência contra eles, pois a maioria da população, e boa parte do mundo não aceitam esse tipo de relacionamento, eles matam, esquartejam e ~~et~~ queimam essas pessoas como se fossem animais, sem respeitar os seus direitos, os seus sentimentos e sua escolha, praticando a homofobia, no mundo existem muitos casos de homossexuais e penso que eles deveriam ser respeitados e tratados como seres humanos normais, que afinal de contas é o que eles são, o que difere de nós é sua escolha sexual, e isso não é um defeito um fato de serem julgados, e sim compreendidos e aceitados por todos. No dia 05/05/2011 o Supremo Tribunal Federal aprovou uma lei que aceita os casamentos de pessoas do mesmo sexo, e que eles passam a ter direitos em relação a saúde previdência etc... Também existem leis que punem esses agressores pois além de ser uma homofobia isso também é um preconceito e isso é crime, para isso eles só precisam ser denunciados, deveriam existir mais propagandas, depoimentos em jornais, televisões, apoio da população para que essas pessoas se sintam mais seguras e protegidas, seguras até para denunciar e acabar com esse problema.

A32 - R2

Direitos humanos e homofobia.

Hoje em dia é muito comum cada um expressar seu tipo de argumento, mesmo pessoas que uma pessoa estão cometendo algum tipo de racismo ou preconceito. Nos dias atuais estamos convivendo com varios tipos de crime e preconceito por exemplo a homofobia.

A homofobia em se trata-se de um preconceito que em varios lugares do mundo acontece diariamente, isso tem aumentado muito o numero de mortes sem um motivo certo. A homofobia deveria ser punida de acordo com a natureza do ato e deveria ser considerada um crime com sanções severas, para que as pessoas pensarem bem antes de cometer um ato.

A33 - R2

Direitos Humanos e homofobia

O mundo em que todos nós vivemos hoje em dia está sendo tomado pela violência, temos vários exemplos de violência atingindo principalmente aos homossexuais.

Esse Tal ato de violência contra homofobia vem deixando algumas pessoas impressionadas, com o que os agressores estão sendo capazes de fazer com os homofóbicos.

Hoje em dia estão acontecendo até casamentos, ou como alguns preferem dizer: União civil na qual duas pessoas do mesmo sexo, que se amam e também querem apenas viver seus dias ao lado de quem gostam se unem e realizam a união civil.

Algumas pessoas não aceitam conviver com homofóbicos, se sente ofendidas pois, se acham superiores a todos eles. Esse modo do qual eles pensam não é certo todos perante a lei são iguais e possuem o mesmo direito como cidadãos, temos que aceitá-los pois são como nós porém, vivem de um jeito diferente.

A esses agressores devem ser aplicadas algumas leis mais severas, todos que cometerem tal ato de criminalidade devam ser punidos de uma forma mais rígida.

A34 - R2

"Direitos humanos e homofobia"

Nos dias atuais, pessoas ainda sofrem com o preconceito contra ~~homossexuais~~ homossexuais, o fato é que todos são iguais perante as leis, devemos respeitar qualquer pessoa independente de sua opção sexual.

O mundo, está cercado de todo tipo de preconceito, são vários tipos de discriminação e um deles é a homofobia, ou seja crime cometido a homossexuais, existem leis, mas elas não são respeitadas, as vezes o agressor nem sabe que as leis que previnem contra este tipo de preconceito. as leis precisam ser mais divulgadas e reforçadas, colocar propagandas nas escolas e outros locais públicos, para todos saberem que homofobia é crime e todos serem bem informados, amenizaria muito a homofobia na mídia ~~sempre~~ quase sempre temos notícias de agressão sofrida por homossexuais, as leis precisam ser melhoradas para acabar com a homofobia.

Enquanto houver preconceito no cercando nº mundo em que vivemos a população estará dividida, sabemos que é impossível acabar totalmente com o preconceito mais podemos amenizá-lo bastante se todos respeitarem as leis, só assim viveremos em harmonia com todos.

A35 - R2

Nos dias atuais, o que ainda ouvimos de pessoas que sofrem ou já sofreram certos tipos de crime, por exemplo, homofobia, parece ser considerada uma cena comum.

A homofobia está relativada aos homossexuais, ou seja, pessoas de opiniam por outra identidade sexual.

Mas o que parece ser comum mesmo é as agressões que eles sofrem. Apesar de existir leis que ~~puem~~ punem qualquer tipo de agressão para com os vida dões. Ainda ~~não~~ existem pessoas, que não respeitam ambas leis. Mas foi dito que praticar homofobia ainda não é considerado com um crime. o que está errado porque se já existem leis que punem os que praticam a violência seja ela motivo da raça, cor e class social Por que não uma lei que proteja a opção sexual.

Afinal, somos seres humanos e temos direitos iguais e é Por isso que esperamos que os membros governamentais façam e aprovam a lei que punem que proíbem os agressores que cometem que praticam homofobia.

A36 - R2

Atualmente há lamentáveis crimes de agressão motivados pela homofobia, que é muito nesto um negros, motoristas de ônibus, caixas homossexuais. Não importa o motivo o agressor deve ser punido de acordo com a lei.

A população já está acostumada a ver esse tipo de crime como visto recentemente em goiás um rapaz foi agredido e morto por ser homossexual. Mas a homofobia não é algo que nós cidadãos podemos conviver com ela, temos que combatê-la. Ou será que somente por ser gay a pessoa não tem direito à vida? À saúde? Ao respeito? Essas e muitas outras perguntas calam a sociedade diante de um ato tão cruel com um cidadão normal como qualquer outro e digno de respeito dos demais pessoas.

O casal homossexual hoje em dia vive uma vida normal de acordo com a lei do Supremo Tribunal Federal sendo considerado como entidade familiar com direitos a heranças, benefícios de previdência, inclusão de planos de saúde, adoção de filhos, casamento.

É preciso que haja uma lei específica para casos como esses desse rapaz de goiás, pois afinal, ninguém precisa ser igual a ninguém e nem ter escolhas iguais mais o respeito deve ser geral sem exclusão.

Havendo essa "lei" não haverá mais casos assim, por motivo tão fútil como ocorrido.

A37 - R2

A homofobia, o preconceito quanto a opção sexual está presente em nosso cotidiano desde palavras a até atitudes. Expressões como "aquele bicha", "aquela Vira" são usadas frequentemente para denegrir a imagem de um homossexual.

Para combater a homofobia, pais devem ~~mostra~~ mostrar aos seus filhos que a opção sexual não interfere a índole de alguém, fazendo assim, que os filhos não cresçam com qualquer mentalidade homofóbica.

As escolas não devem tolerar qualquer agressão verbal ou física a um homossexual. Punindo o agressor com suspensão e o encaminhamento ao conselho tutelar ou a delegacia, para que eles possam mostrar ao ~~agressor~~ aluno que esta atitude não está correta.

A mídia deverá incentivar com documentários a vida da população as travestas gays, para que as pessoas tenham maior contato com os homossexuais e percebam assim, que não há diferença de caráter por causa da opção sexual.

O governo deverá elaborar uma lei criminalizando todos aqueles que agredirem verbalmente ou fisicamente um homossexual.

Portanto, a homofobia, não pode ser aceita em nenhuma ocasião e os pais, escolas, mídia e o governo deveram juntos acabar de vez com a homofobia.

A38 - R2

O terceiro milênio chegou e consigo trouxe inúmeras mudanças, entre elas, a tecnologia de ponta, a cura de doenças antes incuráveis, o poder de compra da classe C, etc. Mas infelizmente o preconceito e a discriminação dos homossexuais além de não ter mudado, se intensificou.

No nosso cotidiano deparamos frequentemente com atitudes homofóbicas. Ao ligarmos a TV, ao navegarmos pela internet, notícias de ataques cruéis ao gays, motivados apenas pela escolha sexual deles, invadem nossa alma e desperta um sentimento de revolta.

Até mesmo nas escolas que eram para ser lugares ideais para se ter igualdade, o bullying contra esse grupo social é cada vez mais perverso. Incontáveis piadas de mal gosto, feitas pelos colegas são "jogadas" diretamente a eles, os ferindo moral e psicologicamente, deixando de lado os direitos que lhes pertencem.

Se somos todos iguais perante a lei e a Deus, como então podemos permitir ou desrespeitar o próximo por ser homossexual se somos seguidores da palavra de Deus? Chega a ser demagogismo da nossa parte. O direito de julgamento não cabe a nós já que não somos superiores a ninguém.

É preciso então que a justiça puna os agressores, fazendo valer a lei. Pois antes do indivíduo ser homossexual ou heterossexual, ele é um cidadão que tem direitos e deveres que têm que ser respeitados. E às famílias, escolas e outros órgãos públicos devem educar e fazer campanhas, respectivamente, que instruem as pessoas principalmente as crianças a entender que a homossexualidade não é defeito, nem crime. E o país deve criar uma lei específica, com diferentes penalidades para crimes homofóbicos.

A39 - R2

Direitos humanos e homofobia

Hoje em dia, tem acontecido muitos crimes de agressão motivados pela homofobia em nossa sociedade.

Cada dia que passa vem aumentando mais este tipo de crime, isso, é lamentável, pois, cada tem o direito de escolha. Por mais que não agrada a todos, temos que respeitar.

O crime por homofobia tem punição prevista por lei. Os agressores não tem vergonha e batem, humilham e até matam os homossexuais em plena praça pública, ruas, avenidas. Isso é lamentável, pois, a cidadania é para todos, independente da sua orientação sexual.

Sofrem com esse tipo de crime, pessoas do mesmo sexo que namoram. Hoje é permitido a união estável entre homossexuais isso, é bom, pois, todos nós temos o direito de ser respeitado e o dever de respeitar o próximo.

A homofobia é vergonhosa, afeta a todos, crianças, adolescente e até mesmo os idosos, todos ficam triste com esse tipo de crime.

As leis estão aí para serem cumpridas, as pessoas que sofrem essa agressão, seja oralmente, fisicamente, devem procurar seus direitos

A educação e o respeito ao próximo tem que ser ensinados desde pequeno, para que as crianças cresçam sabendo, que a democracia nós dá o direito de fazermos o que quisermos desde de que não desrespeite o outro.

Os homossexuais são cidadãos e tem que ser respeitados.

A40 - R2

Direitos humanos e homofobia

Os homossexuais vem sofrendo um grande um grande preconceito que é a falta de respeito e a agressão com eles, que vem crescendo a cada dia mais. A união dos casais do mesmo sexo deve ser respeitada por todos sem críticas e sem violência, porque eles também são seres humanos.

Vemos na televisão vários acontecimentos motivados pela homofobia. Um cartório foi queimado porque aconteceria a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Esses crimes tem que parar e deve criminalizar a homofobia, porque se não vão continuar matando, agredindo e desrespeitando os gays.

Daí para todo mundo convive muito bem com os homossexuais.

A42 - R2

Ao longo desses anos, o Brasil estava em uma crescente pergunta. Aprova ou não a união de casais Homossexuais. As pessoas no dia-a-dia sempre sofrem algum preconceito seja ele pela cor, religião ou opção sexual, no meu ponto de vista eu acho errado o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas aprova a união civil, porque as pessoas homossexuais também tem o direito de se unir com o intuito de serem felizes pelo escolha. Em relação aos direitos humanos, na ~~minha~~ minha opinião os casais do mesmo sexo não poderia ter filhos adotivos, por que quando essa criança crescer, ter noção da vida e ir para a escola, ela vai ser alvo de chacota por causa de ter pais diferentes (Homossexuais).

E com esse motivo como é que essa criança vai comportar diante dessa situação que para ele não é uma coisa normal.

A43 - R2

Direitos humanos e homofobia

Em nossa sociedade, nós podemos observar vários crimes de homofobia atingindo a população. Esse crime, é praticado, principalmente contra homossexuais, mas também em outras áreas.

A homofobia é praticada por agressores que não respeitam os direitos humanos dos outros.

Essa agressão é muito triste, pois, às vezes a pessoa que sofre essa agressão, tinha um grande futuro pela frente, mas ao sofrer essa agressão, desiste de tudo. Os agressores que cometem esse tipo de agressão, eles devem ser punidos rigorosamente. Com isso, a homofobia poderá ser criminalizada, ou seja, se tornar um crime, e esses agressores poderão ter uma punição mais severa.

As pessoas que sofrem com esse tipo de agressão, devem dar queixa na delegacia, fazendo com que, o agressor seja punido rigorosamente de acordo como a lei prevê.

"Homofobia é crime, por isso não é algo que possamos cometer!"

A44 - R2

Direitos humanos e homofobia

Hoje em dia é muito comum ver mos algum crime por homofobia em vá rios lugares. Muitos indivíduos que ~~sofrem~~ sofrem com esses ataques geralmente não procuram a polícia para dar queixa sobre o acontecido.

Todas as pessoas que já sofreram ou sofrem com constantes ataques devem sempre denunciar para que todos esses agressores sejam presos por bastante tempo, e assim ir acabando ao máximo o preconceito.

Se por lei a união entre homossexual é aprovada cabe a todos cidadãos o respeito à escolha de cada um e não o agredindo.

Os políticos devem se reunir e criar uma lei para que todos que matarem ou agredirem um ~~homossexual~~ homossexual serem condenados ao mínimo dez anos de prisão.

Todos os direitos que as pessoas ~~heterossexuais~~ heterossexuais têm os homossexuais também têm, ninguém deve ser julgado por seus escolhas, e se a população num fizer respeitasse, viveríamos em um país melhor.

A45 - R2

A homofobia é o ato discriminatório exercido contra os homossexuais. Ela acontece de diversas formas, seja por agressões verbais, psicológicas e até mesmo físicas, que em muitos casos terminam em morte.

De acordo com os direitos humanos, todo indivíduo tem direito à saúde, à educação e à liberdade de expressão, independentemente da cor, raça ou religião. E o mesmo se vale para os homossexuais.

É muito importante que a população se conscientize de que o homossexualismo não é uma doença, ninguém escolhe ou quer ser, pois sabe que a punição do país com esse ato, é irrelevante. O índice de homofobia do Brasil em comparação com o da Suíça, por exemplo, é altíssimo, isso devido a pouca informação e educação que o país ~~possuem~~ possui.

Cientistas pesquisam se há algum tipo de alteração no DNA dos homossexuais, caso houver, já é discutido sobre o ato de mudar o material genético do bebê dentro da barriga da mãe, isso seria um exemplo claro de violação dos direitos humanos.

Sendo assim, conclui-se que o homossexualismo não é uma doença contágiosa ou até mesmo uma "praga". Desse modo, é imprescindível que o governo crie leis específicos para quem comete a homofobia. Também, é dever dos pais que ensinam seus filhos a respeitarem e ~~conviverem~~ conviver com as diferenças.

ANEXO IX

Redação nota 1000 no ENEM 2012

Redação de ADRIEL REGO BARBOSA
Teresina/PI

O fluxo de pessoas pelo mundo sempre foi objeto de estudo para entender a dinâmica econômica e social do globo. Nos últimos anos, a mudança na economia e o novo espaço que o Brasil tem conquistado no cenário internacional atraiu trabalhadores e turistas, apontando para movimentos migratórios cada vez mais intensos para o Brasil no século XXI.

Desde o Brasil Colônia, a imigração para o Brasil é expressiva. Foi preciso povoar o território para garantir o controle da região e, além disso, escravos foram trazidos da África para satisfazer as necessidades econômicas das lavouras. Mais tarde, já no Brasil Império, com a abolição da escravatura, imigrantes europeus encheram os portos brasileiros para substituir a mão-de-obra e embranquecer a população. No Brasil República, a abertura para o capital estrangeiro trouxe multinacionais para o país. Neste século XXI, as causas da imigração são outras e decorrem dos avanços do país.

Como país emergente na economia mundial, o Brasil atrai atenções de diversos setores, como moda e tecnologia. A crise que a Europa e os Estados Unidos vivenciam hoje atrai ainda mais imigrantes, confiantes na estabilidade econômica e chances de progresso. Até os brasileiros que saíram do país em busca de melhores condições estão retornando por acreditarem no potencial brasileiro. Por isso, é preciso aproveitar o momento oportuno, que traz vantagens econômicas e trocas culturais. Como mostra o passado, os imigrantes podem favorecer o desenvolvimento e o futuro promete ainda mais pessoas vindo para o Brasil.

A certeza de que a migração oferecerá impacto econômico e social para o Brasil é reforçada pelos eventos importantes que terão sede no país: a Copa do Mundo e as Olimpíadas. A infraestrutura para a recepção dessas pessoas está sendo montada e, se tiver sucesso no comando desses eventos, os efeitos serão benéficos para a economia e para a sociedade.

O Brasil é destino cobiçado na mente de empresários, trabalhadores e turistas hoje. Para aproveitar esse momento, o governo deve inserir esses imigrantes no mercado de trabalho, aproveitar sua qualificação e incentivar o intercâmbio cultural. Dessa forma, a herança das imigrações será bem utilizada.

ANEXO X - Proposta de redação do Simulado 1

PROPOSTA DE REDAÇÃO[38]

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **"Racismo: como virar de vez essa triste página da história?"**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A agressão racista sofrida pelo jogador brasileiro Daniel Alves, em abril de 2014, ganhou destaque nos meios de comunicação, devido ao modo bem humorado de o atleta reagir a ele. A Daniel se solidarizou o craque Neymar, que postou uma foto nas redes sociais, e milhares de pessoas, famosas ou anônimas. Manifestações racistas no futebol, infelizmente, não são novidades e não acontecem somente no exterior, mas também aqui no Brasil. Não há dúvida de que o preconceito racial reflete uma mentalidade antiga e supostamente ultrapassada. Remete aos tempos da escravidão, no Brasil ou nos EUA; da segregação no Sul dos Estados Unidos; do extinto Apartheid, na África do Sul; e até mesmo do Nazismo, na Alemanha. Então, por que o racismo continua a se manifestar em pleno século XXI e como combater o problema, de forma a eliminá-lo definitivamente?



Em solidariedade a Daniel Alves, Neymar postou nas redes sociais uma imagem em que o craque e o filho seguram uma banana real e outra de brinquedo.

A reação do jogador

O brasileiro Daniel Alves, do Barcelona, respondeu de forma peculiar a uma manifestação racista da torcida do Villarreal no estádio El Madrigal, em partida do Campeonato Espanhol.

No segundo tempo, enquanto se preparava para cobrar um escanteio, Daniel Alves se abaixou, pegou uma banana atirada por um torcedor e comeu a fruta. [***Folha de S. Paulo***]

Racismo sem vergonha

Muitos se surpreenderam com a agressão da torcida do Mogi ao meia Arouca, do Santos, em março, no dia seguinte à agressão sofrida por um juiz no Rio Grande do Sul. No entanto, desde que o futebol virou uma profissão, lá por 1930, grandes craques negros --um Fausto, um Jaguaré, um Valdemar, um Leônidas, um Zizinho, um Pelé-- e pequenos, cujo número é infinito, foram hostilizados e prejudicados pelo racismo. (...)

O nosso racismo é envergonhado, tanto que alguém acusado de preconceito e discriminação racial se defende dizendo que tem amigos e, às vezes, até parentes negros. Diante de uma ofensa racista, sentimos vergonha pelo ofensor -- no fundo, de nós mesmos. Tinga e Arouca são artistas doces e inteligentes da bola, que vergonha por quem os agrediu! Temos racismo em todas as suas formas --o preconceito, mais brando, a discriminação, mais eficaz, o racismo propriamente dito, estrutural, que organizou as nossas relações de trabalho, nossos hábitos, nossa moral pública. (...)

A vergonha de ser racista é que acabou, ou está acabando. Se na Copa pularem feito macacos atirando bananas no campo, dou meu conselho aos jogadores negros. Façam como Daniel Alves esta semana: descasquem as bananas e comam. Essa também é uma tradição brasileira: o que vem a gente traça. No final do processo digestivo, a ofensa se transformará no que verdadeiramente é --aquela "coisa" amarelada.[***Joel Rufino dos Santos, historiador e escritor, na Folha de S. Paulo***]

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada com o tema proposto.

[38] Esta proposta foi retirada de: <http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/racismo-como-virar-de-vez-essa-triste-pagina-da-historia.jhtm> com adaptações. Acesso em: 02 de junho de 2014.

ANEXO XI

EXERCÍCIOS SOBRE ASPECTOS LINGUÍSTICOS, TEXTUAIS E DISCURSIVOS

Os fragmentos abaixo foram extraídos das redações produzidas no simulado do ENEM 2014, por alunos do 3º A e do 3º B. Considerando a modalidade escrita formal da língua portuguesa, leia, atentamente, cada fragmento e corrija os problemas que encontrar. Analise os aspectos linguísticos: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, uso adequado de palavras e expressões e também os aspectos relativos à coesão e coerência das ideias.

1 - “São muitas as organizações colaborativas que trabalha efetivamente contra o racismo (...)”
2 - “O racismo é, sim, um crime e devem ser punidas as pessoas que o pratica.”
3 - “Quem pratica atos como esses devem ser punidos rigorosamente.”
4 - “O preconceito existe em todo lugar quando o negro é excluído de suas atividades, quando sofre algum tipo de piada sobre a sua cor e outras atitudes que desrespeita e fere a integridade física e moral da pessoa.”
5 - “Hoje em dia é muito comum vermos as pessoas sofrendo preconceito nas ruas, trabalho, estádios de futebol, escola ou qualquer outros lugares.”
6 - “O que os preconceituosos tem que entenderem é que afro descendentes são pessoas comuns, tem os mesmos direitos que uma pessoa branca.”
7 - “A população deveria se tocar, que eles (os negros) também tem sentimento, falam, comem, trabalham, que são todos irmãos”.
8 - “Em pleno século XXI é vergonhoso que ainda exista pessoas com ideias e atitudes racistas.”
9 - “Ainda tem o preconceito com as mulheres, que não podem trabalhar em determinados serviços.”
10 - “Hoje em dia, tem muitas pessoas que ainda não aprendeu a lidar com pessoas de outros jeitos (...)”
11 - “Em todos os lugares que eu vou sempre tem uns e outros que gostam de zombar um da cara do outro.”
12 - “(...) todo ser humano tem a sua fisionomia e não é isso que torna a pessoa mas bonita, mas feia ou até mesmo pobre ou rica (...)”
13 - “Muitos jugam pela cor, mais não sabem que as pessoas que estão julgando podem ser iguais ou até melhores do que elas.”
14 - “(O desrespeito) vem preocupando a população por estarmos em uma atualidade onde várias barreiras já foram ultrapassadas (...)”
15 - Racistas “são pessoas com mentalidade de séculos passados, onde o negro era tratado como escravo, como um “lixo”, onde enxergava-os como objeto de trabalho, um ser inutil na sociedade mas útil no trabalho rural.”
16 - “(...) o preconceito racial já era pra ter acabado.”
17 - Os preconceituosos não entendem que os negros têm “capacidade e força de vontade em crescer e mostrar ao mundo que pessoas racistas não estão com nada”.
18 - “Vamos colocar a mão na consciência e ver realmente de onde está partindo essa “onda” de racismo, de preconceitos.”
19 - “Hoje em dia o racismo é de mais principalmente se somos pobres, aí é que sofremos preconceito mesmo (...)”
20 - “Isso (o racismo) só acontece por que existem pessoas que se acham melhores que as outras. (...) Não podemos deixar que aconteça livremente, até por que pode acontecer conosco um dia (...)”
21 - “(...) num sistema avançado tecnologicamente porque as pessoas ainda praticam esse tipo de agressão?”
22 - “O racismo é uma das agressões racistas mais comum sofrida por pessoas, geralmente negras. O racismo para algumas pessoas e normal, eles encaram o racismo como se fosse uma forma de se defender das pessoas negras (...)”
23 - “Embora todos nós, já termos o conhecimento que o racismo é algo que já vem acontecendo a muitos e muitos anos atrás, desde a época dos nossos antepassados, e que até nos dias atuais ocorre com bastante frequência, não tanto quanto antigamente, mas isso ainda faz parte da humanidade.”
24 - É preciso que o governo “abra mais espaços para quem sofre contra os preconceitos (negros, cadeirantes de roda, deficientes visuais e outros).”

ANEXO XII

TEORIAS DA *STASIS* E DOS TÓPICOS PARA AJUDAR NA ARGUMENTAÇÃO (Profa. Mônica Moreira)

Stasis significa um tipo de suporte, de ponto de apoio, através do qual o aluno faz perguntas sistematizadas para ajudar a encontrar argumentos para a produção de textos argumentativos.

O termo "tópico" deriva da tradição aristotélica, mas, no contexto de ensino, pode ser entendido como **estratégia argumentativa**.

Vamos trabalhar com 10 **estratégias argumentativas**:

1. Exemplificação
2. Classificação
3. Comparação e contraste
4. Analogia
5. Análise de processo
6. Causa e efeito
7. Definição
8. Descrição
9. Narração
10. Indução e dedução

1) Exemplificação

No caso da exemplificação, o aluno pode fazer uso de perguntas como:

1) Quais são os exemplos ou ilustrações típicos do assunto em foco?
2) Que generalidade é ilustrada por esses exemplos?

Estratégia da exemplificação em uma redação sobre o tema "Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado".

> Facebook, Twitter, My Space, Linked in. Com a popularização da Internet, as redes sociais têm tido participação cada vez maior na mudança do comportamento humano. (...)
>
> (...) Na Primavera Árabe, por exemplo, é indiscutível o papel desses programas na disseminação das ideias revolucionárias. O Movimento Mega Não – contrário ao projeto de lei do senador Eduardo Azeredo, apelidado de "AI-5 digital" – também foi amplamente difundido nas redes, mobilizando pessoas e ONGs em todo o Brasil. (...)

2) Classificação

Para se buscar argumentos seguindo-se esta estratégia, podem ser feitas perguntas como:

1) Quais são as categorias diferentes de um objeto em discussão?
2) Por que as diferenças entre as categorias são importantes?
3) Há subcategorias a tratar?

O fragmento a seguir, extraído de uma redação sobre o tema "O trabalho na construção da dignidade humana", mostra que o estudante segue a perspectiva da classificação dos tipos de trabalho.

> A história nos mostra que povos dominados eram obrigados a servir seus dominadores, surgindo os escravos dessa maneira. Todo o trabalho pesado era realizado por esses povos conquistados, originando assim a concepção de que trabalhar era uma ação inferior. No mundo contemporâneo, essa mentalidade não é mais predominante, já que para a maioria a visão é outra: um emprego abre as portas para grandes oportunidades, para o crescimento, que não traz apenas benefícios financeiros mas também promove a dignidade do ser humano.

3) Comparação e contraste

Ao se fazer uma comparação, os argumentos podem ser buscados através de perguntas como:

1) Quais são as semelhanças e as diferenças entre os elementos?
2) O que podemos aprender a partir dessas semelhanças e diferenças?

No fragmento que se segue, extraído de uma redação sobre "O jovem em seu tempo", temos uma análise das diferenças entre a juventude moderna e a juventude de 68.

> O primeiro fator a ser analisado durante uma avaliação mais aprofundada da jovem geração brasileira, deve ser o contexto histórico. Há quem diga que não se fazem mais jovens como os de antigamente, como os de 68. Não é justo comparar duas gerações tão diferentes, a começar pelo período político e econômico que cruzaram. A de 68 viveu numa época em que o mercado de trabalho não era tão competitivo, pelo menos no Brasil, sobrando tempo para pensar em outras questões, políticas, por exemplo.
>
> Além disso, o próprio ambiente restrito de liberdade e marcado pelo AI – 5 alimentava o espírito lutador que moveu aquela juventude.
>
> Mas hoje é diferente. A atual jovem geração brasileira cresceu com liberdade. (...)
>
> O contexto político também teve participação de peso na formação desses brasileiros. (...) certamente mais preocupado com a economia, especificamente com a questão do emprego, ou será desemprego?

4) Analogia

Para se usar esta estratégia, cabem perguntas como:

1) Que pontos-chave dois diferentes assuntos têm em comum que podem ajudar a entender cada um deles?
2) Como as semelhanças entre eles nos ajudam a entender cada um?

No exemplo a seguir, extraído de uma dissertação escolar sobre "Os dois lados do mundo virtual", o autor acredita que o seu leitor já conheça um pouco da história do invento de Santos Dumont e o utiliza numa analogia para falar da revolução da internet.

> Com essa revolução, as distâncias ficaram menores, pelo menos fisicamente. Mas, como acontece em todas as coisas, a invenção tinha (e tem) seus dois lados. Assim como aconteceu com o invento de Santos Dumont, cuja a finalidade primeira era apenas para o bem da humanidade, mas, que logo em seguida, para tristeza profunda do brasileiro que a projetou, começou a ser usada para o mal do próprio homem, a rede mundial de computadores também faz seus estragos: úsa-sse para disseminar a intolerância e o roubo da inocência de alguns.

5) Análise de processo

Decker e Schwegler (1992, p. 187) distinguem dois tipos de processo, a saber: 1)direcional: que explica como fazer algo e 2) informacional: que explica como algo é ou foi feito. Cabem, nesse caso, algumas questões específicas:
1) Como algo funciona?
2) Como podemos fazê-lo?
3) O que podemos concluir com a compreensão das operações envolvidas no processo?

No exemplo abaixo, extraído de uma produção textual sobre "O desafio de se conviver com a diferença", o autor fala sobre a colonização brasileira e narra passos do processo de miscigenação no Brasil.

> As raízes do Brasil têm origem com a chegada dos europeus no Século XV, tendo como pioneiros os portugueses que se depararam com uma cultura totalmente distinta da sua: a indígena. Nasce ai o primeiro embate entre povos, cuja finalidade era uma sobrepor-se à outra, escravisando-a atendendo, assim, aos ideais de exploração da nova colônia. Ocorre que a mão-de-obra indígena era avessa ao trabalho forçado, com isso os brancos foram compelidos a buscar na África o novo membro do conjunto multicultural que seria a nova terra: o negro.
>
> No transcorrer dos Séculos XV, XVI, XVII e XVIII essas três raças, juntamente com outros povos europeus, dentre eles franceses, holandeses (...)

6) Causa e efeito

Se, na argumentação pela análise de processo, interessa-nos mais o "como", no tópico causa e efeito, a atenção recai sobre o "porquê". Para se buscar argumentos, são pertinentes perguntas do tipo:
1) Quais são as causas prováveis de determinado fenômeno, uma guerra, por exemplo?
2) Quais os seus efeitos?
3) Como pode o conhecimento das possíveis causas e efeitos contribuir para a nossa compreensão de pessoas e eventos envolvidos?

A estratégia de argumentar por causa e efeito é utilizada no exemplo abaixo, extraído de uma redação também sobre o tema "O desafio de se conviver com a diferença".

> Ao olharmos para o passado, veremos o quão doloroso pode ser o destino quando imperam os preconceitos. Vivemos séculos de escravidão graças a idéia equivocada de que os negros eram inferiores e por isso podiam ser explorados e ultrajados. Em outra época, milhares de judeus foram perseguidos e mortos pela ideologia nazista de que uma nação pode se sobrepor às demais.
>
> Chegamos ao século XXI, marcado por avanços tecnológicos, onde a globalização encerra as fronteiras, expandindo as relações mundiais mas infelizmente os limites interiores ainda precisam de um longo caminho para se findarem. Os negros, mesmo após uma longa batalha, ainda sofrem com os estigmas do pré-abolicionismo; índios lutam pelas terras que lhes pertencem por direito; homossexuais pedem respeito e liberdade para serem felizes.

7) Definição

Os argumentos podem ser buscados através de algumas perguntas norteadoras:
1) Como o objeto em discussão deve ser definido?
2) De que modo uma definição nos ajuda a entender a importância ou as consequências de uma ideia, objeto, pessoa ou evento?

Ao abordar o tema "O indivíduo frente à ética nacional", um aluno optou por iniciar sua produção textual pela estratégia da definição ao definir o que se pode entender por "ética nacional". Segundo ele:

> A ética nacional pode ser entendida por uma nação que vive pautada em valores sociais e culturais, além da moral e normas que direcionam o cidadão à ação considerada correta.

É a partir dessa conceituação prévia, colocada como introdução, que o autor vai defender a sua tese de que é preciso haver uma ética nacional, que interfere diretamente na ética de cada cidadão em particular, e é indispensável para o desenvolvimento social.

8) Descrição

Ao desenvolver uma argumentação pela estratégia da descrição, o autor pode se valer de questões como:
1) Qual é a aparência e quais são as características do objeto/assunto em análise?
2) Na descrição do assunto, o que podemos aprender sobre seu significado, caráter ou influência?

O fragmento a seguir, extraído de uma redação escolar também sobre o tema "O indivíduo frente à ética nacional", apresenta uma descrição de um cenário de corrupção no contexto brasileiro.

> Nosso país sangra com tanta corrupção. São cargos ocupados por gente sem nenhuma aptidão, que foram contratados por seus entes eleitos; é barganha atrás de barganha para garantir patrocínio nas próximas eleições; são projetos superfaturados que, mesmo com verba repassada, nunca saíram do papel e cueca que, em vez de proteger orgãos genitais, virou esconderijo de dólares.

9) Narração

Como regra geral a narração deve ser usada na argumentação apenas se for útil para o escritor comunicar as suas ideias. A narração pode, por exemplo, contribuir quando se faz uma argumentação pela análise de processo. Vale lembrar que o foco deve estar não na história em si, mas nas suas consequências, nos seus desdobramentos. Nesse caso, pode se perguntar factualmente:
1) O que aconteceu?

Mas é preciso aprofundar a questão e questionar também:
2) Quais as consequências?
O que os eventos revelam sobre os participantes ou sobre outros eventos que poderemos vir a experienciar?

O fragmento a seguir, produzido sobre o tema "Os dois lados do mundo virtual", constitui-se de uma pequena narração do desenvolvimento histórico da internet.

Nos primeiros anos da década de 90, a população mundial passou a usufruir da até então desconhecida maravilha tecnológica denominada Rede Mundial de Computadores. A sigla em inglês www passou a fazer parte do dia-a-dia de adultos, crianças e idosos. Seu criador, o norteamericano Bill Gates, dividira a história entre o antes e o depois da Internet.

10) Indução e dedução

No processo de dedução, de um princípio geral, mais abrangente, deduz-se uma conclusão menor. Se todos os membros de um partido x são corruptos e y é membro desse partido x, logo y é corrupto.

Na busca por argumentos, o aluno pode fazer perguntas do tipo:

1) Que generalização uma evidência pode sugerir?
2) Que conclusões futuras poderemos tirar de uma generalização?
3) Como esses processos de raciocínio ajudam a entender eventos ou fenômenos sociais?

Ao discutir o fenômeno político-social da seca no Brasil, um estudante usa a estratégia da indução para convencer o leitor.

Não são as chuvas escassas o principal problema dos que vivem no Sertão. O maior empecilho é a falta de interesse político, haja vista a conveniência de existirem eleitores miseráveis e persuasíveis, que se tornam presas fáceis aos objetivos meramente eleitoreiros dos candidatos da região.

Não é preciso ir longe para comprovar que o "polígono das secas" pode ser transformado em uma área rentável, sem causar grandes gastos no orçamento dos Estados ou da União. (...)

(...) Não é a terra árida ou a escassez de chuvas que determinam a "vida severina" do sertanejo, mas sim, a ausência de decoro político que persuade esses tantos "severinos".

ANEXO XIII - Proposta de redação do Simulado 2

SEGUNDO SIMULADO DO ENEM 2014

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **"Direitos humanos e homofobia"**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Use uma ou mais das **estratégias argumentativas** seguintes: 1) exemplificação, 2) classificação, 3) comparação e contraste, 4) analogia, 5) análise de processo, 6) causa e efeito, 7) definição, 8) descrição, 9) narração e 10) indução e dedução.

Homossexuais conquistam o direito a união estável

O STF (Supremo Tribunal Federal) aprovou (em 05/05/2011), por unanimidade, o reconhecimento da união homossexual como sendo uma "entidade familiar". A decisão garante aos casais do mesmo sexo os direitos que antes eram restritos somente aos casais heterossexuais. Entre os direitos estão os benefícios da previdência, heranças, inclusão como dependente de plano de saúde e mais cem conquistas.

(www.jornaldesabado.com.br. Publicado em 25/05/2011. Acesso em 04/07/2011.)



chargeaclasse.blogspot.com.br/2011/11/parada-do-orgulho-hetero.html. Publicada em 07/11/2011. Acesso em 02/09/2014.

Crime por homofobia

Recentemente vimos fatos lamentáveis de crimes de agressão motivados pela homofobia. Um rapaz foi agredido com uma lâmpada fluorescente. Qualquer cidadão justo e coerente deve concordar que esse crime deve ser punido. Mas qual crime? A homofobia? Ora, o crime em questão é de agressão. Esse crime já existe e tem punição prevista por lei. O que importa se a motivação foi o preconceito quanto à orientação sexual da vítima? Não importa o suposto motivo, o caso é de agressão por motivo fútil e deve ser punido da forma já prevista na lei. Poderia ser uma agressão com diversos "motivos", pelo fato da vítima ser negra, moradora de rua, prostituta, ou simplesmente por torcer por determinado time de futebol. Não importa. O agressor cometeu um crime, e sua punição deve ser dada de acordo com a natureza desse crime e não de acordo com a vítima desse crime.

(Comentário postado por Fabrício Quintanilha no blog nossanoz.blogspot.com/2010/12/direitos-humanos-e-homofobia.html. Acesso em 04/07/2011.)

Criminalização da homofobia

"Fico muito triste de ver que nós temos hoje grandes índices de violência atingindo essa população, principalmente quando se trata de homossexuais, mas também em todas as outras áreas. Acho que a gente tem de criminalizar a homofobia. O que eu estou dizendo é que se deve criminalizar a homofobia. A homofobia não é algo que a gente possa conviver."

(Dilma Rousseff, presidenta do Brasil e candidata à reeleição em 2014). (www.uol.com.br. Publicado em01/09/2014. Acesso em 02/09/2014.)

Casamento ou união civil

"Em termos da palavra casamento está errado, porque o que nós defendemos é a união civil entre pessoas do mesmo sexo. O certo seria Marina Silva é a favor da união civil entre pessoas do mesmo sexo (...) o que o Supremo já deu ganho de causa com os mesmos direitos, equivalentes ao do casamento, é a união civil".

(Marina Silva, candidata à presidência em 2014). (www.uol.com.br. Publicado e acessado em02/09/2014).

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "insuficiente".
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada com o tema proposto.

ANEXO XIV

Questionário respondido por 43 alunos participantes

Respostas de A1

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ■ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque quando é um assunto que gosto ou tenho conhecimento até que gosto mas quando é um assunto que não gosto muito de falar ou não sei fico um pouco perdida.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Os professores e também minha mãe que sempre me colocou de escrever bem, desde novo. E também procuro me informar de várias assuntos.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Os professores passavam o tema e agente fazia a redação. Agente lia para os professores e eles nos apontavam os erros

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ■ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque tirou muitas dúvidas sobre as redações e nos deram oportunidade de fazer e serem corrigidas como serão no ENEM e também ver nossos erros e dar oportunidade de corrigi-los.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

■ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque com a reescrita tivemos a oportunidade de ver os erros e corrigi-los e com isso não cometer os ~~mesmo~~ mesmos erros.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A2

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☒ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque não.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
A pesquisadora Mônica Moreira de Magalhães

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não me lembro.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☐ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Não me interessei em participar muito das aulas.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☐ Sim ☒ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque não.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A3

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque tenho dificuldades de fazer a pontuação correta nos textos.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Meus professores de Português.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Eram poucas aulas e não tinham um assunto específico, podíamos fazer sobre o que quisermos e escrever o tanto de linha que queiram.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois ela ensinou muitas coisas que eu não sabia e ensinou a maneira certa de fazer uma redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois depois de reescrita deu pra ver onde eu errei e corrigi os meus erros, melhorando a próxima redação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A4

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ■ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois escrevendo as redações pratico a escrita e vou usando o meu conhecimento também.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
O professor e o professor - pesquisa

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não tive

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ■ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Por que ela tem um conhecimento bom, e sabe passar para nós alunos de uma forma que todos entendes bem, deu dicas que iríamos precisar.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
■ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois com a reescrita eu corrigi os meus erros e foi bom para ficar atento, para não repetir-los

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A5

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque posso expressar minhas ideias sobre o tópico apresentado pela proposta.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

O professor de português e o projeto de redação desenvolvido pela pesquisadora Mônica Moreira.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Foram proveitosas, mas não tão especificamente detalhada como o projeto que participamos hoje.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Me ajudou a entender mais sobre a estrutura de uma redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Após ela ser corrigida, percebi alguns erros que não os tinha mais, e desenvolvi mais minha argumentação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A6

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Não sou muito boa para escrever.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Professores, mais a pesquisadora Mônica.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Lembro que só tive aula de redação no 3º ano, 5º e 6º ano mais eram poucas e diárias muito

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois, podemos desenvolver o que tínhamos capacidade de fazer e não fazíamos.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque com os erros é que agente aprende, ou seja depois delas corrigidas podemos tentar lembrar os erros e procurar reescrever uma redação melhor

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A7

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ■ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois não tenho boas idéias e pela falta de paciência

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
A professora Patrícia.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
As professoras só comentavam mas não tivemos aulas específicas.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ■ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque nos ensinou muito com suas redações

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
■ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois nos ajuda a ficar mais atenta nas próximas Redações

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A8

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque eu tenho uma argumentação muito ruim então eu nunca consigo chegar a pontuação que eu gostaria. E também tenho muito erro de português.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

A Internet, a Professora de Português e a pesquisadora - professora Mônica.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Não tive aula de redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque ela ensina o que deveria ter em uma redação, ela simulado que tive notas boas. Também ensinou muitas técnicas favorá-veis e várias outras coisas.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque consegui conhecer meu erro, apren-di colocar pontuação e com a reescrita vi que tenho capacidade para ter uma boa no-ta no Enem.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A9

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Para treinarmos para a redação do enem, e conseguirmos uma nota boa.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Desde o pré com todos os professores que ensinaram um pouco para gente.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não lembro, mas para mim acho que foram boas.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois ela tem opinião bem forte e sabe explicar muito bem as matérias que caem na redação

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque fico querendo mudar a redação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A10

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque tinha alguns erros, mãe comigo fazer uma redação totalmente boa e pouca argumentação.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

A professora de Português e a pesquisadora.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Não era muito bom, tinha alguns erros de português, como pontuação, acentos e ortografia.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque aprendi a escrever melhor com suas aulas.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque tinha erros bobos e com a reescrita eu corrigi e tirei uma nota melhor.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A11

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque às vezes eu não tenho muitos argumentos que preciso ter na redação. E tem temas que eu não entendo.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Professora - pesquisadora, professora de Português.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não tive aula de redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque ajudou muito, agora já consigo fazer uma proposta de intervenção, argumentar melhor. Por exemplo, no enem teste de 2013, eu tirei 520 na redação e com as aulas da professora eu consegui melhorar e tirar até 820.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque vi corrigi os erros que tinha na redação, melhorei os argumentos e principalmente a conclusão.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A12

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu não tenho o objetivo de continuar estudando depois que acabar o Ensino Médio.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Os professores.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Mais ou menos, só me lembro que a professora elaborou algumas redações para agente fazer mas só corrigia erros de pontuação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque aumentou o nível de conhecimento de como fazer uma redação bem escrita, e mais confiança para a pessoa que vai fazer a prova.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque assim tive a chance de ver os erros e corrigilos, para fazer com que eles não se repitam.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A14[39]

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque eu gosto de escrever, mas na hora de passar minhas ideias para o papel eu me perco e a redação não sai do modo como eu queria.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Os minhos professores de Português e a professora-pesquisadora Mônica

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Antes do ensino médio as redações eram a respeito do seu dia-a-dia, férias. Era mais uma descrição do que fizemos.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque ela nos ajudou muito passando o que podia para nós, nos ensinando como fazer uma redação, dando dicas. As redações dadas por ela me ajudou a melhorar minha forma de escrever e de argumentação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Sim, pois eu podia corrigir os meus erros de corrigida e prestar mais atenção para não cometê-los novamente.

Muito obrigada pela sua participação!

[39] Os alunos participantes A13 e A31 não responderam este questionário.

Respostas de A15

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque apesar de muitas vezes eu me sair mal, acredito ser algo bastante válido, para que eu possa me preparar e assim conseguir melhores resultados. Principalmente agora que estamos próximos da prova do ENEM escrever e aprender é lucrativo para nós mesmos.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Em um primeiro momento afirmo ter sido a professora. Patrícia, que sempre teve importância para minhas dificuldades.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Com Patrícia, era minha professora de Português, e durante algumas aulas ela pedia para que fizesse redações as vezes corrigia na lab, as vezes não, sempre depois de feita a correção ela comentava os melhores, os piores e os de meio termo, pedia para reescrever para melhor resultado...

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Eu diria até que não foram boas, porque foram étimas com a Mônica podemos ter nossas dúvidas esclarecidas pois sempre nos atendeu atentamente. E para quem com maiores dificuldades, como eu por exemplo, ela está ajudando, dando apoio, mesmo fora de sua pesquisa.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Não posso dizer que gostei a mesma que não, pois é um trabalho bom de se fazer, poder saber onde erramos, o que precisamos melhorar algo bastante válido, embora na prova do ENEM não teremos essa oportunidade de reescrita então válido mesmo é a primeira nota e não da reescrita.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A16

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☒ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque não sou boa na argumentação e na gramatica.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Professora - pesquisadora e a professora de português do ensino médio.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não tive aula de redação

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque tive conhecimento de regras importantes e tecnicas para uma boa argumentação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque tive a oportunidade de melhorar minha nota e corrigir erros de ortografia.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A17

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Não tenho muita paciência para escrever redações.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Mais ou menos. As professoras de português.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
As professoras só comentavam mais não tivemos aulas específicas.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque ela nos ensinou formas de criar com mais facilidade uma redação boa sem escrever tanto. E também mostrou os meus erros para não cometelos novamente.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu via o que eu estava fazendo errado, refiz a redação e melhorei minha nota,

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A18

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☒ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu não gosto muito de ler e além disso, quando eu leio não consigo entender direito nem a proposta

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Os professores que deram aula de Português

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Eram boas porque eu gostava de ler, porém depois depois da 4ª série as coisas ficaram mais complicadas e eu não quis ler mais.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque eu nem tinha vontade de ler direito e com essas redações que fizemos me fez gostar mais de ler e entender o que tinha escrito.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque assim vi o que estava errado e que depois de corrigido novamente fez uma enorme diferença, e com isso aprendi muitas coisas.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A19

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Mais ou menos, antes do projeto realizado em minha escola eu não gostava de escrever e nem tinha o hábito de fazer mesmo, porém agora que sei da importância em saber escrever, gosto e pratico esse ato com mais frequência.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Meus professores de língua portuguesa e o projeto da pesquisadora Mônica Moreira.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Com erros de ortografia, falta de concordância, porém com bons argumentos.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Boas, pois através delas tive ótimas orientações, pude ver onde mais errava na escrita, corrigir esses erros e assim melhorar o meu rendimento em uma redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Sim, pois através da reescrita foi possível diagnosticar os meus erros e poder corrigi-los.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A20

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Sim, Por que a redação é um meio muito bom de me expressar e argumentar sobre coisas do dia-a-dia e da atualidade.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
A pesquisadora Mônica, pois com ela aprendi a melhorar minhas redações.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Ruins, por que não tinha uma aula específica de redação. E eu não sabia argumentar muito bem.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Ótimas, por que aprendi a argumenta muito bem, e com a redação pensa ganha alguma bolsa no Vestibula.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Por que, com a reescrita, eu pude melhorar as redações e pontuar de maneira mais correta, e tirar algumas dúvida.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A21

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque nem sempre tenho boas ideias para as redações

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Professora Patrícia

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não tinham aulas específicas a professora de portuguêes apenas comentava sobre.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois deu para aprender bastante como se escreve uma redação e para ser usado nos vestibulares

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Para poder ver onde estamos errando mais ao desenvolvermos as redações.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A22

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Acho que não domino muito o português, leio pouco, tenho facilidade em cálculos, não tenho muito interesse em leitura, em atualidades.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Além da Mônica, meus antigos e atuais professores de português.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não há aula específica de redação, mas no ensino fundamental e início do ensino médio, os professores pincelavam em algumas aulas, a redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Aprendi realmente, o que é uma redação, principalmente para vestibulares, ENEM, aprendi a escrever, a enxergar meus erros, etc.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois em todas que fiz melhorei meu desempenho, concertei os erros.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A23

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque as vezes não sei o argumento certo pra usar.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Os professores de português

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Patrícia e *Professora 1* davam algumas redações de vez enquando

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Pois ela deu várias dicas de como fazer uma redação boa.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Pois pude ver onde eu errei e como fazer-los

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A24

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque eu não preciso decorar nada, apenas escrevo o que penso sobre o assunto.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Professora pesquisadora Mônica.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Não me lembro. Nunca prestei atenção, apenas fazia os temas que eram propostos, sem conhecimento algum.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Me ajudaram a ampliar os meus conhecimentos sobre a matéria.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Tive a oportunidade de corrigir erros e, com isso, tirar dúvidas em relação ao que foi escrito anteriormente.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A25

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque tem um pouco de dificuldades em montar uma redação e erro muito em gramática.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Pesquisadora Mônica Moreira e os professores de Português.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Nunca tive aula especificamente de redação, apenas alguns professores comentaram sobre redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Aprendi o que eu posso e o que eu não posso usar na redação e como montar.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
gostei de reescrever porque só corrigi apenas o que estava errado sem acrescentar nada de argumentos apenas erros gramaticais e melhorei a nota.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A26[40]

1) Você gosta de escrever redações? Sim Não Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Sim, porém não estou acostumada a escrever textos dissertativos argumentativos e sim a escrever sobre o que estou sentindo e até prefiro escrever mais sobre o que sinto.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Meus professores sempre quiseram passar esse conhecimento para nós, alunos. Houve um ano em que trocávamos cartas com alunos de outra escola para melhorarmos a escrita e aprendermos a escrever esse tipo de redação.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Eram básicas, só diziam mesmo como fazer, a estrutura, como por exemplo em cartas, onde se coloca cidade e data antes do corpo do texto.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira?

Boas Ruins Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Boas.

Ela passou diversas dicas e ao colocá-las em prática conseguia melhorar, aperfeiçoar a escrita, o que me ajudou bastante a escrever a minha redação, tendo como ideias passadas por ela de como introduzir, desenvolver e concluir o texto.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

Sim Não Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Sim, pois na reescrita eu conseguia ver meus erros para não poder errar na próxima redação, além de poder pesquisar mais sobre o tema e ter mais conhecimento sobre o mesmo.

Muito obrigada pela sua participação!

[40] A26 e A38 entregaram seus questionários por meio eletrônico.

Respostas de A27

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Pois não sou boa em argumentação.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Os professores

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Todas as aulas de redação sempre foram boas, sempre procurando me ajudar na construção de uma boa redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque com as aulas de redação adquiri mais conhecimento de como escrever uma boa redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque depois da redação corrigida, a gente deveria ou deveria, e assim temos uma segunda chance de corrigi-los e assim não errar novamente.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A28

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Mais ou menos, gosto de escrever redações com temas que despertem meu interesse e que eu conheça bem o assunto.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Os professores de português que já tive.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não tive muitas aulas voltadas para redação, mas tive uma professora que me ajudou bastante a escrever redações.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Boas, pois tive a oportunidade de praticar a escrita de redações, ver onde eu tenho mais dificuldades, ter contato com a estrutura da redação, saber como é analisada as redações do enem e ver o que era preciso para fazer uma redação de qualidade.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Sim, pois ao fazer a reescrita eu percebia meus erros e me acostumava a escrevê-los de forma correta.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A29

1) Você gosta de escrever redações? ■ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois é bom para treinar a escrita e colocar em prática tudo que aprendemos nas aulas.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Todos os professores de português

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
A cada semana era um dia de aula de redação nos 7º, 8º e 9º anos.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ■ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pelo fato de ter nos dado uma orientação melhor, para termos uma boa nota no ENEM.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☐ Sim ■ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu não reescrevi as minhas redações.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A30

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois eu me emplogo e com essa emplogação eu me sinto bem.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
minhas professoras de português e redação.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Foram boas com vários temas diversificados e bons.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois eu aprendi muitas coisas e também sei que essas aulas irão me ajudar muito futuramente pois conto que ela é uma ótima preparadora.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois que com isso eu pude ver o que eu errei e corrigir.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A32

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque tenho dificuldades em pontuações e argumentos.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Alguns professores de português.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Foram poucas aulas, mas foram boas as aulas.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque ela nos ajudou muito, antes eu não sabia fazer quase nada, mas agora eu sei.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque depois de corrigida a nota foi mais alta.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A33

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Geralmente até gosto de escrever redações pois acho que até tenho facilidade mais porém não sou muito bom em escrever tenho muitos erros de português

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
De certa forma os professores

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Geralmente eram aulas mais simples sem muita cobranças de algumas coisas até porque nem sabíamos e nem eram tão informadas assim como hoje.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois aprendi várias coisas que até então eu nem sabia e isso tudo me incentivou a querer aprender mais

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☐ Sim ☒ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois quando escrevi minha redação achei que meus erros não seriam tanto como só após receber minha redação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A34

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois de argumentar determinados assuntos tenho um pouco de dificuldade na escrita mais sempre gostei de fazer redação quando era mais novo

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Sei fazer uma redação, mas ainda preciso me aprimorar um pouco mais. Quem mais contribuiu foi Rafaela, Wanderley e a pesquisadora Mônica.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Eram mais simples pois, não tinhamos que argumentar e expor a opinião sobre determinado assunto, mas as aulas eram muito boas também, a professora nos preparava bem.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Foram além de nos preparar para o ENEM, nos foi adquirido conhecimento e despertado o gosto pela escrita.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque nos dá a chance de corrigir e ver no que erramos para prestarmos mais atenção no erro. É melhor para que tiremos uma nota melhor na prova.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A35

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque depende do tema proposto e quando se trata de um tema no qual eu não tenho tanto conhecimento não gosto, porém se o tema for de conhecimento me faz ter mais idéias sobre o que escrever.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

A professora de português, a leitura de livros, revistas, jornais e outros veículos

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Me lembro que eu era uma aluna nota 9 nas provas, textos e redações adorava ler, mas nem sempre tinha muito conhecimentos, agora os temas são mais complicados e não tenho quase sempre conhecimento dos temas atuais.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque ela orienta, argumenta, ensina e explique quando você não há conhecimento sobre temas e palavras propostas.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque foi muito importante ver os erros e reescrevê-los corretamente assim percebi que se errei, corrigo e não volto a repetir os mesmo erro em outras redações.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A36

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Não acho muito fácil para escrever, por isso não gosto muito

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

A professora de português e a pesquisadora Mônica

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Como já disse não boa muito boa mas nos temas eu vo mais ou menos e agora já estou aprendendo a especificar as redações

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque esclarecem as dúvidas melhorando mais o conhecimento de cada um

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque assim agente vê o erro e o corrige para não errar mais

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A37

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Por achar que não domino a norma por-
mal, não argumentar corretamente, etc.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Meus professores de português

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
No Ensino Fundamental uma professora
auxiliava na hora de fazer alguma reda-
ção, dando dicas.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois notei pontos que tinha dominância
na escrita. Tive mais conhecimentos de como
usar conectivos, por exemplo. Enfim, amplieí meus
conhecimentos sobre uma escrita boa de uma
redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois notei o que precisava mudar na
hora de fazer a reescrita.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A38

1) Você gosta de escrever redações? Sim Não X Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois tenho dificuldade em fazer as introduções dos textos.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Minha ex-professora de português, Patrícia.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
A professora explicava e mostrava como devia ser a estrutura de uma redação, geralmente era um texto dissertativo e argumentativo, então ela apresentava um tema, ou deixava nós escolhermos o tema para fazermos a redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira?

X Boas Ruins Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois nos mostrava formas diferentes de fazer as redações, ensinando como articular bem o texto, nos deixando mais preparados para fazer as redações dos vestibulares.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

X Sim Não Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois vi os erros cometidos, percebendo como corrigi-los e aprendendo a não cometê-los mais.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A39

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Ilho meio complicado, mas gosto muito, mais com as coisas que tive me acostumar a escrever.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Mônica Moreira, *Professora 2* (professora de Língua Portuguesa)

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Quase não tive aulas de redações, mais as poucas que tive foram interessantes.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Aprendi muitas coisas, e me ajudou a compreender mais como fazer uma ótima redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois com isso vimos o que erramos de bobeira, mas tranbo que temos que prestar mais atenção.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A40

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☒ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu não tenho muito imaginação para fazer a redação.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Os professores de portuguêis e a pesquisadora Mônica.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Era escrever pouco, e algumas redações simples, e não tinha isso de reescrever a redação para ver os erros.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☐ Boas ☐ Ruins ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque eu não tenho muito interesse pra redação.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque dar para corrigir os erros e tirar uma nota melhor.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A41 - p. 1

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Uma vez ou outra, é bom poder fazer algo diferente, e as redações é uma delas, de vez em quando a gente precisa fazer uma até gostosa, é para mostrar algo diferente para uma ou mais pessoas.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
Em questão de uma redação, estou aprendendo agora nunca tive muito interesse, agora que vejo interesse de aprender como→

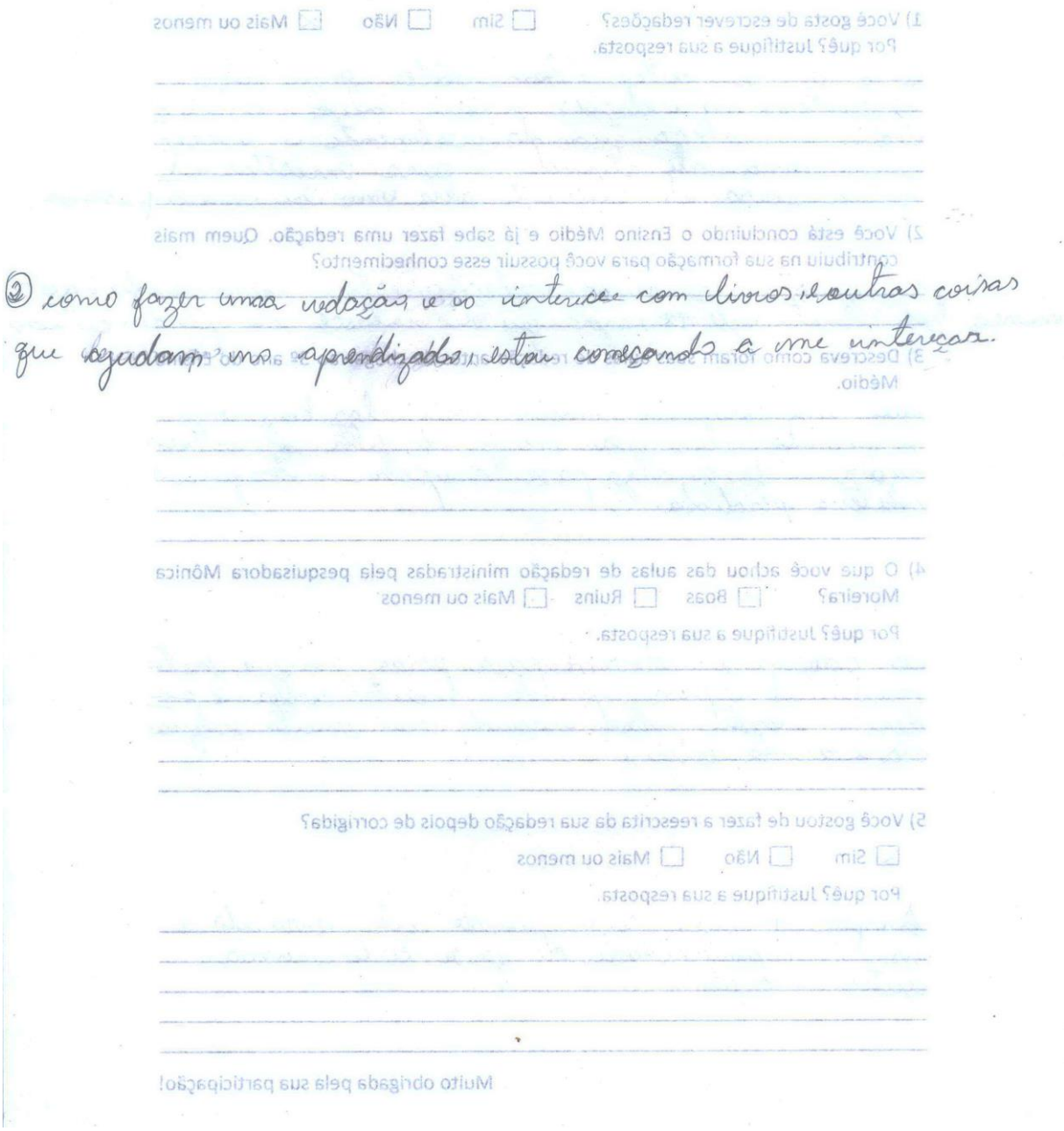
3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
Não me preocupo muito com elas, hoje vejo o quanto elas estão me fazendo falta, só recorro cada vez é fazer algo para recuperar o tempo e a matéria perdida.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Das poucas que deram para pegar porque faltei muitas, aberl para aprender muito com ela, e poder ver onde estava errando, com muita frequência e ainda estou.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Sempre é bom saber aonde está errando e ter a oportunidade de fazer certo numa outra ocasião.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A41 - p. 2



② como fazer uma redação e o interesse com livros e outras coisas que ajudam nos aprendizados estou começando a me interessar.

Respostas de A42

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque eu não tenho muita inspiração para designar um texto.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Professora-Pesquisadora

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

As minhas aulas de redação antes de chegar ao ensino médio foram boas, mas não tinha aquele feito de ensinar corretamente para fazer uma prova do enem

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque ela passou para mim os conhecimentos que ela adquiriu por onde ela passou, ajudando-me a escrever e fazer corretamente uma redação

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque fazendo a reescrita eu presto mais atenção porque pode ou que não pode ser relatado em uma redação, além da pontuação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A43

1) Você gosta de escrever redações? ☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque aprendo a escrever melhor. Com isso passo a saber redigir qualquer tipo de texto.
Mas isso depende muito do Tema. Pois tem determinado Tema que, tenho dificuldade de desenvolver. Com isso minha redação não fica muito boa.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

Mônica Moreira; *Professora 2* (Professora de Português)

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Era muito simples, pois a professor(a) não aprofundava muito nos conhecimentos de uma redação mais complexa. Além disso, era muito interessante e eu gostava muito.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque ela conseguiu passar o conhecimento que tem para nós. Aprendi muito. As aulas irão me ajudar muito, para que, na hora da prova do Enem eu possa lembrar das aulas que tive que foi muito aproveitado por mim.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque tive a oportunidade de corrigir os erros que eu tive, para que, a minha redação ficasse melhor. Os erros foram de bobeira, mas isso me mostrou que devo ser mais atenciosa na hora de fazer a redação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A44

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque varias vezes não tenho muitas ideias para escrever

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?
A professora - pesquisadora.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.
As aulas eram boas, mas eu escrevia sempre certo sem ninguém e não tinha muito o conhecimento.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Pois com essas aulas de redação eu fui melhorando cada vez mais na forma de escrever

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?
☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.
Porque com a reescrita eu fui mais ensinada e repetições de palavras e melhorei minha redação.

Muito obrigada pela sua participação!

Respostas de A45

1) Você gosta de escrever redações? ☐ Sim ☐ Não ☒ Mais ou menos
Por quê? Justifique a sua resposta.

Há temas que não consigo compreender a proposta. E às vezes fujo do tema.

2) Você está concluindo o Ensino Médio e já sabe fazer uma redação. Quem mais contribuiu na sua formação para você possuir esse conhecimento?

A professora-pesquisadora que realizou o trabalho de intervenção na escola.

3) Descreva como foram suas aulas de redação antes de chegar ao 3º ano do Ensino Médio.

Não tive aulas de redação.

4) O que você achou das aulas de redação ministradas pela pesquisadora Mônica Moreira? ☒ Boas ☐ Ruins ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Ela ensinou técnicas para uma boa argumentação, trabalhou temas interessantes e auxiliou no que era necessário.

5) Você gostou de fazer a reescrita da sua redação depois de corrigida?

☒ Sim ☐ Não ☐ Mais ou menos

Por quê? Justifique a sua resposta.

Porque a gente tem a chance de corrigir os erros gramáticais e formar uma argumentação mais consistente.

Muito obrigada pela sua participação!

ANEXO XV

Entrevista semiestruturada com os alunos que obtiveram maiores notas nos simulados

1) Você obteve uma das maiores notas no(s) simulado(s) do ENEM que fizemos. Em sua opinião, por que você teve esse desempenho?
2) O que você faz para conseguir escrever boas redações?
3) Onde você estudou antes de chegar aio 3º ano do Ensino Médio?
4) Quem foram seus professores de redação? Com quem você teve aulas de redação?
5) Que conselho(s) ou dica(s) você daria a alguém que quer melhorar a escrita de redação?

ANEXO XVI

Entrevista semiestruturada com as professoras

1) Em que área você fez a graduação?
2) Em qual instituição?
3) Você já fez alguma especialização?
4) Se sim, em que área? Em qual instituição?
5) Quantos anos você tem de experiência no ensino da Língua Portuguesa?
6) O que você achou da minha pesquisa, da minha presença nas suas aulas?
7) Nas suas aulas do dia-a-dia, geralmente, como são as aulas de redação?
8) Você tem alguma dúvida no trabalho com a redação em que eu poderia te ajudar com a minha pesquisa?
9) O que você fez com as redações que os alunos escreveram no primeiro semestre?

ANEXO XVII - Proposta de redação apresentada pela professora de Geografia

PROPOSTA DE REDAÇÃO PARA O 3º ANO

A partir do poema de Carlos Drummond de Andrade (O homem; as viagens) e a música de Milton Nascimento (Caçador de mim), faça uma reflexão voltada para o breve futuro que o aguarda em 2015. Pense nos sonhos e desejos, o que você pretende fazer e redija um texto relatando como os conhecimentos construídos ao longo de sua formação na Escola Estadual São Luís, mais precisamente no Ensino Médio lhe serão úteis e apresente sugestões que contribuam para a melhoria de nosso ensino.

O Homem; As Viagens - Carlos Drummond de Andrade	
O homem, bicho da terra tão pequeno Chateia-se na terra Lugar de muita miséria e pouca diversão, Faz um foguete, uma cápsula, um módulo Toca para a lua Desce cauteloso na lua Pisa na lua Planta bandeirola na lua Experimenta a lua Coloniza a lua Civiliza a lua Humaniza a lua. Lua humanizada: tão igual à terra. O homem chateia-se na lua. Vamos para marte - ordena a suas máquinas. Elas obedecem, o homem desce em marte Pisa em marte Experimenta Coloniza Civiliza Humaniza marte com engenho e arte. Marte humanizado, que lugar quadrado. Vamos a outra parte? Claro - diz o engenho Sofisticado e dócil. Vamos a vênus. O homem põe o pé em vênus, Vê o visto - é isto? Idem Idem Idem. O homem funde a cuca se não for a júpiter	Proclamar justiça junto com injustiça Repetir a fossa Repetir o inquieto Repetitório. Outros planetas restam para outras colônias. O espaço todo vira terra-a-terra. O homem chega ao sol ou dá uma volta Só para te ver? Não-vê que ele inventa Roupa insiderável de viver no sol. Põe o pé e: Mas que chato é o sol, falso touro Espanhol domado. Restam outros sistemas fora Do solar a colonizar. Ao acabarem todos Só resta ao homem (estará equipado?) A dificílima dangerosíssima viagem De si a si mesmo: Pôr o pé no chão Do seu coração Experimentar Colonizar Civilizar Humanizar O homem Descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas A perene, insuspeitada alegria De conviver.

Caçador de Mim - Milton Nascimento	
Por tanto amor Por tanta emoção A vida me fez assim Doce ou atroz Manso ou feroz Eu, caçador de mim Preso a canções Entregue a paixões Que nunca tiveram fim Vou me encontrar Longe do meu lugar	Eu, caçador de mim Nada a temer senão o correr da luta Nada a fazer senão esquecer o medo Abrir o peito a força, numa procura Fugir às armadilhas da mata escura Longe se vai Sonhando demais Mas onde se chega assim Vou descobrir O que me faz sentir Eu, caçador de mim.